

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU MESTRADO EM
COMUNICAÇÃO E CULTURA**

Bruna Emy Camargo

**JORNALISMO LITERÁRIO E COBERTURA DE GUERRA: A PRODUÇÃO DE
DORRIT HARAZIM**

**Sorocaba/SP
2021**

Bruna Emy Camargo

**JORNALISMO LITERÁRIO E COBERTURA DE GUERRA: A PRODUÇÃO DE
DORRIT HARAZIM**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Monica Martinez

**Sorocaba/SP
2021**

Ficha Catalográfica

C175j Camargo, Bruna Emy
Jornalismo literário e cobertura de guerra : a produção de Dorrit Harazim / Bruna Emy Camargo. -- 2021.
168 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Monica Martinez.
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) -
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2021.

1. Redação de textos jornalísticos. 2. Reportagem em forma literária. 3. Harazim, Dorrit. I. Martinez, Monica, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Bruna Emy Camargo

**JORNALISMO LITERÁRIO E COBERTURA DE GUERRA: A PRODUÇÃO
DE DORRIT HARAZIM**

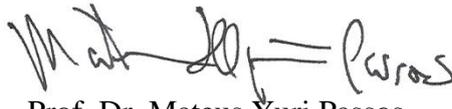
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 22/02/2021

BANCA EXAMINADORA:



Prof.^a Dr.^a Monica Martinez
Universidade de Sorocaba



Prof. Dr. Mateus Yuri Passos
Universidade Metodista de São Paulo



Prof.^a Dr.^a Tarcyanie Cajueiro Santos
Universidade de Sorocaba

Dedico à minha família, ao meu namorado,
aos meus amigos e aos meus professores.
Todos vocês me inspiraram a chegar aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, especialmente aos meus pais Luiz e Rosana, que nunca me pressionaram para ser uma boa aluna, mas sempre me incentivaram a dar o meu melhor e ofereceram o que podiam e não podiam para que eu alcançasse meus objetivos. Obrigada por me apoiarem nas minhas escolhas e por serem o refúgio no qual eu pude me recolher.

Daniel, obrigada por ser o melhor parceiro. Obrigada pelo incessante apoio e incentivo, pelas caronas quando os ônibus falhavam, pelos abraços quando parecia que eu não daria conta e pelas distrações quando a pressão sufocava e eu precisava espairecer. O mestrado é uma jornada difícil e você foi o ponto de equilíbrio essencial.

Aos professores que me trouxeram até aqui. Andrea Sanhudo, obrigada por apostar em mim desde o primeiro semestre da graduação. Evenize Batista, obrigada por me revelar a existência do Jornalismo Literário e por ser a melhor orientadora de TCC que eu poderia ter. Tarcyanie Cajueiro Santos e Miriam Cristina Carlos, obrigada por me aceitarem na iniciação científica e por me ensinarem tanto sobre pesquisa acadêmica. Mara Rovida, obrigada por todas as palavras de incentivo na monografia, os ensinamentos na pós-graduação e o carinho para além da universidade. Claudia Lago, por me ensinar tanto nas aulas que frequentei como aluna ouvinte no Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Um agradecimento especial à orientadora que me aceitou de coração aberto e me ensinou todo o possível nos últimos anos. Professora doutora Monica Martinez, obrigada pela gentileza, disponibilidade e paciência que sempre teve comigo. Obrigada por fazer com que eu me apaixonasse ainda mais pelo Jornalismo Literário e por todas as oportunidades que vieram junto com o mestrado. Tem sido uma aventura e serei eternamente grata!

Agradeço aos amigos da pós-graduação. Leila Gapy, obrigada por ser tão generosa em me guiar não só acadêmica, mas profissional e pessoalmente também. Jennifer Lucchesi, por sempre tirar minhas dúvidas e ser tão legal comigo mesmo que a gente tenha criado uma amizade à base de trocas de mensagens! Maria Fernanda Cavassani e Renata Brito, pelas risadas e pela companhia no metrô paulistano indo e voltando de congressos. Agradeço a todos os colegas por nossas discussões em sala – deixarão saudades!

Agradeço aos amigos da vida que, mesmo de longe, se fizeram presentes e ficaram na torcida pela minha trajetória. Amanda Vieira, Luiz Fernando Moura, Isabella Lopes, Fernanda Pizato, Jéssica Ruivo, Thaísa Rebeca Moura, Cristiane Borges e Claudia Dias – amo vocês.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por ter me agraciado com a bolsa de estudos sem a qual esta pesquisa não seria possível.

À Universidade de Sorocaba, por ter me proporcionado seis anos incríveis.

À Deus – ou à Deusa ou aos Deuses –, pela vida.

“Se viver é a maior das artes, a poesia vem logo atrás. Ela tem o poder de libertar as profundezas do possível, de restaurar zonas entumecidas.” – Dorrit Harazim

RESUMO

Esta pesquisa parte da seguinte questão: quais elementos de jornalismo literário estariam presentes nas coberturas de guerra e/ou conflitos feitas pela correspondente brasileira Dorrit Harazim? Numa tentativa de respondê-la foi montado o corpus com as oito reportagens publicadas pela jornalista sobre o tema – uma sobre a Guerra do Vietnã (1970), uma sobre o golpe de Estado no Chile (1973), uma sobre o conflito na Cisjordânia (1977) e cinco sobre os atentados em Nova York (2001), cobrindo um período de 31 anos. O método de investigação adotado é a análise de conteúdo francesa (BARDIN, 2011), buscando-se por meio dela as três características de jornalismo literário apresentadas por Martinez (2016): apuração; digestão e compreensão do material apurado; e redação em estilo literário. Para tanto, o objetivo principal é contribuir para a compreensão do jornalismo literário produzido por Dorrit Harazim na cobertura de guerras e conflitos no Vietnã, no Chile, na Cisjordânia e em Nova York. São objetivos específicos: a) explorar aspectos da produção de jornalismo literário em coberturas de guerras e conflitos; b) destacar como se deu a participação de mulheres na produção de jornalismo literário em coberturas de guerras e conflitos; c) identificar especificidades na produção de Dorrit Harazim, referentes ao jornalismo literário e/ou ao fato de ser mulher. O quadro teórico desta pesquisa apoia-se nos conceitos de jornalismo literário (BAK, 2011, 2017; LIMA, 2009, 2014; MARTINEZ, 2016) e cobertura de guerra e conflitos (KNIGHTLEY, 1978; SCHELP, 2016), além de diversas reportagens, relatos pessoais e biografias de correspondentes. Com a análise, identificamos em Dorrit Harazim a competência em produzir jornalismo literário em coberturas de guerra e/ou conflitos com as três características aqui listadas: a jornalista faz ampla coleta de dados durante a imersão em campo; as informações são contextualizadas e relacionadas para que fiquem mais claras, revelando domínio da profissional sobre o tema; e a narrativa é conduzida de modo a contar uma história com descrição de cena, inserção de diálogos, utilização de palavras imagéticas e sonoras e humanização de personagens. Esta investigação foi proposta considerando-se a importância em destacar a produção feminina em coberturas de guerras e conflitos; logo, coube ainda elaborar um apêndice para trazer luz às mulheres mencionadas, justificando as muitas narrativas que podem no futuro ser analisadas.

Palavras-chave: Jornalismo literário. Cobertura de guerra. Cobertura de conflitos. Análise de conteúdo. Dorrit Harazim.

ABSTRACT

This research starts from the following question: which elements of literary journalism are present in the coverage of war and/or conflicts made by the Brazilian correspondent Dorrit Harazim? In an attempt to answer it, the corpus was assembled with the journalist's eight published reports on the topic – one on the Vietnam War (1970), one on the coup in Chile (1973), one on the conflict in the West Bank (1977) and five on the attacks in New York (2001), covering a period of 31 years. The research method adopted is the French content analysis (BARDIN, 2011), seeking through it the three characteristics of literary journalism presented by Martinez (2016): investigation; digestion and understanding of the collected material; and writing in literary style. Therefore, the main objective is to contribute to the understanding of literary journalism produced by Dorrit Harazim in covering wars and conflicts in Vietnam, Chile, the West Bank and New York. Specific objectives are: a) to explore aspects of the production of literary journalism in coverage of wars and conflicts; b) to highlight how women participated in the production of literary journalism in coverage of wars and conflicts; c) to identify specificities in the production of Dorrit Harazim, referring to literary journalism and/or the fact of being a woman. The theoretical framework of this research is based on the concepts of literary journalism (BAK, 2011, 2017; LIMA, 2009, 2014; MARTINEZ, 2016) and coverage of war and conflicts (KNIGHTLEY, 1978; SCHELP, 2016), in addition to several reports, personal notes and biographies of correspondents. With the analysis, we identified in Dorrit Harazim the competence to produce literary journalism in war coverage and/or conflicts with the three characteristics listed here: the journalist makes extensive data collection during immersion in the field; the information is contextualized and related to make it clearer, revealing the professional's mastery of the topic; and the narrative is conducted in order to tell a story with a description of the scene, insertion of dialogues, use of imagery and sound words and humanization of characters. This investigation was proposed considering the importance of highlighting female production in coverage of wars and conflicts; therefore, it was also convenient to prepare an appendix to bring light to the women mentioned, justifying the many narratives that can be analyzed in the future.

Keywords: Literary journalism. War coverage. Conflicts coverage. Content analysis. Dorrit Harazim.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – “O Soldado Caído” (1936), de Robert Capa	47
Imagem 2 – Carta ao leitor da edição de 27/05/1970 da revista <i>Veja</i>	72
Imagem 3 – Reportagem “Um combate não declarado” na revista <i>Veja</i> (27/05/1970)	73
Imagem 4 – Capa da edição 26 da revista <i>Realidade</i> (maio de 1968)	79
Imagem 5 – Capa da <i>Veja</i> estampando a cobertura de Harazim sobre o Chile	85
Imagem 6 – Reportagem “Violência e golpe em Santiago”, de Dorrit Harazim	86
Imagem 7 – Reportagem do correspondente Jairo Monteiro para <i>O Cruzeiro</i> , em 1973	90
Imagem 8 – Reportagem “Cisjordânia, a posse mais discutida de Israel” no <i>Jornal do Brasil</i> (17/07/1977)	97
Imagem 9 – Capa da edição com a reportagem “Medo surdo, quase animal” no <i>Jornal do Brasil</i> (12/09/2001)	109
Imagem 10 – Página do extinto portal <i>Notícias e Opinião</i>	112

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Estado da arte.....	18
1.2	Objetivos e estrutura.....	28
2	JORNALISMO LITERÁRIO	30
2.1	Características, histórico e principais autores e obras	30
2.2	Jornalismo Literário no Brasil.....	35
3	COBERTURA DE GUERRA	39
3.1	Considerações sobre a diferença entre guerra e conflito.....	39
3.2	Origem e desenvolvimento da cobertura de guerra.....	41
3.3	Destaques brasileiros	56
3.4	As mulheres correspondentes.....	60
4	METODOLOGIA	68
5	ANÁLISE	72
5.1	Dorrit Harazim na Guerra do Vietnã (1970)	72
5.1.1	Contexto da Guerra do Vietnã	74
5.1.2	Breve histórico da revista <i>Veja</i>	77
5.1.3	Correspondentes brasileiros na Guerra do Vietnã	78
5.1.4	Elementos de jornalismo literário na reportagem de Dorrit Harazim.....	80
5.2	Dorrit Harazim no golpe de Estado do Chile (1973)	86
5.2.1	Contexto do golpe de Estado do Chile	87
5.2.2	Contexto da revista <i>Veja</i>	89
5.2.3	Correspondentes brasileiros no golpe de Estado do Chile.....	90
5.2.4	Elementos de jornalismo literário na reportagem de Dorrit Harazim.....	92
5.3	Dorrit Harazim no conflito da Cisjordânia (1977)	97
5.3.1	Contexto do conflito da Cisjordânia	98
5.3.2	Breve histórico do <i>Jornal do Brasil</i>	100
5.3.3	Correspondentes brasileiros no conflito da Cisjordânia	101
5.3.4	Elementos de jornalismo literário na reportagem de Dorrit Harazim.....	105
5.4	Dorrit Harazim no atentado terrorista de Nova York (2001)	109
5.4.1	Contexto do atentado terrorista de Nova York	110
5.4.2	Breve histórico do <i>Notícias e Opinião</i>	112
5.4.3	Correspondentes brasileiros no atentado terrorista de Nova York	114
5.4.4	Elementos de jornalismo literário na reportagem de Dorrit Harazim.....	115
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
	REFERÊNCIAS	126

ANEXO A – TEXTOS DE DORRIT HARAZIM	142
ANEXO B – LISTA DE MULHERES CORRESPONDENTES DE GUERRA.....	165
ANEXO C – POSFÁCIO DE DORRIT HARAZIM.....	167

1 INTRODUÇÃO

O curso de Jornalismo era minha ambição desde muito nova, quando descobri que havia uma profissão na qual eu poderia ouvir histórias, viajar e escrever. Nascida em São Paulo e criada entre Cotia e Vargem Grande Paulista, fiz o caminho inverso de vários amigos, que foram para a capital estudar. Após dois anos de curso pré-vestibular com o desejo de um diploma em universidade pública, optei pela qualidade de vida e me adentrei no interior. Olhando para trás, não me arrependo, pois a querida Sorocaba me ofereceu muito mais do que eu poderia esperar.

Na chegada à graduação, em 2015, na Universidade de Sorocaba (Uniso), encontrei colegas que, assim como eu, respondiam querer ser jornalistas porque gostavam de ler e escrever, além de serem curiosos. Tratava-se da resposta padrão em toda primeira aula de alguma disciplina. No segundo semestre do curso, a Profa. Me. Evenize Batista fez diferente. Sentou-se ao lado de cada aluno da turma para conversar. Ela não aceitava a resposta padrão; queria mais. Conte para ela que eu adorava conhecer as histórias e as diferentes realidades das pessoas, que gostava dos detalhes. Então ela fez uma pergunta que mudou meu rumo acadêmico: “Você já ouviu falar de jornalismo literário?”. Naquele dia cheguei em casa e pesquisei tudo o que pude a respeito.

O jornalismo literário é uma das especializações jornalísticas que pode até ser citada em cursos de graduação em Comunicação, mas comumente não tem a chance de ser amplamente explorada em sala de aula. Na Uniso, o conceito foi trabalhado em mais de uma disciplina do meu curso, mesmo que não com profundidade. Cada nova menção despertava meu interesse investigativo.

Ainda em 2015, já conhecendo meu estilo textual que se rendia às técnicas literárias, a então coordenadora do curso de Jornalismo Profa. Dra. Andrea Sanhudo insistiu para que eu comparecesse a uma palestra do Prof. Dr. Edvaldo Pereira Lima – um dos melhores conselhos que recebi na universidade. Eu estudava de manhã e, de tarde, voltava para Vargem Grande Paulista para dar aulas de inglês até de noite – ou seja, não seria muito fácil acompanhar o evento. Ela insistiu e, com a ajuda da minha ex-coordenadora pedagógica Cristiane, que me liberou, e do meu pai Luiz, que me deu a carona, participei desse momento marcante. Com a fala do professor, que é referência brasileira no assunto, pude realmente entender o que era o jornalismo literário no Brasil. Naquele dia ainda tive o primeiro contato com a Profa. Dra. Monica Martinez que, desde então, nunca mais deixou de ser minha mentora no tema.

No segundo ano da graduação, em 2016, a oportunidade de desenvolver um projeto de iniciação científica fez com que eu tivesse a primeira chance de me identificar com a pesquisa

acadêmica. Com a Profa. Dra. Tarcyanie Cajueiro Santos, desenvolvi a pesquisa “Mulheres do MMA: uma análise comunicacional sobre gênero nas coberturas midiáticas do UFC” – estudo essencial para introdução e interesse nas relações de gênero. Com a professora Tarcyanie, aprendi o mais básico, como fazer fichamento de livros, usar metodologias de pesquisa e desenvolver a escrita acadêmica. Ao fim dos 12 meses de projeto, fui selecionada como autora do melhor relatório técnico Pibic/CNPq da Uniso na área de Humanidades/Ciências Sociais Aplicadas e a instituição me premiou com uma viagem para Maceió, no Alagoas, para apresentação dos resultados na 70ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (CAMARGO; SANTOS, 2018).

A continuidade no programa de iniciação científica foi natural tamanho foi o fascínio pela pesquisa. O projeto “Representações poéticas da morte nas narrativas midiáticas: a novela Velho Chico”, orientado pela Profa. Dra. Miriam Cristina Carlos Silva, não tratava diretamente sobre jornalismo literário ou estudos de gênero, mas ensinou as possibilidades para uma pesquisa mais sensível – uma vez que tratamos de poesia. Pude ainda participar de congressos nacionais – no XII Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura da Uniso, com uma abordagem sobre a memória midiática da morte no caso de Domingos Montagner¹ (CAMARGO; SILVA, 2018a), e em uma breve viagem para Joinville, em Santa Catarina, no 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, no qual consegui aliar os estudos da narrativa poética da morte com o jornalismo literário em um estudo de reportagens da revista *Piauí* sobre Marielle Franco² (CAMARGO; SILVA, 2018b) – e internacionais – no inesquecível XIV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, em San Jose, na Costa Rica, onde apresentei os resultados da pesquisa (SILVA; CAMARGO, 2018a). Pela participação na IC, também tive minhas primeiras publicações em periódicos científicos (SILVA; CAMARGO, 2018b, 2019) e livro (CAMARGO; SILVA, 2019), além de ingressar no Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (Nami) da Uniso. Não só fiz pesquisa como pude aprender sobre pesquisa, o que foi essencial.

Em 2017, o Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura (Epecom) da Uniso recebeu o Prof. Dr. John S. Bak, da Universidade de Lorraine, na França, para falar sobre sua pesquisa em jornalismo literário e cobertura de guerra. Segundo o professor, os jornalistas tendem a tornar a escrita mais literária em momentos de tensão interna ou externa. Incentivada

¹ Domingos Montagner (1962-2016) foi um ator, teatrólogo, palhaço, empresário e produtor teatral brasileiro. O artista faleceu por afogamento no Rio São Francisco, em Sergipe, em 15 de setembro de 2016, período em que gravava a novela *Velho Chico*, da TV Globo.

² Marielle Franco (1979-2018) foi uma socióloga brasileira vereadora pelo PSOL-RJ assassinada a tiros junto ao seu motorista, Anderson Gomes, em 14 de março de 2018, no Rio de Janeiro.

pela professora Monica, tive a chance de fazer perguntas para ele sobre a questão no Brasil e fui instigada a estudar mais sobre o assunto. Ainda, fui convidada pela professora Monica e um grupo de alunos a fazer a tradução da entrevista que o professor Bak concedeu naquele dia, o que resultou no texto (MARTINEZ et al., 2018) publicado no periódico *Tríade*, editado pela Uniso.

Quando tive de escolher um tema para pesquisa durante o desenvolvimento da monografia, eu tinha certeza de que falaria sobre jornalismo literário. Um acordo com colegas para a produção posterior de um trabalho de conclusão de curso voltado ao feminino³ fez com que o foco se voltasse para os estudos de gênero – mesmo que as palavras do professor Bak sobre a cobertura de guerras ainda permeassem os anseios investigativos.

A monografia “Mulheres cientistas: a jornada da heroína na Revista Pesquisa Fapesp”, orientada pela Profa. Dra. Mara Rovida Martini, foi uma grande experiência e uma prova de que eu estava no caminho certo no aprendizado sobre fazer pesquisa. A pesquisa foi apresentada no 8º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (CAMARGO; MARTINI, 2018a) e publicada em periódico científico (CAMARGO; MARTINI, 2018b). Mas eu queria continuar estudando. Logo após a entrega da monografia, nasceu o desejo de aprofundamento de pesquisa em uma pós-graduação.

Foi preciso muita conversa com a professora Monica e com a colega jornalista e então mestranda Leila Gapy, assim como um curso online sobre jornalismo literário com o professor Edvaldo Pereira Lima, para entender o que eu buscava no Mestrado. Porque, apesar de saber o que queria estudar, era difícil entender cada etapa do desenvolvimento de um projeto.

A ideia que me levou ao Mestrado era estudar o jornalismo literário além da questão estética. O que implicaria quando feito em uma situação de guerra e/ou conflito? E mais: jornalismo literário feito em uma situação de guerra e/ou conflito e por uma mulher? Haveria alguma dificuldade ou ainda uma facilidade por ser uma mulher correspondente? Eram muitas perguntas e recorrer à professora Monica para orientação na pós-graduação foi natural, pois se tratava de um assunto que ela já vinha pesquisando – apenas não com o recorte que sugeri, permitindo o início dessa pesquisa. Dentre as leituras que a professora me recomendou estava a dissertação “Dorrit Harazim e o ofício de contar histórias: a prática do jornalismo narrativo e o processo de representação”, de Luciana Quierati (2016), na qual ela havia composto a banca examinadora.

³ O trabalho de conclusão de curso apresentado foi a revista Margô, elaborada junto aos meus amigos Amanda Vieira, Isabella Lopes e Luiz Fernando Moura. Disponível em: https://issuu.com/revistamargo/docs/revista_margo_edi_01. Acesso em: 5 jan. 2021.

Então, estava ali. Dorrit Harazim. Por que não dar aprofundamento a um aspecto particular já identificado por Quierati – o jornalismo literário nos textos de Harazim – com o recorte que queríamos – a cobertura de guerra e conflitos feita por mulheres? Afinal, Quierati elaborou um minucioso trabalho de pesquisa, com o levantamento de todas as reportagens já produzidas pela jornalista, o que permitiria que nos debruçássemos sobre um novo aspecto da obra de Harazim, profissional de alto nível no nosso meio.

Em março de 2019 comecei a jornada no Mestrado, confiante de que poderia contribuir para as pesquisas sobre mulheres correspondentes de guerra que produzem jornalismo literário. Neste estudo, aprendi muito ao me debruçar não só sobre os livros teóricos como sobre reportagens, filmes e biografias sobre aquelas que estiveram em campo – e esses nomes ganham destaque aqui, pois ansiamos por sua visibilidade.

Quando pensamos em guerras e conflitos, é comum associar o ambiente hostil ao masculino (LOMBARDI, 2018), pois homens é que sentiriam a satisfação em guerrear (SONTAG, 2003), não mulheres. Podemos perceber isso refletido nas narrativas midiáticas: é mais comum um filme sobre jornalistas homens ou mulheres em coberturas de guerra e conflitos? Por exemplo, “Repórteres de guerra” (SILVER, 2010), sobre o chamado Clube do Banguê-Banguê⁴, ou “*A private war*” (HEINEMAN, 2018), sobre Marie Colvin⁵ (CAMARGO; MARTINEZ, 2019)? Ainda, é mais comum a leitura de uma biografia/autobiografia de jornalistas homens ou mulheres em coberturas de guerra e conflitos? Como “O gosto da guerra” (RIBEIRO, 2005), de José Hamilton Ribeiro⁶, ou “*Oriana Fallaci: the journalist, the agitator, the legend*” (DE STEFANO, 2017), sobre Oriana Fallaci⁷? Os dois estiveram na Guerra do Vietnã e escreveram para a revista *Realidade* (MARTINEZ; CAMARGO, 2020). Tanto o filme quanto o livro aqui citados não receberam tradução no Brasil.

Durante a pesquisa para esta dissertação, encontrei uma quantidade razoável dessas narrativas midiáticas – uma surpresa para mim, que não as via divulgadas antes. Então, elas estão ali, sempre estiveram; faltava o destaque. No entanto, este é um trabalho de jornalismo e me interessava falar sobre as mulheres, mais especificamente com o material de uma

⁴ Nome dado ao grupo dos fotojornalistas Kevin Carter, Greg Marinovich, Ken Oosterbroek e João Silva, que atuaram nos conflitos da África do Sul entre 1990 e 1994, período de transição entre o regime de apartheid e a democracia no país. O filme foi baseado no livro “O Clube do Banguê-Banguê” (MARINOVICH; SILVA, 2003).

⁵ Premiada jornalista estadunidense morta enquanto cobria o cerco de Holms, na Síria, em 2012. Além do filme, sua história está na biografia “*In extremis: the life and death of the war correspondent Marie Colvin*” (HILSUM, 2018), escrita por Lindsey Hilsum, esta também correspondente de guerra e conflitos nos últimos 25 anos.

⁶ Premiada jornalista brasileiro que perdeu uma perna ao pisar numa mina terrestre enquanto em cobertura no Vietnã para a revista *Realidade*, em 1968.

⁷ Jornalista italiana mundialmente famosa por suas coberturas de guerra e conflitos, entrevistas incisivas e opiniões controversas.

correspondente de guerra e conflitos: a reportagem. O trabalho foi um pouco diferente – observe os nomes nas páginas dos jornais impressos e das revistas e nas reportagens exibidas nos telejornais, há mulheres nessas coberturas?

Voltando-me para o objeto da minha pesquisa, pensei, o que Dorrit Harazim escreveu? Com quais elementos do jornalismo literário escreveu? Em qual contexto? Portanto, partimos da questão: haveria elementos de jornalismo literário nas coberturas de guerra e/ou conflitos feita pela correspondente brasileira Dorrit Harazim?

Como todo início de pesquisa, reforçamos a importância em nos voltarmos para o que nossos pares já disseram a respeito. Como os teóricos serão trabalhados com livros basilares em capítulos mais adiante, o estado da arte mostra pesquisas mais recentes de variados níveis de titulação e localidades. A combinação das palavras-chave que sugiro nesta dissertação mostra interessantes pesquisas com maior ou menor grau de envolvimento com a minha própria e a lacuna para o recorte que busco, como poderá ser observado a seguir.

1.1 Estado da arte

De modo a explorar o referencial produzido a respeito dos temas de interesse desta pesquisa, o estado da arte foi elaborado por meio de um levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) com a combinação de palavras-chave. Os dados a seguir exibem resultados obtidos em uma pesquisa feita em duas partes, sendo a primeira no início do mestrado, entre os dias 7 e 14 de abril de 2019 e a segunda no fim, em 6 de dezembro de 2020.

Pontuamos ainda que, sempre que a informação tenha sido encontrada, vamos inserir os anos de nascimento e morte dos correspondentes e, se forem mulheres, também dados adicionais para conferir-lhes a visibilidade que almejamos.

Com a combinação “jornalismo literário” e “cobertura de guerra”, os temas mais caros a este trabalho, foram 94 os resultados existentes. Ao trocar “cobertura de guerra” por “correspondente de guerra”, foram 101, sendo muitos repetidos em relação à busca anterior. No entanto, a grande maioria das pesquisas encontradas não tratava das duas palavras-chave ao mesmo tempo – o maior número ateu-se ao “jornalismo literário” e seus processos de ruptura com o chamado jornalismo tradicional. Trata-se de uma abordagem comum na academia, pois, conforme Keeble (2018, p. 896; grifos do original), “os estudos de jornalismo literário tenderam a destacar, criticar e frequentemente celebrar as *técnicas únicas* de determinados escritores e a ignorar as *continuidades ideológicas* que atravessam seus trabalhos” – e, por “continuidades

ideológicas”, o autor cita as reflexões econômicas e políticas, por exemplo. A partir daqui, pontuamos como esta dissertação pode avançar nos estudos do campo, uma vez que focará em outras temáticas referentes ao jornalismo literário em detrimento da questão estética do texto.

O tamanho e a geolocalização do Brasil na América do Sul o teriam isolado de grandes conflitos internacionais, mas os conflitos internos existiram do século XVI ao XIX e a Guerra do Paraguai (1864-1870) recebeu correspondentes brasileiros pela *Revista Ilustrada* – dentre eles, o Visconde de Taunay (MARTINEZ, 2020). Em sua dissertação, o pesquisador Vitor de Abreu Corrêa (2012), debruçou-se sobre os diários de campo não apenas de Taunay (1843-1899) no Paraguai como nos do jornalista Euclides da Cunha (1866-1909), na Guerra de Canudos (1896-1897), ambos considerados os primeiros correspondentes de guerra do Brasil.

Em uma abordagem qualitativa, a primeira preocupação de Corrêa (2012) foi deixar clara a diferença entre narrativa de guerra, jornalismo de guerra e correspondência de guerra – um esclarecimento que muito contribui para esta pesquisa; para tanto, apoia-se nos estudos de sua orientadora na Universidade de Brasília, a Profa. Dra. Maria Jandyra Cavalcanti Cunha.

Conforme Cunha (2012, p. 244), a narrativa de guerra é “o relato mais amplo da guerra feito por narradores diversos, não necessariamente jornalistas. Quando o são, suas narrativas não são produzidas para o órgão de imprensa para o qual trabalham”. Já o jornalismo de guerra, “embora trate do tema, não é necessariamente desenvolvido no teatro da guerra. Também não é obrigatoriamente produzido por jornalistas, mas deve ser feito por quem está a serviço do jornalismo” (CUNHA, 2012, p. 245). Por fim, a correspondência de guerra é definida como a transmissão periódica de notícias de uma guerra feita por repórteres enviados por órgãos de imprensa – inclui aqui os *free lancers* (CUNHA, 2012, p. 246).

Nesta dissertação partimos da correspondência de guerra, dado que estudamos repórteres enviados para coberturas de guerras e conflitos. A definição de Cunha (2012) está de acordo com a de Knightley (1978), que será trabalhada no Capítulo 3.

Corrêa (2012) discorre, em um próprio estado da arte baseado em teóricos do jornalismo como Luiz Beltrão de Andrade Lima, José Marques de Melo e Manuel Carlos Chaparro, sobre os gêneros jornalísticos existentes para mostrar como um correspondente de guerra pode fazer uso dos mais variados estilos e formas de escrita utilizados na imprensa. Enfim, o autor entende que a correspondência de guerra não é um gênero e sim um modo de atuação jornalística. Se o conceito de correspondente de guerra é ser enviado por veículos para a cobertura de guerras e conflitos (CUNHA, 2012; KNIGHTLEY, 1978), de fato, não há regra sobre o envio dos despachos – seja “artigo, entrevista, crônica, reportagem, fotografia e diário” (CORRÊA, 2012, p. 17) ou narrativas em jornalismo literário, como esta dissertação investiga.

Além de fazer uma contextualização histórica para cada um dos conflitos, Corrêa (2012) baseou-se em Cunha (1999) para explicitar a importância dos diários de correspondentes de guerra – seu objeto de pesquisa – como objetos de armazenamento de pensamentos e sensações imediatas. “A correspondência de guerra, como registro testemunhal, traz a luz um cenário ‘inusitado’ ao público, o qual ele pouco conhece: situações extremas de dor e sofrimento em localidades muitas vezes remotas”, explica Corrêa (2012, p. 56).

Ainda segundo o autor, os relatos de Visconde de Taunay, no Paraguai, e Euclides da Cunha, em Canudos, surgem em uma época em que a imprensa brasileira ganha adjetivação, uma vez que seus principais jornalistas eram também escritores. Tal modalidade de escrita, que quebra com a objetividade do jornalismo diário, ganha mais tarde o nome de jornalismo literário. Conforme o Prof. Dr. John S. Bak, da Universidade de Lorraine, o jornalismo literário aflora justamente quando nações estão em guerra, seja com os outros ou dentro de si mesma (BAK, 2017).

Novamente da Universidade de Brasília e com orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Jandyra Cavalcanti Cunha, assim como Corrêa (2012), outra dissertação merece destaque neste estado da arte. “Guerra e narrativa: um estudo dos relatos jornalísticos de Martha Gellhorn”, de Hadassa Ester David (2014), indica como o programa de pós-graduação local pode ser uma interessante fonte bibliográfica para este projeto – e o material (CUNHA, 2012, 2013; CUNHA; CORRÊA, 2019; CUNHA; DAVID, 2014) foi explorado.

Segundo David (2014, p. 10), que também fez um levantamento sobre narrativas, jornalismo e correspondência de guerra utilizando Cunha como fonte, a jornalista e escritora Martha Gellhorn é considerada a mais longeva correspondente de guerra do século XX. Suas atividades iniciaram-se na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e seguiram até a invasão de tropas americanas no Panamá (1990).

Com o objetivo de percorrer a construção narrativa dos relatos de Gellhorn levando em consideração o lugar de fala, a pesquisadora trabalhou o conceito de narrativa utilizando Luiz Gonzaga Motta; ela reforçou a atitude de narrar como dependente do contexto e de certas finalidades, mas ainda assim, em sua forma testemunhal, muito importante, mesmo que escassa na imprensa:

O (a) jornalista que vai as ruas, que ouve as estórias da população, intercambia experiencias e que observa por certo tempo para produzir uma grande reportagem é cada vez mais exceção já que a exigência é atender as necessidades em detrimento das pessoas. Essa é a lógica por trás da objetividade, ou seja, o que existe é um grande problema mercadológico, disfarçado de objetividade (DAVID, 2014, p. 17).

Com isso, abriu-se uma discussão sobre a existência e os limites da objetividade no jornalismo, noção que surge como combate ao jornalismo opinativo e ganha adesão da imprensa após o surgimento dos modelos de agilidade das agências de notícias e da perda do espaço editorial em favor do publicitário. O conceito foi trabalhado com os teóricos Mário Ferreira dos Santos, Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel, Thomas Giles e Max Weber, mas a autora finaliza com Felipe Pena e Eugenio Bucci para pontuar a inviabilidade da objetividade do profissional, uma vez que o jornalista é um sujeito e, portanto, carregado de subjetividade.

Na guerra, o correspondente inevitavelmente narra fatos e emoções e, segundo David (2014, p. 34), “o que o (a) jornalista não pode cometer são os excessos, tanto de frieza quanto de emocionalismo”. “É dessa miscelânea de emoção, racionalidade e sensibilidade que nasce o chamado Jornalismo Literário” (DAVID, 2014, p. 35), cujas características listadas são: “imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão, humanização e criatividade”.

Martha Gellhorn era filha de um médico descendente de judeus e de uma ativista do movimento sufragista⁸. Quando foi para Guerra Civil Espanhola, sua intenção era a de prestar solidariedade aos republicanos, mas acabou por sentir a necessidade de escrever. David (2014, p. 43) revelou que Gellhorn “dizia que a guerra era uma condição de vida e que o jornalismo era o passaporte e o ingresso para assistir da primeira fila a história acontecer”.

Em sua pesquisa, David (2014) analisou que Gellhorn descreve todo o impacto que a guerra teve sobre a vida dos civis, faz pausas para contextualização sócio-política, utiliza palavras que fazem a guerra parecer cotidiana (como “desfrutar”, em uma passagem de calmária), fala em ordem direta e posta-se como narradora no palco da ação.

A pesquisadora ainda observou o que Gellhorn escolhe narrar em determinado trecho que trata da entrega de comida aos civis: “As atendentes são moças usando ruje. Aqui se percebe a preocupação das mulheres de se manterem bonitas, até mesmo na guerra. E é curioso o fato de uma outra mulher notar isso” (DAVID, 2014, p. 54). Segundo a pesquisa, a figura feminina faz-se presente constantemente nos relatos jornalísticos da escritora, independente da condição social da mulher em questão. “Mesmo sendo uma correspondente mulher, Gellhorn não privilegia completamente seu gênero, mas várias mulheres receberam uma atenção especial” (DAVID, 2014, p. 91).

⁸ Movimento que ocorreu em diversas partes do mundo entre o fim do século XIX e o início do século XX e tinha como objetivo o direito das mulheres ao voto. A mãe de Martha Gellhorn, Edna Fischel Gellhorn (1878-1970), ajudou a fundar a Liga Nacional de Mulheres Votantes. Disponível em: <https://historicmissourians.shsmo.org/historicmissourians/name/g/gellhorne/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

O diferencial de Gellhorn seria não apenas o de ser uma correspondente de guerra mulher produzindo jornalismo literário, mas de assumir o chamado jornalismo de advocacia, “reportando não só ‘sobre’ indivíduos, mas, sobretudo ‘por’ eles” (DAVID, 2014, p. 28). A autora afirmou que Gellhorn nunca dependeu das aspas, ou seja, da fala de seus entrevistados, assumindo a voz autoral nos textos e priorizando o respeito com as pessoas e situações com as quais se deparava.

“As mulheres lutaram contra as discriminações, os preconceitos, o isolamento e exigiram mais respeito e dignidade. Apoderaram-se da palavra. E revelaram uma grande capacidade e talento em um terreno de dominação masculina, o da escrita”, apostou David (2014, p. 95). Assim, este é o trabalho que mais contribui para esta pesquisa, uma vez que trata de todas as palavras-chave propostas – utilizando apenas um diferente objeto e uma diferente metodologia.

Duas das dissertações recentes oferecem um estudo aprofundado sobre o jornalismo literário. A primeira é a de Andreza Silva Pereira (2017), intitulada “Jornalismo literário: poética e ruptura com o jornalismo tradicional”, elaborada no Instituto de Linguagens da Universidade Federal do Mato Grosso e na qual a orientadora desta pesquisa fez parte da banca examinadora. Trata-se de uma revisão bibliográfica – com teóricos do jornalismo literário, como Edvaldo Pereira Lima – e uma análise da narrativa para investigar a conversação e a ruptura entre literatura e jornalismo.

Com Tom Wolfe, Pereira (2017, p. 37) listou as características da narrativa proposta: “a reconstrução dramática dos acontecimentos cena a cena, a transcrição integral de diálogos, o emprego narrativo em terceira pessoa e a apresentação detalhada de costumes e dos estilos de vida dos personagens”. Interessa à autora ver o *New Journalism* como um contramovimento, “uma reação de contestação ao que se entendia por jornalismo a época” (PEREIRA, 2017, p. 11). Assim, ela contribui ao pontuar no jornalismo literário uma significação social, mas fez isso atendo-se às questões estéticas do campo, temática que, no início deste estado da arte, sugerimos como algo a ser superado para que o jornalismo literário abrace “uma vasta gama de perspectivas potencialmente excitantes” (KEEBLE, 2018, p. 904).

A segunda dissertação sobre jornalismo literário é a “Ponto e vínculo: jornalismo literário e reportagens seriadas”, de Leila Piovesan Garcia Paiva (2018), na qual os pesquisadores Monica Martinez, John S. Bak, Edvaldo Pereira Lima encabeçam a lista de referências, seguidos pelos autores clássicos John C. Hartsock, Thomas B. Connery, Mark Kramer, Norman Sims, Truman Capote e Tom Wolfe.

Paiva (2018) utilizou a análise de conteúdo de Laurence Bardin para fazer um estudo sobre reportagens seriadas na imprensa brasileira e revelou a dificuldade na obtenção de apoio, suporte e compreensão dos veículos de comunicação em relação aos jornalistas que se arriscam no jornalismo literário de reportagens seriadas. Para esta pesquisa, a autora fez refletir sobre quais seriam as diferenças em estímulos e condições de trabalho para um jornalista em ambiente de redação comparado a um em campo.

A dissertação de Paiva (2018) é particularmente interessante não apenas por ser de uma colega do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, com a qual dividimos referências sobre jornalismo literário, mas por levantar o ponto de estímulo às reportagens seriadas. Nesta pesquisa, trabalhamos com reportagens de Dorrit Harazim, dentre as quais há a cobertura dos ataques ao World Trade Center em Nova York, em 2011, com cinco textos. Tratam-se de reportagens seriadas – uma fragmentação da notícia em um determinado período de tempo (PAIVA, 2018) – na amostra de oito reportagens e, conforme trataremos do assunto no Capítulo 5, é relevante pontuar como Harazim trabalhou mais os recursos do jornalismo literário na cobertura que foi a mais prolongada da análise.

De volta aos estudos centrados na cobertura de guerras temos a dissertação “*Apocalypse Now*: elementos do jornalismo literário na construção cinematográfica da guerra do Vietnã”, de Gisele Krodel Rech (2014), da Universidade Estadual de Londrina, na qual a autora estuda obras feitas a partir da primeira guerra televisionada da história – o que muito interessa, pois a Guerra do Vietnã é um dos recortes temporais no material de Dorrit Harazim nesta dissertação.

Rech (2014) falou sobre o filme “*Apocalypse Now*”, de 1979, baseado no romance “*Coração das Trevas*”, de Joseph Conrad – obras de ficção, diferente do que trata esta pesquisa –, e na obra de jornalismo literário do correspondente da revista *Esquire* Michael Herr, “*Despachos do Front*” (HERR, 2005) – que mais condiz com o tipo de produção aqui analisado.

Embora seja relevante acompanhar dados como a entrevista com Robert Boynton, pesquisador da *New York University* (NYU), na qual a autora entendeu que “muitos dos trabalhos de New Journalism já são cinematográficos por natureza e possuem elementos fílmicos” (RECH, 2014, p. 70), a dissertação retoma a estética das produções. Com a análise fílmica de Michel Marie e Laurent Jullier, Rech (2014) encontra quatro sequências no filme análogas ao livro de Herr, estando sob os efeitos da fanopeia – uma modalidade da poesia – e da *ekphrasis* – do grego, “fazer entender até o fim”, mantendo a pesquisa atrelada ao potencial poético da linguagem, mas avançando ao tratar da complexidade e da humanização na comunicação – o que nos aproxima do que vemos em Lima (2009), no Capítulo 2.

Já na tese “Testemunhos de guerra em Ruanda e na África do Sul”, Daniela Werneck Ladeira Reché (2015), da Universidade Federal de Minas Gerais, oferece uma possibilidade de discussão sobre a invisibilidade discursiva de minorias, segundo Judith Butler – neste caso, não mulheres, mas africanos. Analisando as obras “O clube do banguê-banguê: instantâneos de uma guerra oculta”, de Greg Marinovich e João Silva (2003), e “Gostaríamos de informá-los de que amanhã seremos mortos com nossas famílias”, de Philip Gourevitch (2006), a pesquisadora investiga

como os testemunhos das vítimas do genocídio em Ruanda e na Guerra de Albergues, na África do Sul, no pré-fim do apartheid, as ajudaram a escapar da dupla invisibilidade a que foram submetidas: porque a história africana tem sido negligenciada pelo Ocidente e porque tornaram-se fantasmas em suas próprias vidas, uma vez que atravessados por um passado de dor extrema (RECHÉ, 2015, p. 6).

Para Reché (2015) – baseada nos estudos de Diana Klinger, Beatriz Sarlo, Mariano Siskind e Homi Bhabha – o *New Journalism* coloca holofotes sob os indivíduos invisíveis, sendo o chamado jornalista-narrador

um ser que se mostra interessado pelo outro tornado invisível pelas normatizações sociais e culturais do Ocidente, tirando das sombras a experiência de suas vidas em suspenso. É importante enfatizar que esse jornalista não é aquele que fala pelo outro, dado que tal atitude acarretaria a supremacia de uma voz sobre a outra e o reducionismo da cultura dos que estão a margem. Ele é entendido como mediador, testemunha ocular das vivências, deixando falar os que antes não tinham espaço para fazer ouvir suas histórias (RECHÉ, 2015, p. 17).

Há então o destaque – assim como em outros trabalhos aqui listados – de que a imparcialidade e a objetividade no jornalismo são ilusórias. Essa discussão, aliada a questão dos indivíduos invisíveis, contribui para este trabalho ao fazer uma sensível ponte entre não só o que os correspondentes de guerra enfrentam, mas também ao que vivem os civis afetados pelos conflitos.

Nem todos os trabalhos apontaram explicitamente ou exploraram a fundo a relação entre jornalismo literário e cobertura de guerra – não os tornando menos relevantes para este momento exploratório. Por exemplo, a dissertação “A prática jornalística em áreas de guerra: uma experiência brasileira na cobertura do conflito na Líbia”, defendida pelo pesquisador Rodrigo Guimarães Lopes (2015), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, objetivou analisar as práticas jornalísticas em conflitos e revelou-se interessante por trazer a discussão para um momento mais atual, com uma nova perspectiva, uma vez que o próprio Lopes cobriu a guerra que estuda.

Com aporte teórico em Ricardo Kotscho, Miguel Rodrigo Alsina, Clóvis Rossi e Deni Elliot, Lopes (2015) deixou claro de partida que posiciona o jornalismo como um agente de mudança social e um narrador da História. Então, para tratar da especialização no internacional, apoiou-se em Guillermo G. Espinosa de Los Monteros, João Batista Natali, Ulf Hannerz, Antonio Brasil e Denise Fernandes Britto; e, para cobertura de guerra, em Philip Knightley – como nesta dissertação –, Arthur Dapieve e José Hamilton Ribeiro.

A pesquisa utilizou como metodologia o estudo de caso e, por entrevistar quatro correspondentes – Andrei Netto (1977-), Deborah Berlinck, Samy Adghirni⁹ (1979-) e Humberto Trezzi – que estiveram no Líbano a serviço de veículos de comunicação brasileiros, o autor pode fazer algumas inferências:

No geral, os entrevistados têm experiências focadas em um tipo de plataforma midiática, com maior grau de especialização em jornal impresso. Também demonstram interesse por conhecimento histórico, gosto pessoal por viagens, curiosidade em conhecer culturas diferentes, além de sólida formação acadêmica na área da Comunicação e do Jornalismo. Em alguns casos, têm ainda especializações nas áreas de Ciências Sociais e Relações Internacionais (LOPES, 2015, p. 100).

O conteúdo produzido e disponibilizado pelo autor é muito rico para este trabalho. São quatro entrevistas transcritas – sendo jornalista mulher apenas uma das quatro pessoas – que traz reflexões assim como as autobiografias lidas no percurso deste mestrado. A produção de Lopes (2015) assemelha-se ao esboço inicial desta dissertação, que visava tratar a análise das reportagens de Dorrit Harazim junto a entrevistas com a própria jornalista, mas que não foi possível.

Lopes (2015) ainda discorreu sobre o desenvolvimento das tecnologias para a comunicação entre os jornalistas e os veículos e refletiu sobre o jornalismo, produzido em qualquer âmbito, levando em conta os estudos de Nelson Traquina, Mauro Wolf, Bill Kovach e Tom Rosenstiel, S. Holly Stocking e Paget H. Gross, Eline K. Parsigian, Mark Fishman, Michael Haller, Felipe Pena, Nilson Lage e Manuel Carlos Chaparro. Embora a pesquisa não trate do jornalismo literário em si, há uma menção quando o autor reflete sobre a necessidade de estar presente na ação para conseguir reportá-la efetivamente. “Como falar de medo, dor e sofrimento sem experimentá-lo em primeira mão, sem mergulhar no cenário, sem fazer parte da paisagem?” (LOPES, 2015, p. 17). “Nada que mestres do jornalismo literário já não tivessem

⁹ O jornalista Samy Adghirni é filho da professora emérita da Universidade de Brasília, Zélia Leal-Adghirni, que elaborou pesquisas sobre as mudanças estruturais no jornalismo e, em dossiê de 2016 do periódico *Sur le journalisme*, escreveu sobre correspondentes internacionais (LEAL-ADGHIRNI; PINSON; RUELLAN, 2016). A professora esteve na banca examinadora da dissertação em questão.

praticado em situações menos extremas”, pontua Lopes (2015, p. 17), sem explorar a deixa – oposto do que pretendemos aqui.

Já a dissertação “A crônica vai a guerra: Rubem Braga e os escritos do front”, de Mariani Carolina de Souza Melo, da Universidade Federal de Uberlândia, objetivou analisar o livro “Crônicas da Guerra na Itália”, obra de Rubem Braga (1996) que ela descreve como “um misto de humor, poeticidade e beleza entremeado com uma verve política e humanista que enleia o leitor” (MELO, 2016, p. 9). Embora não fale do nosso tema principal, Melo (2016) tratou da literatura de testemunho, da experiência e do narrador de Walter Benjamin – com o qual, nesta pesquisa, apontamos a relação com o jornalista literário (CAMARGO, 2020).

Avançando para uma dissertação mais recente, de 2019, “A cobertura de ataques terroristas na sociedade em rede: os atos em Mogadíscio e Paris na perspectiva de cinco veículos jornalísticos”, de Lilian Ribeiro Sanches (2019), da Universidade Metodista de São Paulo, investiga de que forma a representação midiática da cobertura jornalística dos ataques terroristas ocorridos na África e na Europa Central se apresenta no contexto atual, bem como suas principais consequências. Sanches (2019) se concentra nos eventos de Mogadíscio, na Somália, em 2017, e em Paris, na França, em 2015.

Sanches (2019, p. 18) aponta como “ataques terroristas preenchem os critérios de noticiabilidade em veículos de comunicação do mundo inteiro, o que evidencia o forte apelo midiático desse tipo de acontecimento”. Apoiando-se em Florencio Domínguez, Alex Schmid, Brenda Lutz, James Lutz, Edgar Morin, David Rapoport e Jeffrey Kaplan, Sanches (2019) fala sobre as origens e ondas do terrorismo, a dificuldade em chegar a definições do termo, a crítica à cobertura midiática – uma vez que perpetua o pânico social e o medo do desconhecido, atingindo migrantes de países aos quais essas narrativas estão relacionadas – e a diferença no tratamento da escalada abrupta do terrorismo na África Subsaariana em relação aos casos pontuais na Europa Central e nos Estados Unidos.

A autora não trabalha o jornalismo literário e pouco cita a correspondência de guerra e conflitos, focando na cobertura jornalística como um todo. No entanto, alguma relevância pontual para esta dissertação encontramos na pesquisa, pois a mesma nos leva a refletir sobre a presença de jornalistas em determinados locais e qual a abordagem apresentada – não que seja algo a se destacar em nosso trabalho, mas ajuda a oferecer um olhar crítico sobre o material.

Por fim, mais uma combinação de palavras-chave revelou-se necessária para compreender se os estudos que esta pesquisa visa empreender. Com “Dorrit Harazim” no Catálogo de Teses e Periódicos da Capes, três resultados foram encontrados, incluindo a

dissertação feita pela pesquisadora Luciana Quierati (2016), da Universidade Estadual Paulista, que inspirou a escolha do objeto de estudo deste trabalho, a jornalista Dorrit Harazim.

Dorrit Harazim nasceu em Zagreb, na Croácia, em 1943, chegando ao Brasil com os pais apenas cinco anos depois após fuga do regime comunista ditatorial que assolava a Iugoslávia. Morou em Porto Alegre (RS) até ir estudar Letras na Universidade de Sorbonne, na França, e posteriormente Literatura Comparada na Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Estabeleceu-se em Paris e começou a trabalhar no jornal *L'Express*, onde ficou como pesquisadora da equipe de jornalismo até, em 1968, ser convidada por Roberto Civita e Mino Carta para compor a equipe que fundaria a revista *Veja* no Brasil.

Na dissertação, Quierati (2016) reproduziu um extenso compilado de títulos de textos produzidos por Harazim nos 50 anos de carreira com o objetivo de identificar seu modo de narrar. A jornalista cobriu grandes acontecimentos, como eleições estadunidenses e olimpíadas, a crise do petróleo (1973), o caso Watergate (1974), o apartheid sul-africano e o casamento do Príncipe Charles com Diana Spencer (1981).

O trabalho de Harazim é analisado por Quierati (2016) com o aporte teórico-metodológico da teoria ricoeuriana, com a premissa de que a narrativa jornalística é uma estória, baseando-se nos estudos de Gaye Tuchman, Cremilda Medina e Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari. Mesmo com o apontamento de Luiz Gonzaga Motta, que acredita que as chamadas *hard news* não seriam narrativas, a autora apoiou-se em Elizabeth Bird e Robert Dardenne para o refutar:

Classificar o jornalismo pelo viés do conteúdo, denominando de *hard news* as notícias, consideradas “mais importantes” e que trariam em si a “informação” propriamente dita e de *soft* as “mais interessantes” do que informativas é o que teria retardado a discussão sobre as qualidades narrativas do texto jornalístico (QUIERATI, 2016, p. 30).

Com fundamentação em Eliza Bachega Casadei e Michel de Certeau, a pesquisadora explicou que as estórias ou narrativas dependem de fatores como a bagagem do profissional, sua expertise técnica e o contexto histórico em que está inserido. Com Walter Benjamin, a autora afirmou que a narrativa é inerente ao homem, mas que “está estritamente vinculada com a experiência prática da vida humana, porque é nesta que tanto quem conta como quem ouve ou lê histórias vão se munir dos subsídios necessários para conta-las e compreende-las” (QUIERATI, 2016, p. 37).

Assim, em uma análise das narrativas de Harazim, a autora partiu de uma base teórica diferente da desta dissertação – dentre os pesquisadores citados estão Cristiane Costa, Kevin

Kerrane e Ben Yagoda, Marcelo Bulhões e Rogério Borges; Martinez (2016) consta na lista e esteve na banca examinadora – e identificou a presença do jornalismo literário nos textos produzidos pela jornalista ao longo da carreira:

Pode-se dizer que Dorrit Harazim é autora de uma série variada de híbridos estória-registro, presentes mais para o polo da aplicação servil, da estória, ou seja, do jornalismo dito literário – ou narrativo, como se convencionou chamar neste trabalho –, mas sem, contudo, descartar de todo o tipo Informativo, que, a época do começo de sua carreira, já era tido como o modelo padrão nas redações (QUIERATI, 2016, p. 93).

Os textos de Dorrit possuem linguagem figurada – presença de metáforas, hipérboles, gradações, ironia e comparações – e comentários ou reflexões filosóficas. Os elementos do jornalismo literário, construção cena a cena, inclusão de diálogos completos, uso do ponto de vista de terceira pessoa e registro de detalhes simbólicos do status de vida da pessoa, foram pontuados por Quierati (2016) com base nos estudos de Tom Wolfe, compilados por Martinez (2016), limitando o campo à questão estética (KEEBLE, 2018). “A fala, os silêncios, os gestos, os olhares, o riso e os toques de seus personagens são recursos bastante aproveitados nos textos da repórter-testemunha Dorrit, principalmente em relatos de histórias de carga emocional ampliada”, revela Quierati (2016, p. 111).

Portanto, este levantamento entende que embora em relativamente baixo volume, existem pesquisas sobre a presença do jornalismo literário nos relatos de correspondentes de guerra. Quando o jornalismo literário está presente, há pouco aporte teórico específico, especialmente se comparado aos autores que aqui estudamos – talvez por não entenderem o jornalismo literário como um campo, buscam teóricos de outras áreas do jornalismo; ou uma possibilidade é que os pesquisadores se atenham a revisões de literatura limitadas. Ainda, percebe-se que as pesquisas sobre a produção feminina nas coberturas de guerra são mais escassas e podem ser amplamente exploradas. Com a intenção de ter os relatos de Dorrit Harazim como objeto de pesquisa, percebe-se a possibilidade para tanto, uma vez que a pesquisa existente sobre a jornalista não tem como foco o período na guerra e não trabalha com profundidades a produção em jornalismo literário.

1.2 Objetivos e estrutura

O objetivo desta dissertação é o objetivo principal é contribuir para a compreensão do jornalismo literário produzido por Dorrit Harazim na cobertura de guerras e conflitos no Vietnã,

no Chile, na Cisjordânia e em Nova York¹⁰. Os objetivos específicos da pesquisa são: a) explorar aspectos da produção de jornalismo literário em coberturas de guerras e conflitos; b) destacar como se deu a participação de mulheres na produção de jornalismo literário em coberturas de guerras e conflitos; c) identificar especificidades na produção de Dorrit Harazim, referentes ao jornalismo literário e/ou ao fato de ser mulher.

Após o levantamento de estado da arte, dedicamos o Capítulo 2 para o jornalismo literário, o Capítulo 3 para a cobertura de guerra, o Capítulo 4 para o desenvolvimento da metodologia e o Capítulo 5 para a análise, seguido das considerações finais.

Por fim, nos apêndices, será possível conferir a íntegra dos textos aqui analisados, assim como uma lista com os nomes das correspondentes mulheres de guerra e conflitos citadas nas páginas a seguir.

¹⁰ Utilizaremos “Nova York” por entender que “Nova Iorque” está caindo em desuso pela imprensa brasileira (NOGUEIRA, 2015). Eventualmente, algumas citações diretas utilizam “Nova Iorque” e estas foram mantidas.

2 JORNALISMO LITERÁRIO

Neste capítulo falaremos sobre nossa compreensão do Jornalismo Literário, suas origens internacionais, principais autores e obras e o desenvolvimento no Brasil. Partimos da definição utilizada pela *International Association of Literary Journalism Studies* (IALJS), segundo a qual entendemos o Jornalismo Literário por jornalismo *como* literatura, não *sobre* literatura¹¹.

2.1 Características, histórico e principais autores e obras

O Jornalismo Literário não é um consenso, seja por suas origens, pela questão de haver uma categoria à parte para ele, não o chamando simplesmente de “jornalismo”, ou ainda por entendê-lo como algo apenas estético. Trata-se, inclusive, de um conflito:

Há quem seja arrebatado por esse gênero, que agrega técnicas literárias às boas práticas jornalísticas para produzir textos informativos cativantes. Verdade seja dita, há também quem o ache arte de escritores frustrados, que tiveram de ganhar a vida nas redações.

Com todo o respeito aos defensores dessa opinião, é necessário frisar que muitas vezes os oponentes mais ferozes do Jornalismo Literário desconhecem de fato o que ele é. Cá entre nós, há vários adversários da prática que se renderam aos seus encantos quando se permitiram o prazer de conhecê-lo melhor (MARTINEZ, 2016, p. 27-28).

Seguindo a postura de teóricos como Lima (2014) e Martinez (2016), não adentraremos nas polêmicas, pois o intuito aqui é nos concentrarmos em eficiência narrativa. Conforme Keeble (2018, p. 903), “muito tempo é gasto em uma interminável discussão sobre definições e terminologias (já que a política implícita do profissionalismo exige isso) quando realmente o borrão da disciplina deve ser celebrado!”.

Então, para além da noção de gênero, pontuamos a compreensão de Jornalismo Literário como uma disciplina, ou seja, “um campo de estudo reconhecido internacionalmente com apoio institucional de administradores universitários a editoras, de estudiosos individuais a sociedades e de empresas comerciais a agências governamentais” (BAK; MARTINEZ, 2018, p. 644). Ainda, conforme Bak (2017, p. 251), erguê-lo ao nível de disciplina institui “uma moratória na barragem das definições e das defesas que impediram o avanço dos estudos na área e permitiram que os estudiosos internacionais trabalhasse junto, em igualdade”.

¹¹ A definição consta na seção “About us” do site da IALJS, na qual eles especificam que “our definition of literary journalism is ‘journalism as literature’ rather than ‘journalism about literature’”. Disponível em: <https://ialjs.org/about-us/>. Acesso em: 9 out. 2020.

O avanço é lento, mas iniciativas como o dossiê da *Brazilian Journalism Research* em 2018 e a atuação da IALJS – com o periódico *Literary Journalism Studies* e o congresso internacional realizado anualmente – refletem a expansão epistemológica, metodológica e prática dos estudos.

As pesquisas atuais do campo começaram a abrir as portas não apenas para a teorização da estética do jornalismo literário (teorias de texto, autor, leitor e ambiente), mas também para sua avaliação de referenciais teóricos, suas aplicações inter, pluri - e transdisciplinar em todo o mundo, e sua exportação como uma estrutura analítica para outras disciplinas (isto é, o conhecimento de jornalismo literário pode influenciar a história, sociologia, estudos de mídia, estudos de comunicação etc e, portanto, pode ser considerada uma ciência pós-acadêmica emergente) (BAK; MARTINEZ, 2018, p. 647).

Isso posto, iniciemos com Lima (2014, p. 10), que explica que “cabe ao jornalismo o papel público de largo alcance de buscar significados para os acontecimentos e situações que compõem o complexo panorama da realidade em movimento”. Quando isso transcende o cunho informativo para uma maestria narrativa de “histórias com sabor e cor” (LIMA, 2014, p. 11), trata-se do Jornalismo Literário¹².

No Jornalismo Literário, o “compromisso implícito com o leitor é dar-lhe não apenas a informação sobre alguma coisa. É fazer com que o leitor passe pela experiência sensorial, simbólica, de *entrar* naquele mundo específico que a matéria retrata” (LIMA, 2014, p. 15; grifo do original). Kramer (1995) diz que é algo que você-sabe-quando-vê¹³, mas apontou oito regras sobre profissionais que o produzem – as quais Martinez (2016, p. 211) simplificou em uma lista: imersão no assunto e pesquisa; pactos claros com fontes e leitores no que se refere à exatidão; JL escrevem quase sempre sobre eventos rotineiros; voz interior; estilo; ponto de vista flexível e móvel; estrutura conta; e desenvolvem sentidos.

Não se tratou, porém, da única tentativa de produzir uma lista prática com características que definiriam o Jornalismo Literário. Martinez (2016, p. 211) apontou outras propostas e, aqui, destacamos a de Lima (2009), que elaborou uma lista de dez elementos, sendo eles: exatidão e precisão; contar uma história; humanização; compreensão; universalização temática; estilo próprio e voz autoral; imersão; simbolismo; criatividade; e responsabilidade social.

A exatidão e a precisão valorizam os dados primários, pois “qualquer texto jornalístico, para ser considerado como tal, deve informar, portando elementos da realidade que o tornam

¹² Vale pontuar que outros nomes são utilizados para falar sobre esse tipo de narrativa, como “literatura de realidade, literatura criativa de não ficção e jornalismo narrativo” (LIMA, 2014, p. 26), mas não discorreremos sobre isso nesta pesquisa.

¹³ Do original “you-know-it-when-you-see-it” (KRAMER, 1995, p. 22).

verossímil, identificável por muitos de nós” (LIMA, 2009, p. 355). Sobre contar uma história, Lima (2009, p. 358) argumenta que se trata de uma antiga tradição da civilização humana e que, no jornalismo, entre a técnica da pirâmide invertida e o estilo narrativo, o leitor prefere o segundo.

O contar uma história está atrelado à humanização, pois “toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos” (LIMA, 2009, p. 359). Já a compreensão, segundo Lima (2009, p. 366), tem uma “função educativa de disseminação do conhecimento”, na qual há uma visão diversificada e em busca de ultrapassar estereótipos.

Com pesquisa e estudo, a universalização temática é possivelmente alcançada pelo aspecto humano das histórias (LIMA, 2009, p. 367). Já o estilo próprio e a voz autoral “são qualidades indispensáveis, maturadas no árduo exercício progressivo de conquista de habilidade narrativa onde a arte está à mercê do conteúdo que a realidade disponibiliza ao autor” (LIMA, 2009, p. 368). A leitura individual e singular é essencial aqui.

Para Lima (2009, p. 373), a imersão é vital, pois “primeiro o autor mergulha no real, vive intensamente, de corpo e alma, a experiência de vida dos personagens. Depois é que se afasta, reflete sobre a vivência, deixa as emoções, as instituições e os pensamentos assentarem-se. E então escreve”. O grau de envolvimento com uma história ficaria a critério do autor.

Há ainda o simbolismo, relevante porque “todo acontecimento é carregado de significados sutis, subjetivos. O mundo não é apenas concreto e factual. É também simbólico” (LIMA, 2009, p. 378). Um exemplo é o uso de metáforas como recurso de linguagem. Portanto, outro pilar que apresentamos é o da criatividade, pois Lima (2009, p. 385) acredita que todo autor é criador, revelando “novas maneiras de enxergar o mundo”.

Por fim, temos a responsabilidade ética, segundo a qual o pacto implícito entre jornalista e leitor de que apenas haverá verdade naquele conteúdo deve ser mantido. No entanto, Lima (2009, p. 392) atenta que

o autor está embarcado numa missão de compreensão. Assim, não lhe interessa, em princípio, a verdade absoluta, isenta e imperial, pois essa, no nível dos seres humanos comuns (quase todos nós), não existe. O que lhe move é compreender um tema a partir das perspectivas dos personagens nele mergulhados. Quando os personagens esposam perspectivas muito diferenciadas, até mesmo conflitantes, é seu papel expor essas múltiplas visões, se possível encontrando um ponto central que lhe permita colocar tudo em perspectiva maior, englobalizadora. Caso contrário, precisa muitas vezes contentar-se com a multiplicidade de significados, sem fechar questão.

Dadas essas dez características, concordamos com Lima (2014, p. 17) que “a vida pulsa no jornalismo literário com toda a sua intensidade”. Mas, como já citado no início deste capítulo, não há um consenso sobre a origem do Jornalismo Literário – e essa não é uma discussão que levantaremos, nos atendo, portanto, à linha histórica apontada por Bak (2017), Martinez (2016) e Lima (2014).

Bak (2017) explica que o Jornalismo Literário se desenvolveu em diversos países, com influências transnacionais, e que, na verdade, não poderíamos esperar que as características desse estilo de narrativa jornalística fossem as mesmas em todos os lugares – as de Lima (2009) que listamos acima, por exemplo, pensam a tradição do livrorreportagem estadunidense das décadas de 1960 e 1970, época em que ganha notoriedade o chamado Novo Jornalismo, impulsionado pelas publicações nas revistas *The New Yorker* e *Esquire*.

Embora possivelmente confundido como a origem do Jornalismo Literário, o Novo Jornalismo estadunidense foi um marco, mas não o início. Lima (2014) diz que quando profissionais como Gay Talese (1932-), autor de “Fama & Anonimato” (TALESE, 2004), de 1970, Joan Didion¹⁴ (1934-), autora de “O ano do pensamento mágico” (DIDION, 2018), de 2005, Norman Mailer (1923-2007), autor de “Os exércitos da noite” (MAILER, 1985), de 1968, e Truman Capote (1924-1984), autor de “A sangue frio” (CAPOTE, 2003), de 1965, “descobrem” o Jornalismo Literário, eles estão fazendo o que nomes antes deles – como Joseph Mitchell (1908-1996), autor de “O segredo de Joe Gould” (MITCHELL, 2003), de 1964; e Lillian Ross¹⁵ (1918-2017), autora de “Filme” (ROSS, 2005), de 1952 – já dominavam.

O que fazem de diferente, sim, é inovar com algumas técnicas narrativas.

O mais importante, porém, o que fazem de espetacular é tirar o jornalismo literário dos nichos cultos em que continua a existir para um número limitado de leitores, lançando-o para o centro do mundo cultural norte-americano. Hábeis no manuseio das armas da comunicação de massa e do *marketing* em larga escala do nosso tempo, conquistam fama, projetam suas obras, dão enorme visibilidade pública à arte da literatura da vida real (LIMA, 2014, p. 68).

O jornalista Tom Wolfe (1930-2018), inclusive, lançou “Radical Chique e o Novo Jornalismo”, em 1963, para pensar o movimento.

¹⁴ A jornalista estadunidense esteve em El Salvador por duas semanas em 1982, durante a guerra civil (1980-1982), pela *New York Review of Books*. Após artigo publicado no próprio veículo (DIDION, 1982), a experiência resultou no livro “Salvador” (DIDION, 2014). Entendemos que Joan Didion realizou uma cobertura de guerra.

¹⁵ Embora não tenha realizado uma cobertura de guerra, Lillian Ross escreveu o livro “Filme” sobre a produção de “A glória de um covarde” (HUSTON, 1951), baseado no romance histórico de Stephen Crane (2000) sobre a Guerra de Secessão (1861-1865). Portanto, estabelecemos a relação da jornalista com as narrativas de guerra por meio do processo de serialização das reportagens para a *New Yorker* que estão compiladas no livro em estilo de jornalismo literário (MARTINEZ; GAPY; CAMARGO, 2020).

Na obra ele define os quatro principais recursos literários empregados pelos jornalistas literários: construção cena a cena, diálogos, ponto de vista de terceira pessoa e detalhes simbólicos do *status* de vida do indivíduo. Talvez não haja, em todo o arcabouço teórico e prático escrito sobre Jornalismo Literário, aula mais magna do que esta, que expõe de forma clara e cristalina as técnicas fundamentais que transformam um texto comum em uma sofisticada narrativa jornalística a moda do JL (MARTINEZ, 2016, p. 38).

Mas, ainda conforme Martinez (2016), em acordo com os estudos de Norman Sims (1948-), professor emérito do Programa de Jornalismo do Departamento de Comunicação da *University of Massachusetts Amherst*, esses autores do Novo Jornalismo teriam se inspirado em escritores como Daniel Defoe (1660-1731). “Mais conhecido por seu *Robinson Crusoe*, Dafoe publicou em 1722 *O Diário do Ano da Peste*, livro onde descreve minuciosamente a epidemia de peste bubônica que vitimou, segundo o escritor, 100 mil pessoas na capital inglesa em 1665 (MARTINEZ, 2016, p. 31).

Mesmo escrevendo no século XVII, quando a imprensa ainda não havia se consolidado com a Revolução Industrial do século XIX, Defoe já “se esmera em registrar os fatos – usa tabelas de números de óbitos – com técnicas do escritor, tratando literariamente as cenas e usando diálogos” (MARTINEZ, 2016, p. 31). Outros exemplos são o cronista francês Honoré de Balzac (1799-1850), com “Os jornalistas” (BALZAC, 2004), com ensaios sobre a imprensa do século XIX, e o autor inglês Charles Dickens (1812-1870), com “Retratos londrinos” (DICKENS, 2003), de 1836.

Todas as obras acima, embora escritas por pessoas diferentes e em momentos distintos, podem encontrar pontos comuns:

Os bons jornalistas literários enxergam e veem também com os olhos da alma. Captam a realidade com sua inteligência racional e com seus sentimentos, com a razão e com a intuição. Então, assim, conseguem ver o invisível. Encontram a fina teia de relações que costuram a dinâmica da vida. Entendem o significado mais profundo dos acontecimentos.

E então nos mostram, com um belo texto envolvente. Abrem o nosso olhar. Compartilham o que compreenderam, colocam ao nosso dispor mais do que a informação de um acontecimento. Aprofundam. Contextualizam. Exibem seu significado real. E o significado que vale mais a pena é sempre simbólico, pois remete a uma dimensão maior das coisas (LIMA, 2014, p. 21).

Conforme visto até aqui, as raízes anglo-americanas do Jornalismo Literário são as mais estudadas. Entretanto, Bak (2017, p. 231) mostra que, desde o final do século XIX, “vários países estavam desenvolvendo tradições jornalísticas que identificamos atualmente como Jornalismo Literário ou reportagem literária” – mesmo que nem sempre com as exatas mesmas características, como já mencionado neste texto. “Enquanto muitas nações tinham desenvolvido uma forma de Jornalismo Literário concomitante com os Estados Unidos ou a Inglaterra, a

forma em cada uma dessas nações evoluiu, essencialmente, por meio de um processo de polinização intercultural” (BAK, 2017, p. 246).

Podemos citar o colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), autor de “Relato de um naufrago” (MÁRQUEZ, 2019), de 1955; o polaco Ryszard Kapuscinski (1932-2007), autor de “O xá dos xás” (KAPUSCINSKI, 2012), de 1982; o argentino Rodolfo Walsh (1927-1977), autor de “Operação Massacre” (WALSH, 2010), de 1957; o alemão Joseph Roth (1894-1939), autor de “Berlim” (ROTH, 2006), com artigos da década de 1920; a australiana Anna Funder¹⁶ (1966-), autora de “Stanislândia” (FUNDER, 2008), de 2002; e a canadense Deborah Campbell¹⁷, autora de “*A disappearance in Damascus: a story of friendship and survival in the shadow of war*” (CAMPBELL, 2016), de 2016.

Esta pesquisa não tem a intenção de se aprofundar nos estudos do Jornalismo Literário Internacional, mas aplica as reflexões do proposto no livro “*Literary journalism across the globe: journalistic traditions and transnational influences*” (BAK; REYNOLDS, 2011). Especificamente, falaremos apenas do caso brasileiro, visto a seguir.

2.2 Jornalismo Literário no Brasil

Há dois profissionais considerados marcos de início do Jornalismo Literário no Brasil e a produção deles data do fim do século XIX e início do século XX. O primeiro, considerado “avô” da modalidade no país (LIMA, 2011), Euclides da Cunha (1866-1909) era engenheiro, mas fez a cobertura da Guerra de Canudos (1896-1897) – um conflito entre militares e a comunidade religiosa de Antonio Conselheiro – pelo jornal *O Estado de São Paulo*, em 1897. Segundo Martinez (2016, p. 36), “um dos pontos de ligação de Cunha com o Jornalismo Literário contemporâneo é a tentativa de, em lugar de heróis, dar voz às pessoas comuns, com seus problemas e limitações”.

Houve também o cronista João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto (1881-1921), que produziu obras como “A alma encantadora das ruas”¹⁸, de 1908, com “temas urbanos até prosaicos” (LIMA, 2014, p. 47) sobre as mudanças, além de propriamente urbanas, sociais e culturais pelas quais o Rio de Janeiro passava no período. Então, Lima (2014, p. 47) conta que

¹⁶ Assim como Svetlana Aleksievitch (2016), a jornalista Anna Funder não cobriu a Segunda Guerra Mundial, mas a recontou por meio de relatos de quem viveu o conflito.

¹⁷ A jornalista já realizou coberturas, inclusive de conflitos, no Irã, na Síria, no Egito, no Líbano, em Israel, na Palestina, no México, em Cuba e na Rússia.

¹⁸ A obra está disponível em domínio público:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2051. Acesso em: 12 out. 2020.

do Rio “faz o que nenhum contemporâneo seu fazia nas redações: sai às ruas, entrevista, toma notas, faz enquetes – pesquisas de opinião primitivas –, descobre e revela aos leitores os múltiplos retratos de uma sociedade que ainda não conhece sua face coletiva”. Martinez (2016, p. 37) diz que é justamente esse mergulho na realidade que traz “saber e sabor” para a produção.

Podemos perceber, por esses dois exemplos dos primórdios do jornalismo literário no Brasil, que desde o início há certo interesse sociológico por trás da prática. Mais do que simplesmente contar os fatos, os autores estão buscando entender o quadro social e humano em que os fatos se inserem. Procuram fazer isso de um modo atraente, do ponto de vista narrativo, para que o texto seja agradável de ler. Não param na forma, porém. Não querem apenas produzir textos bonitos. Querem dizer algo que faça sentido. Que contextualize os acontecimentos num quadro dinâmico maior (LIMA, 2014, p. 49).

Não muito conhecido por isso, João do Rio ainda foi correspondente de guerra – talvez o primeiro internacional remunerado e fixo do Brasil –, enviado pelo *O País* a Versalhes, na França, para uma cobertura de oito meses dos tratados de paz no armistício da Primeira Guerra Mundial, em 1918 (MARTINEZ, no prelo).

De acordo com Lima (2011, p. 170; tradução nossa¹⁹), “nas décadas de 1940 e 1950, o Brasil produziu algumas versões iniciais de reportagem literária, mas elas eram mais o resultado de iniciativas intuitivas individuais de escritores do que um movimento orquestrado”. Alguns exemplos da época foram Joel Silveira (1918-2007), que cobriu a Segunda Guerra Mundial para os *Diários Associados* e, posteriormente, contou a experiência no livro “O inverno da guerra” (SILVEIRA, 2005); Edmar Morel (1912-1989), que escreveu para o *Última Hora*; David Nasser (1917-1980), para *O Cruzeiro*; e Antonio Callado (1917-1997), para o *Correio da Manhã*, mas que cobriu a Segunda Guerra Mundial pela BBC de Londres e a Guerra do Vietnã pelo *Jornal do Brasil*²⁰.

Mas, assim como os Estados Unidos tiveram a disseminação do Novo Jornalismo a partir da década de 1960, no Brasil, o período também teve produção fértil na área. O *Jornal da Tarde* (1966-2012), do Grupo Estado, e a revista *Realidade* (1966-1976), da Editora Abril, são os “expoentes máximos dessa onda” (MARTINEZ, 2016, p. 38). No *Jornal da Tarde*, Lima (2011, p. 174; tradução nossa²¹) explica que

¹⁹ Original: “In the 1940s and 1950s, Brazil produced some early versions of literary reportage, but they were more the result of the intuitive initiatives of individual writers than an orchestrated movement” (LIMA, 2011, p. 170).

²⁰ Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/antonio-callado/biografia>. Acesso em: 12 jan. 2021.

²¹ Original: “A young generation of writers, identified in the newspapers’ organizational parlance as ‘special’ reporters, would achieve fame for outstanding journalistic performances that combined factual precision, a sharp eye for spotting and capturing on paper real-life characters, and a literary voice and style” (LIMA, 2011, p. 174).

Uma jovem geração de escritores, identificados no jargão organizacional dos jornais como repórteres “especiais”, alcançaria fama por performances jornalísticas notáveis que combinavam precisão factual, um olho afiado para localizar e capturar no papel personagens da vida real e uma voz literária e estilo.

Alguns nomes célebres que produziram para o jornal foram Marcos Faerman (1943-1999), Fernando Portela, Demócrito Moura (1929-1993) e Percival de Souza (1943-).

Já a revista *Realidade* marcou uma era de ouro para o Jornalismo Literário brasileiro, segundo Lima (2011, p. 175; tradução nossa²²):

A revista ajudou os brasileiros a descobrirem as muitas faces de seu país, trazendo para suas páginas editoriais perfis de celebridades da alta potência da política, do esporte e do *show business* ao lado de histórias de pessoas comuns – pescadores, mineiros de sal, crianças sem-teto em grandes cidades, prostitutas – circulando suas vidas desde as florestas tropicais do norte da Amazônia até as fazendas de gado ao sul que fazem fronteira com o Uruguai e a Argentina.

Alguns repórteres da revista famosos por mergulharem nas histórias e viajarem até seus personagens foram José Hamilton Ribeiro (1935-), Narciso Kalili, Fernando Mercadante (1936-2012), Roberto Freire (1927-2008), Mylton Severiano da Silva (1940-2014), Hamilton Almeida (1954-), José Carlos Marão, Carlos Azevedo (1939-?), Paulo Patarra (1934-2008), Luigi Mamprin (1921-1995), Jorge Botsuem e Lana Novikowa.

O sucesso da *Realidade*, porém, durou apenas dois anos, pois, a partir de 1968, a ditadura militar sob a qual o país estava apertou as redações dos veículos de comunicação com a censura.

Liberdade de expressão e democracia são instrumentais para a prosperidade do jornalismo literário. Como você consegue praticar a reportagem de imersão e escrever cenas da vida cotidiana se você sente que está sendo monitorado, se você não tem permissão para contar aos leitores as histórias que quiser contar? Como você consegue fazer isso quando escritores estão sendo presos, torturados e mortos? (LIMA, 2011, p. 178; tradução nossa²³).

Depois da decadência da revista e do jornal por conta da situação política do país, o Jornalismo Literário voltaria a tomar fôlego no país na década de 1990. Os estudos na Escola

²² Original: “The magazine helped Brazilians discover their country’s many faces, bringing to its editorial pages profiles of high-wattage political, sports, and show business celebrities alongside stories of everyday people – fishermen, salt mine workers, homeless children in big cities, prostitutes – going about their lives from northern tropical rain forests of the Amazon to the southern cattle ranches bordering Uruguay and Argentina” (LIMA, 2011, p. 175).

²³ Original: “Freedom of expression and democracy are instrumental to literary journalism’s prosperity. How can you practice immersion reporting and write scenes of everyday life if you feel you are being monitored, if you are not allowed to tell readers the stories you want to tell? How can you do so when writers are being arrested, tortured, and killed?” (LIMA, 2011, p. 178).

de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) – da qual Edvaldo Pereira Lima é professor aposentado – e a prática de alguns jornalistas com a produção de grandes reportagens e livros de não-ficção retomou o Jornalismo Literário que vemos até agora na imprensa nacional.

O nome de maior destaque contemporâneo é Eliane Brum (1966-), “conhecida pela excelência de sua produção jornalística” (MARTINEZ, 2016, p. 301). Ela já escreveu para a *Época*, está atualmente na versão brasileira do *El País* e publicou alguns livros de não-ficção, como “A vida que ninguém vê” (BRUM, 2006), vencedor do Prêmio Jabuti de Melhor Livro de Reportagem em 2007.

Há algumas publicações nacionais com tradição de textos em Jornalismo Literário, como a revista *Piauí*. Nos últimos anos, a editora Companhia das Letras tem fomentado o interesse pelo assunto com a publicação de 31 títulos de uma coleção especial de Jornalismo Literário.

Há ainda a iniciativa em meios digitais e independentes para se fazer jornalismo literário, intencionalmente ou não:

O cenário atual é o de disrupção dos modelos tradicionais dos negócios de comunicação. O trajeto está sendo percorrido por profissionais que vêm construindo soluções e testando caminhos, assim como os fundadores dos veículos apresentados nesta pesquisa. Neste percurso, o Jornalismo Literário pode ser visto como um produto adaptável ao mundo digital e sugestivo para alavancar tal transformação (DAMANTE, 2019, p. 74).

Assim, o Jornalismo Literário busca garantir seu espaço na mídia. Mas Lima (2011, p. 181; tradução nossa²⁴) afirma com convicção que

o jornalismo literário é realmente mais do que um comércio ou uma moda datada. É um espírito que se renova e se remodela ao longo dos tempos, pousando graciosamente cada época no centro de uma nova sociedade, agradando ao seu povo com histórias verdadeiras que divertem, educam e fazem refletir.

Em seguida, no Capítulo 3, refletiremos sobre a origem e o desenvolvimento da cobertura de guerra e entenderemos sua relação com o Jornalismo Literário.

²⁴ Original: “Literary journalism is truly more than a trade or a dated fashion. It is a spirit that renews and reshapes itself through ages, landing gracefully each era in the center of a new society, pleasing its people with true stories that entertain, educate, and make one reflect” (LIMA, 2011, p. 181).

3 COBERTURA DE GUERRA

Neste terceiro capítulo pensamos a cobertura de guerra e conflitos desde sua origem, em meados do século XIX, até os dias atuais, baseando-nos nas obras do ex-correspondente de guerra e jornalista australiano, radicado na Inglaterra, Phillip Knightley (1978) e do jornalista brasileiro que cobriu diversos conflitos, Diogo Schelp (2016), até os dias atuais. Em seguida, destacamos o início da correspondência de guerra brasileiro e os profissionais que se destacaram nacionalmente, com apoio novamente em Schelp (2016) e também na pesquisa de dissertação de Vítor de Abreu Corrêa (2012), que se aprofundou sobre o assunto.

Por fim, lançamos luz às mulheres correspondentes de guerra e nas implicações ao questionarmos a narrativa feminina sobre a questão, à esteira de Stephanie Seul (2019) – sobre mulheres na Primeira Guerra Mundial –, da pesquisa de dissertação de Hadassa Ester David (2014) – sobre guerra e narrativa feminina – e de Jeannine Baker (2015) – sobre correspondentes australianas. Ainda, apresentamos as teóricas Teresa de Lauretis (2019), Judith Butler (2019) e Joan Scott (2019) para fazer uma breve reflexão sobre gênero.

Adiantamos que este capítulo é permeado de relatos de correspondentes homens e mulheres que estiveram em coberturas de guerras e conflitos; há trechos ou menções de entrevistas, biografias e peças audiovisuais. Mas, antes acreditamos que vale a pena esclarecer o que entendemos por “guerra” e “conflito” separadamente.

3.1 Considerações sobre a diferença entre guerra e conflito

Os sociólogos britânicos Anthony Giddens e Philip W. Sutton apresentam a definição prática de conflito como uma “luta entre grupos sociais pela supremacia, envolvendo tensões, discórdia e choque de interesses” (GIDDENS; SUTTON, 2017, p. 311). Contextualizando a origem da palavra, os autores lembram que os conflitos são tão antigos quanto a própria sociedade e que são a origem da expansão humana. Porém, baseando-se em Georg Simmel, abstraem a conotação negativa da palavra, que não precisa ser um “*término* das relações e **interações**” (GIDDENS; SUTTON, 2017, p. 311; grifos do original), mas sim uma associação, mesmo que entre antagonistas.

Partindo desta noção de conflito como associação entre antagonistas, os autores veem na Sociologia a possibilidade de trabalhar a teoria dos conflitos – seja entre indivíduos ou entre Estados-nação –, investigando a importância de “estruturas na sociedade, as quais produzem tensões e rivalidades crônicas que eventualmente eclodem em violência” (GIDDENS;

SUTTON, 2017, p. 312). Para além do viés marxista em relação à classe, os autores pensam na origem de conflitos por diferenças políticas, *status*, gênero e etnia.

Giddens e Sutton pontuam a relevância nos estudos atuais sobre conflito justamente quando o conceito é associado às situações graves, como “choques ‘civilizatórios’, protestos anticapitalistas, o ‘novo terrorismo’, ‘novas guerras’, genocídios, crimes de ódio e muitos outros” (GIDDENS; SUTTON, 2017, p. 314). Portanto, a guerra seria um tipo de conflito.

No “Dicionário de Filosofia Moral e Política”, o sociólogo português Rui Bertrand Romão apoia-se em extensa bibliografia para elaborar o verbete “Guerra”, dando a primeira definição como “o estado de indivíduos, considerados como tais, que resolvem suas controvérsias pela força” (ROMÃO, 2012, p. 1). O enunciado, do jusnaturalista²⁵ holandês Hugo Grócio, destaca elementos: “o de estado de relação entre entidades, em que ela consiste, o de resolução de conflitos, a que ela se propõe, para que caminha, e que de algum modo a justifica, e o de dimensão violenta, que a caracteriza e qualifica” (ROMÃO, 2012, p. 1).

Pela obra do século XVIII “Da Guerra”, do militar alemão Carl von Clausewitz, a guerra também é vista como algo que intenciona a resolução de conflitos. Mas Romão (ROMÃO, 2012, p. 1-2; grifos do original) dedica-se a uma definição mais trabalhada:

[...] a guerra é o fenômeno paradigmático da irrupção da violência nas relações entre corpos sociais organizados (para não se afirmar de modo mais particularizado, e de acordo com uma concepção ainda mais restritiva e mais técnica, que ela concerne sobretudo e fundamentalmente a relações entre corpos políticos nacionais ou partes importantes deles), **envolvendo encontros armados generalizados e programados que implicam a destruição, em maior ou menor grau, do adversário, e que visam a obtenção, por outros meios não logrável, de uma determinada supremacia de efeitos mais ou menos duradoura**, fenômeno esse que tem acompanhado a História desde o início da existência de corpos sociais organizados (ou, na assinalada versão restritiva, desde o aparecimento dos corpos políticos nacionais).

O autor destaca as dimensões política e internacional que as guerras têm –lembrando os problemas a nível interno, como guerras civis. Pontua-se também a questão bélica:

[...] conflitos armados insuficientemente generalizados e não envolvendo prioritariamente Estados enquanto tais, ou partes deles lutando para assumir dimensão estatal, não deverão ser, no presente, considerados guerras, como tão pouco o devem estados de tensão conflituosa entre Estados que se traduzem por medidas de confronto indireto e não armado, como o que caracterizou a guerra fria de 1945-1989 (ROMÃO, 2012, p. 2).

²⁵ Um jusnaturalista é aquele que segue a corrente de pensamento jurídico-filosófica do direito natural, que “pressupõe a existência de uma norma de conduta intersubjetiva universalmente válida e imutável, fundada sobre a peculiar ideia da natureza preexistente em qualquer forma de direito positivo que possa formar o melhor ordenamento possível para regular a sociedade humana, principalmente no que se refere aos conflitos entre os Estados governos e suas populações” (MASSARO, 2017, s/p).

Entende-se, então, “a guerra como uma força originária, expressão máxima do conflito e da oposição entre os seres humanos, confrontando-os com a perspectiva da morte (ROMÃO, 2012, p. 4). Toda guerra é um conflito, mas nem todo conflito é uma guerra.

Nesta pesquisa trabalharemos com o conceito de guerra, pois as referências aqui integrantes utilizem predominantemente a palavra como referência.

3.2 Origem e desenvolvimento da cobertura de guerra

Todo jornalista apaixonado-se pela ideia de testemunhar a história do mundo, segundo Kamel (2018, p. 9). A correspondência internacional, no entanto, é uma vertente difícil, “longe da visão romântica que muitos têm. Porque é preciso realizar o seu ofício longe do seu país, numa língua estrangeira, quase sempre com poucos recursos, em situações muitas vezes adversas” (KAMEL, 2018, p. 9). Quando essas situações adversas são guerras e conflitos, o desafio jornalístico é ainda maior.

A existência de uma cobertura de guerra e conflitos está diretamente atrelada à ocorrência de uma guerra, ou seja, a origem dos relatos remonta a um longínquo passado – como pinturas em cavernas desde o Período Mesolítico, os hieróglifos egípcios, as histórias épicas de Heródoto e as tragédias elizabetanas – e chegam aos dias atuais não apenas pelo jornalismo, mas por produtos de ficção audiovisual. Segundo Bak (2016, p. ix; tradução nossa²⁶), isso ocorre porque “a única coisa que a humanidade parece valorizar mais do que tirar a vida é o registro dessa morte em tinta”.

Antes do surgimento de jornais impressos, no século XVII, as notícias sobre guerras eram divulgadas em panfletos opinativos, que evidentemente continham a visão de quem os tivesse escrito.

Os primeiros jornais tampouco tinham o hábito de enviar seus representantes para acompanhar *in loco* as batalhas, até porque a noção do jornalista como “testemunha ocular” era incipiente, e também pela lentidão na produção dos periódicos. A *Gazeta de Lisboa*, por exemplo, não foi sequer capaz de noticiar de maneira condizente o terremoto de 1755 em seu próprio país. Fazê-lo em conflitos em outras partes da Europa, portanto, era inimaginável (SCHELP, 2016, p. 19).

Segundo Schelp (2016), o pioneirismo da cobertura de guerra no Ocidente costuma ser atribuído ao *The Times* de Londres. Já em 1792, o jornal tinha interesse em contratar um

²⁶ Original: “The only thing humankind seems to value more than the taking of life is the recording of that death in ink” (KNIGHTLEY, 1978, p. 8).

profissional que falasse francês para ser enviado aos palcos da Revolução Francesa. “Foi, contudo, um caso isolado e não teve maiores repercussões” (SCHELP, 2016, p. 19).

Oficialmente, considera-se o britânico William Howard Russell (1820-1907) como o primeiro correspondente de guerra, pois ele esteve na Guerra da Crimeia (1853-1856) pelo mesmo *The Times*. No entanto, para Knightley (1978), o pioneiro foi, provavelmente, G. L. Gruneisen (1806-1879), do *Morning Post*, mas Russell teria ficado marcado porque sua cobertura “assinalou o início de um esforço organizado para contar uma guerra à população civil da pátria empregando os serviços de um repórter civil” (KNIGHTLEY, 1978, p. 8).

Antes da Guerra da Crimeia, a imprensa inglesa adquiria notícias com jornais estrangeiros ou encarregava suboficiais de enviarem informações diretamente do *front*. Porém, os soldados-correspondentes partiam de olhares parciais e não possuíam conhecimento jornalístico. Então, nesse conflito que envolvia a Inglaterra contra a Rússia, a demanda por notícias para a população patriota fez com o *The Times* tratasse de enviar alguém com uma sólida reputação de repórter para satisfazer os leitores.

Knightley (1978) conta como Russell teve de ir descobrindo sozinho como fazer aquilo. Sem conseguir acompanhar toda a ação da guerra, o correspondente adotou a tática de abordar todos os oficiais e soldados que conseguisse. Ele dava o panorama geral da guerra e escrevia de modo comovente sobre o campo de batalha; porém, seus relatos sobre miséria incomodavam os governantes britânicos, que enviaram o fotógrafo Roger Fenton (1819-1869) (GORDON, 2017), acostumado a retratar a família real, para mostrar um lado da guerra que favorecesse os ingleses – ou seja, Russell foi indiretamente responsável pelo pioneirismo na fotografia de guerra (KNIGHTLEY, 1978).

Embora deixasse a monarquia irritada, os despachos do correspondente aumentaram o prestígio do jornal e sua carreira continuou em conflitos como a Guerra de Secessão dos Estados Unidos (1861-1865), a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), a Comuna de Paris (1871) e a Guerra Zulu (1879). Russell depois ganhou medalhas e fundou o jornal *Army and Navy Gazette*. Entretanto, a postura do jornalista e do *The Times* na cobertura da Guerra da Crimeia criou um precedente de censura, “aceita como necessária e justa” (KNIGHTLEY, 1978, p. 23), para as coberturas que vieram a seguir.

A profissão foi se desenvolvendo com o tempo. Na Guerra de Secessão, a “facilidade para cobrir o conflito, a rapidez para transmitir as informações e o fato de que os combates ocorriam dentro do território do país da maioria dos correspondentes permitiram que nada menos que 500 jornalistas fossem destacados” (SCHELP, 2016, p. 24).

As oportunidades para um bom noticiário estavam claramente presentes. A guerra criou uma tremenda procura de notícias e, a medida que aumentavam as tiragens dos jornais e cresciam os salários, os proprietários reinvestiam grande parte de suas novas riquezas, mandando maior número de correspondentes para fornecer uma cobertura mais ampla do conflito (KNIGHTLEY, 1978, p. 28).

Esse conflito de meados do século XIX também ficou marcado pelo início da percepção de imparcialidade dos novos profissionais. No embate Norte abolicionista contra Sul escravista, havia sensacionalismo e propaganda militar. Segundo Knightley (1978, p. 30), muitos correspondentes do Norte eram desonestos e enviavam despachos “inexatos, muitas vezes inventados, facciosos e inflamatórios”. Essa questão, de que correspondentes defendiam um lado na cobertura de guerras, foi recorrente em outros grandes conflitos armados dali em diante.

Ainda nesse início da correspondência de guerra, no final do século XIX, os profissionais não eram bem remunerados²⁷ e tinham o incentivo, por parte de seus editores, de enviarem matérias sensacionalistas para que o jornal tivesse boas vendas. Isso fez com que alguns correspondentes fizessem menções positivas de oficiais e mantivessem financistas informados mediante pagamentos, assim como até aceitar cargos no governo e no exército (KNIGHTLEY, 1978). Tudo isso aliado à censura faz com que uma cobertura de guerra seja jornalisticamente falha.

Mesmo assim, até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), houve um período conhecido como “Idade de Ouro” da correspondência de guerra. Knightley (1978) cita três motivos: o surgimento da imprensa popular, o crescente uso do telégrafo e a introdução retardada da censura organizada.

Então, pela primeira vez, era possível, tanto física como financeiramente, um jornal publicar a reportagem de uma batalha, escrita pelo seu próprio correspondente, dentro de alguns dias, em vez de semanas ou meses depois de terminada. Também ficou claro para os editores e proprietários da imprensa popular que a demanda pública dessas reportagens era imensa – desde que fossem escritas principalmente como narrativas de aventuras, sem demasiados comentários políticos ou moralistas interrompendo a narrativa (KNIGHTLEY, 1978, p. 56).

Conforme Knightley (1978, p. 59), os correspondentes, com exceção de alguns nomes como os estadunidenses Januarius McGahan (1844-1878) e James Creelman (1859-1915) e o

²⁷ Segundo Knightley (1978, p. 32), “o pagamento e as condições não eram calculados para atrair homens de capacidade. Os salários variavam de 10 a 25 dólares por semana, incluindo despesas, e não foi senão no final da guerra, quando os correspondentes, individualmente, tinham feito nome, que os editores se mostravam preparados para pagar mais generosamente”.

italiano Luigi Barzini (1908-1984), tiveram de lidar com as consequências do material que produziam.

Eram, como todos estão de acordo, uma turma pitoresca. Mas não estavam à altura de sua tarefa. Mostravam pouca humanidade e nenhuma perspectiva histórica. Com uma ou duas exceções, serviam de instrumento aos gostos sanguinários do tempo, fazendo a crônica da morte de milhares de homens com pouca preocupação além das possibilidades de o evento que estavam presenciando dar uma boa reportagem. [...] A guerra, para a maioria deles, era um jogo altamente lucrativo, e se tornaram fornecedores de emoção, servindo, como o escritor-correspondente Vincent Shean exprimiu, “como observadores profissionais do espetáculo da miséria visto através de um pequeno orifício”. Como a miséria que estavam observando era, usualmente, a dos nativos ou estrangeiros, realmente não tinha importância (KNIGHTLEY, 1978, p. 59).

O cerceamento da liberdade de circulação e publicação imposto aos profissionais da imprensa ainda teve a consequência de que “os relatos mais vívidos e realistas do conflito foram feitos por soldados em cartas que enviavam para os parentes ou em livros publicados após darem baixa” (SCHELP, 2016, p. 32). De acordo com Bak (2016b), muitas dessas narrativas podem ser consideradas um proto-jornalismo literário²⁸.

Passaram-se as Guerras Russo-Turca (1877), Zulu (1879) e Hispano-Americana (1898), travadas nos Bálcãs e no Cáucaso, na África do Sul, e no Caribe, em Cuba e Porto Rico, respectivamente, antes que a chamada Idade de Ouro da cobertura de guerra na Primeira Guerra Mundial começasse a ser eclipsada, pois as guerras tornavam-se impopulares (KNIGHTLEY, 1978, p. 80-81). Durante a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) – um período sangrento que os correspondentes retrataram com pouca percepção histórica porque os países de origem deles não estavam envolvidos e também porque “poderia argumentar-se que o correspondente de guerra, nesse período, estava apenas fornecendo o que o público queria ler” (KNIGHTLEY, 1978, p. 81).

Para os leitores em Londres e Nova York, batalhas distantes, em lugares estranhos, devem ter parecido irrealis, e o estilo da reportagem de guerra da Idade de Ouro – no

²⁸ Um exemplo é o texto “Muds I have met” (“Lamas que conheci”, em tradução literal), publicado em 15 de fevereiro de 1917 no canadense *The Listening Post*, um dos jornais de trincheiras citado nos estudos de Bak (2016b). Um soldado que assina como “Instonian” fala sobre a diferença entre a lama de diversas localidades em que ele esteve, levando-o a refletir sobre características desses lugares. “Lama da Picardia! Tua inconsistência calcária; tua untuosidade confusa: essas tuas peculiaridades descerão à posterioridade como uma palavra de ordem e anátema. Muitas vezes, eu gostaria de tê-la cercado com sacos de areia costurados pela cunhada da Irmã Susie, Sarah, mas eu seria enforcado se você fosse lá. Tuas milhas de trincheiras brancas como giz, rasgadas e cheias de buracos de granadas, escorregando, deslizando, traiçoeira e infiel como um prussiano – estas devem ser memoriais enquanto o homem falar da Guerra Mundial” (BAK, 2016b, p. 14; tradução nossa). Original: “Picardy mud! Thy chalky inconsistency; thine all-confounding greasiness: these thy peculiarities shall go down to posteriority as a by-word and anathema. Oft would I fain have encompassed thee with sandbags sewn by Sister Susie’s sister-in-law Sarah, but I’m hanged if thou would’st go therein. Thy miles of chalk-white trenches, torn and pitted with milliard shell-holes, slipping, sliding, treacherous and faithless as ever a Prussian – these shall [sic] be they memorials so long as man shall speak of the Word War” (BAK, 2016b, p. 14).

qual os canhões chamejam, a artilharia tropeja, a luta escarniça-se, o general é bravo, os soldados valentes, e suas baionetas trabalham rápido contra o inimigo – só fazia aumentar a ilusão de que tudo era uma história emocionante de aventuras (KNIGHTLEY, 1978, p. 81).

Segundo Beaumont (2010, p. 92), o noticiário de guerra “requer um roteiro dramático familiar, um conjunto padronizado de elementos que transforma a história e a miséria dos homens em novela”. Chris Hedges (1956-), repórter que esteve na Guerra da Bósnia (1992-1995) pelo *New York Times*, falou sobre o tema em uma palestra na Universidade de Harvard, em 2009:

Quando relatei a guerra na Bósnia, relatei de uma maneira [sensorial] – estou roubando um termo de [Lawrence] LeShan, mas acho que ele entendeu [certo]. Eu entrava em uma cidade e havia corpos dispostos em uma praça e casas em chamas. Era venal e sujo, e você [percebe que] escreveu a história. Se você era muçulmano, croata ou sérvio, indo para uma cidade que suas forças acabavam de tomar, sempre procurava uma narrativa: você encontrou o herói da cidade natal. Você encontrou refugiados de seus grupos étnicos que foram libertados ou que foram cruelmente tratados. Você documentou os crimes perversos do inimigo. Você deu a ela uma estrutura e uma narrativa que a guerra geralmente não tem – um tipo de coerência. Você tornou isso mítico (HEDGES, 2003, s/p; tradução nossa²⁹).

Durante a Primeira Guerra Mundial, jornais como *The Times*, *Express*, *Daily Mail*, *Evening Post*, *Chronicle* e *Reuters* recorreram a uma operação propagandista, e “sabiam que não se convenciam o público com a lógica, mas seduzindo-o com histórias” (KNIGHTLEY, 1978, p. 108). A Inglaterra criou uma Comissão Parlamentar de Objetivos de Guerra e um departamento financiado para Serviços Secretos Estrangeiros e Outros de Sua Majestade – e isso se tornou modelo para Joseph Goebbels planejar a propaganda nazista 20 anos depois.

As verdadeiras finalidades consistiam, em primeiro lugar, em proporcionar pitorescas matérias mostrando heroísmo e glória, concebidas para manter o entusiasmo pela guerra e garantir um suprimento de recrutas para o *front*, e, em segundo lugar, encobrir quaisquer erros que o alto-comando pudesse cometer, preservá-lo de críticas à sua maneira de fazer a guerra e salvaguardar a reputação de seus generais. Os correspondentes de guerra mais inteligentes perceberam isso bastante cedo, mas, por várias razões, decidiram não se contrapor ao sistema. Alguns esperavam que, com a marcha da guerra, as coisas mudassem. Alguns acharam que o alto-comando tinha razão. Outros ficaram preocupados com a reação de seus editores. Se os correspondentes tivessem tido a coragem moral de se recusar a desempenhar seu papel na farsa, o governo poderia ter sido forçado a reconsiderar sua atitude (KNIGHTLEY, 1978, p. 124).

Quando a Revolução Russa (1917-1923) eclodiu, o público ocidental pouco foi informado do que acontecia. De acordo com Knightley (1978, p. 176), os correspondentes e

²⁹ Original: “The only thing humankind seems to value more than the taking of life is the recording of that death in ink” (KNIGHTLEY, 1978, p. 8).

editores de jornais do Ocidente não conheciam o bolchevismo e poucos perceberam o impacto que aquele conflito poderia ter em questões mundiais. Três nomes se destacaram positivamente na cobertura, mesmo com a censura imposta: John Reed (1887-1920), do *The Masses*; Morgan Philips Price (1885-1973), do *Manchester Guardian*; e Arthur Ransome (1884-1967), do *London Daily News*.

Esses três correspondentes publicaram livros-reportagem sobre a experiência na cobertura no conflito. Reed publicou “Dez dias que abalaram o mundo”, em 1919, adaptado para um filme biográfico como “*Reds*”, sob direção de Warren Beatty, em 1967. Por sua vez, Philips Price publicou “*War & Revolution in Asiatic Russia*”, em 1917, e “*My Reminiscences of the Russian Revolution*”, em 1921. Já Ransome publicou “*Six weeks in Russia*”, em 1919, e “*The crisis in Russia*”, em 1921. Lima (2009, p. 26) explica que “o livrorreportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”. Portanto, os jornalistas puderam conferir maior profundidade e perenidade ao material apurado.

O período também foi de mudança de postura profissional; com a falta de credibilidade acumulada devido à falta de aprofundamento da maioria dos correspondentes ocidentais e ao aceite sem questionamento das informações divulgadas por agências czaristas (KNIGHTLEY, 1978, p. 176), a meta dos correspondentes passou a ser noticiar com o máximo de verdade e objetividade, informando o público de “todas as facetas da luta e seus efeitos sobre o indivíduo” (KNIGHTLEY, 1978, p. 216). Porém, a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) revelou como seria difícil manter essa postura.

“Nenhuma outra guerra, em época recente, com a possível exceção do Vietnã, provocou emoção tão intensa, um compromisso tão profundo e um partidarismo a tal ponto violento como a Guerra Civil Espanhola”, afirma Knightley (KNIGHTLEY, 1978, p. 242). Nomes célebres estiveram no conflito, como Ernest Hemingway (1899-1961), da *North American Newspaper Alliance*; Claude Cockburn (1904-1981), do *The Week*; George Orwell (1903-1950), do *New Statesman*; Mathieu Corman (1901-1975), do *Ce Soir*; Jim Lardner, do *New York Herald Tribune*; Arthur Koestler (1905-1983), do *London News Chronicle*; H. A. R. Phillby (1912-1988), do *The Times*; Louis Fischer (1896-1970), do *The Nation*; Martha Gellhorn³⁰ (1908-1998), do *Collier's*; Sefton Delmer (1904-1979), do *Daily Express*; e Herbert Matthews (1900-1977), do *New York Times*.

³⁰ Sobre quem falaremos mais adiante neste capítulo (3.4).

Os correspondentes defendiam abertamente o lado Republicano em oposição aos Nacionalistas do General Francisco Franco. Knightley (1978, p. 248) tece duras críticas aos profissionais, pois acredita que “se os leitores não terão qualquer direito aos fatos, mas apenas àquilo que o correspondente de guerra achar interessante para o seu lado revelar, então não adianta de maneira alguma haver correspondentes de guerra”. Despachos com informações inventadas – como o de milhares de mortos em Madri, de Frederick Voigt (1892-1957), do *Manchester Guardian* – e relatos apaixonados pela causa republicana – como o de George L. Steer (1909-1944), do *The Times* londrino – foram enviados.

A Guerra Civil Espanhola também ficou marcada por ser a primeira com documentação fotográfica consistente – o que não eximiu os jornalistas das dúvidas quanto à cobertura:

Um dos mais famosos fotógrafos de guerra, Robert Capa (marido de Gerda Taro³¹), americano nascido na Hungria, tornou-se mundialmente conhecido por causa de uma foto que mostra um soldado caindo no momento em que é atingido por um disparo. Suspeita-se que a foto tenha sido encenada, mas Capa começava ali uma carreira consistente (SCHELP, 2016, p. 30).

Imagem 1 – “O Soldado Caído” (1936), de Robert Capa



Fonte: Reprodução/Time 100 Photos³²

Robert Capa (1913-1954) insistia que “se suas fotos não são boas o suficiente, você não está suficientemente perto” (ROBERT..., 2014, s/p; tradução nossa³³). “O inglês acredita que o

³¹ Gerda Pohorylle, mais conhecida como Gerda Taro (1910-1937), foi uma das primeiras fotojornalistas mulheres da história e a primeira fotojornalista a morrer durante uma cobertura de guerra, a Guerra Civil Espanhola, em 26 de julho de 1937. Embora sua produção demonstrasse “talento e coragem” (LIMA, 2017, s/p) e ela trabalhasse em parceria profissional com o marido Robert Capa, sua carreira não foi reconhecida até a década de 1990, quando a biógrafa Irme Schaber passou a pesquisar sobre sua vida.

³² Mais informações sobre a imagem podem ser encontradas em: <http://100photos.time.com/photos/robert-capa-falling-soldier>. Acesso em: 7 ago. 2020.

³³ Original: “If your photographs aren’t good enough, you’re not close enough” (ROBERT..., 2014, s/p).

mesmo vale para o texto, isto é, que só a proximidade do repórter capturaria a ‘essência’ da guerra” explica Dapieve (2010, p. 278), que acrescenta que a ideia aproxima-se do que os mestres do jornalismo literário já faziam cotidianamente para produzir suas obras.

Houve ainda o curioso caso de Ernest Hemingway, que teria desenvolvido um desempenho “profundamente ruim” como correspondente (KNIGHTLEY, 1978, p. 268). O estudioso (1978, p. 268) diz que “em nível técnico, suas descrições de combates e bombardeios são monótonas; a ênfase que dá à sua localização próxima à ação cheira a gabolice; suas narrativas sobre sangue, ferimentos e pernas cortadas são características de seu desejo de chocar”. Segundo o autor, Hemingway guardou o material realmente bom para impulsionar sua carreira literária, pois o publicou no livro “Por quem os sinos dobram”, publicado em 1940 e dedicado à então esposa Martha Gellhorn, correspondente de guerra que conheceu naquele conflito (HEMINGWAY, 2013).

E, então, começou a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No lado dos Aliados, tudo voltou a ser censurado, informações que poderiam ser úteis ao inimigo estavam proibidas e o Ministério da Informação britânico foi ampliado; na Alemanha, o Ministério da Propaganda de Goebbels buscava correspondentes “neutros” – ou “amistosos”, conforme Knightley (1978, p. 279), pois o material era submetido à aprovação das autoridades para ser considerado favorável ou não aos alemães – para receberem privilégios especiais. Mas, de qualquer lado, a pressão dos governos contra notícias negativas limitava a atuação.

A quantidade de correspondentes atraídos para o conflito também eram um problema – para eles mesmos:

O fato de haver milhares de jornalistas espalhados por todos os palcos de guerra exacerbava a concorrência entre os jornais pelas notícias mais quentes, mais espetaculares e mais impactantes. Como consequência, os editores pressionavam seus correspondentes a deixar de lado as reportagens de fundo e de bastidores para se empenhar mais em trazer relatos do *front*. Isso aumentava sua exposição ao risco (SCHELP, 2016, p. 37).

Em 1937, no conflito por províncias entre Japão e China, os jornalistas tiveram a sensação de retorno à Idade de Ouro da cobertura de guerra, que remonta à Primeira Guerra Mundial. Os Estados Unidos, que simpatizavam com a causa chinesa, tinham os Departamentos de Fatos e Dados, de Informações de Guerra e de Censura para garantir a moral estadunidense;

isso resultou em uma drástica supressão do noticiário sobre a gravidade do ataque a Pearl Harbor³⁴, por exemplo.

Uma questão quanto à propaganda patriótica naqueles tempos de guerra é que “ela desumaniza o inimigo e torna mais fácil tratá-lo como um animal, cuja vida e sentimentos são de pouco valor. Assim, era inevitável que ocorressem atrocidades, de ambos os lados” (KNIGHTLEY, 1978, p. 369). Alguns correspondentes, durante o conflito entre Japão e China, aderiram à defesa nacional e deixaram de escrever sobre horrores como a venda de orelhas e dentes de ouro como souvenirs, ataque a submarinos, decapitações, estupros e execuções em massa.

Quando a Segunda Guerra Mundial chegou ao embate entre os exércitos da Alemanha e da União Soviética, em 22 de junho de 1941, grandes nomes do jornalismo foram enviados. Segundo Knightley (1978, p. 311), os jornais russos apelavam ao patriotismo e as reportagens beiravam a irrealidade, sendo “escritas não por jornalistas regulares dedicados ao noticiário de guerra, mas, com maior frequência, por escritores conhecidos”³⁵. Assim como em países do Ocidente, os russos desconfiavam dos correspondentes estrangeiros e os deixavam sob os cuidados do Vice-Comissário de Relações Exteriores Solomon Abramovich Lozovsky, porta-voz oficial do Bureau de Informações Soviético. Ele dava entrevistas coletivas na qual não revelava informações e, quando um profissional descobria algo, ele o censurava (KNIGHTLEY, 1978).

A situação difícil fez com que muitos jornalistas deixassem a Rússia após a Batalha de Moscou (1941-1942), restando apenas sete homens que já tinham algum laço com o país e preferiram resistir: Henry Shapiro (1907-1991), da *United Press*; Henry Cassidy (1910-1988), da *Associated Press*; Harold King (1898-1990), da *Reuters*; Ralph Parker (1908-1964), do *The Times* e *New York Times*; Alexander Werth (1901-1969), da BBC e do *Sunday Times*; A. T. Cholerton, do *Daily Telegraph*; e Ed Stevens (1911-1992), do *Christian Science Monitor*. Todos falavam russo, então conseguiam interagir com a população e com os soldados; o domínio do idioma permitia que eles argumentassem com Lozovsky e censores, o que lhes garantiu abertura para entrar em Leningrado após a suspensão do cerco, por exemplo. Na visão

³⁴ “O ataque japonês contra a base naval de Pearl Harbor, localizada no Havaí, em 7 de dezembro de 1941, levou à entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Esse episódio iniciou o confronto entre americanos e japoneses que, ao longo de quase quatro anos, quase destruiu completamente o Japão” (SILVA, [s.d.], s/p).

³⁵ Sobre as declarações de Knightley sobre a imprensa russa, vale atentar para o fato de ele ter sido um jornalista australiano radicado em Londres, na Inglaterra (JACK, 2016), portanto, alguém que escreve com o olhar de um profissional ocidental durante a Guerra Fria – o lançamento do livro “A primeira vítima” foi em 1975. Como não objetivamos nos aprofundar na cobertura russa sobre a Segunda Guerra Mundial, sugere-se uma leitura crítica do trecho.

de Knightley, “o melhor noticiário de guerra desse período – perceptivo, analítico e exato – veio de um italiano, Cursio Malaparte (1898-1957), correspondente na Frente Oriental do *Corriere della Sera*” (KNIGHTLEY, 1978, p. 322), pois ressaltava a importância histórica do conflito.

Quando a bomba atômica foi testada, no Novo México, em 16 de julho de 1945, o governo declarou que um depósito de munições explodira, fazendo com que a versão fosse aceita “por um público não desconfiado, por uma imprensa preguiçosa” (KNIGHTLEY, 1978, p. 378). Porém, com a explosão de 6 de agosto de 1945, não havia mais como esconder. Mesmo que os correspondentes tenham demorado a se aproximar e a entender a dimensão – três semanas depois do ocorrido, nenhum jornalista ocidental havia escrito a respeito ainda.

Um dos relatos mais famosos sobre esse momento da guerra saiu um ano depois, na edição de 31 de agosto de 1946 da *The New Yorker*. Em 30 mil palavras, o jornalista John Hersey (1914-1993) “contava, em forma narrativa direta e em estilo sóbrio e coloquial, o que acontecera a seis pessoas comuns, em Hiroshima, naquele dia extraordinário” (KNIGHTLEY, 1978, p. 380). Segundo Suzuki Jr. (SUZUKI JR., 2002, p. 99), “*Hiroshima* é uma espécie de *Cidadão Kane* do jornalismo. Como o filme de Orson Welles, esse texto lidera todas as listas de ‘melhor reportagem’ já escrita”.

O fim da guerra foi o mais difícil; foi quando os correspondentes precisaram reportar sobre os campos de concentração.

Histórias de horror a respeito de hunos bestiais e sanguinários mutilando freiras e enfermeiras, e usando os corpos para fazerem sabão, tinham aparecido nos jornais entre 1914 e 1918, e mais tarde verificou-se serem mentiras. Que garantia tinha o leitor, em 1945, de que as histórias a respeito de campos de concentração alemães não eram igualmente mentirosas? Os correspondentes fizeram o que puderam. A dificuldade era encontrar uma forma de transmitir o horror de maneira convincente (KNIGHTLEY, 1978, p. 416).

Marguerite Higgins³⁶ (1920-1966), do *New York Herald Tribune*, relatou, como testemunha ocular, sobre os libertos que espancaram guardas e, quando confinados em proteção contra o tifo, suicidaram-se na cerca elétrica; Ronald Monson (1905-1973) tentou escrever sem emoção, numa descrição simples; Ed Murrow (1908-1965) suplicou à audiência que acreditasse nele; Larry Solon, do *London News Chronicle*, falou sobre o sofrimento das crianças; e Gener

³⁶ Marguerite Higgins Hall foi uma repórter e correspondente de guerra estadunidense. Ela é conhecida por ser a primeira mulher a ganhar o Prêmio Pulitzer de Reportagem Internacional, em 1951, por sua cobertura na Guerra da Coreia (MAY, 1983).

Currivan, do *New York Times*, falou sobre como civis alemães chocaram-se ao visitar um campo de concentração esvaziado.

Mesmo levando-se em conta todos os problemas que os correspondentes enfrentavam, continua difícil não concluir que era possível alcançar-se uma melhor cobertura de guerra. O principal impedimento para isto era a desculpável identificação do correspondente com a causa, e sua menos desculpável incorporação na máquina militar. Além de descobrir um estilo de noticiário que não colocasse o correspondente em conflito com as autoridades militares, não é fácil sugerir o que se poderia fazer. A revolta organizada ou o desafio individual obtiveram pouco resultado (KNIGHTLEY, 1978, p. 417).

Em 1950, quando os Estados Unidos convocaram aliados para que lutassem contra o norte comunista da Coreia, então apoiada pela Rússia, os correspondentes de guerra não lidaram com censura no início, apenas respeitaram um código voluntário de preservar o sigilo militar. Porém, quando as críticas começaram a chegar para o despreparado exército da Coreia do Sul, os jornalistas foram culpados e, além de censurados, ficaram à mercê do exército para as comunicações, os transportes e o alojamento.

Knightley (1978, p. 450) critica os profissionais da época:

Embora fosse necessária muita coragem e, sem dúvida, isto colocasse em risco suas carreiras, maior número de correspondentes deveria estar preparado para desafiar a censura e contestar as falsas informações, questionar a orientação da guerra, criticar o domínio dos Estados Unidos numa ação supostamente das Nações Unidas e, acima de tudo, perguntar se os objetivos políticos da guerra poderiam justificar a miséria infligida à população civil.

A pressão contra os correspondentes se repetiu mais vezes. Por exemplo, na Guerra da Argélia (1954-1962), um conflito brutal e racista, as prisões e torturas às quais o profissional poderia ser submetido faziam com que fosse “mais fácil esquecer a verdade e escrever o que era conveniente” (KNIGHTLEY, 1978, p. 453).

Houve uma mudança de postura com o início da Guerra do Vietnã (1955-1975), pois os correspondentes não precisavam depender de informações de fontes oficiais. Segundo Knightley (1978, p. 478), “[...] havia, agora, muitas pessoas descontentes pela maneira como iam as coisas no Vietnã e mais do que prontas para dizer aos correspondentes o que sabiam”. Em uma guerra sem linha de frente ou inimigo visível, era difícil incitar o patriotismo nacional; os Estados Unidos então passaram a encorajar correspondentes a irem para o Vietnã, auxiliando e criando um sentimento de gratidão obrigatória – que se refletia nos despachos como um serviço de relações públicas.

A experiência no Vietnã transformou a ideia de cobertura de guerra para alguns profissionais:

[...] enquanto a maioria dos correspondentes encarava seu papel de modo assim tão claro e simples, outros se entregavam a um exame profundo e, algumas vezes, angustioso, de suas motivações, e começavam a se questionar se era possível cobrir a guerra com a consciência tranquila (KNIGHTLEY, 1978, p. 514).

Após esses conflitos da Guerra Fria, Schelp (2016) diz que houve o início de uma “fase de confinamento” do jornalismo de guerra, ficando marcada pela cobertura da Guerra do Golfo, ou Primeira Guerra do Iraque (1991).

Nos anos que se seguiram ao desastre no Vietnã, os militares americanos aprimoraram o controle das informações que saíam dos conflitos nos quais o país se envolveu. No Iraque (na verdade, na Arábia Saudita, onde as tropas americanas estavam estacionadas e onde a imprensa se reuniu para cobrir a guerra), as forças dos Estados Unidos instituíram um sistema de cobertura em *pool*, ou seja, eram formados grupos de jornalistas que deviam compartilhar informações entre si. A cada saída a campo, era escolhido um dos profissionais do grupo que, na volta, deveria contar aos outros o que viu e ouviu. Esse sistema era seguro para os jornalistas, mas o resultado foi um noticiário asséptico, com poucas imagens de apelo humano e dominado por eufemismos cunhados pelo Pentágono, como “vítimas colaterais” e “bombardeio cirúrgico” (SCHELP, 2016, p. 41).

Mesmo nas décadas de 1970 e 1980, com a proliferação de grupos armados no Oriente Médio, os jornalistas já sentiam como sua segurança estava abalada. Para Schelp (2016), já havia o entendimento de que os profissionais de imprensa poderiam ser usados para exercer pressão política, transformando-os em alvos.

As guerras dos Bálcãs da década de 1990 representaram uma mudança revolucionária nas regras do nosso caminho. Foi durante esses conflitos que nossa imunidade como repórteres acabou; não éramos mais considerados testemunhas neutras e objetivas. Tornamo-nos alvos deliberados. Desde então, os jornalistas foram engolidos pela política tribal do meio ambiente global, puxados – geralmente contra nossa vontade – para um canto ideológico ou outro (AMANPOUR, 2019, l. 99; tradução nossa³⁷).

Depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, em Nova York, os correspondentes passaram a temer mais sequestros que as guerras em si (SCHELP, 2016). Os jornalistas realmente viraram alvo e organizações como a ONG Repórteres Sem Fronteiras, o *News Safety Institute* e o Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ) elaboram estatísticas sobre isso.

³⁷ Original: “The Balkan wars of the 1990s represented a game-changing shift in the rules of our road. It was during those conflicts that our reporters’ immunity ended; no longer were we considered neutral objective witnesses. We became deliberate targets. Ever since, journalists have been swalled up into the tribal politics of the global environment, pulled – usually against our will – into one ideological corner or another” (AMANPOUR, 2019, l. 99).

Segundo o CPJ, “entre 1992 e 2000, 21 jornalistas por ano, em média, morreram em combate ou foram assassinados em países em conflito. No período de 2001 a 2014, a média aumentou para 28 por ano” (SCHELP, 2016, p. 49). Dados mais recentes revelam que, de 2015 até maio de 2020, 258 jornalistas foram mortos; desde 1992, são 1.370 mortes³⁸.

Um agravante contemporâneo é que os grupos guerrilheiros não precisam mais da imprensa para terem o seu lado ouvido. Um exemplo é que, em 1997, Osama bin Laden cedeu uma entrevista para o jornalista Peter Bergen (1962-), da CNN, no Afeganistão – ocasião em que declarou guerra ao Ocidente. Uma situação dessas atualmente “seria suicídio” (SCHELP, 2016, p. 46), dado o risco implicado; o Estado Islâmico (EI) utiliza canais próprios na internet para divulgar ideologia, ameaças e convocatórias.

Não mais imprescindíveis como mediadores da informação, nos conflitos do século XXI, os profissionais da imprensa passaram a ter grande valor como moeda de troca ou como protagonistas de peças macabras de propaganda de guerra, a exemplo dos vídeos de jornalistas sendo decapitados pelo EI. A Guerra do Iraque, as milícias locais pagavam 3 mil dólares pela captura de um soldado americano e 2 mil dólares por um jornalista estrangeiro. O EI, que não por acaso nasceu no Iraque, levou essa prática ao extremo, mas não a inventou (SCHELP, 2016, p. 49).

O assassinato do jornalista Daniel Pearl (1963-2002), do *Wall Street Journal*, em fevereiro de 2002, revelou ao que os grupos radicais estavam dispostos. Isso fez com que jornalistas estrangeiros no Oriente Médio ficassem reportando de dentro dos hotéis e circulando em carros blindados, até porque os governos do Ocidente não estavam dispostos a pagar pelo resgate de reféns. Para Schelp (2016), isso revelou que o controle psicológico havia se estendido aos civis inclusive da imprensa. A jornalista Natacha Yazbeck³⁹ exemplifica o sentimento:

Saí de campo uma vez, por quase cinco anos, porque não entendia mais nada e porque, no fundo, sempre suspeitei que não fosse realmente uma jornalista. Não consigo me lembrar da maior parte dos cinco anos. A névoa realmente nunca se dissipou. Tento explicar ao meu terapeuta que não é trauma, ou pós-trauma, ou estresse pós-traumático, embora seja provavelmente um distúrbio, que a mente pode realmente suportar este mundo. Talvez estejamos sempre um pouco deprimidos. Talvez às vezes não seja apenas uma guerra. É o resto do mundo que deixa você traumatizado (YAZBECK, 2019, l. 1.312; tradução nossa⁴⁰).

³⁸ Dados coletados na seção “*Explore all CPJ data*” do site do Comitê para a Proteção dos Jornalistas. Disponível em: <https://cpj.org/data/>. Acesso em: 31 mai. 2020.

³⁹ Baseada em Dubai, a libano-estadunidense é correspondente do Iêmen e do Golfo para a *Agence France-Presse*. Já esteve em coberturas no Líbano, na Síria e na Arábia Saudita.

⁴⁰ Original: “I left the field once, for almost five years, because I didn’t understand anything anymore, and because at heart I have always suspected I’m not really a journalist. I can’t remember most of the five years. The fog hasn’t really ever lifted. I try to explain to my therapist that it’s not trauma, or post-trauma, or post-traumatic stress, although it’s probably a disorder, that the mind can actually bear this world. Maybe we are always a little

Moisés Rabinovici (1945-), repórter que cobriu diversos conflitos pelo *O Estado de S.Paulo*, reflete sobre como o jornalismo mudou e continua mudando:

O front das guerras agora é o centro das cidades, bombardeadas por mísseis inteligentes disparados por aviões ou rampas de lançamento em terra. *Drones* levam bombas a alvos remotos a que repórteres não têm acesso. Foguetes balísticos disparados do ar e do mar possuem alcance intercontinental. A TV mostra cenas que lembram games eletrônicos, sombras se movendo sob fundo verde. A imprensa se alimenta de *briefings* militares. A tecnologia engendrou a internet, jornais virtuais, redes sociais, blogues, Twitter, Instagram, WhatsApp, smartphones, tablets... É tudo instantâneo, acontecendo. Como aprendi em Beirute, escreve-se com a pele, mas agora ao vivo, e milhares de leitores o leem imediatamente (RABINOVICI, 2019, p. 19).

Mas, nessa era da internet, não apenas correspondentes de guerra produzem conteúdo informativo. O chamado jornalista-cidadão passou a ser uma figura importante; um exemplo foi na Revolução Verde, em Teerã (2009), quando imagens feitas em celular revelaram o assassinato da jovem iraniana Neda Agha Soltan, cometido por um miliciano pró-governo. Porém, há dois fatores negativos que vêm com essa novidade:

O primeiro é que ele pressiona os correspondentes a correr mais riscos. Imagine um fotojornalista cuja missão era documentar os protestos populares na Praça Tahrir, em 2011, no Cairo. No auge da Primavera Árabe egípcia, ele estaria concorrendo, na busca por imagens, com 2 milhões de manifestantes munidos com celulares. [...] O segundo efeito é a dificuldade de se confirmar a veracidade do que é compartilhado nas redes sociais. Um exemplo é a história de Rehana, uma combatente curda que teria matado 100 terroristas do EI, na Síria, em 2014, e depois teria sido capturada e decapitada pelo grupo. A foto da jovem mulher e essa versão dos fatos circulou na internet durante meses e foi inclusive reproduzida em jornais, até que se descobriu que ela estava viva e que seu nome e a história das 100 mortes eram invenções de um blogueiro indiano (SCHELP, 2016, p. 58-59).

O jornalismo profissional não deixa de levar em consideração os registros vindos de cidadãos comuns. O dinamismo da internet e das redes sociais fez com que o jornalismo inclusive tivesse de lidar com essa demanda, o que levou à criação de agências de checagem de fatos – ou *fact-checking* –, que, no Brasil, começou em 2015 com a Agência Lupa⁴¹, da revista *Piauí*, e ganha popularidade com mais nomes como o Estadão Verifica⁴², do Grupo Estado de Jornalismo, o Projeto Comprova⁴³, da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), e a Aos Fatos. O que fica em cheque é a divulgação ou não do material produzido por grupos radicais – que se torna um conflito ético sobre promover criminosos.

bit depressed. Maybe sometimes it's not just war. It's the rest of the world that leaves you traumatized" (YAZBECK, 2019, l. 1.312).

⁴¹ Mais informações em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

⁴² Mais informações em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

⁴³ Mais informações em: <https://projeto comprova.com.br/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Então, desde os atentados de 11 de setembro de 2001, há dois modos de cobrir uma guerra com envolvimento dos Estados Unidos: *embedded* (acompanhando as tropas) ou independente. Os jornalistas *embedded* têm a vantagem de usufruir da estrutura militar, porém ficam limitados ao código de conduta que o exército impuser; já os jornalistas independentes, ou unilaterais, podem circular livremente entre civis e entrevistar líderes, mas não estão sob proteção alguma. Um exemplo é Patrícia Campos Mello⁴⁴ (1975-), que esteve na Guerra do Afeganistão (2009), pela *Folha de S.Paulo*, primeiramente *embedded* com as tropas americanas e, depois, para equilíbrio de fontes e visões, ficou independente para conseguir colher informações do outro lado (CAMPOS MELLO, 2020).

Atualmente, correspondentes de guerra lidam com novas relações de trabalho; o cargo pode ser ocupado por *freelancers*, pagos por missão, ou por *stringers*, nativos baseados no local de interesse da cobertura, também pagos conforme a quantidade de produção que se demanda. Para a correspondente Roula Khalaf⁴⁵, o arranjo não é necessariamente bom:

Uma implicação perturbadora para a crise na mídia tradicional é o uso crescente de jornalistas *freelance*, muitas vezes jovens entusiastas dispostos a assumir riscos maiores para cobrir zonas perigosas com a promessa de uma assinatura [na matéria]. Muitos *freelancers* estavam entre o contingente de repórteres estrangeiros sequestrados pelo Estado Islâmico na Síria nos últimos anos (KHALAF, 2019, 1. 3.683; tradução nossa⁴⁶).

E, como a tecnologia disponível nesse início de século XXI permite que todo mundo possa divulgar informações, os profissionais ainda precisam encarar a superexposição dos conflitos que levanta o questionamento sobre a banalização do terror (SCHELP, 2016) – o que torna o modo de fazer a cobertura tão digno de atenção.

Tal superexposição e eventual banalização do mal, conforme o termo de Arendt (1999), pode ser superado por meio do jornalismo literário. Trata-se de uma cobertura com a construção de pontes “para entender o incompreensível do conflito: da experiência do soldado até a da testemunha de nações neutras” (GRIFFITHS; PRIETO, 2016, p. 7; tradução nossa⁴⁷). Junto a isso, partimos da ideia do jornalista literário como um possível narrador benjaminiano, pois “reporta partindo da imersão, o que resulta na experiência desdobrada em uma narrativa.

⁴⁴ A quem voltaremos mais adiante neste capítulo (3.4)

⁴⁵ Primeira mulher editora do *Financial Times*, veículo em que atua desde 1995, a premiada jornalista britânico-libanesa foi correspondente no Norte da África, no Oriente Médio e esteve na cobertura da Primavera Árabe.

⁴⁶ Original: “One disturbing implication for the crisis in legacy media is the growing use of freelance journalists, often young enthusiasts willing to take greater risks to cover dangerous zones for the promise of a byline. Many freelancers were among the contingent of foreign reporters kidnapped by ISIS in Syria over the past few years” (KHALAF, 2019, 1. 3.683).

⁴⁷ Original: “to better understand the incomprehensible reality of the conflict: from soldier’s experience to eyewitnesses from neutral nations” (GRIFFITHS; PRIETO, 2016, p. 7).

Mesmo quando em coberturas de guerra, situação que Walter Benjamin⁴⁸ aponta como incomunicável, o jornalista literário assume-se narrador por aflorar a qualidade literária em sua produção” (CAMARGO, 2020, p. 85).

Portanto, os correspondentes – especialmente os que escrevem em jornalismo literário, conforme o foco desta pesquisa – não deixam de ter importância:

Isso significa que os repórteres no exterior são redundantes? De modo algum. Embora seus números tenham diminuído e as alternativas práticas para reportar no campo estejam mais amplamente disponíveis, não há substituto para o conhecimento e os relatos em primeira mão que os repórteres no exterior trazem. Na verdade, o papel é vital em um ambiente geopolítico cada vez mais complexo, onde os eventos se movem rapidamente e mudam inesperadamente. O contato direto com as fontes, a capacidade de ver e sentir a história no terreno, as conversas não registradas, as grandes e pequenas entrevistas e os encontros aleatórios – tudo isso continua sendo a chave para informar o público. Na era das notícias falsas e da manipulação política, é mais importante do que nunca que as agências estrangeiras tenham repórteres que desenvolvem experiência em uma história nacional (KHALAF, 2019, l. 3.728; tradução nossa⁴⁹).

Os brasileiros têm um histórico como enviados ao exterior para a cobertura de guerras e conflitos. A seguir, apontamos alguns destaques.

3.3 Destaques brasileiros

O Brasil teve muitos conflitos internos na época do Império. Logo, crônicas de guerra apareceram junto ao surgimento da imprensa no país, no século XIX. Correa (2012) começa a abordar a genealogia de narrativas brasileiras de guerra destacando esse histórico de lutas em território nacional: conflitos armados entre portugueses e indígenas; embates entre colonizadores e escravos; a batalha dos Guararapes, na qual Portugal expulsou a Holanda de Pernambuco; e outras famosas do século XIX, como a Revolta da Balaiada, no Maranhão, e a Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul.

Como vimos em exemplos pontuais, a narrativa de guerra no Brasil, aproveitando-se da ausência da correspondência, ganhou forma pelas mãos de soldados, escritores,

⁴⁸ Filósofo, sociólogo e historicista alemão que afirmou, na década de 1930, que a arte de narrar estava em vias de extinção pela falta de pessoas que conseguisse exercer uma produção (BENJAMIN, 1994).

⁴⁹ Original: “Does this mean foreign reporters are redundant? Not at all. While their numbers have shrunk, and practical alternatives to reporting in the field are more widely available, there can be no substitute for the knowledge and the firsthand accounts that foreign reporters bring. Indeed, the role is vital in an increasingly complex geopolitical environment where events move rapidly and shift unexpectedly. The direct contact with sources, the ability to see and feel the story on the ground, the off-the-record conversations, the big and small interviews, and the random encounters – all of these remain key to informing the public. In the age of fake news and political manipulation, it is more important than ever for foreign bureaus to be staffed with reporters who develop expertise in a domestic story” (KHALAF, 2019, l. 3.728).

estudiosos e outros escribas brasileiros – e mesmo estrangeiros. Com o advento da figura do correspondente, não se dependeria mais da tradução de documentos, dos livros de história ou de viagens pelo país a procura de quem esteve na frente de batalha. O correspondente também desempenharia esse papel (CORREA, 2012, p. 79).

A correspondência de guerra como entendemos hoje começou durante a Guerra do Paraguai (1864-1870) – assim como no caso europeu, os primeiros relatos chegavam pelos oficiais. A novidade brasileira era a qualidade fotográfica da cobertura, com destaque para o profissional Carlos Cesar, que registrou a vida nos acampamentos e os efeitos das batalhas (SCHELP, 2016).

Nesse período, registra-se a atuação de Alfredo d’Escagnolle-Taunay, o Visconde de Taunay (1843-1899), um militar na Guerra do Paraguai. Ele “fazia da literatura em diário uma forma de ‘jornalismo de guerra’” (CORREA, 2012, p. 100), mas não é consenso que tenha sido um correspondente porque publicou seu livro “A retirada da Laguna” apenas após o fim do conflito.

A publicação foi um relato completo da incursão do exército brasileiro ao Paraguai, tendo bem definidos seu começo, meio e fim, diferentemente das frações de narrativas sem continuidade ou periodicidade, recolhidas por estudiosos a fim de recuperar histórias de combates remotos ou desconhecidos. Taunay não fez correspondência de guerra, afinal ali não havia a emissão de despachos para a redação de um jornal simultaneamente ao desenrolar da coluna Camisão. O autor foi enviado pelo imperador a frente de batalha e não por um veículo de comunicação (CORREA, 2012, p. 101).

Taunay então foi um jornalista de guerra, assim como um tipo de precursor da correspondência de guerra brasileira, que utilizou diários para registrar experiências em campo. Sua obra, conforme Correa (2012) analisa, tem elementos do jornalismo – factual e realista – tanto quanto técnicas literárias de narrativa, como o caráter testemunhal, a revelação de sentimentos e a descrição de pessoas e cenários.

Por sua vez, Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909) foi um engenheiro que passou pela Escola Militar e mantinha-se colaborador do jornal *Estado de S. Paulo*, pelo qual cobriu a Guerra de Canudos (1897).

Após a derrota de sucessivas expedições militares contra os liderados de Antonio Conselheiro, o repórter interessou-se pelo assunto e, durante o primeiro semestre de 1897, escreveu, a distância, dois artigos, sobre o conflito sertanejo. De agosto a outubro de 1897, acompanhou, *in loco*, como correspondente, a fase final da Guerra de Canudos, reunindo, posteriormente, seu diário de anotações publicado no jornal paulistano em *Diário de uma Expedição* (CORREA, 2012, p. 118).

Ele sim, correspondente de guerra, uma vez que transmitia notícias periodicamente – muito beneficiado pelo uso do telégrafo. Anos após o fim do conflito, ainda revisitou seu diário para a publicação de um livro, *Os sertões*, trabalho pelo qual Lima (2011, p. 162) o considera o avô do jornalismo literário brasileiro.

Cunha não se limitou a contar uma história em termos lineares. Ele queria, acima de tudo, compreender as correntes subjacentes que moldaram a Guerra de Canudos. Enquanto seus concorrentes ficavam com a expedição militar, Cunha fazia pesquisas por conta própria, fazendo anotações, observando, conversando com os moradores e explorando o meio ambiente, tentando dar sentido a esse trágico encontro de mundos mutuamente incompreendidos no sertão de sua nação. Evitando o discurso tanto do *establishment* militar quanto dos apoiadores altamente emocionais da república, Cunha fez uma narrativa realista, relatando sobre o meio ambiente, retratando personagens da vida real e entrelaçando circunstâncias históricas, políticas e sociais (LIMA, 2011, p. 164; tradução nossa⁵⁰).

De acordo com Correa (2012), outros correspondentes – como Manuel Figueiredo, de *A Notícia*, e provavelmente Luís Calvi, do JB – já atuavam na Guerra de Canudos antes da chegada de Euclides da Cunha, mas este ficou conhecido como pioneiro por ser o mais lido. Schelp (2016) conta que todos os grandes jornais brasileiros enviaram jornalistas, sempre dando preferência aos de formação militar, pois teriam maior conhecimento técnico. Pontua-se que, no final do século XIX, a imprensa brasileira estava em fase de produção industrial e o alcance aos leitores era maior, mesmo que a distribuição ainda fosse precária. Mas o autor explora o que poderia ter feito o jornalista ter mais destaque:

A narrativa em primeira pessoa de Da Cunha indica que ele foi autor e, a um só tempo, narrador participante. Ele estava ao lado das tropas, ora no *front*, ora na retaguarda. Deixou claro, aliás, que o corpo militar e o repórter – integrante da comitiva – eram sujeitos de um lado apenas, assumindo um discurso declaradamente a favor das forças republicanas (CORREA, 2012, p. 139).

Correspondentes brasileiros não foram enviados para a cobertura da Primeira Guerra Mundial, mas, na Segunda, pelo menos uma dezena acompanhou os pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (SCHELP, 2016). Os mais conhecidos foram Rubem Braga (1913-1990), pelo *Diário Carioca*, e Joel Silveira (1918-2007), dos *Diários Associados*.

⁵⁰ Original: “Cunha did not limit his role to just telling a story in linear terms. He wanted above all to understand the underlying currents that shaped the Canudos War. While his competitors stayed with the military’s expedition party, Cunha conducted research on his own, taking notes, observing, talking to locals, and exploring the environment, trying to make sense of this tragic encounter of mutually misunderstood worlds in the backlands of his nation. Avoiding the discourse of both the military establishment and the highly emotional supporters of the republic, Cunha delivered a realistic narrative, reporting on the environment, portraying real-life characters, and weaving together historical, political, and social circumstances” (LIMA, 2011, p. 164).

A profissão ganhou maior destaque no Brasil a partir da década de 1960, pois a censura imposta pelo regime militar fazia com que a imprensa se voltasse à cobertura internacional (PASSARINHO, 2018); na década seguinte, correspondentes fixos no exterior tornaram-se comuns (SCHELP, 2016).

Brasileiros cobriram a Guerra dos Seis Dias, em Israel, os confrontos de maio de 1968, na França, e a Guerra do Vietnã – na qual se destacou o repórter José Hamilton Ribeiro (1935-), da revista *Realidade*, que perdeu a perna ao pisar em uma mina terrestre e contou sua experiência no livro “O gosto da guerra” (RIBEIRO, 2005); Luís Edgar de Andrade (1931-2020), como *freelancer*, e Dorrit Harazim (1943-), pela *Veja*, também fizeram coberturas relevantes. André Petry (1961-), do *Correio Braziliense*, fez três viagens para cobrir a Guerra Irã-Iraque; William Waack (1952-), do *O Estado de São Paulo*, e Vilma Gryzinski, da *Veja*, estiveram na Guerra do Golfo; e, nos Bálcãs, estiveram nomes como Sílio Bocanera Júnior (1947-), Ana Paula Padrão (1965-) e Sergio Gilz, pela *TV Globo*, e Kennedy Alencar (1967-), pela *Folha de S. Paulo*.

Schelp (2016, p. 75) comenta que não há grande tradição de correspondência de guerra no Brasil porque “o país está distante das principais regiões conflagradas do mundo e desde a Segunda Guerra Mundial não se envolve militarmente em um conflito externo, a não ser no papel de força de paz”. Embora não seja o foco desta pesquisa, vemos aqui a importância em pontuar a existência de conflitos internos que se encaixam nesse tipo de cobertura.

Não é preciso ir muito longe. A violência urbana, por exemplo, é um conflito interno com o qual o Brasil lida há muito tempo. Conforme Ramos e Paiva (2008, p. 30):

Aproximadamente cinquenta mil pessoas são assassinadas a cada ano no país. Segundo os dados do sistema de saúde, entre 1980 e 2005, 845 mil brasileiros foram assassinados. A taxa de homicídios do país aumentou 77% em uma década, passando de 15,2 homicídios por 100 mil habitantes em 1984 para 26,9 homicídios em 2004 e se situando acima de 25 por 100 mil habitantes nos anos seguintes – índice que nos situa entre os países mais violentos do mundo. Países da Europa Ocidental têm taxas de dois ou três homicídios por 100 mil.

Dados mais recentes coletados pelo projeto “Monitor da Violência”, do G1, mostram que, entre janeiro e maio de 2020, durante a pandemia da Covid-19⁵¹, o Brasil apresentou alta

⁵¹ Esta dissertação foi desenvolvida durante a pandemia da Covid-19 (novo coronavírus), por conta da qual o mundo todo ficou em atenção e diferentes níveis de quarentena foram instituídos em diversos países. Até 4 de janeiro de 2021, o mundo contava mais de 83,9 milhões de infectados e mais de 1,8 milhão de mortos pela doença. Mais informações em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 5 jan. 2021.

de 7% no número de assassinatos em relação ao mesmo período do ano anterior – foram 19.382 mortes violentas (G1, 2020, s/p). O papel da mídia é essencial nesse debate público, pois:

Os jornais influenciam a opinião da sociedade e motivam e fiscalizam a implantação de políticas de Estado. Formar uma imprensa capacitada a analisar o contexto da criminalidade e da segurança pública em toda a sua complexidade, livre de preconceitos e determinada a proteger os direitos humanos é, dessa forma, estratégico para a evolução do Brasil no setor (RAMOS; PAIVA, 2008, p. 31-32).

Outro exemplo é o novo fluxo migratório que o Brasil vem recebendo desde 2008, que ocorre por fatores como “o endurecimento das políticas de imigração nos países do hemisfério norte, a crise econômica global que atingiu Estados Unidos e Europa e a realização, no país, de obras de infraestrutura relacionadas a grandes eventos, como a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016” (COGO, 2018, p. 429). Há situações como o terremoto de 2010 no Haiti (COGO, 2018; COGO; SILVA, 2016) e a Guerra Civil na Síria desde 2011 (ZANFORLIN; COGO, 2019) que motivaram a migração e a estruturação brasileira para receber essas pessoas – tudo com cobertura jornalística.

Nesses casos de crise humanitária, Victor (2016, p. 51) defende que as narrativas “devem atentar-se para a urgência de um jornalismo que consiga ir além da disseminação de informações, tornando-se uma prática cotidiana em que o poder de ubiquidade e a credibilidade da imprensa e dos meios de comunicação como um todo interfiram na realidade”. Afinal, o jornalismo pode “contribuir para desenvolver na sociedade a compreensão e a solidariedade humana” (VICTOR, 2016, p. 52).

3.4 As mulheres correspondentes

A pesquisadora Eve Rosenhaft afirma que, quando se pensa a existência social ou se fala em História, “onde quer que se olhe, as mulheres estão simultaneamente lá e não lá” (ROSENHAFT, 1992, p. 151). Cook (2006) usou essa percepção da invisibilidade feminina para produzir uma enciclopédia relacionando mulheres à guerra; elas foram combatentes, vítimas, enfermeiras, ativistas, substitutas da força de trabalho masculina, mães etc. Mas, o que mais interessa a esta pesquisa: elas foram correspondentes.

Comparando ao caso masculino, no qual William Howard Russell representa o primeiro correspondente de guerra, as mulheres não têm um único nome como marco inicial. De acordo com Seul (2019), mulheres correspondentes de guerra reportam desde meados do século XIX;

exemplos são das estadunidenses Jane Cazneau⁵² (1807-1878), no conflito entre México e Estados Unidos (1846), e Margaret Fuller⁵³ (1810-1850), na primeira guerra de independência italiana (1848-1849).

No Brasil, a pioneira é Silvia de Bittencourt (MARTINEZ, 2020), conhecida como Majoy, que cobriu a Segunda Guerra Mundial e contou os relatos no livro “Seguindo a primavera” (BITTENCOURT, 1951). Mesmo que a participação dos pracinhas brasileiros na guerra seja pouco conhecida, textos como o de Rubem Braga, em “Crônicas da Guerra na Itália”, ficaram famosos, enquanto Majoy foi “quase por completo ignorada” (IRENO, 2018, p. 237) pela historiografia.

Na enciclopédia de Cook (2006) há duas seções destinadas a destacar as mulheres correspondentes de guerra – “Jornalistas” e “Fotógrafas”. Os nomes listados são Dickey Chapelle⁵⁴ (1918-1965), Gloria Emerson (1929-2004), Oriana Fallaci⁵⁵ (1929-2006), Brigitte Friang⁵⁶ (1924-2011), Martha Gellhorn (1908-2008), Marguerite Higgins (1920-1966), Peggy Hull (1889-1967), Edith Lederer⁵⁷ (1943-), Clare Boothe Luce⁵⁸ (1903-1987), Philippa Schuyler (1931-1967), Sonia Tomara⁵⁹ (1897-1982), Liz Trotta⁶⁰ (1937-), Jean Watts, Therese Bonney⁶¹ (1894-1941), Margaret Bourke-White⁶² (1904-1971), Esther Bubley⁶³ (1921-1998),

⁵² Jornalista irlandesa-americana que atuou pela independência do Texas (HUDSON, 2001).

⁵³ Defensora do direito das mulheres, a estadunidense foi jornalista e a primeira mulher a ser uma crítica literária de jornalismo em tempo integral nos Estados Unidos. Publicou o livro “*Woman in the nineteenth century*” (FULLER, 2012).

⁵⁴ Primeira correspondente estadunidense mulher a morrer em serviço, a fotojornalista fez a cobertura de diversos conflitos pelo mundo e era conhecida por sua coragem e determinação (GAROFOLO, 2015; OSTROFF, 1992; STROCHLIC, 2018).

⁵⁵ Mundialmente famosa pela coberturas de conflitos e pelas grandes entrevistas (DE STEFANO, 2017), a jornalista italiana esteve no Vietnã, suas reportagens foram publicadas na revista brasileira *Realidade* (MARTINEZ; CAMARGO, 2020) e ela relatou a experiência no livro “*Nothing, and so be it*” (FALLACI, 1972).

⁵⁶ Francesa que se tornou jornalista após participar da resistência na Segunda Guerra Mundial (FRATUS, 2020).

⁵⁷ Premiada jornalista de Guerra, a estadunidense foi a primeira correspondente mulher em tempo integral no Vietnã, pela *Associated Press* – agência pela qual, em 1975, tornou-se a primeira mulher a comandar um escritório internacional, em Lima, no Peru. Escreveu suas experiências no livro “*War torn: stories of war from the women who covered Vietnam*” (LEDERER, 2002).

⁵⁸ Além de correspondente de Guerra pela revista *Life*, a estadunidense foi dramaturga, deputada por Connecticut pelo partido Republicano e embaixadora na Itália (ALEF, 2009).

⁵⁹ Jornalista russa que cobriu conflitos na Ásia, na África e na Europa (SONIA..., 1982).

⁶⁰ A estadunidense iniciou a carreira cobrindo a Guerra do Vietnã, sendo a primeira correspondente de TV mulher no local. Já ganhou três *Emmy Awards*, foi professora universitária e é conhecida pelos comentários conservadores na *Fox News*. Publicou o livro “*Fighting for air: in the trenches with television news*” (TROTТА, 1994).

⁶¹ Fotógrafa estadunidense conhecida pela cobertura da frente russo-finlandesa na Segunda Guerra Mundial (FERGUSON, 2020).

⁶² Considerada a primeira mulher a obter permissão para fotografar em território estadunidense, escreveu a autobiografia “*Portrait of myself*” (BOURKE-WHITE, 1963).

⁶³ Fotógrafa estadunidense que documentou a vida no front da Segunda Guerra Mundial (YOCHELSON, [s.d.]).

Dorothea Lange⁶⁴ (1895-1965) e Susan Meiselas⁶⁵ (1948-). Há ainda mais nomes, que não ganham destaque, mas constam na listagem referente às jornalistas americanas durante a Primeira Guerra Mundial.

Há muitas mulheres em coberturas atuais também. A jornalista Zahra Hankir⁶⁶, por exemplo, reuniu relatos de mulheres árabes correspondentes de guerra e conflitos no Oriente Médio no livro “*Our women on the ground: essays by Arab women reporting from the Arab world*” (HANKIR, 2019a). Há ali uma particularidade: “Ser uma mulher repórter de guerra nesta parte do mundo às vezes pode significar que você está desafiando não apenas o estado, mas também sua sociedade, sua família e o papel que se espera que você desempenhe em sua casa” (HANKIR, 2019b, l. 270; tradução nossa⁶⁷). Hankir expressa suas observações:

Algumas dessas mulheres foram abusadas sexualmente, ameaçadas, submetidas a propostas, detidas ou mesmo baleadas durante o trabalho, mas persistiram mesmo assim. Elas contribuíram para dissipar os muitos mitos que saturam uma representação muitas vezes básica da região com a qual têm laços culturais, linguísticos e pessoais, enquanto lutam contra o patriarcado e o sexismo. Ao mesmo tempo, elas também foram capazes de usar o gênero a seu favor, conseguindo conduzir entrevistas angustiantes com outras mulheres precisamente porque o fato de serem mulheres lhes deu acesso ao que um repórter do sexo masculino não teria sido capaz de garantir tão facilmente, se é que conseguiria algo. Algumas até perderam entes queridos enquanto estavam em campo (HANKIR, 2019b, l. 172; tradução nossa⁶⁸).

Portanto, reiterando a fala de Rosenhaft (1992), percebe-se que “tudo o que sabemos da guerra conhecemos por uma ‘voz masculina’. Somos todos prisioneiros de representações e sensações ‘masculinas’ da guerra” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 12); a jornalista bielorrussa Svetlana Aleksievitch (1948-) destaca-se então ao apontar a “distinção entre a guerra feminina e a masculina” acolhendo as narrativas de mulheres (MARTINEZ; HELLER, 2020, p. 13). Afinal, todas essas mulheres mencionadas por Cook (2006) estiveram na guerra como

⁶⁴ Conhecida por fotografar a Grande Depressão e a situação de imigrantes nos Estados Unidos, a fotógrafa estadunidense tem como imagem mais famosa o retrato “*Migrant Mother*” (KENNICOTT, 2020).

⁶⁵ Fotógrafa estadunidense reconhecida pela cobertura de zonas de conflito na América Central. Ela conta sua trajetória no livro “*On the frontline*” (MEISELAS, 2017).

⁶⁶ Jornalista e editora líbano-britânica que cobriu economia e mercados para a *Bloomberg News* durante a Primavera Árabe e, atualmente, escreve sobre a cultura do Oriente Médio para diversos veículos.

⁶⁷ Original: “To be a woman war reporter in this part of the world can sometimes mean you are defying not only the state but also your society, family, and the role you are expected to play within your home” (HANKIR, 2019b, l. 270).

⁶⁸ Original: “Some of these women have been sexually assaulted, threatened, propositioned, detained, or even shot at while on the job, but have persisted nonetheless. They’ve contributed to dispelling the many myths saturating an often basic depiction of the region they have cultural, linguistic, and personal ties to, while fighting patriarchy and sexism. At the same time, they’ve also been able to use gender to their advantage, managing to conduct harrowing interviews with other women precisely because being female has given them access a male reporter would not have been able to secure as easily, if at all. Some have even lost loved ones while on the field” (HANKIR, 2019b, l. 172).

jornalistas, mas ainda assim os nomes mais conhecidos são da maioria masculina – conforme pode ser notado na abordagem de Knightley (1978) ao contar as origens da correspondência de guerra.

Talvez uma exceção seja Martha Gellhorn, reconhecida como “a maior correspondente de guerra do século XX” (SERVA, 2009, p. 13), uma das pioneiras e mais longevas, que começou por acaso cobrindo a Guerra Civil Espanhola e ficou na ativa até conflitos na América Central, na década de 1980. Nascida nos Estados Unidos, Gellhorn foi para a Espanha aos 22 anos para prestar solidariedade aos republicanos, mas acabou por sentir a necessidade de escrever, uma vez que “a perversidade e a insanidade da guerra fez com que desistisse de pensar ou julgar e a transformaram em um gravador ambulante que captava com os olhos” (DAVID, 2014, p. 59). A história de Gellhorn e o casamento com Ernest Hemingway tornou-se um filme, no qual há a famosa declaração da jornalista de que não seria uma nota de rodapé na biografia do marido (MARTINEZ; SILVA, 2012, p. 175).

A figura feminina tem presença constante nos relatos jornalísticos da escritora, independente da condição social da mulher em questão. Segundo David (2014, p. 91), “mesmo sendo uma correspondente mulher, Gellhorn não privilegia completamente seu gênero, mas várias mulheres receberam uma atenção especial”. Alguns exemplos (GELLHORN, 2009) são a moradora de uma casa destruída por bombardeio na Espanha, que lamentou perder a máquina de costura; as mulheres vigiando seus lares na Alemanha; e as fortes soldados da Rússia.

É curiosa a forma como Gellhorn representa as mulheres em seus artigos, como ela as descreve, julga, desde a sua constituição física, quanto ao seu psicológico, no sentido de que, sendo ela mulher, é capaz de entender o outro semelhante. Esse olhar feminino inclui tanto a sua visão de jornalista sobre o conflito *per se* como também a forma que ela traz e mostra a mulher na guerra. Ambas as visões são alimentadas pela vivência e processo de maturação adquiridos em cada conflito coberto. Traduzem as duas a forma única de Gellhorn narrar (DAVID, 2014, p. 92).

Porém, esse chamado “olhar feminino” é uma questão sem consenso ao tratar a cobertura de guerra. “A crença de que mulheres jornalistas eram adequadas para escrever sobre guerra apenas do ponto de vista feminino persiste desde que as mulheres começaram a relatar sobre ela” (BAKER, 2015, p. 1; tradução nossa⁶⁹). A correspondente australiana Iris Dexter (1907-1974), por exemplo, não apreciava o “ângulo da mulher”, que, segundo Seul (2019), era o que muitos jornais e revistas buscavam ao enviar mulheres para a cobertura.

⁶⁹ Original: “The belief that women journalists were suited to writing about war solely from a female viewpoint has persisted ever since women began reporting on them” (BAKER, 2015, p. 1).

O relato de guerra feito por mulheres é visto como distinto e separado do relato de guerra feito pelos homens na maioria do século XX, uma atitude baseada em suposições sobre lugar das mulheres na guerra e no jornalismo. Muitas jornalistas rejeitaram a expectativa de que elas eram capazes apenas de cobrir guerra do “ângulo da mulher”, e Dexter não estava sozinho ao expressar frustração com as limitações impostas às repórteres – restrições que se aplicavam aos seus movimentos, bem como ao seu jornalismo (BAKER, 2015, p. 2; tradução nossa⁷⁰).

O problema do “ângulo da mulher” era se restringir a situações periféricas da guerra. Então, com a ação do conflito restrita aos homens, as características de correspondentes de guerra ficaram associadas ao masculino – bravura, tenacidade, convicção, ambição e senso para notícias (BAKER, 2015) – mesmo que as mulheres também as tivessem.

Nesta pesquisa, deixaremos de lado a noção de “ângulo da mulher” e evitaremos a visão essencialista de gênero, segundo a qual homens e mulheres teriam características diferentes e imutáveis:

O essencialismo geralmente envolve biologismo e naturalismo, mas há casos em que a essência das mulheres é vista não residindo na natureza ou na biologia, mas em certas características psicológicas – nutrição, empatia, apoio, não competitividade e assim por diante. Ou a essência das mulheres pode ser atribuída a certas atividades e procedimentos (que podem ou não ser ditados pela biologia) observáveis nas práticas sociais – intuitividade, respostas emocionais, preocupação e compromisso em ajudar os outros etc. O essencialismo envolve a crença de que essas características definidas como a essência das mulheres são compartilhadas por todas as mulheres em todos os momentos. Implica um limite nas variações e possibilidades de mudança – não é possível ao sujeito agir de maneira contrária à sua essência. Sua essência está subjacente a todas as variações aparentes que diferenciam as mulheres umas das outras. O essencialismo, portanto, se refere à existência de características fixas, atributos dados e funções a-históricas que limitam as possibilidades de mudança e, portanto, de reorganização social (GROSZ, 1995, p. 45-46; tradução nossa⁷¹).

Importante destacar aqui a consciência sobre interseccionalidade nos estudos de gênero, embora não seja pretensão desta pesquisa trabalhar esse recorte. Assim como menciona Grosz (1995), não se pode assumir que todas as mulheres têm as mesmas experiências. Ribeiro

⁷⁰ Original: “The war reporting done by women has been viewed as distinct and separate from the war reporting done by men through most of the twentieth century, an attitude based on assumptions about women’s place in war and in journalism. Many female journalists rejected the expectation that they were capable only of covering war from the ‘woman’s angle’, and Dexter was not alone in expressing frustration with the limitations posed on female reporters – restrictions that applied to their movements as well as their journalism” (BAKER, 2015, p. 2).

⁷¹ Original: “Essentialism usually entails biologism and naturalism, but there are cases in which women’s essence is seen to reside not in nature or biology but in certain given psychological characteristics – nurturance, empathy, support, non-competitiveness, and the like. Or women’s essence may be attributed to certain activities and procedures (which may or may not be dictated by biology) observable in social practices – intuitiveness, emotional responses, concern and commitment to helping others, etc. Essentialism entails the belief that those characteristics defined as women’s essence are shared in common by all women at all times. It implies a limit on the variations and possibilities of change – it is not possible for a subject to act in a manner contrary to her essence. Her essence underlies all the apparent variations differentiating women from each other. Essentialism thus refers to the existence of fixed characteristics, given attributes, and ahistorical functions that limit the possibilities of change and thus of social reorganization” (GROSZ, 1995, p. 45-46).

inclusive afirma que a universalização da categoria mulher é um grande dilema do feminismo hegemônico (RIBEIRO, D. 2019, p. 20).

Para esta dissertação, partimos do entendimento de que o gênero é socialmente construído e que “‘homem’ e ‘mulher’ são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque, mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda em si definições alternativas negadas ou reprimidas” (SCOTT, 2019, p. 75).

Para além de imaginar se homens e mulheres reportam de modo diferente, a âncora-chefe internacional da CNN e premiada jornalista britânico-iraniana Christiane Amanpour (1958-) afirma que a voz feminina é essencial para a total compreensão de uma história, pois podem inferir nuances variados:

Sem a perspectiva feminina, o quadro completo simplesmente não pode ser pintado e, muitas vezes – especialmente no Oriente Médio e no mundo árabe – as protagonistas femininas só podem ter voz por meio de outras mulheres. As mulheres podem entrar em lugares e falar com pessoas que seus colegas homens simplesmente não podem. Às vezes, elas podem fazer perguntas que não seriam toleradas por seus colegas homens (AMANPOUR, 2019, l. 111; tradução nossa⁷²).

Atualmente, acredita-se ter havido uma mudança na cobertura da guerra. Segundo Baker (2015), o que antes não era considerado prioridade e ficava com mulheres para inferiorizá-las – como o papel de equipes médicas, os impactos de curto e longo prazo às comunidades e a condição de crianças e refugiados –, tornou-se essencial para o noticiário.

A jornalista brasileira Patrícia Campos Mello fez a cobertura da Guerra da Síria para a *Folha de S. Paulo* e, na volta, publicou o livro-reportagem “Lua de mel em Kobane” (CAMPOS MELLO, 2017), no qual desenvolveu a história de jovens sírios civis que tentavam sobreviver ao conflito logo após terem se casado. Segundo Martinez (2020, p. 28; tradução nossa⁷³), isso evidencia “como o foco da história de guerra muda quando contada por um homem ou por uma mulher”.

Quando questionada sobre ser uma mulher correspondente de guerra – ou ainda sobre ser mãe enquanto correspondente –, Campos Mello sempre levanta o ponto: “Por que nunca

⁷² Original: “Without the female perspective the full picture simply cannot be painted, and often – particularly in the Middle East and the Arab world – female protagonists can be given a voice only by other women. Women can enter places and speak to people their male colleagues simply cannot. Sometimes they can ask questions that would not be tolerated from their male counterparts” (AMANPOUR, 2019, l. 111).

⁷³ Original: “[...] how the focus of the war story shifts when told by a man or a woman” (MARTINEZ, 2020, p. 28).

perguntam para um homem?” (CAMPOS MELLO, 2020, s/p). Ela não é a única a refletir sobre a questão, conforme um relato da jornalista Hannah Allam⁷⁴ (1977-):

Quando falo para audiências ocidentais sobre meus anos cobrindo a Guerra no Iraque como jornalista do *McClatchy Newspapers*, alguém inevitavelmente pergunta: “Como foi ser uma mulher lá?”

“Bem, eu nunca estive lá como homem, então não tenho certeza se posso comparar”, é a maneira inteligente como algumas de minhas amigas respondem à mesma pergunta.

Atento-me para pegar a fala emprestada, mas nunca consigo me lembrar de usá-la porque quando ouço a pergunta, vejo rostos (ALLAM, 2019, l. 289; tradução nossa⁷⁵).

Baseada no Egito, a jornalista Lina Attalah⁷⁶ (1983-) agora escolhe poupar os esforços de adentrar nos argumentos sobre gênero: “Em vez de tentar desafiar a pergunta com minha resposta, eu gentilmente a evito, agindo um pouco como o copista complacente, porém cético, em ‘Bartleby, o Escrivão’, de Herman Melville, que ficou famoso por responder ‘Eu preferiria não ser’” (ATTALAH, 2019, l. 932; tradução nossa⁷⁷).

O questionamento é recorrente porque a guerra é um espaço convencionalmente masculino (LOMBARDI, 2018), mesmo que muitas mulheres tenham participado de conflitos ocupando os mais diversos espaços (COOK, 2006). Se a construção de gênero parte de tecnologias de gênero e discursos institucionais (LAURETIS, 2019), as representações estão sujeitas ao que é produzido e promovido.

Pensando as tecnologias de gênero, há no cinema o imaginário das mulheres correspondentes de guerra que abrem mão de um círculo familiar e que têm problemas em relacionamentos (CAMARGO; MARTINEZ, 2019; LOBO, 2018; MARTINEZ; SILVA, 2012). Já nos discursos institucionais podemos refletir sobre a invisibilidade das narrativas feitas por mulheres na guerra (ALEKSIÉVITCH, 2016; MARTINEZ; CAMARGO, 2020).

Esta pesquisa não adota a noção de “ângulo da mulher” trabalhada tradicionalmente por antigos veículos de comunicação (BAKER, 2015); mas sim a ideia de que a compreensão da condição pessoal de ser mulher, de ter se tornado mulher, pode redirecionar o olhar para

⁷⁴ Jornalista estadunidense que cobre segurança nacional para a NPR, com foco em extremismo local.

⁷⁵ Original: “When I speak before Western audiences about my years covering the war in Iraq as a journalist for McClatchy Newspapers, someone inevitably asks, “What was it like to be a woman over there?” “Well, I’ve never been there as a man, so I’m not sure I can compare,” is the clever way some of my friends reply to the same question.

I remind myself to borrow the line, but I can never quite remember to use it because when I hear the question, I see faces” (ALLAM, 2019, l. 289).

⁷⁶ Editora e cofundadora do *Mada Masr*, um *site* de notícias baseado no Cairo, a jornalista egípcia já fez coberturas na Síria, em Gaza, no Irã e no Sudão.

⁷⁷ Original: Rather than trying to challenge the question with my answer, I gently sidestepped it, acting a bit like the compliant yet sceptical copyist in Herman Melville’s “Bartleby, the Scrivener,” who was famous for responding “I would prefer not to” (ATTALAH, 2019, l. 932).

determinada realidade social que se deseja observar (BUTLER, 2019; LAURETIS, 2019; SCOTT, 2019) – neste caso, realidades de guerra e conflitos.

As zonas de conflito hoje são ainda mais perigosas do que aquelas que vivi décadas atrás na Bósnia. As linhas são mais borradas, as ações menos previsíveis, as consequências dos erros mais terríveis. Aqueles que optam por entrar nestes teatros, tanto homens como mulheres, merecem o nosso respeito e admiração. Como jornalistas profissionais, devemos continuar a nutrir, encorajar, apoiar, proteger e lutar por aqueles que fazem essa escolha. Devemos também garantir que mais mulheres estejam entre suas fileiras porque, sem elas, as histórias de hoje e amanhã permanecerão apenas parcialmente contadas (AMANPOUR, 2019, l. 114; tradução nossa⁷⁸).

Se “a construção do gênero é o produto e o processo tanto da representação quanto da autorrepresentação” (LAURETIS, 2019, p. 131), reiteramos a importância em voltar os estudos para as narrativas produzidas por mulheres correspondentes de guerra.

⁷⁸ Original: “Conflict zones today are even more dangerous than those that I experienced decades ago in Bosnia. Lines are more blurred, actions less predictable, the consequences of mistakes more dire. Those who choose to enter these theaters, both male and female, deserve our respect and admiration. As professional journalists we must continue to nurture, encourage, support, protect, and fight for those who make this choice. We must also make sure more women are among their ranks, because without them the stories of today and tomorrow will remain only partly told” (AMANPOUR, 2019, l. 114).

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa parte da análise de conteúdo de linha francesa teorizada por Laurence Bardin (2011), posteriormente desenvolvendo-se em uma análise textual do *corpus*, cujo apoio está em características do jornalismo literário (MARTINEZ, 2016).

De início, Bardin (2011, p. 15) explica que, referente ao esforço de interpretação, a “análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem”. Trata-se de uma “desocultação”:

É igualmente “tornar-se desconfiado” relativamente aos pressupostos, lutar contra a evidência do saber subjetivo, destruir a intuição em proveito do “construído”, rejeitar a tentação da sociologia ingênua, que acredita poder apreender intuitivamente as significações dos protagonistas sociais, mas que somente atinge a projeção da sua própria subjetividade. Esta atitude de “vigilância crítica”, exige o rodeio metodológico e o emprego de “técnicas de ruptura” e afigura-se tanto mais útil para o especialista das ciências humanas, quanto mais ele tenha sempre uma impressão de familiaridade face ao seu objeto de análise. É ainda dizer não “a leitura simples do real”, sempre sedutora, forjar conceitos operatórios, aceitar o caráter provisório de hipóteses, definir planos experimentais ou de investigação (a fim de despistar as primeiras impressões, como diria P. H. Lazarsfeld) (BARDIN, 2011, p. 34).

Logo, a autora entende que a análise de conteúdo possui dois objetivos – a ultrapassagem da incerteza e o enriquecimento da leitura – e duas funções – a heurística e a de administração da prova –, que podem se complementar. Para Bardin (2011), o método, muito empírico, não é dado com uma fórmula pronta, adaptando-se ao domínio e ao objeto com o qual se tem trabalhado no último século. Seria então mais sensato falar de análises de conteúdo, no plural.

Considerando categorias para a fragmentação do conteúdo a ser analisado, cinco regras são aplicáveis (BARDIN, 2011, p. 42): homogeneidade, exaustividade, exclusividade, objetividade e pertinência. Ainda segundo Bardin (2011, p. 43), para melhor definição da especificidade da análise de conteúdo, deve-se atentar para o fato de que “o interesse não está na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados (por classificação, por exemplo) relativamente a ‘outras coisas’”. Ou seja, espera-se a interpretação e a inferência de conhecimentos partindo do conteúdo analisado. Logo, na análise do corpus, nos embasamos em teóricos do jornalismo literário (LIMA, 2009; MARTINEZ, 2016) para propor relações e reflexões sobre como e o que Harazim narrava.

Primeiramente, fizemos uma leitura flutuante (BARDIN, 2011) da detalhada e cuidadosa lista elaborada por Quierati (2016), com todas as reportagens produzidas pela jornalista Dorrit Harazim durante sua carreira. Estudamos cada título e separamos todos que se referissem às coberturas de guerra e conflitos, recorrendo aos textos na íntegra sempre que houvesse dúvida se a cobertura fora feita presencialmente ou não.

Após esta triagem inicial, foram selecionadas oito reportagens relativas a coberturas de guerra e conflitos: 1) “Um combate não declarado” (HARAZIM, 1970); 2) “Violência e golpe em Santiago” (HARAZIM, 1973); 3) “Cisjordânia, a posse mais discutida de Israel” (HARAZIM, 1977); 4) “Medo surdo, quase animal” (HARAZIM, 2001a); 5) “Um estranho silêncio em Nova York” (HARAZIM, 2001b); 6) “Em meio ao caos, o estadista” (HARAZIM, 2001c); 7) “A colagem dos rostos da tragédia” (HARAZIM, 2001d); e 8) “Nova York sai do silêncio” (HARAZIM, 2001e).

Em seguida, nos apoiamos nas três diferentes fases da análise de conteúdo (BARDIN, 2011, p. 124): pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise é a fase da organização, o momento de operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais. Há três missões a serem cumpridas: “a escolha dos documentos a serem submetidos a análise, a formulação das *hipóteses* e dos *objetivos* e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 2011, p. 124; grifos do original). Logo, com o *corpus* já definido, lemos todos os textos para ter um primeiro contato com os dados e já identificamos, superficialmente, o jornalismo literário – nosso indicador – na narrativa de Harazim. Como os objetivos desta pesquisa já estavam delineados com base nisso, partimos para a fase seguinte da análise.

A segunda fase do método é a exploração do material, considerada a etapa mais longa e cansativa, tendo a efetivação de decisões tomadas na fase da pré-análise. Há a codificação – dados brutos transformados em texto – e a categorização – unidades de registro agrupadas por possuírem características em comum. Segundo Bardin (2011), as unidades mais utilizadas são a palavra, o tema, o objeto ou referente, o personagem, o acontecimento e o documento, além da unidade de contexto.

Mantivemos as reportagens do *corpus* separadas em quatro grupos, de acordo com a guerra/conflito ao qual se referiam, sendo eles os grupos do Vietnã, do Chile, da Cisjordânia e de Nova York. Em seguida, buscamos as três características do jornalismo literário, listadas pela professora Monica Martinez (2016), em cada um dos textos: a) apuração; b) digestão e compreensão do material apurado; e c) redação em estilo literário.

A apuração refere-se à “necessidade da pesquisa aprofundada, que pode ser realizada em diversas plataformas, de documentos, bancos de dados e acervos pessoal a mecanismos de busca, entre outros. Inclui igualmente o emprego das técnicas jornalísticas, como a entrevista” (MARTINEZ, 2016, p. 212). Para digestão e compreensão do material apurado, enfatiza-se a questão simbólica, “ressaltando a importância da compreensão do material coletado em níveis profundos, como o psicológico, social e histórico, entre outros” (MARTINEZ, 2016, p. 212). Por último, mas não menos importante, a redação em estilo literário é a característica com maior convergência entre os estudiosos que elaboram propostas sobre o que é jornalismo literário:

[...] aborda a estrutura textual, possibilitando que o assunto bem apurado seja contado por meio do formato mais adequado, dependendo do local e espaço. Para isto, é imprescindível a maestria do autor na arte da escrita, com linguagem devidamente adequada aos veículos impressos, eletrônicos ou digitais. Assim, o tema apurado e refletido, expresso com voz autoral – isto é, a visão de mundo preferencialmente ampla que dá forma e sentido únicos ao assunto tratado. Pode, então, ser relatado de forma envolvente, recorrendo-se às inúmeras técnicas da literatura, como a citada digressão. Nesse sentido, estilo é apenas uma boa embalagem para um ótimo produto jornalístico, e não uma forma de acobertar deficiências de apuração ou domínio do tema (MARTINEZ, 2016, p. 213).

Essas três características elaboradas por Martinez (2016) partiram de um compilado do estudo de cinco propostas diferentes sobre jornalismo literário – de Mark Kramer (1995), da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL⁷⁹), de Felipe Pena (2006), de Passos e Orlandini (2008) e de Edvaldo Pereira Lima (2009). Destacamos esta última, pois Lima (2009), em que também nos apoiamos nesta pesquisa, lista 10 elementos: exatidão e precisão; contar uma história; humanização; compreensão; universalização temática; estilo próprio e voz autoral; imersão; simbolismo; criatividade; e responsabilidade ética. Discorreremos sobre esses elementos durante a análise do *corpus*.

Enfim há a terceira e última fase, o tratamento dos resultados obtidos, levando às possíveis interpretações – feitas com base no retorno ao referencial teórico utilizado naquele momento. Segundo Bardin (2011), os elementos clássicos do modelo comunicacional – emissor, receptor, mensagem, código, significação e medium, ou canal – podem ser polos de análise nessa metodologia.

Assim, analisamos as reportagens (mensagem), buscando as características do jornalismo literário (MARTINEZ, 2016); relacionamos com dados sobre a jornalista

⁷⁹ O site da ABJL está desativado e os dados que a autora havia indicado referem-se ao ano de 2000. Como nas referências (MARTINEZ, 2016, p. 425) aparece como título da página “Verbetes elaborados pelo prof. Edvaldo Pereira Lima”, consideramos a possibilidade em se estabelecer um paralelo com o que consta no site do próprio professor, disponível em: <https://www.edvaldopereiralima.com.br/verbetes-elaborados-por-edvaldo-pereira-lima/>. Acesso em: 6 dez. 2020.

(emissora), por meio de informações adquiridas em pesquisas e/ou fornecidas em entrevista à Quierati (2016); e levamos em consideração o veículo e o meio de comunicação (canal) em que as reportagens foram publicadas, pois tínhamos amostras de jornal impresso, revista e portal *online*. A partir disso as inferências e interpretações foram feitas para tecer uma pesquisa qualitativa baseada na análise de conteúdo.

5 ANÁLISE

Esta pesquisa analisa oito reportagens⁸⁰ produzidas pela jornalista Dorrit Harazim em coberturas de guerra e conflitos. São elas sobre a Guerra do Vietnã (HARAZIM, 1970); o golpe de Estado no Chile (HARAZIM, 1973); o conflito na Cisjordânia (HARAZIM, 1977); e o atentado terrorista em Nova York – esta última publicada em cinco textos (HARAZIM, 2001a, 2001b, 2001c, 2001d, 2001e).

Cada cobertura tem o conflito historicamente contextualizado para depois ter as três características do jornalismo literário destacadas e inferidas.

5.1 Dorrit Harazim na Guerra do Vietnã (1970)

Os três textos que compõem a cobertura feita por Dorrit Harazim na Guerra do Vietnã são seu primeiro trabalho publicado pela *Veja* (QUIERATI, 2016, p. 17). Ela foi contratada para trabalhar na revista antes do lançamento, enquanto ainda estava no Departamento de Pesquisa da *L'Express*; Roberto Civita e Mino Carta visitaram o veículo na França e se encantaram com a jovem que falava cinco idiomas (QUIERATI, 2016, p. 15). Assim, aos 27 anos e sem experiência em coberturas de conflitos, Harazim foi enviada por falar francês fluentemente – útil em uma região que foi parte do Império Francês.

Embarquei para o Vietnã com dinheiro vivo no bolso, uma máquina de escrever mecânica, dois ou três livros de referência sobre a guerra e a Indochina, e um trambolho de equipamento fotográfico não lembro por quê – talvez para parecer mais profissional. O que lembro é que a câmera Asahi Pentax e uma pesadíssima lente zoom Tamron 70-220 mm sempre a tiracolo atrapalharam mais do que renderam, e foram um estorvo enorme quando precisei ser ágil (HARAZIM, 2016, p. 379-380).

Na edição que continha a publicação da primeira reportagem da série, o editor Mino Carta dedicou um espaço da “Carta ao leitor” para falar sobre a missão da correspondente:

Com o nome de uma delicada personagem de Charles Dickens e uma sólida consciência profissional, a gaúcha Dorrit Harazim, 27 anos, é o único repórter brasileiro no Camboja. Editora-assistente de *Veja*, Dorrit partiu para a remota e no entanto tão próxima frente de batalha como “enviada especial” e a partir desta edição (páginas 50 e 51) apresenta um relato da guerra da Indochina. A tarefa de Dorrit, neste momento, não é fácil. Quinze correspondentes de guerra desapareceram desde o início das operações, a censura é rigorosa e qualquer passo fora da capital (Phnom-Penh) corre por conta e risco de quem o der. A guerra instalou-se por toda parte e ninguém

⁸⁰ As oito reportagens estão disponíveis no Google Drive e podem ser acessadas pelo link: <https://drive.google.com/drive/folders/1Hba05x7meynixIzhPjttH-U6CS7ZnvxS?usp=sharing>.

sabe ao certo onde está o inimigo. Mas Dorrit, apesar do seu nome frágil, é uma moça imperturbável (CARTA, 1970, p. 21).

A coluna escrita por Carta vinha acompanhada de uma foto de Harazim, como pode ser visto na Imagem 2.

Imagem 2 – Carta ao leitor da edição de 27/05/1970 da revista *Veja*



Fonte: Reprodução/Arquivo Digital da revista *Veja*

A reportagem ocupou duas páginas da edição e tinha como título “Um combate não declarado”, conforme Imagem 3.

conforme as eleições gerais de 1955, mas o Sul recusou-se a participar e a tensão entre os países cresceu gradativamente no contexto da Guerra Fria (SILVA, [s.d.]).

Em 1954, quando os Estados Unidos enviaram conselheiros militares para o Vietnã do Sul a fim de levantar um embate contra o Norte comunista, a imprensa ainda não prestava atenção ao que estava acontecendo na Indochina.

“Só depois da revolta dos paraquedistas do exército, em Saigon, em novembro de 1960, quando cerca de 400 civis foram mortos, antes de os rebeldes serem dominados, a imprensa americana mostrou os primeiros indícios de interesse pelo que realmente estava acontecendo no Vietnã” (KNIGHTLEY, 1978, p. 472).

Alguns nomes que estiveram na cobertura e foram citados por Knightley (1978) são Homer Bigart (1907-1991), correspondente *full-time* para o *New York Times*; e repórteres de agências, como Malcolm Browne (1931-2012), da *Associated Press*; Ray Herndon (1938-2015), da *UPI*; Nicholas Turner (1935-2016), da *Reuters*; e Pierre Chauvet, da *France Presse*.

Os jornalistas eram credenciados pelo governo de Ngo Diem Dinh, do Vietnã do Sul, mas o líder não queria estrangeiros criticando sua atuação. De acordo com Knightley (1978, p. 473), “se fizessem tal, o governo de Diem chamava-os de comunistas, fazia o possível para suprimir sua matéria e, por intimidação, para impedi-los de repetir o delito”. Diem tentava afastar os jornalistas das fontes, colocar a polícia secreta para escutá-los, agentes para segui-los e deixar máquinas de telex controladas.

Nos primeiros anos do conflito, os Estados Unidos participaram indiretamente, fornecendo armas e conselheiros militares ao Vietnã do Sul (SILVA, [s.d.]). A postura mudou com a chegada de Lyndon Johnson à Casa Branca; em agosto de 1964, o país se envolveu com o envio de tropas.

A cada etapa dessa escalada, os Estados Unidos tentavam taxativamente negar o que estavam fazendo, ou minimizar os efeitos e esconder os resultados, por trás de uma torrente de estatísticas questionáveis, uma pasmosa série de eufemismos e um vocabulário de palavras especialmente criadas, que aviltavam a língua inglesa. Digase, em seu favor, que o país não tentou solucionar o problema impondo censura. Em vez disto, montou uma campanha de relações públicas, conduzida de maneira altamente profissional para divulgar sua versão da guerra (KNIGHTLEY, 1978, p. 482).

Correspondentes do mundo todo foram encorajados a irem ao Vietnã com auxílio logístico do governo americano – e então havia a imposição de um sentimento de retribuição. Já aos jornalistas americanos, apelava-se para a necessidade de patriotismo. No entanto, segundo Knightley (1978), aproximadamente 700 correspondentes cobriam a guerra – alguns

sequer eram jornalistas –, e percebeu-se que não seria possível controlar e/ou influenciar as investigações de todos.

Acredita-se que 60% dos estadunidenses receberam notícias da guerra pela televisão, que encorajou a maioria dos espectadores a apoiar a guerra. O fato de estar numa pequena tela de TV fez com que a guerra parecesse irreal, como um filme, e tirava a dimensão de realidade.

O espectador americano que esperava aprender alguma coisa séria sobre o Vietnã foi submetido, em vez disso, a um curso, pela televisão, sobre as técnicas de guerra e não suficientemente informado sobre o que a guerra significou para o povo em cujas terras era travada, ou sobre as complexidades políticas da situação, ou mesmo os pontos de vista mais profundos dos repórteres que passaram anos cobrindo a situação (KNIGHTLEY, 1978, p. 524).

Mas Knightley (1978) acredita que foi um conflito importante para esses profissionais, pois eles começaram a se questionar sobre a ética de sua tarefa, algo que ressoaria dali em diante. Outro ponto sobre a guerra destacado pelo autor é a ampla presença feminina fazendo a cobertura tanto com elementos da política e cultura do local quanto de interesse humano; alguns nomes são Madeleine Riffaud⁸¹ (1924-), do *L'Humanité*; Jillian Robertson⁸² (1940-2018), do *London Sunday Express*; Patricia Penn, do *New Statesmen*; Victoria Brittain⁸³ (1942-), do *The Times*; Gloria Emerson⁸⁴ (1929-2004), do *New York Times*; Martha Gellhorn (1908-1998); Frances FitzGerald⁸⁵ (1940-); Catherine Leroy⁸⁶ (1944-2006); Oriana Fallaci (1929-2006); e Kate Webb⁸⁷ (1943-2007), da *United Press*, que “viu mais ação do que a maioria dos homens” (KNIGHTLEY, 1978, p. 529).

⁸¹ Ativista desde a experiência de uma Paris invadida na Segunda Guerra Mundial, a francesa Madeleine Riffaud foi correspondente de guerra enquanto integrava a resistência vietcongue no Vietnã do Sul (CHIARONI, 2016; SEBBA, 2016).

⁸² Nascida na Austrália e conhecida como Jill, duquesa de Hamilton (pelo casamento com o escocês Angus Douglas, 15º duque de Hamilton), foi uma jornalista e acadêmica interessada em assuntos ambientais. Ela foi “uma das primeiras mulheres a escrever sobre os efeitos dos bombardeios lançados de Danang, o centro ultrassecreto onde os Estados Unidos armazenaram suas armas mais mortais” (STEVEN, 2018, s/p).

⁸³ Jornalista britânica com experiência em coberturas na África e no Oriente Médio, por muitos anos trabalhando para o *The Guardian*. Autora de “*Shadow Lives: the forgotten women of the war on terror*” (BRITTAIN, 2013), livro sobre o impacto que as “guerras do 11 de setembro” tiveram sobre esposas e famílias afetadas.

⁸⁴ Vencedora do Prêmio Nacional do Livro em Pensamento Contemporâneo de 1978 por “*Winners & Losers*” (EMERSON, 2014), sobre a Guerra do Vietnã, a estadunidense começou no *New York Times* em 1957 como repórter na página de assuntos femininos, pedindo demissão alguns anos depois. Voltou ao jornal e, em 1968, começou a cobrir conflitos a partir do *The Troubles*, uma guerra civil na Irlanda do Norte.

⁸⁵ Jornalista estadunidense vencedora do Prêmio Pulitzer de Não-Ficção em 1973 por “*Fire in the lake: the Vietnamese and the Americans in Vietnam*” (FITZGERALD, 2009).

⁸⁶ Aos 21 anos, em 1966, a francesa realizou o sonho de se tornar fotojornalista de guerra no Vietnã. Sua intenção era fazer uma cobertura mais humana do conflito e, após uma reportagem para a revista *Life*, ganhou reconhecimento mundial. Escreveu um livro sobre fotógrafos e escritores que estiveram no Vietnã (LEROY, 2005).

⁸⁷ Nascida na Nova Zelândia, filha de uma ativista feminista e de um professor de ciências políticas, a jornalista começou nas páginas femininas do *Sydney Daily Mirror*; porém, o tédio a instigou a se demitir e buscar a

No todo, foi uma guerra de muitas baixas também para o jornalismo. Aproximadamente 70 correspondentes foram mortos nos 20 anos de Guerra do Vietnã, segundo dados do relatório “*Killing the Messenger*” (“Matando o Mensageiro”, em tradução livre), da *International News Safety Institute* (INSI, 2006).

5.1.2 Breve histórico da revista *Veja*

A revista *Veja* foi lançada pela Editora Abril em 11 de setembro de 1968, com a proposta de ser “uma revista semanal de informações, que levaria ao leitor reportagens sobre os principais acontecimentos do Brasil e do mundo de forma organizada, analítica e contextualizada” (REDAÇÃO, 2018, s/p). Fundada por Roberto Civita (1936-2013) durante a ditadura militar brasileira, teve inspiração na revista estadunidense *Time*, vendeu quase 650 mil exemplares na edição inaugural e depois lutou por sete anos até acertar a própria fórmula (SCALZO, 2016).

De cunho informativo e seguindo a tendência mercadológica da época de declínio de revistas ilustradas (PEREIRA, 2014), ao longo dos anos a *Veja* alinhou-se ideologicamente mais à direita (BELMONTE, 2016). Ainda, segundo Belmonte (2016, p. 30), a revista nasceu “americanizada”, tendo os Estados Unidos “como uma referência em cultura, economia, meios de comunicação, modelo de sociedade mesmo”.

Desde seu surgimento, o enunciador se posiciona do lado Ocidental no conflito entre Estados Unidos e União Soviética, em plena Guerra Fria: os norte-americanos estão sempre no modelo a ser seguido (valor-mesmo). Essa defesa ideológica é facilmente identificada ao longo da história de *Veja* (BELMONTE, 2016, p. 43)⁸⁸.

É nesse contexto que Dorrit Harazim é enviada para a cobertura da Guerra do Vietnã, em 1970, em um conflito travado entre o Sul, ligado aos Estados Unidos, e o Norte, à União Soviética.

cobertura de conflitos. Na Guerra do Vietnã, Kate Webb desapareceu por semanas e foi dada como morta até reaparecer – ela havia sido capturada pelo Exército do Vietnã do Norte (SYEDA, 2020).

⁸⁸ O pesquisador Wagner Barge Belmonte explica em sua tese que o interesse pela *Veja* começou no período das Diretas Já, movimento pela democracia que foi capa da edição 815, em 1984, mas que, desde o apoio editorial – posteriormente confirmado pelo empresário Roberto Civita – à candidatura de Fernando Collor, em 1989, viu uma guinada conservadora da publicação. Conforme os trechos da tese compilados nesta pesquisa, trata-se de uma visão marxista, verificada pelo próprio Belmonte (2016, p. 25) com embasamento no historiador Antonio Pedro Tota: “a corrente que responsabiliza a ‘americanização’ por desestruturar a nossa cultura apresenta arsenal teórico ligado ao marxismo”. Não é a intenção desta dissertação se aprofundar no assunto, mas entendemos a importância em pontuar o mesmo para uma leitura crítica.

5.1.3 Correspondentes brasileiros na Guerra do Vietnã

Para estabelecer um ponto de referência, pensamos em revistas informativas brasileiras que estiveram ativas nas décadas de 1960 e 1970 para averiguar se foi feito o envio de profissionais para a cobertura da Guerra do Vietnã. Revistas por conta da *Veja*, de modo a manter a comparação no mesmo tipo de veículo de imprensa. Assim, com base em Scalzo (2016), Ali (2009) e Biagi (2001), chegamos aos seguintes títulos: *Cruzeiro* (1928-1975), *Manchete* (1952-2000), *Fatos & Fotos* (1961-1983) e *Realidade* (1966-1976).

Em busca com as palavras-chave “Guerra do Vietnã” no acervo digital de *O Cruzeiro*, 69 resultados apareceram em edições entre os anos 1966 e 1980 (HEMEROTECA, [s.d.]). Muitos textos estão na editoria Política Internacional, assinada pelo jornalista Teophilo de Andrade, e contêm citações sobre as implicações do conflito nas eleições dos Estados Unidos na época; alguns outros estão na coluna “Última página”, de Rachel de Queiroz. Mas não há referência sobre um enviado especial para cobertura da guerra no local.

Na *Manchete*, o acervo digital aponta 1.072 resultados com as palavras-chave “Guerra do Vietnã”. Quando acrescentamos “correspondente”, o valor diminui para 41 entre 1965 e 1995 (HEMEROTECA, [s.d.]) e alguns nomes aparecem: o fotógrafo francês Raymond Depardon (1942-), a serviço da Agência Dalmas, na edição 670; o correspondente da Europa, Jean-Paul Lagarride, nas edições 674 e 753; o brasileiro Luís Edgar de Andrade (1931-2020), na edição 835; o francês François Pelou (1924-), na edição 977 – citado como ex-correspondente para a France Presse no Brasil, na qual era diretor; o estadunidense Seymour Hersh (1937-), na edição 1.090 – citado como correspondente para o *The New York Times*; os estadunidenses Arthur White e Peter Rangué, na edição 1.092 – citados como correspondentes para o *Time*; o estadunidense George Esper (1932-2012), na edição 1.205 – citado como correspondente para a *Associated Press*.

Com foco nos profissionais da *Manchete*, temos os repórteres Jean-Paul Lagarride e Luís Edgar de Andrade. Há poucas referências sobre Lagarride e isso se deve ao fato de ele ser uma invenção do então diretor da revista, Justino Martins, conforme explica Roberto Muggiati (2017)⁸⁹. O então editor da *Manchete* não explica o motivo da criação de Lagarride, mas conta que Martins tinha “alma de ficcionista e inventou um repórter internacional fortemente vinculado ao Brasil” (MUGGIATI, 2017, s/p).

⁸⁹ A dica foi dada por Celso Arnaldo Araújo, antigo editor da *Manchete*.

Já Luís Edgar de Andrade foi correspondente no Vietnã não só pela *Manchete* como pela *Fatos & Fotos* – cujo acervo digital não está disponível –, sendo considerado uma das vozes mais conscientes da guerra:

Suas matérias caracterizaram-se como análises muito bem fundamentadas que pesavam ambos os lados do conflito – o que era raro neste momento tão marcado pelo maniqueísmo político de quem estava envolvido na cobertura de guerra. Apesar dessa ponderação, o correspondente não era “neutro” e se posicionava contra a guerra. Ele reconhecia que este era um problema local, onde a presença norte-americana era desnecessária. Apesar dessa posição, não apoiava inteiramente as táticas de guerra do Vietcong e do Vietnã do Norte, que não abriam espaços para negociações – sem contar a selvageria de muitas de suas ações. O jornalista não tinha dúvidas quanto à determinação do Vietcong, mas criticava também o seu sectarismo, que o impedia de ver uma saída pacífica (BIAGI, 2001, p. 212).

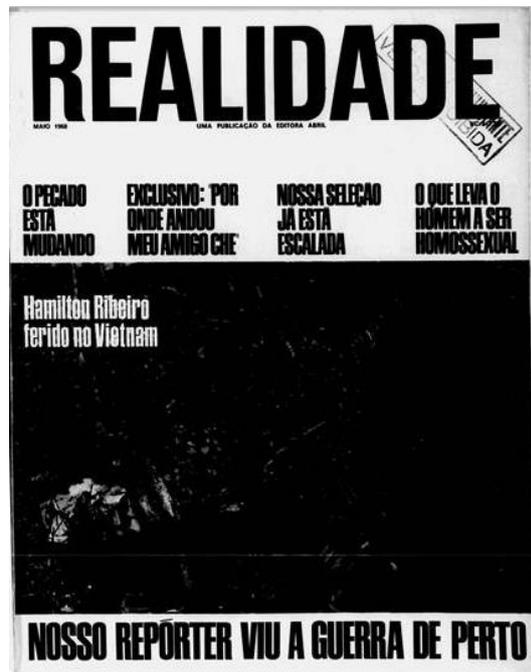
O jornalista trabalhou para *O Cruzeiro* na década de 1960, morou em Paris durante alguns anos e voltou para o Rio de Janeiro para chefiar a editoria de Internacional do *Jornal do Brasil*. Ele embarcou para o Vietnã em 1967 e cobriu os dois lados do conflito. Andrade ainda teve passagem pela *Realidade*, *O Estado de S. Paulo*, *Exame*, *O Pasquim* e programas jornalísticos da Rede Globo (GLOBO, [s.d.]). Publicou um romance, “Bao Chi, Bao Chi” (ANDRADE, 2002), com a Guerra do Vietnã envolvendo uma história ficcional. Ele faleceu em abril de 2020, aos 88 anos, vítima da Covid-19 (KAMEL, 2020).

“Mas foi o drama do jornalista Hamilton Ribeiro que faria com que a aproximação da guerra ao cotidiano do país não ficasse mais circunscrita a grupos de intelectuais ou de estudantes” (BIAGI, 2001, 213). O correspondente foi ao Vietnã pela *Realidade* e, após 40 dias, enquanto acompanhava o fotógrafo *freelancer* Keisaburo Shimamoto em uma caminhada em busca de fotos, pisou em uma mina terrestre e perdeu parte da perna esquerda, o que rendeu não apenas a cobertura para a revista como o livro “O gosto da guerra” (RIBEIRO, 2005).

Quando inseridas na busca do acervo digital da *Realidade*, as palavras-chave “Guerra do Vietnã” oferece menos resultados que a dos demais veículos verificados, apenas 14, entre 1966 e 1975 (HEMEROTECA, [s.d.]), a se considerar que o período de existência da revista também é menor. Porém, em nenhuma ocorrência aparece o nome de Hamilton Ribeiro, o que levou a uma segunda pesquisa, com o nome do jornalista como palavras-chave e levando a 31 resultados – a maioria com a relação do expediente da revista, mas também a edição 26, com a indicação para a reportagem feita no Vietnã.

A primeira reportagem, “Eu estive na guerra”, ocupou 20 páginas da edição de maio de 1968 e foi o destaque de capa, conforme pode ser visto na Imagem 4.

Imagem 4 – Capa da edição 26 da revista *Realidade* (maio de 1968)



Fonte: Reprodução/Hemeroteca

A *Realidade* é sempre citada como expoente máximo da onda de Jornalismo Literário dos anos 1960 e Hamilton Ribeiro é considerado “um mestre na arte da escuta, ação fundamental em Jornalismo Literário” (MARTINEZ, 2016, p. 40). Conforme Martinez (2010), a metodologia do jornalista consiste em: 1) percepção acurada para propor novas angulações; 2) exaustiva pesquisa do tema; 3) imersão no assunto; 4) diálogo profundo e respeitoso com as fontes; e 5) estilo autoral na escrita (mídia impressa) e na edição das imagens (eletrônica).

Com apenas dois anos de diferença, Ribeiro e Harazim cobriram a guerra – ele no Vietnã (RIBEIRO, 1968) e ela no Camboja (HARAZIM, 1970) – para revistas brasileiras informativas e produziram reportagens em jornalismo literário. Os elementos presentes na produção de Harazim serão analisados a seguir.

5.1.4 Elementos de jornalismo literário na reportagem de Dorrit Harazim

A existência de elementos do jornalismo literário na produção de Dorrit Harazim é um dado (QUIERATI, 2016), mas, nesta pesquisa, investigamos quais os elementos nas narrativas produzidas em coberturas de guerras e conflitos. Conforme apontado no quarto capítulo desta dissertação – “Metodologia” –, abordaremos os elementos de jornalismo literário pelo compilado de Martinez (2016, p. 211), em que se entende três características distintas e

fundamentais: 1) apuração, 2) digestão e compreensão do material apurado e 3) redação em estilo literário.

A reportagem “Um combate não declarado” foi publicada em 1970, quando o conflito já estava em curso há 11 anos, portanto não havia necessidade de explicar qual guerra era aquela. No decorrer da reportagem, nota-se que Harazim não foi enviada para a cobertura de um evento específico, mas sim para a oferta de uma visão do todo, o que permitiu que ela escrevesse com liberdade ao invés de se ater à clássica estrutura da pirâmide invertida.

O primeiro ponto de análise é a apuração. Antes, devemos entender que a imersão é um dado na cobertura de guerra, uma vez que o jornalista está atuando diretamente no local da ação – o que o envolve física e psicologicamente com a pauta.

Considerando a pesquisa aprofundada, a narrativa de Harazim deixa claro o quanto se deu atenção ao tema antes de escrever sobre ele. Por diversas vezes, ela cita o que viu e ouviu “na última quarta-feira” e “na última quinta-feira”, por exemplo, isso acompanhado de informações de variadas fontes civis e militares, adquiridas por meio de entrevista. Ainda, o uso de siglas como EMG (Estado-Maior Geral) e Fank (Forças Armadas Nacionais Khmers), além dos nomes de municações, oficiais e lugares revelam que a jornalista estava confortável em falar sobre o assunto, como pode ser visto no trecho a seguir:

Na sala que se esvaziava lentamente ficaram os troféus apreendidos na batalha de Kampong Cham e expostos como pano de fundo para os prisioneiros: seis metralhadoras AK-47, duas AK-50, um fuzil AK-2, um revólver copiado de um modelo russo – todas armas chinesas, usadas também pelo Exército cambojano –, um par de sandálias Ho (marca registrada dos combatentes norte-vietnamitas) e um apito que é utilizado pelos chefes de seção do Exército norte-vietnamita (HARAZIM, 1970).

O trecho evidencia a exatidão da jornalista quanto ao nome das armas, algo que poderia ter passado despercebido, mas Harazim fez questão de apurar e especificar. Relevante notar como a jornalista se atém a esses detalhes, dado que, como sugerido por Aleksiévitich (2016) com base em relatos sobre a Segunda Guerra Mundial, mulheres tenderiam a transmitir outras informações e sensações sobre as guerras e conflitos:

Conforme Aleksiévitich afirma com base em centenas de entrevistas para seu livro, nos discursos femininos sobre a guerra raramente há relatos sobre pessoas heroicamente se matando, vencendo ou perdendo batalhas, técnicas de guerra ou posições gerais, assim como nomes de generais e comandantes ou número e descrição das unidades. Ao contrário, as mulheres participantes da Segunda Guerra Mundial lembram o que aconteceu com elas, de modo que reportam sua guerra privada – como

o título do filme sobre a correspondente de guerra Marie Colvin, de 2018 (MARTINEZ, no prelo; tradução nossa⁹⁰).

Primeiramente, pontuamos que, no livro de Aleksiévitich (2016), as mulheres haviam estado na guerra, mas não eram correspondentes da mesma. Como Harazim estava no Vietnã como repórter, é natural esperar que ela registre a situação, não conflitos pessoais. Lembramos que se tratava da primeira cobertura de Harazim, o início de sua carreira jornalística; antes, ela atuava no departamento de pesquisa do *L'Express* (QUIERATI, 2016), o que pode justificar sua inclinação aos detalhes. Podemos ainda sugerir que a cobertura minuciosa reflita a vontade de superar inseguranças profissionais:

Quem colocou seus pés no chão – literalmente – foi o repórter Henry Kamm, do New York Times. Kamm (ganhador do Pulitzer em 1978 pela cobertura da guerra do Vietnam) a puxou pelos tornozelos para dentro de uma vala numa incursão a Tonle Bet. Ele era da geração de correspondentes veteranos daquela guerra. “Olha só, não sei como nem por que você veio parar aqui. Suponho que seja para reportar sobre a guerra. Mas se quiser mandar matérias para seu jornal é melhor aprender a se jogar no chão como todos nós”, Harazim recorda ouvir do colega. “Naquela hora me dei conta do papel ridículo que eu estava fazendo e aprendi a não chegar tão crua”. Com a experiência, passou a montar bancos de dados, fazer pré-investigações exaustivas, pensar em cada detalhe (PIRES, 2015, s/p).

Isso não implica a falta de fatos e emoções (DAVID, 2014), até porque a objetividade jornalística revela-se ilusória (DAVID, 2014; RECHÉ, 2015); no caso, Harazim (1970) apenas reserva a narrativa aos seus personagens. Talvez a jornalista tenha vivido guerras privadas tal como Marie Colvin (CAMARGO; MARTINEZ, 2019), mas as histórias não cabiam naquele espaço da revista *Veja*. Mais provável que os relatos pessoais tenham ficado de fora porque Harazim diz não usar a palavra “eu” (PIRES, 2015), ou seja, não se insere na reportagem – apesar de ter mergulhado na apuração para oferecer o máximo da história.

No entanto, mais importante é destacarmos que uma produção em jornalismo literário contém tantas – ou mais – informações que uma em formato convencional. Tanto que exatidão e precisão são características destacadas por Lima (2009, p. 355; grifos do original):

Antes de mais nada, qualquer texto jornalístico, para ser considerado como tal, deve informar, portando elementos da realidade que o tornam verossímil, identificável por muitos de nós. Tratam-se de dados primários que ancoram a matéria naquilo que podemos aceitar como real e concreto.

⁹⁰ Original: “As Aleksiévitich states based on hundreds of interviews for her book, in women speeches about war there is seldom reports on people heroically killing each other, winning or losing battles, war techniques or generals positions, as well commanders and generals’ names or the number and description of units. On the contrary, women participants of the WWII remember what happened to them, in a way they report their private war – as the title of the movie about female war correspondent Marie Colvin dated 2018” (MARTINEZ, no prelo).

A **exatidão** e a **precisão**, portanto, fazem parte do ideário. Contudo, o modo como se atende a esse quesito no jornalismo literário é muito mais criativo – e desafiador – para o autor do que no jornalismo convencional. É também muito mais cativante para o leitor.

Harazim (1970) o faz em sua reportagem. Tal como o jornalista literário Gay Talese, em “Fama & Anonimato” (2004), Harazim expõe uma grande quantidade de dados e detalhes enquanto apresenta uma cena, uma sequência visual que “nada tem a ver com textos burocráticos e entediantes que muitas vezes encontramos em relatos jornalísticos recheados de números” (LIMA, 2009, p. 357). Em outro exemplo:

À parte a instalação, aqui e ali, de algumas peças de artilharia de 122 mm – de fabricação soviética –, apenas um batalhão de infantaria cambojano (cerca de quinhentos homens) e cinco tanques protegem diretamente a capital real de uma ameaça que ela prefere ignorar. Entretanto, a pressão dos guerrilheiros comunistas sobre Phnom Penh pode endurecer seriamente de um momento para outro – principalmente em vista do fato de que eles já circulam a pouco mais ou menos de 30 quilômetros daqui. Mas, até o momento, é uma outra guerra que se faz sentir entre os 500.000 habitantes de Phnom Penh. Uma guerra em surdina, não declarada, mas cuja tonalidade cresce hora por hora, bairro por bairro, de quartel em quartel (HARAZIM, 1970, p. 50).

Passamos agora para a digestão e compreensão do material apurado, segundo ponto de análise, que também consta na reportagem. Harazim inicia o texto dando um panorama geral do que encontrara em Phnom Penh, no Camboja, e desenvolve para o que ela diz ser a guerra não declarada, a verdadeira guerra que cresce na cidade:

Esta guerra pôde aparecer de maneira bastante clara na semana passada. Durante sua reunião com os jornalistas na última quinta-feira, foi o próprio comandante Am Rong quem deixou voluntariamente escapar a primeira palavra oficiosa – após algumas considerações sobre a necessidade de impedir o Vietcong de organizar uma infraestrutura política, militar e econômica no Camboja. Deixando um pouco de paixão tingir levemente sua voz até ali irrepreensível, ele pronunciou, num francês como sempre impecável, uma frase que iria retomar em seguida sob outras formas: “Nós, os cambojanos, preferimos a morte a uma vida sob o domínio vietnamita. É uma luta que nós levamos adiante há séculos”. E quando foi feita a pergunta que estava na ponta da língua de cada um dos presentes – isto é, se ele incluía também os sul-vietnamitas nessa ameaça –, o comandante Am Rong se limitou a acrescentar, por trás de um sorriso ambíguo, que competia ao governo do General Lon Nol responder (HARAZIM, 1970, p. 50).

A passagem revela como, embora a jornalista estivesse cobrindo um certo conflito, a população temia que a saída do exército estadunidense, então anunciada, não significasse prontamente a também saída do exército sul-vietnamita – ou seja, havia outro conflito em curso. Essa conclusão veio após apuração da jornalista, apresentada na metade final do texto, após o leitor ter informações que o levassem a compreender a reflexão. Essa postura de Harazim em

tecer a ação do presente num contexto que remeta aos possíveis desdobramentos futuros exige esforço:

Para fazer isso, o jornalista literário precisa pesquisar e estudar. Não bastam intuição, nem a impressão que obtém quando sai a campo. É fundamental o exercício do discernimento do autor para apreender o que está à sua volta, obter clareza das forças dinâmicas que movem qualquer acontecimento – do esporte à política, da ciência ao comportamento, da economia à cultura –, ler a dança do universo (LIMA, 2009, p. 368).

Trata-se da característica de “compreensão”, na qual o jornalismo literário “serve à função educativa de disseminação do conhecimento” (LIMA, 2009, p. 366) e o jornalista apresenta-se como mediador (RECHÉ, 2015) de informações que ele apurou e digeriu.

Por fim, pensando o terceiro ponto, a redação em estilo literário. O texto começa com a pergunta “Vocês vão à guerra esta tarde?” (HARAZIM, 1970, p. 50), que em seguida explica-se ser o questionamento entre os jornalistas em Phnom Penh. Trata-se de uma quebra no uso do lide ao utilizar a reprodução de uma fala e descrever o contexto em que a mesma se encaixa.

Há reprodução de falas, inclusive, em formato de um pequeno diálogo inserido no decorrer do texto, característica de jornalismo literária apontada por Wolfe (2005). A transcrição pode ser vista a seguir:

- Quantos são vocês? Por que vocês estão combatendo no Camboja?
- Meu posto não me permite saber isso. Meus superiores sabem.
- Que tratamento vocês estão recebendo como prisioneiros de guerra no Camboja?
- Do ponto de vista médico, o tratamento é correto, murmura Tran Van Dung, pouco antes que o comandante Am Rong ponha fim ao interrogatório, observando que os presos já estavam cansados (HARAZIM, 1970, p. 50).

O uso do travessão para iniciar as falas e, na última, a descrição de que a pessoa murmurou enquanto a ação acontecia faz com que o texto adquira formato de uma narrativa literária (PEREIRA, 2017). Após a década de 1960, quando esse formato se popularizou com os novos jornalistas estadunidenses, a transcrição de diálogos sofreu críticas justamente pela aproximação ao que era visto como ficção:

É exatamente por aí, pelo fluxo de consciência e pelo diálogo levados ao extremo das possibilidades na reprodução do real, que o *novo jornalismo* sofre o mais ferrenho combate, que procede não só da comunidade literária mas também da própria instituição jornalística. Em princípio, ninguém acredita que os diálogos sejam verdadeiros, acusam que tamanha precisão só poderia surgir da elaboração ficcional. Negam o monólogo interior e suas variantes (LIMA, 2009, p. 205; grifos do original).

Se o uso do recurso foi exagerado ou não, posteriormente, os jornalistas que beberam dos estadunidenses falavam em eliminar a “ênfase na forma em detrimento da substância [...] tudo o que consideravam a ‘overdose’ da exuberância estilística” (LIMA, 2009, p. 206).

O recurso foi utilizado por Harazim com o propósito de demonstrar ao leitor, com as frases literais, como os prisioneiros respondiam, mesmo contando com a ajuda de um intérprete. Assim, conforme o jornalismo literário atual sugere, houve um “aproveitamento mais dinâmico do diálogo e das vozes dos personagens” (LIMA, 2009, p. 207).

A jornalista preocupa-se ainda em pintar o que vê e sente no imaginário do leitor, utilizando-se de adjetivações como “a capital pitoresca e florida do reino de Kampuchea” e “a cidade abafada pelo calor e mutilada pelo toque de recolher seletivo” (HARAZIM, 1970, p. 50-51). Neste último trecho, percebe-se o simbolismo, característica do jornalismo literário:

Por mais sensível, atento e perspicaz o autor, nem sempre é possível ou desejável narrar uma situação apenas com os dados factuais. Todo acontecimento é carregado de significados sutis, subjetivos. O mundo não é apenas concreto e factual. É também simbólico. Como o autor tem a missão de compreender sua história em pauta da maneira mais completa possível, precisa estar atento aos significados que saltam dos fatos, ao sentido oculto cuja melhor forma de expressão nem sempre é o relato objetivo (LIMA, 2009, p. 378).

No caso da reportagem de Harazim, o simbolismo encontra-se ao tratar o toque de recolher seletivo como uma mutilação da cidade, no sentido figurado de descaracterização do lugar, já que a jornalista está falando da Phnom Penh que é uma “explosão de cores” (HARAZIM, 1970) durante o dia. As expressões podem não chamar a atenção em uma primeira leitura, mas a escolha de palavras para descrever a cena revela as faces destoantes da cidade. Para Lima (2009, p. 383), a palavra certa faz toda a diferença: “palavras escritas com conteúdo imagético dão força de campeão peso-pesado ao seu texto. Impactam. Você nota. E o texto então vibra de vitalidade”.

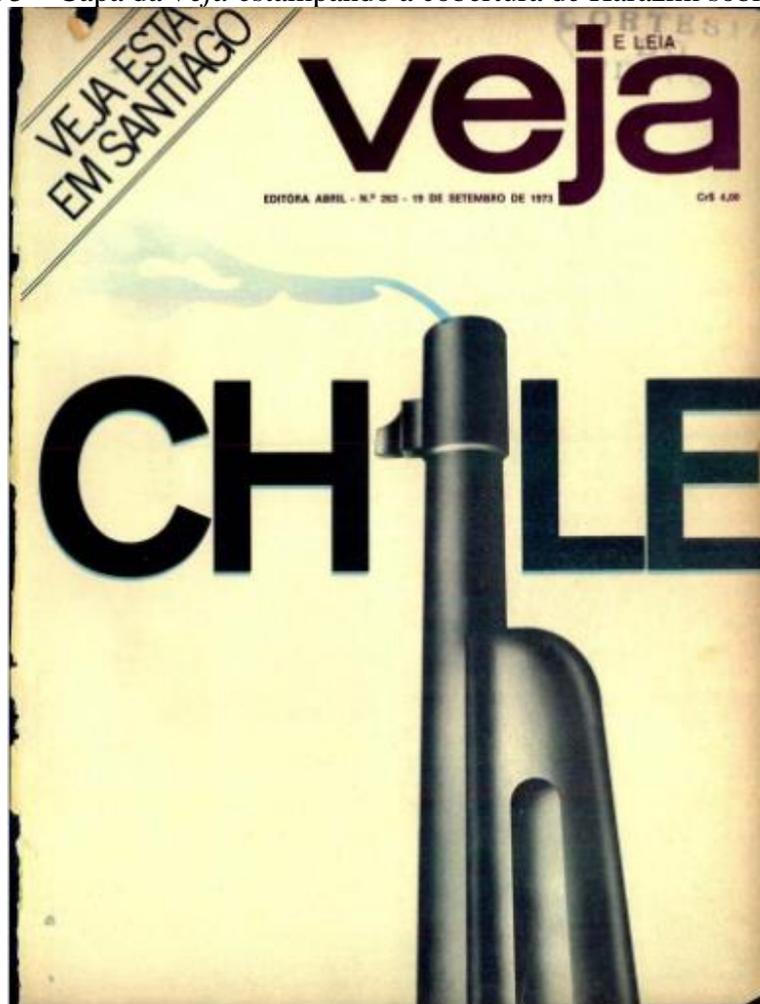
A reportagem que Dorrit Harazim produziu sobre a Guerra do Vietnã mostra como uma iniciante no jornalismo e estreante na cobertura de guerras e conflitos pode escrever com as características do jornalismo literário mesmo que essa não seja sua intenção ou diretriz editorial. Trata-se de um texto que ocupa duas páginas da revista informativa *Veja*, não insere a jornalista na narrativa e, ainda assim, possui todos os elementos (MARTINEZ, 2016) da narrativa aprofundada que aqui investigamos.

5.2 Dorrit Harazim no golpe de Estado do Chile (1973)

Era destino de Harazim ser testemunha da história – sem ser protagonista, conforme prezava (PIRES, 2015). A jornalista foi enviada pela revista *Veja* para Santiago, no Chile, para cobrir a reunião da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), em setembro de 1973. Porém, o que encontrou foi um país na ebulição política que levou à queda do então presidente Salvador Allende (QUIERATI, 2016). Inusitadamente, Harazim presenciaria um marco da história latino-americana.

A cobertura da crise chilena foi capa da revista, conforme pode ser visto na Imagem 5.

Imagem 5 – Capa da *Veja* estampando a cobertura de Harazim sobre o Chile



Fonte: Reprodução/Acervo digital Revista *Veja*

Na seção “Carta ao Leitor”, Mino Carta comentou a dúvida sobre a cobertura de Harazim entrar naquela edição:

E na noite de sexta-feira passada, por volta das nove horas, uma frase se espalhou com ritmo exultante pela redação de VEJA: “A Dorrit está entrando”. Isto significava, ao contrário de qualquer aparência, que o telex começava a transmitir, de Santiago do Chile, um longo e denso relato, embora provavelmente censurado, de Dorrit Harazim, editora de VEJA, sobre a queda de Salvador Allende e a sangrenta reviravolta nos rumos políticos chilenos. Havia sido uma semana de muitas incertezas quanto à possibilidade de Dorrit poder vir a contribuir para a reportagem de capa desta edição – donde a euforia que empurrava a frase de uma mesa para outra (CARTA, 1973, p. 19).

A reportagem chamada “Violência e golpe em Santiago” não só entrou na edição como teve oito páginas de textos e fotos na *Veja*, sendo as duas primeiras reproduzidas na Imagem 6, a seguir:

Imagem 6 – Reportagem “Violência e golpe em Santiago”, de Dorrit Harazim



Fonte: Reprodução/Acervo digital da Revista *Veja*

Ofereceremos o contexto sobre o golpe de Estado do Chile adiante.

5.2.1 Contexto do golpe de Estado do Chile

O golpe de Estado do Chile começou no final da manhã de 11 de setembro de 1973, quando aviões da Força Aérea chilena atacaram o prédio da emissora sindical Rádio Corporación e cercaram o cinturão industrial da capital Santiago. O movimento era liderado

pelo general Augusto Pinochet, nomeado chefe do Exército pelo presidente socialista Salvador Allende que, até então, acreditava na lealdade de seus oficiais.

O Chile era visto como uma democracia estável; logo, o golpe não era algo que Allende esperava. “Ele, o primeiro marxista a ser eleito democraticamente como chefe de Estado e de governo de um país ocidental, acreditou profundamente e durante muito tempo na força da preservação dos valores e tradições democráticos” (AHRENS, 2020, s/p). Mas a democracia foi rompida, os militares assumiram o controle e o Palácio de La Moneda foi bombardeado e invadido para retirar o presidente, que se suicidou para evitar a humilhação e a violência que chegariam nele (NOGUEIRA, 2020).

O golpe de Pinochet foi festejado politicamente pelo governo americano de Richard Nixon, do qual também obteve apoio logístico. O golpe militar de 11 de setembro de 1973 foi o sangrento ponto final da política externa dos EUA contra o socialista Allende, que fora combatido por Washington desde o início do seu governo.

Poucos dias depois da posse de Allende, os Estados Unidos lançaram as suas reservas de cobre no mercado mundial, fazendo com que caísse rápida e drasticamente o preço do principal artigo chileno de exportação no mercado mundial. Dessa maneira, o financiamento das reformas sociais anunciadas por Allende tornou-se praticamente impossível.

Ele só pôde concretizar realmente uma única reforma: o pediatra Allende fez com que todas as crianças chilenas recebessem gratuitamente meio litro de leite, todos os dias, até completarem 8 anos (AHRENS, 2020, s/p).

A situação no Chile estava dentro do período de militarização enfrentado pela América Latina durante a Guerra Fria, quando os Estados Unidos tentavam conter a expansão do comunismo. Segundo Martins Junior (2009, s/p), a preocupação levou à criação de programas como a Aliança para o Progresso, “instituído por Washington conjuntamente a diversas lideranças latino-americanas, através do qual buscava-se melhorar os índices socioeconômicos da região e, concomitantemente, frear o crescimento das alternativas socialistas”.

Em casos mais extremos, forças conservadoras nacionais que mobilizavam instituições militares contavam com o apoio estadunidense. Isso aliado ao apoio das populações locais, que acreditavam “que somente através de administrações fortes, comandadas pelo ímpeto dos militares, estaria garantida a urgente defesa contra a ameaça comunista” (MARTINS JUNIOR, 2009, s/p), resultou na instalação de regimes militares não só no Chile (1973-1990), mas na Bolívia (1964-1982), no Brasil (1964-1985), na Argentina (1966-1973) e no Uruguai (1973-1985).

No Chile, Pinochet assumiu a presidência em 17 de dezembro de 1974 e permaneceu até 1990. Foi um período marcado por crimes de violação de direitos humanos e prisões

políticas – de acordo com Silva (SILVA, [s.d.], s/p), “estima-se que mais de três mil pessoas foram mortas pela repressão do governo e outras 40 mil foram torturadas”.

O jornalista brasileiro Sergio Motta Mello (1946-) entrevistou Pinochet para o programa *Painel*, da *TV Globo*, em 1978, e lembra do desconforto com a situação. “Eu ia estar frente a frente com o líder de uma ditadura que havia assassinado ou obrigado a fugir para o exílio milhares de chilenos e até muitos brasileiros que haviam se isolado no Chile após a implantação do regime militar no Brasil” (MELLO, 2018, p. 143). Já Renato Machado (1943-) foi enviado para o Chile para cobrir o processo de abertura democrática para o *Globo Repórter*, em 1988. Ele, que foi sozinho e trabalhou com um cinegrafista da agência britânica *Visnews*, lembra-se do período como conturbado para a profissão:

Para uma das manifestações a favor de Pinochet, alugamos um carro e dirigimos rumo ao centro. Tudo parecia bem. Começamos a filmar, eu tomava minhas notas. Até que, de repente, alguém viu a bandeira da Inglaterra na câmera de nosso cinegrafista e gritou. Acharam que o estrangeiro era inglês, antichileno, contra Pinochet, porque, naquela época, a imprensa estrangeira falava muito sobre a truculência da ditadura chilena. E essa manifestação era de conservadores raivosos contra o mundo que falava mal do Chile. Saíram correndo atrás dele e de mim também, pois estávamos juntos. Nunca corri tanto em toda a minha vida (MACHADO, 2018, p. 198-199).

Os dados realmente apontam os riscos que jornalistas correram na época. O “*Observatorio de La Libertad de Prensa – Atentados contra periodistas*”⁹¹ da Infoamérica contabiliza pelo menos 37 jornalistas (sendo cinco estudantes de Jornalismo) mortos ou desaparecidos durante a ditadura militar chilena. Dentre os nomes há várias nacionalidades, inclusive uma brasileira – Jane Vanini Capozzi (1945-1974), exilada política que trabalhava como secretária na revista chilena *Punto Final*. Conforme Araújo (2002), ela foi militante política no Brasil, em Cuba e no Chile, trabalhou na Editora Abril, fez o programa diário *Radio La Habana* para o Brasil quando estava na capital cubana e era casada com o jornalista José Carrasco Tapia.

5.2.2 Contexto da revista *Veja*

Uma vez que o histórico da *Veja* foi descrito no intertítulo 5.1.2 deste capítulo, aqui nos ateremos a oferecer um contexto do que acontecia na revista à época.

Quierati (2016, p. 19) destaca que o Brasil vivia um período de censura, o que influenciou as páginas da revista. O jornalista Carlos Maranhão, que trabalhou por mais de

⁹¹ O conteúdo está disponível em: https://www.infoamerica.org/libex/muertes/atentados_cl.htm. Acesso em: 13 out. 2020.

quatro décadas na Editora Abril e passou pela *Veja* (LORES, 2020), conta o que foi feito em relação ao que acontecia no Chile:

Transcorridas duas semanas, na edição com data de capa de 20 de fevereiro, a *Veja* decidiu lançar mão de subterfúgios para mostrar que estava submetida à censura. No lugar dos textos e ilustrações suprimidos, entravam reproduções de gravuras antigas retratando anjos ou demônios. [...] Apesar das ameaças, a redação reagia com sagacidade e uma certa dose de humor. À sequência a uma matéria censurada sobre o Chile, por exemplo, foram publicadas nove cartas, em uma coluna, sob o título “Circunstâncias”. Assinadas por jornalistas da equipe, estavam repletas de obviedade e lugares-comuns, com o propósito de chamar a atenção dos leitores (MARANHÃO, 2016, l. 3.203).

Uma das cartas era de Harazim, na qual ela fala sobre pontos irrelevantes a respeito de sua reportagem; a ideia era apontar que haviam coisas mais importantes que não estavam podendo ser ditas. Maranhão (2016, l. 3.214) a destacou:

Sr. diretor: Relendo meu artigo sobre o Chile, me parece imprescindível acrescentar que uma parte da população mora em cidades grandes, outra parte mora em cidades médias e uma terceira mora em cidades pequenas. Além disso, há também uma quarta e última parte que não mora em cidades. *Dorrit Harazim*, editora internacional da revista *Veja*.

A atitude da equipe da revista chamou a atenção da Polícia Federal, que solicitou a não utilização de material que trouxesse a censura implícita. Os chamados à Brasília para prestar esclarecimentos sobre o conteúdo duraram alguns anos. Maranhão (2016, l. 3.281) contabiliza os resultados: “Durante 119 edições, sem contar as que haviam sido recolhidas, a *Veja* teve 10.352 linhas cortadas e sessenta matérias, 44 fotografias e vinte ilustrações vetadas na íntegra”.

Portanto, as coberturas realizadas no período não lidavam apenas com as dificuldades que um jornalista numa crise internacional enfrenta; havia ainda a censura que a ditadura militar brasileira aplicava na imprensa.

5.2.3 Correspondentes brasileiros no golpe de Estado do Chile

Embora a ditadura chilena tenha perdurado até 1990, decidimos aqui nos ater ao momento do conflito, o golpe de Estado, pensando o período de setembro de 1973 – quando os militares derrubaram o presidente Salvador Allende – até dezembro de 1974 – quando o general Augusto Pinochet foi nomeado presidente do país. Para identificar se revistas informativas brasileiras enviaram correspondentes para a cobertura do conflito, nos baseamos novamente em

Scalzo (2016) Ali (2009) e Biagi (2001), listando *Cruzeiro* (1928-1975), *Manchete* (1952-2000), *Fatos & Fotos*⁹² (1961-1983) e *Realidade* (1966-1976).

Em busca com as palavras-chave “golpe Chile” no acervo digital de *O Cruzeiro*, não houve ocorrências. Como a pesquisa com apenas “Chile” seria inviável, pois são 2.185 resultados da década de 1970, testamos as palavras-chave “Augusto Pinochet” e 11 resultados apareceram entre os anos 1973 e 1975, sendo a primeira na edição 39, de 26 de setembro de 1973, logo após o golpe (HEMEROTECA, [s.d.]).

O Cruzeiro estava com um correspondente em Buenos Aires, na Argentina, o repórter Jairo Monteiro. Conforme a chamada da reportagem na edição 39, Monteiro viajou para o Chile minutos após o golpe eclodir. Em certo momento do texto, um trecho em destaque diz que “O CRUZEIRO foi a única revista brasileira que conseguiu ir ao Chile” (MONTEIRO, 1973, p. 24-25) – o que sabemos estar equivocado, já que Dorrit Harazim estava em Santiago pela *Veja*.

Imagem 7 – Reportagem do correspondente Jairo Monteiro para *O Cruzeiro*, em 1973



Fonte: Reprodução/Hemeroteca Digital

Na mesma edição há a matéria “Por que Allende caiu”, assinada por Berilo Dantas. Trata-se de uma contextualização do golpe, mas sem o jornalista ir ao local (DANTAS, 1973).

⁹² Como mencionado anteriormente, o acervo digital da revista *Fatos & Fotos* não está disponível.

Os resultados ainda mostram textos na editoria Política Internacional, assinada pelo jornalista Teophilo de Andrade – já mencionado anteriormente –; outros creditados a Jairo Monteiro, como a entrevista com Augusto Pinochet, na edição 42; e um texto de Roberto Maltar, identificado como enviado especial a Buenos Aires. Portanto, o único enviado pela revista para cobrir o golpe de Estado foi Monteiro. Não encontramos, porém, informações biográficas sobre ele disponíveis.

Na *Manchete*, o acervo digital aponta 3.727 resultados com a palavra-chave “Chile”, de 1970 a 1979, tornando essa busca também inviável (HEMEROTECA, [s.d.]). Com “golpe Chile”, são 6 ocorrências – havia uma reportagem fotográfica feita por agências de notícias, na edição 1.118, de 29 de setembro de 1973; e uma sobre o envolvimento estadunidense no golpe, com notícias da sucursal de Nova York, na edição 1.172, de 5 de outubro de 1974. Aplicando “Augusto Pinochet” como palavras-chave são 111 resultados, mas nada que indique um enviado especial para o Chile – a edição de 22 de setembro de 1973, por exemplo, tem uma reportagem sobre o ocorrido, mas indica autoria da *Associated Press*; em outras, até 1974, da *Time*.

Já na *Realidade*, entre 1970 e 1976, a palavra-chave “Chile” tem 137 resultados e, “golpe Chile”, nenhum (HEMEROTECA, [s.d.]). Com “Augusto Pinochet” são apenas dois resultados, sendo parte de um calendário de acontecimentos de 1973, na edição 104, e o outro envolvendo previsões astrológicas referentes a 1974. Portanto, voltamos à busca com “Chile”. Há apenas uma pequena nota sobre o golpe, na edição 94⁹³.

5.2.4 Elementos de jornalismo literário na reportagem de Dorrit Harazim

A reportagem “Violência e golpe em Santiago” foi publicada em 1973, na semana seguinte ao golpe de Estado do Chile. O assunto era novo e Dorrit Harazim já estava na capital chilena para outra cobertura quando Salvador Allende foi retirado do cargo à força. Embora a política do país fosse de conhecimento público, a jornalista teve que atualizar-se rapidamente para realizar a cobertura – situação diferente do envio à Guerra do Vietnã, pois o envio de Harazim deu-se alguns anos após o conflito começar.

Devido à censura da ditadura militar brasileira, o texto de Harazim não foi assinado e ela é citada em terceira pessoa do singular como testemunha ocular dos acontecimentos. A

⁹³ Ahamos válido pontuar que, nas edições de 1970 da *Realidade*, nos deparamos com reportagens de alguns enviados especiais ao Chile: os repórteres Luís Edgar de Andrade e Audálio Dantas e o fotógrafo Jean Solari. Podemos supor que a falta de uma cobertura mais ampla sobre o golpe de Estado no Chile três anos depois deveu-se à nova fase pela qual a *Realidade* passava; a partir de setembro de 1973, o projeto jornalístico foi alterado, assim como o modelo de textos publicados (PEREIRA JÚNIOR, [s.d.]). A revista foi encerrada em 1976.

jornalista garante que foi ela quem colheu todas as informações da reportagem, além de tê-la redigido (QUIERATI, 2016, p. 147).

Novamente, as três características de Jornalismo Literário (MARTINEZ, 2016, p. 211) utilizadas serão: 1) apuração, 2) digestão e compreensão do material apurado e 3) redação em estilo literário.

A parte da apuração de Harazim começou antes do golpe:

Hospedada em um hotel distante do centro da cidade e percebendo as movimentações militares que indicavam um golpe iminente, a jornalista encaminhou-se para o centro, onde fica o palácio do governo, o La Moneda, e acabou acompanhando o bombardeio ao local a partir de um hotel ao lado (QUIERATI, 2016, p. 147).

Considerando que a jornalista estava sozinha na cobertura – isto é, sem o apoio de uma equipe presencial –, a mesma é bem detalhada com nomes, datas e situações que mostram como Harazim empenhou-se em oferecer as informações corretamente, com exatidão e precisão (LIMA, 2009). Um exemplo é o trecho com a menção aos membros da Junta Militar:

Na falta de um palácio presidencial – o existente não oferece condições de habitabilidade, depois do tratamento que recebeu terça-feira – a Junta instalou-se no Ministério da Defesa para um governo de duração ainda desconhecida. Seus quatro membros – general Augusto Pinochet, do Exército, o chefe supremo, almirante Toribio Merino, da Marinha, brigadeiro Gustavo Leigh, da Aeronáutica, e general Cesar Mendoza, do Corpo de Carabineiros – e seu Ministério de seis generais – dois contra-almirantes, um vice-almirante, dois coronéis, um brigadeiro e dois civis – contam, basicamente, com um compromisso: incinerar todos os vestígios possíveis do falecido governo da Unidade Popular (HARAZIM, 1973, p. 38).

De acordo com Lima (2009), esse processo de coleta de dados precisa ir além do que é colhido por meio de entrevistas, envolvendo ainda a pesquisa documental, pois “sobretudo na matéria de profundidade e em especial a que focaliza mais a *situação* e a *questão*, do que o *fato* ou o acontecimento isolado, ganha vigor e poder de sustentação (LIMA, 2009, p. 129; grifos do original). Pela reportagem, é o que Harazim se propõe a fazer de modo a oferecer uma cobertura consolidada.

O texto é baseado em nomes, horários e descrições cena a cena (WOLFE, 2005), uma narrativa ordenada que faz o leitor visualizar a sequência exata de acontecimentos conforme Harazim os descreve, como: “E às 12h30, completada a missão de quinze bombardeiros, as chamas finalmente se apossavam de todos os cinco janelões da ala direita, enquanto as primeiras labaredas rompiam o teto e passavam a arder em céu aberto” (HARAZIM, 1973, p. 40).

A jornalista relata diferentes personagens em diferentes locais, o que indica que a apuração foi rigorosa e plural para que a reportagem pudesse oferecer um panorama amplo do que aconteceu naquele dia em Santiago.

Já no segundo elemento, digestão e compreensão do material apurado, reforçamos a habilidade de Harazim em tecer o que estuda e observa da vida para a narrativa que traçará no texto jornalístico. Por exemplo, assim como a jornalista toma conhecimento do golpe por indícios, o texto (HARAZIM, 1973, p. 38) começa com trechos de telefonemas de Allende que revelam o temor com o que se aproximava:

“Tencha, a situação tornou-se grave. A Marinha se sublevou.” (Telefonema de Allende a sua mulher, “Tencha”, às 7h40 de terça-feira, em Santiago.)
 “Ramón, a situação é gravíssima.” (Telefonema de Allende ao embaixador do Chile em Buenos Aires, Ramón Huidobro, às 10h30 de terça-feira.)

Os trechos com transcrições literais remetem a Wolfe (2005), visando à maior aproximação da cena real. Ainda, a compreensão do ocorrido também se destaca quando Harazim toma como base o próprio conhecimento de golpes de estado para fazer um comentário sobre a situação chilena:

Pelo manual latino-americano do golpe de Estado a história poderia ter perfeitamente acabado aí: o presidente, sem cacife militar para continuar no jogo, toma o rumo do exílio, e os golpistas se instalam no palácio. Desta vez, entretanto, nada correu de acordo com esses consagrados usos e costumes. Allende tomou a raríssima decisão de não se entregar, e o golpe deixou a órbita do folclore para encaixar-se no das grandes tragédias políticas (HARAZIM, 1973, p. 39).

Trata-se de uma proposta de universalização temática (LIMA, 2009), pelo qual a jornalista busca aproximar a narrativa do leitor que não vive aquela realidade por meio de algo que ele provavelmente já conheça. A partir do momento em que o leitor se familiariza com o tema, explica a cobertura atual.

A boa digestão do material fica clara no decorrer de todo o texto, pois Harazim se vale de diferentes fontes – sejam declarações oficiais ou institucionais – para oferecer embasamento às informações que oferece. Não fica claro quantas e quais pessoas ela realmente entrevistou, se teve fontes extraoficiais que lhe fizeram relatos, se acompanhou os acontecimentos mais de perto ou mais de longe. Mas tudo se costura ao texto em meio às narrativas e com divisões em intertítulos para melhor localização dos assuntos, reforçando a habilidade da jornalista:

Em muitas ocasiões, surge o painel multivozes e o repórter, o autor, é apenas um sutil maestro que costura os depoimentos, interliga visões do mundo com tal talento que parece natural tal arranjo, como se surgisse ali espontaneamente, perfeito. Nessas

ocasiões, o jornalista-escritor atinge uma situação máxima de excelência no domínio da entrevista: a de tecedor invisível da realidade, que salta, vívida, das páginas para o coração, a mente e todo o aparato perceptivo do leitor (LIMA, 2009, p. 107).

Por fim, pensando no terceiro elemento, a redação em estilo literário, vemos logo no início do texto a utilização de símbolos nacionais do Chile para introduzir o acontecimento:

Pela razão ou pela força, ensina a divisa do emblema nacional do Chile. “Como é claro e azul teu céu”, canta o Hino Nacional. Finalmente, após três anos de inviabilidade política, 45 dias de paralisação econômica e a exaustão de todas as combinações partidárias que ainda seria possível imaginar, os símbolos do país conduziram ao golpe. Na manhã da última terça-feira, o céu brilhava claro e azul em Santiago, e a razão nada mais podia (HARAZIM, 1973, p. 38).

Para Lima (2009, p. 379), “o simbolismo ajuda a consolidar na mente do leitor a síntese, a imagem, o sentido de um acontecimento, pois se vale do discurso poético, do código visual”. Harazim recorreu às frases “*Por la razón o la fuerza*”⁹⁴, que estampa o brasão de armas, e “*Puro, Chile, es tu cielo azulado*”⁹⁵, primeira linha do hino nacional, para relatar que a força vencera a razão em um dia de céu azul no Chile. Mais adiante na reportagem, a jornalista ainda menciona a bandeira hasteada e intacta – “mas não por muito tempo” (HARAZIM, 1973, p. 40) – completando os símbolos do país. A escolha denota criatividade, cujas qualidades-chave são a imaginação e a associação (LIMA, 2009, p. 384).

Harazim também utiliza a construção cena a cena da vida do indivíduo (WOLFE, 2005) – no caso, Allende – para envolver o leitor na narrativa:

O regime esquerdista, asfixiado por uma lenta agonia, entraria finalmente em coma na manhã da terça-feira da semana passada. Desde o início, o dia não prometia nada de bom para Salvador Allende. Às 7 horas ele deixou sua casa no número 200 da rua Tomás Moro, o bairro de Las Condes, mas não conseguiu completar o trajeto até o Palácio de la Moneda no seu Fiat 600, placa BF-80: no meio do caminho, por razões de segurança, teve de trocar de condução, passando para um tanque preto e branco do Corpo de Carabineiros. A precaução, motivada por rumores de uma iminente rebelião na Marinha, logo se revelaria bem fundamentada. Às 7h30, 10 minutos após o seu marcial desembarque no palácio, Allende recebia a confirmação da notícia – num momento em que, por via das dúvidas, já estava escrevendo um discurso para denunciar o assédio ao governo (HARAZIM, 1973, p. 38-39).

A descrição oferecida faz com que, por um breve momento, participemos da rotina de Allende, enxergando-o como uma pessoa em uma situação difícil. Os parágrafos seguintes contribuem para o aumento de tensão do leitor, que lê sobre Allende ligando para a esposa, para

⁹⁴ Disponível em: <https://minrel.gob.cl/minrel/ministerio/ceremonial-y-protocolo/emblemas-nacionales>. Acesso em: 28 nov. 2020.

⁹⁵ Disponível em: <https://www.directemar.cl/directemar/organizacion/biblioteca-de-recursos/himnos/himno-nacional>. Acesso em: 28 nov. 2020.

lhe garantir segurança, e assistindo aos tanques chegando para derrubá-lo. Nessa narrativa, ele pode ser visto como o personagem se aproximando de um clímax; a dimensão humana (LIMA, 2009, p. 359) de Allende é enfatizada durante o conflito.

Por certo o jornalismo trata de conflitos. E trata-os centrados no homem, assim como a dramaturgia, porque tem caráter antropocêntrico, mas diferentemente desta localiza as situações de embates na realidade social e as traduz para o plano do relato real, correspondente a uma verdade concreta, enquanto a arte dramática geralmente converte os elementos do real numa representação fictícia (LIMA, 2009, p. 75).

Ainda nesse campo, vemos como Harazim oferece a notícia como contação de história:

Pouco depois, ao meio-dia, com 60 minutos de atraso sobre o ultimato e quando já se começava a descartar a possibilidade de sua execução, dois jatos Hawker Hunter da Fach surgiram sobre La Moneda e, em piques precisos, lançaram as primeiras duas bombas de 50 quilos sobre o palácio presidencial. Nos prédios vizinhos, relata a enviada especial de **Veja**, a terra tremeu, as vidraças se esfaquearam, os lustres despencaram do teto (HARAZIM, 1973, p. 39).

Com descrições visuais e auditivas, o texto distancia-se do que Lima (2009, p. 358) considera um jornalismo convencional “muitas vezes asséptico” devido ao foco no discurso da logicidade, racionalidade e objetividade. Mas aqui, o protagonista da primeira parte da história, “com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações” (LIMA, 2009, p. 358), é Allende:

Enquanto os soldados davam seus primeiros passos dentro de La Moneda, Allende dava suas últimas ordens como presidente da República. Instalado no segundo andar, ele mandou que seus remanescentes companheiros descessem e se entregassem ao pelotão, a essa altura já no andar de baixo. “Deixem as armas, levantem as mãos e rendam-se ao Exército”, disse Allende. “Eu vou sair por último.” Por volta das 14 horas, quando começavam a descer a escadaria para render-se, os guardas pessoais ouviram um disparo de metralhadora no andar de cima: Allende, conclui o relato, acabava de se suicidar (HARAZIM, 1973, p. 40-41).

Relevante destacar que, após a morte de Allende na narrativa, Harazim traz a perspectiva da esposa do presidente, Hortensia Allende, conhecida como Tencha – a fuga do Palacio de La Moneda, o sepultamento do marido sem que ela pudesse ver o corpo porque os militares não permitiram, a despedida da filha refugiada em Cuba e a impossibilidade de volta para uma casa destruída. A escolha comprova que “onde há a pessoa humana, pode haver uma história maravilhosa a ser contada” (LIMA, 2009, p. 361); claro que maravilhosa de um ponto de vista diferente e interessante, ainda mais sendo um ponto de vista feminino (ALEKSIÉVITCH, 2016; AMANPOUR, 2019; BAKER, 2015) em meio ao conflito de dois dirigentes homens.

5.3 Dorrit Harazim no conflito da Cisjordânia (1977)

Em 1977, Dorrit Harazim estava trabalhando no *Jornal do Brasil*. Quierati (2016) conta como foi o processo de mudança da jornalista de *Veja* para o veículo diário no ano anterior:

Faltava pouco para Dorrit completar oito anos em *Veja* quando recebeu o convite do diretor do *Jornal do Brasil*, Walter Fontoura, para trabalhar no diário carioca, também na editoria de Internacional. Ela diz que, apesar de a proposta ser boa, hesitou em dar resposta porque, à época, já namorava o também jornalista Elio Gaspari, que, cerca de dois anos antes, já havia aceitado convite de Fontoura para ser editor de Política do jornal. Dorrit afirma que queria se convencer de que as “tarefas profissionais continuariam estanques”. Convenceu-se, deixou *Veja* e se mudou para o Rio de Janeiro pela primeira vez, em 1976. A maioria de seus textos, porém, foram feitos como correspondente no exterior (QUIERATI, 2016, p. 19).

Um exemplo de cobertura no exterior é o que analisaremos aqui, de 17 de julho de 1977, quando Harazim assinou uma reportagem de página inteira como Enviada Especial na edição 100 do JB:

Imagem 8 – Reportagem “Cisjordânia, a posse mais discutida de Israel” no *Jornal do Brasil* (17/07/1977)



Fonte: Reprodução/Hemeroteca Digital

O contexto da situação que a jornalista encontrou na cobertura é dado a seguir.

5.3.1 Contexto do conflito da Cisjordânia

Os problemas que envolvem a chamada Questão Palestina começaram há muito tempo – mais precisamente no século III, quando os romanos expulsaram os judeus de sua terra, no processo conhecido como diáspora. Em 1897, os judeus iniciaram uma mobilização para formar um Estado Nacional independente no local que, até o século XIX, pertencia ao Império Turco-Otomano (AZEREDO, 2014). Com a derrota na Primeira Guerra Mundial, o território foi dividido entre Reino Unido e França.

Conforme Azeredo (2014), alguns acontecimentos marcaram desde então, como um pedido ao Reino Unido de facilitação para a criação de um Estado Nacional para os judeus, em

1917; a criação da Liga Árabe, em 1945; e a apresentação do diplomata brasileiro Oswaldo Aranha do Plano de Partilha da Palestina, durante a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1947 – plano no qual constava a formação do Estado de Israel.

Deu-se então a Primeira Guerra Árabe-Israelense (1948-1949), pois os países da Liga Árabe discordavam tanto da criação do Estado de Israel quanto da partilha, segundo a qual a Palestina seria dividida em duas partes: uma para os palestinos (1,3 milhão em 11.500 km²) e uma para os judeus (700 mil em 14.500 km²) (PINTO, [s.d.]). Com apoio dos Estados Unidos, Israel venceu o confronto e, após o cessar fogo, ocupou os territórios à oeste do Rio Jordão – Galileia, Deserto de Neguev e Cisjordânia, além da parte oriental de Jerusalém.

No período de Guerra Fria, os Estados Unidos fortaleceram militarmente Israel – importante faixa de conexão entre África e Ásia – enquanto mais conflitos desenvolviam-se. Azeredo (2014) aponta a Crise de Suez, em 1956, quando Israel declarou guerra contra a nacionalização do canal de trocas comerciais que o Egito fez com apoio dos soviéticos; a criação da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) em 1964, com apoio da Liga Árabe e intenção de luta armada; a Guerra dos Seis Dias (5 a 10 de junho de 1967), quando Israel atacou países árabes para abrir o estreito de Tiran e conter o exército egípcio no Sinai; e a Guerra de Yom Kippur (6 a 26 de outubro de 1973), na qual países árabes promoveram um ataque surpresa durante o feriado judaico para retomar territórios perdidos.

Enquanto isso, no local designado como Cisjordânia, havia outra questão. Segundo González (2019, s/p):

A ocupação israelense da Cisjordânia e suas reivindicações sobre os outros territórios nunca foram reconhecidas pela comunidade internacional. Mesmo assim, a construção de assentamentos israelenses no território ocupado teve início entre as décadas de 1970 e 1980. Isso também foi considerado ilegal pela ONU e contestado pelos palestinos.

São colônias dispersas, protegidas por militares e com acesso proibido aos palestinos (O QUE..., 2020). Atualmente, somados, os territórios da Cisjordânia e de Jerusalém Oriental têm mais de meio milhão de colonos judeus vivendo nos assentamentos (OITO..., 2018).

No fim da década de 1970, foram esses assentamentos na Cisjordânia sobre os quais Harazim reportou para o JB.

5.3.2 Breve histórico do *Jornal do Brasil*

Ribeiro (2016, l. 59) afirma que o diário impresso *Jornal do Brasil* (1891-2010), apelidado de JB, “foi o exemplo para tudo o que se fazia em jornalismo no Brasil, em tempos românticos de máquinas de escrever, antes da internet, do fax, das câmeras digitais”. Desde 2010, o jornal passou a existir apenas como site, mas Brasil (2015, s/p) concorda que os mais de 100 anos de história impressa tiveram “papel crucial na definição dos rumos da imprensa brasileira”.

A imprensa chegou ao país junto com a Corte portuguesa, em 1808, quando inúmeros jornais apareceram. Entretanto, foi no fim do século XIX que a área começou a se consolidar:

Ao fim do século XIX, a transição de regimes políticos – da Monarquia para a República – favoreceu o desenvolvimento industrial e a modernização da imprensa, antes produzida de modo artesanal. O jornalismo passou a ser uma iniciativa empresarial de grande porte que, para sobrevivência mercadológica, exigia altos investimentos. O caráter opinativo, cultivado desde o surgimento para fidelização política e ideológica do leitor começou a ceder lugar ao viés informativo que é cultivado ainda hoje (SPANNENBERG; BARROS, 2016, p. 232).

É nesse contexto que o *Jornal do Brasil* é fundado por Rodolfo de Sousa Dantas e Joaquim Nabuco, no Rio de Janeiro. No início, tratava-se de um jornal monarquista e opositor moderado ao governo republicano; após mudanças de diretoria, apoiou o novo regime a partir de 1893 (BRASIL, 2015). A partir disso, o JB adotou o mote do interesse das massas para se vender como um veículo popular, alcançando sucesso nas edições vespertinas. Já no campo gráfico, o jornal investiu na publicação de ilustrações e caricaturas.

Já no século XX, o JB teve altos e baixos financeiros, apoios e críticas aos diferentes governos, e marcos editoriais – como reportagens sobre a vida nas favelas, que chamou a atenção presidencial; a primeira página inteira e ilustrada sobre esportes no Brasil; a valorização das seções de arte e literatura. Reformas editoriais aconteceram na década de 1950 e deram força ao veículo, mas o mesmo não deixou de ser “um jornal liberal-conservador de ênfase católica e defensor da Constituição e da iniciativa privada” (BRASIL, 2015, s/p). Ainda assim, sua importância não foi diminuída:

Ao longo de sua existência, além dos já citados, o *Jornal do Brasil* contou com o trabalho de figuras de expressão na cultura, na política e no jornalismo brasileiros, como José Maria da Silva Paranhos Júnior (o Barão do Rio Branco, que assinava a coluna “Efemérides” nos primeiros momentos do jornal), José Veríssimo, Said Ali, Clotilde Doyle (que assinava uma coluna dedicada ao público feminino em 1893, algo inédito na imprensa da época), Julião Machado (Casimiro Miragy), Carlos Drummond de Andrade, Zózimo Barroso do Amaral, Clarice Lispector, Armando Nogueira, João Saldanha, Fernando Sabino, Fausto Wolff, Millôr Fernandes, Marina Colasanti,

Victor Henrique Woitschach (Ique), Ziraldo, Carlos Leonam, entre vários outros (BRASIL, 2015, s/p).

O JB foi o primeiro jornal do país a publicar seu conteúdo na internet, em 1995. Mesmo com uma tiragem considerada boa – em média 76 mil exemplares diários, segundo Brasil (2015) –, o veículo não entrou bem nos anos 2000:

Há décadas em crise financeira, com falhas de gestão, queda de circulação, falta de meios de superar sua concorrência e crescimento de dívidas fiscais e trabalhistas, o JB tinha dificuldades para manter o seu custo operacional de cerca de R\$ 3 milhões por mês – adicionando-se a isso um passivo estimado em R\$ 100 milhões em dívidas (BRASIL, 2015, s/p).

Então, em 2010, o veículo assumiu uma publicação inteiramente digital. De acordo com Spannenberg e Barros (2016, p. 237), o JB também aderiu ao uso das redes sociais e de microblogs “de modo a tornar-se mais popular e a permitir mais interatividade com o público”.

Em fevereiro de 2018, com uma equipe diferente da de oito anos antes, o veículo se relançou impresso com uma primeira edição cuja tiragem de 40 mil exemplares se esgotou (LEVIN, 2018). A empreitada, porém, durou pouco mais de um ano e a edição impressa foi novamente encerrada em março de 2019: “Devido a problemas de pagamentos de salários oriundos da dificuldade de investimentos para manter o jornal, ele deixou de circular essa semana. Parte da equipe foi dispensada e os que ficaram irão manter uma versão online do JB” (LEVIN, 2019, s/p).

5.3.3 Correspondentes brasileiros no conflito da Cisjordânia

Com base em Noblat (2010) e Gentili (2001), verificamos que, além do JB, os maiores jornais diários do Brasil em atividade na ou desde a década de 1970 – quando a questão dos assentamentos na Cisjordânia começou – eram/são *O Estado de São Paulo* (1875-), *Folha de S. Paulo* (1921-), *O Globo* (1925-), *Correio Braziliense* (1960-) e *Jornal da Tarde* (1966-2012). Porém, os acervos digitais desses jornais não estão disponíveis na Hemeroteca Digital ou gratuitamente em sites próprios para verificar se houve mais correspondentes brasileiros enviados ao conflito dos assentamentos na Cisjordânia.

Uma alternativa foi a busca com as palavras-chave “correspondente brasileiro Cisjordânia” no Google, feita na tarde de 23 de outubro de 2020. A pesquisa nos levou a um texto do jornalista Guga Chacra (1976-), atual comentarista de política internacional da *GloboNews* que, em 2011, escrevia para *O Estado de São Paulo*.

“Atores sonham em ir para Hollywood ser estrelas de cinema. Para nós, jornalistas de Inter, a Califórnia é o Oriente Médio”, comenta Chacra (2011, s/p) para, em seguida, listar nomes de correspondentes⁹⁶ na região: Guila Flint⁹⁷ (1954-2017), para *BBC Brasil*; Marcelo Ninio, para *Folha de S.Paulo*; Renata Malkes, para *O Globo*; Daniela Kresch (1968-); Nathalia Watkins, para *O Estado de S. Paulo*; Michel Gawendo; Alberto Gaspar⁹⁸ (1957-), para *Rede Globo*; Gabriel Toueg⁹⁹ (1979-); e Nahum Sirotsky¹⁰⁰ (1925-2015). Dos nomes citados, os que reportaram como correspondentes na Cisjordânia para jornais diários impressos foram Ninio, Watkins, Malkes, Kresch e Gawendo, dos quais falaremos um pouco mais a seguir.

Marcelo Ninio foi correspondente baseado na Suíça, em Jerusalém, na China e em Washington pela *Folha de S.Paulo* e, atualmente, está na China pelo *O Globo*¹⁰¹. Em Jerusalém, ficou de outubro de 2009 a março de 2013, como correspondente do Oriente Médio. Em uma busca¹⁰² no site da *Folha* tendo como palavras-chave seu nome acrescido de “Cisjordânia” constam 126 resultados. Desses, 19 são despachos da Cisjordânia – de Deir Balut, Ramallah, Jenin, Hebron, Belém, Bilin e A Sa Nur – e, dos 19, apenas cinco tratam especificamente dos

⁹⁶ Interessante notar que, dos nove nomes apresentados, quatro são mulheres.

⁹⁷ Foi uma jornalista brasileira filha de refugiados do nazismo vindos da Polônia (MORRE..., 2017). Morou em Israel, cobriu o Oriente Médio por 15 anos para a *BBC Brasil*, escreveu para *Opera Mundi* e *O Estado de São Paulo* e publicou o livro “Miragem de paz: Israel e Palestina – Processos e Retrocessos” (FLINT, 2009). Flint esteve na Cisjordânia e publicou em *O Estado de São Paulo*, mas como enviada da *BBC Brasil*. Logo, não contará como correspondente de jornal diário impresso.

⁹⁸ Jornalista brasileiro contratado pela *Rede Globo* desde 2000. Gaspar já foi correspondente Internacional na Argentina e em Jerusalém. Quando Israel atacou a Faixa de Gaza, em 27 de dezembro de 2008, ele formou uma equipe com Renata Malkes – citada neste trabalho – para fazer a cobertura (GLOBO, 2010). O jornalista já foi enviado especial para a Cisjordânia (GASPAR, 2007; LISBÔA, 2016), mas não contará nesta pesquisa pois atuou para um veículo de telejornalismo.

⁹⁹ Jornalista e internacionalista brasileiro que morou no Oriente Médio de 2004 a 2011. Dentre os diversos veículos em que atuou como jornalista *freelance* ou correspondente, está o diário impresso *O Estado de São Paulo*; porém, em uma pesquisa realizada na manhã de 9 de novembro de 2020 no site do jornal mostrou que ele, baseado em Israel, não foi enviado especial para a Cisjordânia. Mais informações podem ser vistas em seu LinkedIn: https://www.linkedin.com/in/gabrieltoueg/?locale=pt_BR. Acesso em: 9 nov. 2020.

¹⁰⁰ Sobrinho do famoso jornalista russo-brasileiro Samuel Wainer (DINES, 2015), Nahum Sirotsky foi um jornalista brasileiro que, enviado para os Estados Unidos como correspondente da ONU em 1945, acompanhou a criação do Estado de Israel. Ele trabalhou para diversos veículos, como *O Globo*, *Manchete* e *Zero Hora*; entre 1971 e 1973, escreveu de Israel para *O Estado de São Paulo* – onde assinava com o pseudônimo Nelson Santos – e para o *Jornal do Brasil* – que tinha exclusividade sobre seu nome. Chacra (2011, s/p) diz que Sirotsky foi “o patriarca dos jornalistas brasileiros em Israel”; o jornalista cobriu a Guerra dos Seis Dias, em 1967, a Guerra do Yom Kippur, em 1973, e os conflitos na Cisjordânia.

A busca, feita na manhã de 9 de novembro de 2020, no acervo digital do *Jornal do Brasil* (HEMEROTECA, [s.d.]) com as palavras-chave “Nahum Sirotsky” e “Cisjordânia” na década de 1970 revelou nove resultados, mas todos com textos enviados de Tel Aviv. Já no acervo de *O Estado de São Paulo*, a pesquisa foi por “Nelson Santos” – seu pseudônimo – e “Cisjordânia”, com 43 ocorrências na década de 1970. Nos textos que se referem ao jornalista – já que a busca oferece resultados para as palavras independentemente –, os despachos também são de Tel Aviv. Por fim, a busca com as mesmas palavras em *O Globo* não obteve resultado algum. Portanto, não o consideraremos um correspondente de jornal impresso diário neste trabalho.

¹⁰¹ Conforme informações disponíveis no perfil da jornalista no LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/marcelo-ninio-08303518/>. Acesso em: 3 nov. 2020.

¹⁰² Pesquisa feita na manhã de 3 de novembro de 2020.

assentamentos, sendo publicados na edição impressa também: “Israel espera mais resistência na Cisjordânia” (NINIO, 2005), “Obstáculos à paz, colonos se negam a deixar Cisjordânia” (NINIO, 2009a), “Ocupação e crise empobrecem Natal de Belém” (NINIO, 2009b), “Brasil critica Israel por assentamentos” (ROSSI; NINIO, 2010) e “Hebron vira cidade símbolo do conflito” (NINIO, 2010).

O nome do jornalista Clóvis Rossi (1943-2019) aparece associado a uma dessas reportagens de Ninio, embora Rossi não conste na lista de Guga Chacra. Considerado um “mestre de várias gerações de jornalistas brasileiros” (BETIM, 2019, s/p), Rossi trabalhou em veículos como *O Estado de São Paulo*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo* e foi enviado especial nos cinco continentes em coberturas de guerras e conflitos, como a queda do muro de Berlim, em 1989; o golpe militar chileno, em 1973; a Revolução dos Cravos, em 1974; a Guerra das Malvinas, em 1982; e a Guerra do Golfo, em 1991 (BETIM, 2019; REZAGHI, 2013).

Renata Malkes foi correspondente no Oriente Médio de julho de 2002 a dezembro de 2009 pelo jornal *O Globo*, mas a experiência como jornalista baseada em Jerusalém já acontecera em outros veículos – os israelenses *Channel 2 News* e *Yedioth Aharonot* e a brasileira *Rede Record*, nesta como produtora¹⁰³. Mestre em Estudos de Paz e Guerra pela Universidade de Magdeburg, mora na Alemanha desde 2016, onde trabalha com comunicação corporativa. Uma busca¹⁰⁴ no site do jornal *O Globo* com as palavras-chave “Renata Malkes” e “Cisjordânia” revelou resultados com textos e vídeos da jornalista já de volta ao Brasil, no período em que trabalhou na editoria O Mundo do veículo. Já no acervo digital da versão impressa, as palavras-chave mostram 524 resultados em 277 páginas digitalizadas entre 2002 e 2015. Um exemplo é “O Natal mais triste de Belém” (MALKES, 2006), que a jornalista escreveu como enviada especial do jornal para a Cisjordânia.

Mestre em Relações Internacionais pela George Washington University, Daniela Kresch reside em Israel desde 2003 e é atual colaboradora e correspondente da *GloboNews*, da *Radio France Internationale* e da *Folha de S. Paulo*, nesta última desde 2015¹⁰⁵. Com o nome da jornalista acompanhado de “Cisjordânia” como palavras-chave¹⁰⁶ no site da *Folha*, 28 resultados aparecem; a maioria dos textos são enviados de Israel, mas três constam como

¹⁰³ Conforme informações disponíveis no perfil da jornalista no LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/rmalkes/>. Acesso em: 9 nov. 2020.

¹⁰⁴ Pesquisa feita na manhã de 9 de novembro de 2020.

¹⁰⁵ Conforme informações disponíveis no perfil da jornalista no LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/daniela-kresch-shahar-81037821/>. Acesso em: 9 nov. 2020.

¹⁰⁶ Pesquisa feita na manhã de 9 de novembro de 2020.

colaborações enviadas desde a Cisjordânia – de Rawabi, Jenin e Belém –, embora nenhum deles trate dos conflitos nos assentamentos.

Com experiência em assuntos internacionais¹⁰⁷, Nathalia Watkins esteve no Oriente Médio para *Reuters*, *Radio France Internationale*, *O Estado de São Paulo* e *Rede Bandeirantes*. No *Estado*, o nome de Watkins consta como freelance e, em uma busca pelo nome da jornalista somada à palavra-chave “Cisjordânia” no campo de pesquisas do site do jornal¹⁰⁸, 26 resultados aparecem. Porém, apenas dois possuíam a chamada “Especial para o Estado, Cisjordânia”, o que indica que Watkins estava no local como correspondente. Os dois textos são de 3 de setembro de 2010 e saíram na edição impressa: “Colonos ignoram ordem e retomam construções” (WATKINS, 2010a) e “Após ataque, tensão prevalece nos assentamentos” (WATKINS, 2010b).

Michel Gawendo está no Oriente Médio desde 2002 e já trabalhou para *Reuters*, *Bandnews*, *Folha de S.Paulo*, *SBT* e, agora, está na *Rede Record*¹⁰⁹. Na *Folha*, Gawendo atuou com *freelance* entre dezembro de 2002 e outubro de 2006, com base em Israel. Quando seu nome é inserido no campo de buscas do site do veículo junto à palavra “Cisjordânia”, 29 resultados aparecem¹¹⁰ – a maioria com despachos de Israel e da Faixa de Gaza. Há dois textos como “Enviado especial a A Sa-Nur (Cisjordânia)”, em 23 e 24 de agosto de 2005, ambos também na edição impressa: “Israel conclui retirada histórica de Gaza” (GAWENDO, 2005a) e “Termina a retirada israelense de quatro colônias da Cisjordânia” (GAWENDO, 2005b).

Ainda, referência nesta pesquisa pelo livro “Escritos com a pele” (2019), apontamos Moisés Rabinovici (1945-) como correspondente no Oriente Médio, com base em Israel, para *O Estado de S.Paulo*, entre 1977 e 2000. Pelo livro, identificamos como despacho da Cisjordânia a reportagem “Belém em Clima de Papai Noel” (RABINOVICI, 1995), uma cobertura do assassinato de Yitzhak Rabin, quinto primeiro-ministro de Israel e vencedor do Nobel da Paz de 1994 por lutar pelo fim dos confrontos na Palestina.

Com isso, é possível verificar que o conflito foi de interesse dos jornais impressos diários no Brasil. Como Harazim, outras jornalistas mulheres – Renata Malkes, Daniela Kresch

¹⁰⁷ Conforme informações disponíveis no perfil da jornalista no LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/nathalia-watkins-68052622/>. Acesso em: 3 nov. 2020.

¹⁰⁸ Pesquisa feita na tarde de 23 de outubro de 2020.

¹⁰⁹ Conforme informações disponíveis no perfil do jornalista no LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/michel-gawendo-06879541/?originalSubdomain=il>. Acesso em: 3 nov. 2020.

¹¹⁰ Pesquisa feita na manhã de 3 de novembro de 2020.

e Nathalia Watkins – foram enviadas para a cobertura. A seguir, entenderemos como foi a abordagem textual de Harazim sobre a situação na Cisjordânia.

5.3.4 Elementos de jornalismo literário na reportagem de Dorrit Harazim

A reportagem “Cisjordânia, a posse mais discutida de Israel”¹¹¹, de 1977, diferencia-se das duas anteriores que já analisamos por um motivo mais evidente: é um texto publicado em jornal, não revista. Importante destacar esse ponto porque não se espera encontrar amplo espaço para o jornalismo literário em veículos diários, dado que suas características seriam obstáculos (LIMA, 2009) para o desenvolvimento do mesmo: objetividade, atualidade, periodicidade, estrutura/fórmula do texto e até um procedimento operacional viciado. Entenderemos a seguir se o meio de publicação influenciou o produto de Harazim.

Assim como no caso da Guerra do Vietnã, quando a jornalista chegou ao conflito, o mesmo já estava em curso, o que significava que não era um caso de *breaking news* para o leitor. Ela foi a enviada especial para oferecer uma narrativa sobre o que acontecia na região.

Partiremos novamente das três características de Jornalismo Literário (MARTINEZ, 2016, p. 211) para analisara a reportagem: 1) apuração, 2) digestão e compreensão do material apurado e 3) redação em estilo literário.

O primeiro elemento de análise, a apuração, é identificada pela quantidade de nomes de pessoas e localidades que Harazim insere no texto sem tornar a informação truncada:

Mas com a vitória do Partido nacionalista Likud e a ascensão ao Poder de Menachem Begin, em maio último, mapas e fronteiras voltaram à atualidade. Ao contrário dos Governos anteriores, que admitiam a hipótese de negociar a devolução do Sinai, Gaza, Golan e Cisjordânia em troca de uma paz concreta, Begin instaurou o seu mandato lembrando ao mundo que a Judeia e Samaria (Cisjordânia) eram terras bíblicas de Israel.

Desde então esses quase 6 mil quilômetros quadrados de deserto, colinas, tradicionais cidades árabes (como Nablus, Jericó, Ramallah, Hebron, Tuikaren, Jenin) e 660 mil habitantes encravados no centro do Estado judeu, passou a ser o principal trunfo israelense para futuras negociações. Publicamente comprometido com a retenção – segundo alguns, anexação – da Cisjordânia, Begin só a negociará a preço alto (HARAZIM, 1977, p. 18).

Noticiar sobre o que acontecia na Cisjordânia era – e ainda é, visto que o conflito não acabou – complicado, pois há muitas questões envolvidas – de ordem religiosa, política e geográfica. Mas, no decorrer do texto, a jornalista preocupa-se em passar as informações com

¹¹¹ Nesta análise, desconsideraremos o intertítulo “Colonização, um ato de fé”, pois se trata de um despacho identificado como vindo de Tel Aviv, em Israel. Como o foco é a Cisjordânia, daremos atenção ao restante do texto.

exatidão e precisão, assim como responsabilidade ética, princípios que embasam o Jornalismo Literário: “As palavras *literário* e *criatividade* podem soar, para algumas pessoas, como licença artística para se fazer o que se bem entende. Não é assim. O jornalismo literário tem um compromisso com a realidade e sua credibilidade depende disso” (LIMA, 2009, p. 389; grifos do original).

A digestão e compreensão do material, segundo elemento desta análise, pode ser identificado depois da contextualização inicial feita pela jornalista. Após apontar dados e falas oficiais sobre o conflito na Cisjordânia, Harazim busca a voz de civis para que personifiquem o impacto do problema:

Para boa parte da população da Cisjordânia, entretanto, essas considerações interessam pouco. Ao longo desses 10 anos de ocupação sua rotina diária tem sido marcada pela frustração, humilhação e ressentimento. “Não tenho direito à existência”, acaba dizendo um morador de Nablus após receber incontáveis garantias do intérprete palestino de que seu anonimato seria respeitado. “Um inimigo que não escolhi controla meus dias, horas, minutos. Meu dia não tem luz, tem inimigos.” (HARAZIM, 1977, p. 18).

Harazim não se prende a fontes únicas, revelando que sua pesquisa para a reportagem é intensa. Nesse caso, após ouvir o civil, recorre novamente a uma autoridade e propõe reflexões sobre acontecimentos anteriores:

O governo de Jerusalém garante que a ocupação é relativamente benevolente. De fato, os cisjordanianos têm direito a eleições municipais livres – os prefeitos de quase todas as grandes cidades da região são conhecidos simpatizantes da Organização de Libertação da Palestina, ou comunistas – os jornais locais, embora submetidos à censura, gozam de liberdade maior do que os dos países árabes, e o nível de vida da população é melhor do que no Egito, Síria ou Líbano. Entre 19668 e 1971, por exemplo, a renda per capita na Cisjordânia passou de 596 para 1.173 libras israelenses, em grande parte devido ao intercâmbio comercial com Israel (da ordem de 250 milhões de dólares no ano passado) (HARAZIM, 1977, p. 18).

Referente ao terceiro elemento, a redação em estilo literário, podemos verificá-lo logo no início do texto, com a abertura trazendo citações literais de quatro diferentes fontes ao invés de uma estrutura de lide jornalístico:

“Tudo é negociável.” – Menachem Begin, Primeiro-Ministro de Israel, 1977.
 “Não vamos sair desse lugar. Vamos ficar aqui, na Samaria, para sempre. Não há potência mundial que possa nos forçar a ir embora.” – Um colono israelense da Cisjordânia, 5737 (calendário judaico).
 “O fato de eu não ter armas e eles terem a força não significa que vou me render nem que vou perder minha identidade árabe. A terra é minha, os judeus são estrangeiros que chegaram aqui como ocupantes.” – Um palestino de Nablus, 1397 (calendário muçulmano).

“Ah, se a Bíblia tivesse sido escrita em Ugandal. Tudo seria mais fácil para todos.” – Henry Kissinger, enquanto ainda era Secretário de Estado americano (HARAZIM, 1977, p. 18).

Conforma Lima (2009, p. 357), trata-se de uma diferente apresentação da história que será contada, na qual, “antes de expor os dados, o autor apresenta uma cena”. Harazim não inicia com a explicação do que acontece na Cisjordânia, mas sim replica falas de autoridades e civis para expor pontos de vista e chamar a atenção do leitor para o que está por vir no texto.

Depois desse trecho, verificamos que a jornalista fica mais atenta às informações e aspas, como no exemplo a seguir:

Para Bassam Shaka’a, Prefeito radical da cidade mais rebelde da Cisjordânia (Nablus), as coisas não são tão pacíficas. “Quando ocorre qualquer ato contra a ocupação, a represália é imediata. Ela pode ser física, psicológica, econômica, individual ou coletiva”, diz ele, acrescentando que em algumas carteiras de identidade fornecidas pelas autoridades israelenses consta um sinal (em geral uma estrela) indicando que o portador é suspeito e deve ser tratado de maneira especial. Nos últimos 10 anos, 1 mil 100 palestinos foram expulsos da Cisjordânia, 3 mil outros foram presos e milhares foram desalojados de suas terras (HARAZIM, 1977, p. 18).

Sugerimos que isso ocorre por se tratar da publicação em um jornal, onde pode haver “limitações conjunturais ao próprio fazer do jornalismo convencional” (LIMA, 2009, p. 81). Como já mencionado, objetividade, periodicidade e atualidade são valorizadas na imprensa diária, embora isso não impeça Harazim de oferecer um panorama sobre o conflito.

Detectar esses conflitos, circunscrever seu sentido, antecipá-los no tempo, buscar suas raízes na interação sistêmica estrangulada são tarefas nobres da reportagem que se proponha a ultrapassar a epiderme rasa dos fatos e penetrar no âmago das questões contundentes do nosso tempo, para proporcionar um conhecimento qualitativo da realidade ao homem contemporâneo (LIMA, 2009, p. 80).

Ainda assim, a reportagem termina com um intertítulo mais similar aos que Harazim escreveu para a *Veja* nos casos anteriores que analisamos. Em “A linguagem de uma refugiada”, a jornalista parte de uma personagem mulher para explorar os pensamentos daqueles que vivem nos campos de refugiados.

“Meu nome é Nasra” (A Vitória, em árabe), diz a jovem de olhos e cabelos claros, enquanto torce as mãos na sala por estar falando de si perante um intérprete palestino que a intimida. Nasra tem 20 anos. Nasceu, cresceu e tornou-se mulher numa das casamatas de pedra do campo de refugiados El Uja (A Curva), situado entre as cidades de Ramallah e Jericó na Cisjordânia, mas impossível de ser encontrado em mapas. Das 12 mil pessoas que outrora se amontoavam nas casamatas pálidas, da mesma cor do deserto próximo, restam apenas 2 mil – além de um cemitério rudimentar de umas 70 pedras à beira da estrada. Os demais moradores de El Uja ou fugiram para a Jordânia durante a guerra de 1967 ou se transladaram para outro campo, ou melhoraram de vida e deixaram de ser refugiados (HARAZIM, 1977, p. 18).

Harazim aposta inicialmente na prosopografia, descrição física de pessoas (LIMA, 2009, p. 151), para apresentar Nasra. O recurso serve para “realçar o protagonista de um relato, enriquecendo-lhe a figura” (LIMA, 2009, p. 152).

Em seguida, a jornalista ambienta o leitor:

Os oito colchões empilhados num canto do barracão de Nasra são estendidos à noite para suas duas irmãs, a mãe, três irmãos e os parentes de passagem. Fora isso, o cômodo único tem duas cadeiras, uma tapeçaria de parede Meca e Medina, e um quadro de papel com oito retratos.

O orgulho e a esperança da família estão na foto maior, que mostra um adolescente de cabelo comprido e roupa moderna num parque de gramado e árvores incompreensíveis para os moradores da árida El Uja: trata-se de Fahri, o irmão de 15 anos que recebeu uma bolsa da ONU e estuda em Londres desde 1972. Quando ele voltar, acreditam todos, tudo vai melhorar. No meio tempo, a família sobrevive com as 30 libras israelenses (menos de Cr\$ 5,00) entregues à mãe após um dia de trabalho na lavoura, e com o meio quilo de açúcar, meio quilo de arroz, nove quilos de trigo recebidos mensalmente da UNRWA (HARAZIM, 1977, p. 18).

A reportagem termina com a transcrição de uma conversa com a refugiada. Observamos a escuta como ferramenta de produção textual, conforme Joseph Mitchell o fazia (MARTINEZ, 2016, p. 178). A condução das perguntas – simples e precisas – feita por Harazim traça um perfil não só de Nasra, mas das pessoas que vivem nas casamatas da Cisjordânia. Conforme Martinez (2016, p. 177), “a escuta em questão, contudo, não é passiva. Não se trata, portanto, de se preparar para ouvir passivamente um monólogo. Antes, é estar pronto para uma conversa por meio da qual eventuais pontos de reflexão poderão surgir para ambos os participantes”.

Como exemplo, compilamos um trecho do texto (HARAZIM, 1977, p. 18) a seguir:

- Há quanto tempo você mora aqui?
- Há três guerras: a dos Seis Dias, a do Setembro Negro e a de 1973.
- Quem ganhou a última?
- Os árabes.
- Como era a guerra?
- A gente via aviões passando e a fumaça dos canhões.
- O que é um israelense?
- Tenho medo deles.
- Por quê?
- Não sei.
- Você já viu algum?
- Quando fui pegar minha carteira de identidade.
- Em vez de morar num campo de refugiados onde você gostaria de viver?
- Não sei.
- O que você gostaria de fazer?
- Quero chegar até a Universidade.
- Para quê?
- Porque os palestinos não devem ser ignorantes.
- Quem te ensinou isso?
- Os homens que passam aqui.
- Que homens?
- Palestinos de fora.

- Você tem rádio?
- Não. Um vizinho tem.
- Você conhece algum jornal?
- Leio as revistas que há na escola.
- Como é que você fica sabendo nas notícias?
- As pessoas veem e contam para os meus irmãos.
- Você sabe que há um nahai israelense aqui perto?
- Sei.
- Os jovens que moram lá passam por aqui de vez em quando?
- Não, nunca vi.

Portanto, notamos uma ordenação no texto de Harazim que trabalha dados e criatividade para construir a narrativa efetiva para evitar o devaneio:

[...] o texto deve fluir com naturalidade, transitar suavemente de uma passagem a outra. Deve ter ritmo, cadência, um pulsar característico, que se altera de vez em quando exatamente para combater o ruído da dispersão. [...] Em outras palavras, há necessidade de uma alternância no emprego dos instrumentos disponíveis tanto à elaboração do texto em si quanto à estruturação, montagem das partes que o compõem (LIMA, 2009, p. 145).

Intencionalmente ou não, a escolha de condução narrativa de Harazim torna-se uma motivação para o leitor, em um “desafio ao mergulho numa realidade representada que, apesar de pontos comuns, lhe é, no geral, desconhecida” (LIMA, 2009, p. 145). A jornalista aproxima-se do leitor ao explorar o potencial de um texto jornalístico de veículo impresso e diário.

5.4 Dorrit Harazim no atentado terrorista de Nova York (2001)

Harazim morou em Nova York entre 1988 e 1993, período em que atuou como chefe do escritório da Editora Abril (QUIERATI, 2016). Depois, voltou para o Brasil e para a *Veja*, na qual ficou até 2000. Um ano mais tarde, a jornalista retornou ao *Jornal do Brasil* por poucos dias antes de se envolver com o NO (sigla para *Notícias e Opinião*), seu primeiro trabalho na internet (QUIERATI, 2016).

Quando aviões atingiram o World Trade Center, Harazim estava em Nova York visitando a filha Clara, que lá estudava. Segundo Quierati (2016), a jornalista recebeu as notícias pela televisão e dirigiu-se ao local para cobrir a situação para o NO. As cinco reportagens produzidas acabaram saindo também no *Jornal do Brasil*, pois os veículos mantinham uma parceria.

O site do NO não está no ar e não conseguimos encontrar muitas informações a seu respeito. Pelo acervo digital da Hemeroteca Digital, encontramos apenas a capa da edição de

12 de setembro de 2001 do JB – algumas páginas estão faltando no arquivo, inclusive a que teria a reportagem de Harazim.

Imagem 9 – Capa da edição com a reportagem “Medo surdo, quase animal” no *Jornal do Brasil* (12/09/2001)



Fonte: Reprodução/Hemeroteca Digital

Harazim teve cinco textos sobre os atentados do 11 de setembro publicados no NO e no JB (HARAZIM, 2001a, 2001b, 2001c, 2001d, 2001e), que serão abordados mais adiante.

5.4.1 Contexto do atentado terrorista de Nova York

O dia 11 de setembro de 2001 ficou marcado como a data em que dois aviões se chocaram contra um dos maiores símbolos arquitetônicos da cidade de Nova York, nos Estados Unidos: o World Trade Center, também conhecido como Torres Gêmeas. Tratava-se de um

ataque coordenado pelo grupo terrorista Al-Qaeda, liderado por Osama Bin Laden, que deixou milhares de mortos e expôs a fragilidade da defesa estadunidense ao mundo (PINTO, [s.d.]).

Por volta das 9 da manhã daquele dia, o primeiro avião atingiu uma das torres. “A princípio, a cena parecia de um trágico acidente aéreo. Mas, quando cerca de 20 minutos após o primeiro ataque outro avião colidiu com a segunda torre do WTC, ficou claro que se tratava de uma ação premeditada” (FERNANDES, 2016, s/p). Logo depois, uma terceira aeronave atingiu o Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, em Washington D.C. Por fim, uma quarta caiu em área de campo no estado da Pensilvânia – suspeita-se que o alvo original e não alcançado seria o Capitólio, sede do poder legislativo estadunidense (FERNANDES, 2016).

A situação pegou todos de surpresa e deixou grandes redações de jornalistas impactados, como no escritório da Rede Globo, em Nova York, no qual toda a equipe foi recrutada para a cobertura:

Os correspondentes Edney Silvestre, Zileide Silva, Heloísa Villela, Jorge Pontual, a coordenadora Simone Duarte, a produtora Joana Studart Pereira e os cinegrafistas Orlando Moreira, Hélio Alvarez e Sherman Costa, além de Luís Fernando Silva Pinto em Washington, saíram em busca de imagens que as redes de TV norte-americanas não mostravam. Foram entrevistadas pessoas nas ruas que sobreviveram à tragédia, inclusive brasileiros que estavam em Nova York. Durante o *Jornal Nacional* daquela noite, Zileide Silva fez diversas entradas ao vivo, dando as últimas informações (GLOBO, 2018, s/p).

O jornalista Edney Silvestre (1950-) diz que ninguém estava preparado para aquele momento. “Uma coisa é ir para o Iraque, onde você espera ver destruição, bombardeios, radiação, crianças doentes; outra coisa é um prédio vir abaixo em Nova York, a capital financeira do império norte-americano” (SILVESTRE, 2018, p. 390). A memória de Silvestre sobre o dia é formada por odores de fumaça e de carne queimada; depois, os depoimentos de quem sofrera diretamente com os ataques, além da mudança de sua rotina na cidade. “Quando as pessoas falam de neurose de guerra, uma lembrança dolorosa permanente, eu entendo” (SILVESTRE, 2018, p. 392).

Para o jornalista Jorge Pontual (1948-), a experiência após o dia dos ataques em si foi tensa para a equipe da Globo em Nova York:

A gente sentiu muito medo nos primeiros dias. Logo depois veio a ameaça de um ataque bioterrorista com a bactéria antraz. Qualquer um poderia ser atingido. O escritório da Globo, na época, ficava no prédio principal dos correios em Nova York. A ventilação e o ar-condicionado central eram os mesmos. Qualquer coisa que entrasse ia parar no nosso andar também. Tinha todo um esquema de evacuação, faixa de segurança pintada pelo chão, kits de sobrevivência, só não tinha máscara contra

gases. Havia um clima de “nós vamos ser atacados de novo” na cidade inteira. As pessoas choravam na rua. Durou um tempão, era muito medo (PONTUAL, 2018, p. 412).

Em Nova York, o atentado deixou quase três mil mortos e seis mil feridos; no Pentágono e na Pensilvânia, foram 184 e 44 mortos, respectivamente (11 DE..., 2020). Ataques à bomba se seguiram em cidades como Londres e Madri e, nos anos seguintes, os Estados Unidos declararam uma “guerra ao terror”.

Osama Bin-Laden, o líder da Al Qaeda, foi morto por uma tropa estadunidense em maio de 2011, no Paquistão. Outros cinco homens acusados de planejarem os ataques ainda não haviam sido julgados na data de finalização desta pesquisa¹¹².

5.4.2 Breve histórico do *Notícias e Opinião*

O site *Notícias e Opinião* ficou no ar de abril de 2000 a março de 2002 e contava com diversos profissionais que vinham de veículos como *Veja* e *JB*. Segundo Quierati (2016, p. 24):

O diretor-geral, Manoel Francisco do Nascimento Brito Filho, o Kiko Brito, foi editor de *Cidades* no jornal e, posteriormente, trabalhou em *Veja*. O diretor de redação, Marcos Sá Corrêa, foi editor de *Veja* e diretor do *JB*. Outros com currículo semelhante a figurar no expediente do NO foram os jornalistas Flávio Pinheiro, Ancelmo Gois, Zuenir Ventura, Xico Vargas, Villas-Boas Corrêa (pai de Marcos Sá Corrêa), Walter Fontoura, Mario Sergio Conti, Alfredo Ribeiro de Barros (Tutty Vasques), Arthur Dapieve, Ricardo Setti e a própria Dorrit.

Além dos jornalistas mencionados, o NO contou com colaboradores como João Moreira Salles (1962-), Drauzio Varella (1943-), Aldir Blanc (1946-2020), Rita Lee (1947-), Heloísa Buarque de Hollanda (1939-), Sérgio Bermudes (1946-), Elena Landau (1958-) e Kenneth Maxwell (1941-). As informações sobre o NO são escassas, mas, em seu blog, o jornalista Ricardo Setti (1946-) afirma que o portal foi “um projeto ambicioso financiado pelos grupos Opportunity, GP investimentos e La Fonte com o compromisso de os empresários e executivos não interferirem na linha editorial” (SETTI, [s.d.], s/p)¹¹³.

¹¹² Khalid Sheikh Mohammed – que se declara mentor dos ataques –, Walid bin Attash, Ramzi bin al-Shibh, Ammar al-Baluchi e Mustafa al-Hawsawi são os cinco suspeitos que devem passar por um tribunal militar estadunidense em 11 de janeiro de 2021, na base de Guantánamo, em Cuba. As acusações são por “crimes de guerra, incluindo terrorismo, e de assassinar quase 3 mil pessoas” (KHALID..., 2019, s/p).

¹¹³ Disponível em: <http://www.ricardosetti.com/fotos/?categoria=52&slug=no-ponto-com>. Acesso em: 12 nov. 2020.

O endereço eletrônico¹¹⁴ em que o veículo estava hospedado foi desativado quando as atividades foram encerradas, mas há um print disponibilizado no blog de Setti que permite uma visualização sobre o layout do site e o logo do veículo, como pode ser visto na Imagem 10.

Imagem 10 – Página do extinto portal *Notícias e Opinião*

RICARDO A. SETTI
http://setti.no.com.br

Sexta-feira,
08 de março de 2002

no.

Cauteloso, Sarney vê chances para Roseana – e articula
[12.Dez.2001]

Colunistas
Dorrit Harazim
Flávio Pinheiro
Marcos Sá Corrêa
Mario Sergio Conti
Sérgio Abranches
Tutty Vasques
Villas-Bôas Corrêa
Walter Fontoura
Xico Vargas
Zuenir Ventura

Andrea
Kauffmann-Zeh
Ciência
Aldir Blanc
Babel
Arthur Dapieve
Música
Carla Rodrigues
Textos acadêmicos
Elena Landau
Futebol
Flávia Velloso e
J. Teixeira da Costa
Economia
Guilherme Fiuzza
Ponto de vista
João Moreira Salles
Babel
Joaquim F. Santos
Televisão
Jonathan Kandell
Mundo afora
Kenneth Maxwell
Internacional
Leonardo Pimentel
Notícias na rede
Luiz F. Alencastro
Internacional

Do seu espaçoso e bem iluminado gabinete no 6º andar do edifício principal do Senado Federal, em Brasília, que tem na ante-sala um relógio marcando as horas ao som do canto de pássaros do Brasil, o ex-presidente José Sarney pode ver, a algumas centenas de metros, um edifício que ele conhece muito bem: o Palácio do Planalto.

É ali que sua filha e xodó Roseana Sarney, governadora do Maranhão, gostaria de estar despachando a partir de 1º de janeiro de 2003. Sarney sorri com gosto, espichando o ainda vasto bigode, diante dos bons resultados da filha nas pesquisas de intenção de voto, mas publicamente tem sido discreto. "Roseana caminha com suas próprias pernas", é o que repete quando perguntado sobre a ajuda que a governadora estaria tendo do pai. E como se sente o hoje senador do Amapá pelo PMDB – partido que poderá ter candidato próprio à Presidência – diante de uma possível candidatura da filha por outro partido, o PFL? "Meu partido agora é minha filha", sentencia.

Se, de público, não avança muito além disso, em conversas calmas, sem tom de entrevista, o ex-presidente tem uma análise mais abrangente sobre as chances de Roseana. Antes de mais nada, ele se filia entre os que lamentam que o presidente Fernando Henrique Cardoso não tivesse priorizado em seu programa de governo a realização da reforma política, "a principal de todas". Em consequência, enxerga um país de instituições políticas frágeis, sem partidos dignos deste nome. Além disso, embora seja tecnicamente um aliado – relutante, é verdade – do presidente da República, acha que o saldo do governo FHC não dá ao presidente condições de indicar sem contestações o candidato da aliança governista (PSDB-PFL-PMDB).

Fonte: Reprodução/Blog Ricardo Setti

Setti revela em seu blog que, embora a aceitação fosse boa, o NO foi descontinuado no primeiro semestre de 2002 “por não atender às apressadas expectativas dos investidores sobre resultados” (SETTI, [s.d.], s/p).

¹¹⁴ Era www.no.com.br, segundo Quierati (2016, p. 24).

5.4.3 Correspondentes brasileiros no atentado terrorista de Nova York

Consideraremos aqui a publicação original dos textos de Harazim no site NO – no JB houve republicação. Assim, nossa busca é por correspondentes brasileiros de portais de notícias na cobertura dos atentados terroristas em Nova York em 11 de setembro de 2001.

De acordo com Ferrari (2010, p. 29-30), um portal tem como características “atrair e manter a atenção do internauta ao apresentar, na página inicial, chamadas para conteúdos díspares, de várias áreas e de várias origens”. A proposta desse tipo de veículo seria criar uma comunidade digital em torno de um tema que pode ser aprofundado por meio de *hyperlinks*. Um dos temas de detalhamento pode ser justamente o jornalismo e, a partir dele, diferentes editorias.

Os portais de notícias surgiram no Brasil em meados da década de 1990, partindo de grandes empresas jornalísticas que se expandiam para o meio eletrônico, como o pioneiro *Jornal do Brasil*, em 1995, seguido de *O Globo* e da *Agência Estado* (FERRARI, 2010, p. 25). Mas os mais relevantes portais brasileiros e nativos digitais citados por Ferrari (2010) – e que estavam ativos em 2001 – são UOL (1996-), iG (2000-) e *Terra* (2000-).

O UOL mudou a *homepage* para a cobertura dos ataques de 11 de setembro de 2001 e declara-se como o único *site* de notícias do país que não ficou fora do ar¹¹⁵. O portal não manteve correspondentes próprios em Nova York. “O público do UOL contou com a cobertura da Folha Online, Veja Online, Reuters, AFP, AJB Online, The New York Times, El País e Le Monde, entre outras fontes”, afirma o texto “UOL muda *home page* para audiência recorde” (2001), publicado na noite daquele dia. O nome do correspondente da *Folha*, Sérgio Dávila (1965-), atual diretor do veículo, foi citado por participar da cobertura.

Tivemos dificuldade em acessar o material do iG referente ao atentado terrorista em Nova York, pois os links redirecionavam para a página de esportes do veículo¹¹⁶. Nossa pesquisa não identificou correspondentes que atuaram internacionalmente pelo iG, apenas regionalmente, no Brasil¹¹⁷. Porém, referente à cobertura do 11 de setembro no iG, há um fato

¹¹⁵ A informação aparece na linha do tempo sobre a história do Grupo UOL, disponível em: <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

¹¹⁶ A tentativa se deu a partir do especial de 10 anos do acontecimento, disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/11desetembro/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

¹¹⁷ A proposta era que o portal tivesse cobertura além do eixo Rio-Brasília-São Paulo. Disponível em: <https://m.blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2011/02/23/portal-ig-abre-escritorio-de-jornalismo-no-recife/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

curioso relatado pelo jornalista Eduardo Ribeiro. Segundo o relato, o acontecimento quase não foi publicado pelo portal:

No dia 11 de setembro de 2001, o portal iG decidiu emplacar uma ação chamada “Dia da Boa Notícia”, uma ideia de Nizan Guanaes, então presidente da empresa. A proposta era que a capa destacasse apenas noticiário otimista, e a data foi anunciada aos leitores na véspera.

Na madrugada, foi assassinado o prefeito de Campinas, Toninho do PT. O iG não deu destaque, apenas deixou no feed de notícias recentes. Às 9h45, quando um avião atingiu uma torre do World Trade Center, a home do iG também não deu. Às 10h03, quando um novo avião atingiu a outra torre, seguiu ignorando. Somente por volta do meio-dia é que o “Dia da Boa Notícia” foi revogado (RIBEIRO, E. 2019, s/p).

Por fim, não identificamos correspondentes do *Terra* na cobertura do atentado.

5.4.4 Elementos de jornalismo literário na reportagem de Dorrit Harazim

A cobertura de Harazim dos atentados de 11 de setembro de 2001 em Nova York corrobora a afirmação de Lima (2009, p. 208) de que a narrativa no jornalismo literário “é empregada também em matérias *quentes*, não se restringe às *frias*”. Afinal, diferentemente das situações anteriores, a jornalista não reportava para um veículo semanal – situação no Vietnã e no Chile –, o que lhe daria mais tempo para escrever, nem sobre um conflito que já estava em curso – como no Vietnã e na Cisjordânia.

A queda das Torres Gêmeas aconteceu enquanto ela estava em uma visita familiar; foi pega desprevenida e, mesmo assim, escreveu cinco reportagens para o veículo em que trabalhava na época, o *Notícias e Opinião*, sendo republicada pelo *Jornal do Brasil*. As reportagens foram: “Medo surdo, quase animal” (HARAZIM, 2001a), “Um estranho silêncio em Nova York” (HARAZIM, 2001b), “Em meio ao caos, o estadista” (HARAZIM, 2001c), “A colagem de rostos da tragédia” (HARAZIM, 2001d) e “Nova York sai do silêncio” (HARAZIM, 2001e). Retomamos aqui o conceito de reportagem seriada de Paiva (2018), pois se tratam de cinco textos sequenciais sobre um mesmo tema.

Achamos que vale a pena destacar alguns pontos sobre essa cobertura. A princípio, a jornalista não estava em Nova York a trabalho, tendo seus planos de férias alterados pelos acontecimentos. Os textos aqui têm uma distância temporal de aproximadamente três décadas em relação aos analisados anteriormente nesta pesquisa. A cobertura foi intensa, com cinco textos em cinco dias para um assunto considerado “quente”, segundo o jargão jornalístico, conforme mencionado acima. Ainda, trata-se de uma mudança de meio de comunicação; se

anteriormente voltamos o olhar para a revista *Veja* e para o *Jornal do Brasil*, agora observaremos a produção de Harazim para o site *Notícias e Opinião*.

Na esteira das demais análises, consideraremos os três elementos de Jornalismo Literário listados por Martinez (2016, p. 211): 1) apuração, 2) digestão e compreensão do material apurado e 3) redação em estilo literário.

A apuração, primeiro elemento que buscamos nas análises, começou sem aviso prévio, pois tudo ocorreu de modo inesperado. Quierati (2016, p. 224) conta:

Dorrit Harazim estava a passeio por Nova York, em visita à filha Clara, que lá estudava, quando soube pela televisão que aviões haviam se chocado contra as Torres Gêmeas. Assim que o ocorrido começou a ser tratado pelas autoridades como ataque terrorista, a jornalista se dirigiu ao local para fazer a cobertura para o site NO.

No segundo texto, a jornalista aponta a dificuldade naquela cobertura: “Embora toda a região sul de Manhattan permaneça selada ao público e à imprensa em geral, foi possível captar algumas primeiras impressões da terra arrasada em que se transformou o raio de 10 quarteirões do epicentro. Nem o mais veterano dos correspondentes de guerra estava preparado para tanta destruição” (HARAZIM, 2001b, p. 5). As palavras foram escritas pela profissional que, até então, atuara como correspondente na Guerra do Vietnã, no golpe de Estado do Chile e no conflito de refugiados da Cisjordânia – apenas para citar coberturas que analisamos aqui.

O segundo elemento, digestão e compreensão do material, nesse caso, não dispôs de muito tempo. Conforme aprendia, a jornalista já precisava trabalhar no material para que a publicação saísse no dia seguinte. Mas, logo no primeiro texto da cobertura, Harazim demonstrava compreender a grandeza do acontecimento:

Durante cinco horas, Nova Iorque ficou de joelhos. Com as ruínas dos 220 andares do World Trade Center esparramadas por Manhattan, a cidade saiu da orfandade inicial – semelhante à que emudeceu a América quando J. F. Kennedy foi morto – e se viu às voltas com um sentimento coletivo ainda mais desconcertante: o medo. Um medo surdo, silencioso, difuso, quase animal e ao mesmo tempo irracional de que tudo – literalmente tudo – ainda podia acontecer. Até porque, para quem esteve no epicentro ou num raio de 10 quilômetros da tragédia, tudo já tinha acontecido. A sensação de correr desvairadamente por ruelas ladeadas de arranha-céus, com um tufão de breu, fumaça e detritos do tamanho de uma porta de automóvel se enfiando pelas mesmas ruelas é indelével. Não havia mais céu. Era o inferno do filme *Independence Day*, com a mesma massa escura, irrespirável e pegajosa envolvendo quem por ali estivesse (HARAZIM, 2001a, p. 3).

O trecho acima abre o relato da jornalista, estabelecendo comparações históricas e fílmicas para algo que o mundo ainda tentava explicar. Harazim sentiu-se confortável para utilizar o simbolismo do medo para descrever o que viu, pois “um medo surdo, silencioso,

difuso, quase animal” possibilita que o leitor faça a ponte entre o “fato ou situação com seu sentido universal” (LIMA, 2009, p. 379).

Conforme a cobertura vai avançando e a jornalista consegue se inteirar das informações que vão sendo disponibilizadas, os textos começam a ficar mais racionais que emocionais, mas sem perder o apelo humanitário que a situação exigia. No fim do segundo despacho há um exemplo:

Ao longo dos próximos anos contas serão feitas e refeitas na tentativa de se quantificar custos e perdas. Estatísticas, números, percentagens, comparações matemáticas frequentarão diariamente o noticiário. Mas onde arquivar o telefonema dado de uma sala do 104º andar da Torre Norte do World Trade Center, às 10h28 da manhã do dia 11 de setembro, por um jovem de 24 anos? “Mãe, eu te amo”. Disse tudo (HARAZIM, 2001b, p. 5).

A jornalista demonstra habilidade em capturar e explicar amplas sensações de medo em uma descrição de cena:

Também cedinho de manhã, pela primeira vez desde a terça-feira dia 11, as calçadas da cidade voltaram a ser povoadas por crianças a caminho da escola. O que mudou foi a maciça presença de pais que as seguravam pela mão. E a forma como andavam. Em tempos normais, uma mãe ou pai que leva o filho à escola tem aquele ar orgulhoso, confiante e prazeroso. Na manhã de ontem – e certamente por muito tempo ainda – eles seguravam as mãos dos pequenos com força. Olhavam para o chão e falavam pouco. O futuro? Talvez uma América em que crianças e adultos se deliciem menos com filmes de ação bruta e pura porrada. Talvez uma América na qual máscaras de gás passarão a conviver com aparelhos domésticos, como em Israel. Talvez uma América que não vista mais suas camisas estampadas e ziguezagueie pelo mundo, alimentando a indústria do turismo de massa. Numa escola específica do bairro de Little Italy, a menos de 20 quarteirões do WTC, fileiras e fileiras de pais hesitavam em sair dali. Com os rostos colados às janelas externas da escola, deviam estar lembrando da última vez em que deixaram seus filhos despreocupadamente no portão de entrada e fora trabalhara. Foi na manhã de terça-feira, dia 11 (HARAZIM, 2001e, p. 7).

No quinto e último texto, Harazim faz uso do simbolismo, recorrendo à uma referência bíblica¹¹⁸ para encerrar a cobertura. “O sétimo dia não será de descanso. No sexto, Nova York começou a sair do silêncio e experimentou ficar de pé. Ainda bamba, mas conseguiu, com cada um à sua maneira olhando onde pisa” (HARAZIM, 2001e, p. 7).

¹¹⁸ Diz-se em Gênesis 2:2, “No sétimo dia, Deus já havia terminado a obra que determinara; nesse dia descansou de todo o trabalho que havia realizado”. Disponível em: <https://bibliaportugues.com/genesis/2-2.htm>. Acesso em: 6 dez. 2020.

Por fim, o terceiro elemento, redação em estilo literário, ganha destaque na cobertura. Entendemos que Harazim preocupou-se em transmitir ao leitor as sensações que ela viveu naqueles dias em Nova York.

Mas a verdadeira orfandade ocorreu às 10 horas da manhã, quando o ronco de um vulcão envolveu a parte baixa de Manhattan. Arrancada de sua estrutura pelo que pareceu ser uma explosão, uma das torres em chamas começou a ruir. Durante os primeiros segundos, como naquela brincadeira de infância em que todo mundo vira estátua, a população de Nova Iorque que estava na rua virou estátua. Nos segundos seguintes, a catarse de uma dor coletiva. Uns cobriam o rosto com as mãos, para não ver o resto. Outros levantavam as mãos aos céus, em súplica. Outros ainda escolhiam um canto de calçada, sentavam, dobravam o corpo para a frente, e vomitavam. A maioria chorava em silêncio. Desconhecidos se abraçavam, se confortavam, se tocavam fisicamente para se sentirem vivos. Quando, 33 minutos depois, a segunda torre começou a ruir, um pedaço de Nova Iorque tinha se transformado numa Bósnia. Não, numa Beirute. Não, numa Dresden. Talvez um pouco de cada. Quarteirões e mais quarteirões calcinados. A cada nova hora, mais um arranha-céu contaminado pelo fogo e pela destruição. Pela primeira vez em sua história, os Estados Unidos olhavam para os escombros de sua vulnerabilidade (HARAZIM, 2001a, p. 3).

O texto tem descrição temporal, sonora, visual e humana. Citar outros locais que passaram por atentados ainda reforça a ideia de comparação histórica anteriormente apresentada. Para Lima (2009, p. 392), a missão de um jornalista literário é justamente “narrar organicamente, com o vigor da vida real [...], o que vê, sente, cheira, constata. O que compreende da realidade que vivencia, o que apreende da humanidade de seus personagens”.

A imersão de Harazim na situação fica exposta em outros momentos, como no texto referente ao dia seguinte ao atentado:

Ao acordar do pesadelo de ontem, Nova Iorque teve vontade de adormecer novamente. Fora tudo verdade e a cidade procurava seu rumo sem as duas torres que lhe serviam de Norte. Acordou em silêncio, submersa numa estranha quietude. Assim ficou o resto do dia. Deu saudade do trânsito caótico, das massas apressadas, dos solavancos de taxistas do Afeganistão ou do Haiti, dos cinemas abertos. Ao meio-dia, a rua 42 estava deserta (HARAZIM, 2001b, p. 5).

O impacto é maior quando a jornalista insere relatos de testemunhas, como este trecho sobre pessoas que viram o que acontecia enquanto as torres caíam:

“Não acredito que este seja o meu país, estamos fugindo como os povos da Iugoslávia”, dizia Marsha, agarrada à mochila na ponte de Brooklyn. “No começo eu pensei que fossem destroços caindo da torre Sul, mas depois me dei conta de que eram pessoas despencando”, conta a jovem Nicole, de 22 anos, que estava a cinco quarteirões do epicentro. “Todas voaram lá do alto, acima do 80º andar. Vi umas 30. Acho que decidiram saltar juntas, não sei. Só amanhã vou entender o que vi. Ou talvez não entenda nunca” (HARAZIM, 2001a, p. 3).

Da perspectiva do interior do prédio, os relatos também eram profundos:

Entre os sobreviventes que deram depoimentos à televisão, o de uma mulher de 38 anos: trabalhava no 83º andar da segunda torre do World Trade Center quando foi arregimentada para sair dali. Mera precaução, dizia a segurança do seu andar, até o fogo na torre vizinha ser contido. Após descer uns 20 andares, o seu grupo foi desviado para um salão já repleto de gente, onde havia uma televisão ligada. Foi ali, a mais de 60 andares do chão, que ela assistiu ao vivo à sua torre ser atacada pelo segundo avião suicida. Seu depoimento dá uma pálida ideia do pânico que levou tantas pessoas a saltar no vazio, como opção única. Foram quedas intermináveis, dos 30 andares mais altos, em que seres humanos abriam os braços como que querendo voar. Outros mergulharam quase inertes, de ponta cabeça (HARAZIM, 2001b, p. 5)

Já neste trecho há a fala de um policial na equipe de buscas:

Será um trabalho para artesãos com nervos de titânio. “Você não sabe o que é ser agarrado por familiares em agonia que pedem para você fazer algo, rápido”, diz Sam Esposito, um dos policiais que viraram a noite. “Como explicar que vamos precisar pensar duas vezes antes de tirar um palito sequer do lugar?” Difícil saber se Sam é branco, negro ou latino. Coberto de cinzas da cabeça aos pés ele é, no momento, apenas um combatente a mais desse exército de salvação (HARAZIM, 2001b, p. 5).

Ou ainda quando a jornalista descreve como colagem de rostos da tragédia:

O que começou como um centro de atendimento a parentes de desaparecidos no quarteirão que vai da Park Avenue até a Lexington, e da rua 25 à 26, foi se transformando, espontaneamente, em algo de impacto semelhante à muralha erguida em Washington onde estão gravados os nomes dos soldados americanos mortos no Vietnã. No quarteirão nova-iorquino, as possíveis vítimas não têm apenas nomes. Têm rostos, sorrisos e detalhes pessoais colados a toda e qualquer superfície disponível: cabines telefônicas, caixas de correio, postes de eletricidade, sinais de trânsito, paredes e mais paredes de prédios, caixas de correio, máquinas de venda de jornais – tudo foi coberto com cartazes com fotos das vítimas, fabricados às pressas pelos familiares (HARAZIM, 2001d, p. 3).

Esse compilado mostra como o jornalismo literário pode ser um modo de contornar a incomunicação perante a morte (SILVA; CAMARGO, 2019, p. 398):

[...] ao contrário das produções jornalísticas meramente informativas, ou daquelas cuja tônica é o sensacionalismo, fica salvaguardado o princípio ético, pois ao abordar a morte pelo viés poético, reforça-se a humanização, levando-se em conta o indivíduo e suas peculiaridades, na sua relação com os próximos, também impactados pela morte.

Outro ponto é trazer um protagonista para o relato, como Harazim fez com Allende na cobertura sobre o golpe de Estado chileno. No terceiro texto da cobertura em Nova York, o homem da vez é o prefeito Rodolph Giuliani:

Desde o instante em que o primeiro avião pilotado por terroristas suicidas arremeteu contra a muralha do World Trade Center, às 8h43 da manhã de terça-feira, um líder vem emergindo das ruínas de Manhattan. Ele é franzino, tem sérios problemas de saúde (câncer), está encrencado numa situação familiar das menos invejáveis (a ex-

mulher e a atual disputam a tapas o direito de morar em sua casa), tem pavio curto, fama de ranzinza e vive às turras com a população há exatos oito anos. Nada disso tem importância. No momento de maior pandemônio e agonia da cidade, Rodolph Giuliani demonstra, hora após hora, a sua estatura de homem público. Assumiu com segurança e sensibilidade o comando de uma cidade desesperadamente necessitada desses dois ingredientes – segurança e sensibilidade (HARAZIM, 2001c, p. 6).

A humanidade de Giuliani vem à tona com sua fragilidade de saúde e problemas familiares, mas desponta como a figura política que mantém a cidade – e o país – de pé.

Em um breve e discreto momento no primeiro texto, a jornalista se insere na história: “‘Pelo amor de Deus não beba água da torneira’, me implorou um amigo da Califórnia, por telefone, por ter ouvido no rádio que os ataques terroristas haviam detonado armas químicas e bacteriológicas” (HARAZIM, 2001a, p. 3). Talvez a jornalista também tenha inserido a própria filha no texto, pois há uma testemunha chamada Clara¹¹⁹, estudante da *New York University*.

A voz de Harazim aparece em determinados momentos, por exemplo: “A maior potência mundial não tem como revidar. Nenhum bombardeio do Afeganistão ou de outros centros do terrorismo internacional conseguirá apagar o sentimento nacional de perda. Perda de vida, perda de segurança, perda de fé, perda de orgulho, perda de confiança” (HARAZIM, 2001a, p. 3). Trata-se da jornalista falando sobre as perdas estadunidenses, e ela assume sua compreensão.

O que o leitor espera, tacitamente, não é um discurso de “verdade absoluta”, mas sim uma leitura individual, marcada pela experiência própria do autor, seu modo de captar e expressar a realidade, sua interação com os personagens da história. O autor não é um mero compilador de dados, esforçado moleque de recados que transmite as versões dos fatos moldados conforme os interesses de suas fontes, nem se esconde, submisso, por trás das afirmações dos especialistas.

[...]

Autor de jornalismo literário tem nome, rosto, corpo, cabeça, tronco, membros. Tem mente e coração. Pensa e sente. É um estudioso constante da realidade. Interpreta, avalia, busca unir os fios de compreensão que unem ações, pessoas, ambientes. Tem virtudes e defeitos. Enxerga coisas que pessoas menos exercitadas para contar histórias não enxergam (LIMA, 2009, p. 369).

Com cinco textos publicados no NO – e republicados pelo JB –, Harazim finalizou a cobertura dos atentados em Nova York. Pelo conteúdo, observamos que ela se preocupou mais em transmitir o que ela estava vendo e as pessoas estavam sentindo, o que torna a inclinação ao jornalismo literário mais provável. A escolha, consciente ou não, contorna o que se tornou um lamento pela fragilidade da cobertura *online* no ocorrido:

¹¹⁹ A testemunha não é identificada para além disso, mas se assemelha ao perfil de Clara Harazim Gaspari, filha do casal Dorrit e Élio, que estudava na *New York University* – e a quem a jornalista visitava – quando o atentado aconteceu. Clara é identificada como estudante da instituição em: <http://orcid.org/0000-0002-0398-5138>. Acesso em: 29 nov. 2020.

A cobertura online dos ataques terroristas aos EUA revelou-se um fiasco. Além de ter ficado evidente sua inferioridade frente às chocantes imagens disponíveis na TV, as informações online não tiveram como escamotear sua fragilidade. A rede pode ser rápida, mas não chega a ser instantânea. Faltaram clareza, precisão e apuração. Faltou acesso fácil, como o da TV. Faltaram elementos que conquistassem a credibilidade do público. Afinal, nada poderia convencer o público de que aquilo tudo era verdade a não ser as próprias imagens ao vivo – privilégio da TV (SINGER, 2004, p. 33).

As reportagens de Dorrit Harazim não eram televisivas, mas a rica descrição de cena, pessoas, sentimentos e detalhes podia tornar muito clara a imagem do cenário na mente do leitor. Sem a preocupação em dar a notícia primeiro, mais rápido, a jornalista podia explorar outra faceta do jornalismo – a narrativa –, mesmo considerando o pouco tempo entre apuração e despacho do texto para a redação. Tão intensas como as imagens das torres caindo, as palavras de Harazim eram capazes de atingir o leitor e provocar as mesmas emoções.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu da questão: haveria elementos de jornalismo literário nas coberturas de guerra e/ou conflitos feita pela correspondente brasileira Dorrit Harazim?

Para responder à questão, apontamos as características, histórico e principais autores do jornalismo literário; traçamos o histórico da cobertura de guerra e conflitos no mundo e no Brasil, reservando espaço para focar nas mulheres correspondentes; e analisamos as produções em coberturas de guerra de Dorrit Harazim que aconteceram em diferentes períodos e veículos.

Primeiramente, identificamos a existência do jornalismo literário em todas as reportagens de Harazim. A começar pelos títulos, todos subjetivos, sem a fórmula do jornalismo tradicional pela qual deve haver sujeito com o verbo de ação. Os textos variam entre mais curtos – os despachos de Nova York – e os mais longos – os do Vietnã, do Chile e da Cisjordânia. Porém, mesmo os mais longos não são tão extensos quanto se poderia imaginar de um texto em formato de jornalismo literário. De qualquer modo, os formatos variados mostram como é possível exercer esse estilo em qualquer espaço.

Nas análises, partimos da busca pelos elementos listados por Martinez (2016) e, nas quatro coberturas, os três sempre foram encontrados:

a) Apuração – Exatidão e precisão estão presentes em todas as reportagens, afinal, são premissas tanto do jornalismo convencional quanto do literário – revelando como este último não se atém apenas a uma discussão estética da narrativa. Foi possível observar a cuidadosa apuração feita pela jornalista, com vasto conhecimento do assunto a se tratar, listagem de nomes e instituições e contextualizações históricas. Pela amplitude de fontes, nota-se que a jornalista também recorre a diversos entrevistados para coletar dados e elaborar uma boa contextualização.

b) Digestão e compreensão do material apurado – Ficavam nítidas pelas relações estabelecidas envolvendo assuntos, pessoas e cenários; a vasta pesquisa anterior à cobertura permitia à jornalista remeter aos assuntos do passado e fazer inferências sobre o futuro enquanto explicava o que acontecia naquele momento presente. Ainda, a narrativa faz uso de simbolismos e criatividade para elaborar explicações, tornando-as menos áridas por recorrerem ao poético para aguçar os sentidos do leitor ao invés de mantê-lo no plano racional.

c) Redação em estilo literário – As características listadas por Lima (2009) estavam presentes: exatidão e precisão; contar uma história; humanização; compreensão; universalização temática; estilo próprio e voz autoral; imersão; simbolismo; criatividade; e responsabilidade ética. As reportagens de Harazim conduzem a imaginação do leitor; ela pinta

um quadro, indica os sons do ambiente e insere os diálogos, como se uma cena de filme passasse na cabeça do leitor. Importante reforçar que o jornalismo literário não se trata de florear um texto para que fique esteticamente bonito, mas sim fazer o que Harazim faz: descrever a cena dos fatos, apontar relações entre o que está ali e outros assuntos de conhecimento universal, humanizar os personagens da narrativa para se entender o que fazem ali e informar com palavras que ativam nossos sentidos.

Interessante observar que Harazim produziu jornalismo literário para veículos em três tipos diferentes de mídia: jornal impresso, revista e portal *online*. Observamos, conforme já apontado por Martinez (2016), a possibilidade de exercer esse estilo em diferentes espaços de diferentes periodicidades. Mediante o aval dos editores, um jornalista pode sim elaborar uma história em jornalismo literário ao invés do *hard news* sem que o veículo por si só seja um impeditivo. Entendemos, com base nos achados desta pesquisa, ser uma falácia a necessidade da estrutura de pirâmide invertida iniciada por um lide para reportar uma notícia – quente ou fria –, pois há outras maneiras também atrativas e talvez mais palatáveis de se transmitir uma informação ao leitor.

Como pôde ser visto pelo nosso compilado, diversos correspondentes atuaram nos mesmos conflitos e guerras em que Harazim esteve. Em diferentes veículos, homens ou mulheres, muitos escreveram as histórias disponíveis. Para identificar se os demais jornalistas produziram ou não jornalismo literário, seria necessária uma outra análise muito maior; porém, pelo observado em leituras flutuantes, o mais comum é se ater aos despachos factuais – seja pela falta de tempo em aprofundar os textos ou pelo estilo do jornalista/veículo. Como durante esta pesquisa efetuamos a leitura de livros produzidos por correspondentes de guerra após as coberturas, podemos sugerir que os profissionais encontraram no formato de livrorreportagem um espaço mais acolhedor para registrar suas experiências.

Uma feliz constatação durante esta pesquisa foi a existência de muitas mulheres correspondentes de guerra e conflitos no Brasil e no mundo. Os nomes delas aparecem nas análises das reportagens de Harazim, como correspondentes contemporâneas, ou nos aportes teóricos. De qualquer modo, elas estão lá, e, como parte deste trabalho era lhes dar visibilidade, sentimos a necessidade de ressaltar novamente a importância em ter mulheres atuando como correspondentes de guerra – pois, ao nosso ver, as histórias que elas contam são outras das dos homens, o que é um ganho para o jornalismo e para a sociedade.

Vimos na produção de Harazim um conteúdo completo: todas as informações da cobertura estão detalhadamente posicionadas e acrescidas de uma narrativa que situa cenas, reproduz diálogos e descreve sensações, o que enriquece a experiência do leitor – para além de

informá-lo. Pensando nos conhecidos e consagrados autores do jornalismo literário, poderíamos talvez estabelecer um paralelo com o modo de reportar de Lillian Ross – uma “mosca na parede”; a jornalista que não se insere na narrativa, mas está lá captando tudo ao seu redor.

Finalmente, entendemos ter cumprido o objetivo desta pesquisa em afirmar a correspondente de guerra e conflitos Dorrit Harazim como uma jornalista literária, com textos curtos ou longos, em jornal, revista ou portal. Uma jornalista literária que não fazia esforço para sê-la, mas que escrevia com maestria na técnica e com sensibilidade ao ver necessário. Uma correspondente que não era exclusiva de guerras e conflitos, mas a profissão a levou a esses momentos e ela produziu textos memoráveis a partir deles.

Nesta pesquisa, trabalhamos sob o recorte da cobertura de guerra e conflitos internacionais feitas por Dorrit Harazim dado o levantamento de produções listadas por Quierati (2016); no entanto, talvez algumas coberturas tenham escapado a esta dissertação e possam ainda ser investigadas. Ainda, há a possibilidade de fazer um outro recorte, na esteira dos estudos de gênero, para lançar luz sobre as personagens femininas presentes nas reportagens, tal como fez David (2014) em relação às narrativas de Martha Gellhorn.

Parte do sugerido acima foi desenhado para ser respondido nesta dissertação, quando ainda se tratava de um projeto inicial. Entramos em contato por e-mail com Dorrit Harazim em abril de 2019 para contar sobre a intenção de elaborar esta análise e solicitar um encontro para nos conhecermos. A visitamos em seu escritório de São Paulo na manhã de 31 de julho de 2019 e tivemos incríveis três horas de conversa, mas Harazim solicitou que fosse apenas isso – uma conversa, não uma entrevista. Ela nos relatou bastidores e lembranças das coberturas, contou que, para ela, ser mulher não era uma questão e explicou não achar que o que escrevia era o que procurávamos como jornalismo literário – assim como muitos outros jornalistas também falam sobre o próprio trabalho, não querendo classificá-lo (KEEBLE, 2018).

Embora tenha entendido nossa pesquisa e ficado interessada em ouvir mais, a jornalista explicou que pensava não poder contribuir com o nosso trabalho por meio de entrevistas, como desejávamos. As entrevistas, pensamos, embasariam nossas análises; poderíamos entender os métodos de apuração, as técnicas de entrevista, as estratégias de escrita e os dilemas de cada cobertura. Após o encontro, tentamos contato uma, duas, três vezes. Harazim deixara de nos responder e, com uma pandemia em curso, as chances de outro encontro foram reduzidas a zero.

Fizemos um pequeno desvio de rota na dissertação, que se encerra sem que tenhamos ouvido Dorrit Harazim para enriquecer a pesquisa com um toque mais humano. Era esperado – afinal, a jornalista reconhecidamente não gosta de dar entrevistas. E esta pesquisa foi conduzida parcialmente durante a pandemia. Fica aqui a deixa para, quem sabe, no futuro, nossa

empreitada servir de base para mais, caso a querida Dorrit tope conversar. Por aqui, ficam as lembranças dos sorrisos calorosos, do café e dos biscoitos no escritório recheado de livros naquele 31 de julho de 2019 que foi um dia emocionante na vida desta pesquisadora. O livro autografado e a foto provam que o encontro com uma das gigantes do jornalismo brasileiro realmente aconteceu.

Então, finalizamos cientes de que essa dissertação pode se desdobrar em outras pesquisas. Como já mencionado, o jornalismo literário pode ser investigado em mais coberturas de guerra para reafirmar a reflexão de Bak (2016a, 2017) sobre a inclinação de profissionais para produzirem nesse estilo em situações de conflitos. Análises dedicadas a outras mulheres correspondentes de guerra, sob diferentes metodologias. Ainda, uma sugestão apontada pela própria Dorrit Harazim em nossa conversa: um estudo sobre as mulheres que reportam as crises urbanas no Brasil, como sobre os esquemas de milícias no Rio de Janeiro ou o narcotráfico em São Paulo, apenas para citar situações geograficamente mais próximas a estas pesquisadoras.

O jornalismo literário produzido por mulheres cobrindo guerras e conflitos está em todos os lugares, basta enxergar. E cabe a nós, pesquisadores do campo, dar visibilidade a estes relatos.

REFERÊNCIAS

- 11 DE setembro completa 19 anos:** relembre o atentado. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,11-de-setembro-completa-19-anos-relembre-o-atentado,70003433046>>. Acesso em: 28 nov. 2020.
- AHRENS, N. **1973:** Golpe militar derruba Allende no Chile. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/1973-golpe-militar-derruba-allende-no-chile/a-319346>>. Acesso em: 13 out. 2020.
- ALEF, D. **Clare Boothe Luce: Renaissance Woman.** Santa Barbara: Titans of Fortune Publishing, 2009.
- ALEKSIÉVITCH, S. **A guerra não tem rosto de mulher.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ALI, F. **A arte de editar revistas.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.
- ALLAM, H. The woman question. In: HANKIR, Z. (Ed.). **Our women on the ground:** essays by Arab women reporting from the Arab World. New York: Penguin Books, 2019.
- AMANPOUR, C. Foreword. In: HANKIR, Z. (Ed.). **Our women on the ground:** essays by Arab women reporting from the Arab World. New York: Penguin Books, 2019.
- ANDRADE, L. E. DE. **Bao Chi, Bao Chi.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- ARAÚJO, M. DO S. DE S. **Paixões políticas em tempos revolucionários:** nos caminhos da militância, o percurso de Jane Vanini (1964-1974). 2002. 233 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2002.
- ARENDRT, H. **Eichmann em Jerusalém:** um relato sobre a banalidade do mal. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ATTALAH, L. On a belated encounter with gender. In: HANKIR, Z. (Ed.). **Our women on the ground:** essays by Arab women reporting from the Arab World. New York: Penguin Books, 2019.
- AZEREDO, T. **Conflito entre Israel e Palestina.** Disponível em: <<http://educacao.globo.com/geografia/assunto/atualidades/conflito-entre-israel-e-palestina.html>>. Acesso em: 23 out. 2020.
- BAK, J. S. Literary journalism across the globe: introduction. In: BAK, J. S.; REYNOLDS, B. (Eds.). **Literary journalism across the globe:** journalistic traditions and transnational influences. Boston: University of Massachusetts Press, 2011. p. 1–20.
- BAK, J. S. Introduction to the ReportAGES Series. In: GRIFFITHS, A.; PRIETO, S.; ZEHLE, S. (Eds.). **Literary Journalism and World War I.** 1. ed. Nancy: PUN/Éditions Universitaires de Lorraine, 2016a.
- BAK, J. S. “The paper cannot live by poems alone”: World War I Trench Journals as (Proto-)

Literary Journalism. In: GRIFFITHS, A.; PRIETO, S.; ZEHLE, S. (Eds.). **Literary Journalism and World War I**. 1. ed. Nancy: PUN/Éditions Universitaires de Lorraine, 2016b.

BAK, J. S. Rumo a uma definição de jornalismo literário internacional. **Brazilian Journalism Research**, v. 13, n. 3, p. 230–255, 2017.

BAK, J. S.; MARTINEZ, M. Jornalismo Literário como disciplina. **Brazilian Journalism Research**, v. 14, n. 3, p. 644–651, 2018.

BAK, J. S.; REYNOLDS, B. **Literary journalism across the globe: journalistic traditions and transnational influences**. Amherst, Boston: University of Massachusetts Press, 2011.

BAKER, J. **Australian women war reporters: Boer War to Vietnam**. Sydney: NewSouth, 2015.

BALZAC, H. DE. **Os jornalistas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEAUMONT, P. **A vida secreta da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BELMONTE, W. B. **A construção da relação “Brasil - Estados Unidos” na revista Veja**. 2016. 408 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. (Ed.). **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BETIM, F. **Morre Clóvis Rossi, o mestre de várias gerações de jornalistas brasileiros**.

Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/14/cultura/1560527664_796522.html>. Acesso em: 9 nov. 2020.

BIAGI, O. L. **O imaginário e as guerras da imprensa: estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da Guerra da Coreia (1950-1953) e da Guerra do Vietnã na sua chamada “fase americana” (1964-1973)**. 2001. 286 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

BITTENCOURT, S. DE. **Seguindo a primavera**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1951.

BOURKE-WHITE, M. **Portrait of myself**. New York: Simon & Schuster, 1963.

BRAGA, R. **Crônicas da guerra na Itália**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BRASIL, B. **Jornal do Brasil**. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil/#:~:text=Diário e matutino%2C o Jornal,Sousa Dantas e Joaquim Nabuco.&text=Vítima de longa e severa,a existir somente na internet.>>. Acesso em: 9 nov. 2020.

BRITAIN, V. **Shadow lives** : the forgotten women of the war on terror. London: Pluto Press, 2013.

BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BUTLER, J. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Ed.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 440.

CAMARGO, B. E. Um narrador em coberturas de guerra: o jornalista literário sob a perspectiva benjaminiana. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E CULTURA, 14., 2020, Sorocaba, SP. **Anais...**Sorocaba: Epecom, 2020. Disponível em: <<http://unisos.uniso.br/hs/epecom/anais-epecom.pdf>>.

CAMARGO, B. E.; MARTINEZ, M. Cobertura de Guerra e Estudos de Gênero: uma análise de conteúdo em A Private War. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 8, n. 2, p. 1–22, 2019.

CAMARGO, B. E.; MARTINI, M. R. Mulheres cientistas: a Jornada da Heroína na revista Pesquisa Fapesp. In: ENCONTRO NACIONAL DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO, 8., 2018, São Paulo, SP. **Anais...**São Paulo: SBPJor, 2018a. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/JPJor2018/paper/view/1102>>.

CAMARGO, B. E.; MARTINI, M. R. Mulheres cientistas: a jornada da heroína na revista Pesquisa Fapesp. **Alterjor**, v. 2, n. 18, p. 66–81, 2018b.

CAMARGO, B. E.; SANTOS, T. C. Mulheres do MMA: uma análise comunicacional sobre gênero nas coberturas midiáticas do UFC. In: ENCONTRO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 70., 2018, Maceió, AL. **Anais...**Maceió: SBPC, 2018. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/70ra/trabalhos/resumos/1567_1247ba0ed19e37606a8d7e3b21117949f.pdf>.

CAMARGO, B. E.; SILVA, M. C. C. O afeto na memória midiática da morte: O caso Domingos Montagner. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E CULTURA, 12., 2018, Sorocaba, SP. **Anais...** Sorocaba: Universidade de Sorocaba, 2018a. Disponível em: <http://comunicacaoecultura.uniso.br/programa/anais/2018/xii_epecom.pdf>.

CAMARGO, B. E.; SILVA, M. C. C. A narrativa poética da morte no Jornalismo Literário: O caso Marielle Franco na revista Piauí. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville, SC. **Anais...** Joinville: Intercom, 2018b. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1882-1.pdf>>.

CAMARGO, B. E.; SILVA, M. C. C. O afeto na memória midiática da morte: o caso Domingos Montagner. In: PICHIGUELLI, I. et al. (Eds.). **Afetos em narrativas** - vol. 2. Alumínio/Votorantim: Jogo de Palavras/Provocare, 2019. p. 2020–219.

CAMPBELL, D. **A Disappearance in Damascus: A Story of Friendship and Survival in the Shadow of War**. Toronto: Vintage Canada, 2016.

CAMPOS MELLO, P. **Lua de mel em Kobane**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

- CAMPOS MELLO, P. **Quem é Patricia Campos Mello?** Disponível em: <https://chutandoescada.com.br/?powerpress_pinw=2143-podcast>. Acesso em: 29 maio. 2020.
- CAPOTE, T. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CARTA, M. Carta ao Leitor. **Veja**, p. 21, 27 maio 1970.
- CARTA, M. Carta ao Leitor. **Veja**, p. 19, set. 1973.
- CHACRA, G. **Nahum Sirotsky** – O jornalista brasileiro que cobre o Oriente Médio desde a criação de Israel. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/blogs/gustavo-chacra/nahum-sirotsky-o-jornalista-brasileiro-que-cobre-oriente-medio-desde-a-criacao-de-israel/>>. Acesso em: 23 out. 2020.
- CHIARONI, K. **Resistance Heroism and the End of Empire: The Life and Times of Madeleine**. London: Routledge, 2016.
- COGO, D. O Haiti é aqui: mídia, imigração haitiana e racismo no Brasil. **Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 139, p. 427–448, 2018.
- COGO, D.; SILVA, T. Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. **Revista FAMECOS**, v. 23, n. 1, p. 1–18, 2016.
- COOK, B. A. (ED.). **Women and war: a historical encyclopedia from antiquity to the present**. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2006.
- CORRÊA, V. DE A. **Os diários de Taunay e Euclides da Cunha: Um estudo sobre o início da correspondência de guerra no Brasil**. 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- CRANE, S. **A glória de um covarde: um episódio da Guerra Civil Americana**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.
- CUNHA, M. J. C. O uso do diário na pesquisa etnográfica da sala de aula de português como L2. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 3, n. 2, p. 72–83, 1999.
- CUNHA, M. J. C. História com tinta, voz e sangue: narrativas na correspondência de guerra do século XX. In: PEREIRA, F. H.; MOURA, D. O.; ADGHIRNI, Z. L. (Eds.). **Jornalismo e Sociedade: Teorias e Metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 243–261.
- CUNHA, M. J. C. Diário com sangue: ação e reflexão em narrativas jornalísticas de guerra. In: LABORDE, E. P.; ORTIZ ALVAREZ, M. L. (Eds.). **Dimensão temporal e espacial na linguagem e na cultura latino-americana**. Campinas: Pontes, 2013. p. 399–413.
- CUNHA, M. J. C.; CORRÊA, V. DE A. Os Sertões: de Correspondência de Guerra a Livro-Reportagem. **Revista FSA**, v. 16, n. 1, p. 75–98, 2019.
- CUNHA, M. J. C.; DAVID, H. E. Um olhar gendrado: as guerras de Martha Gellhorn. **Revista FSA**, v. 11, n. 4, p. 191–205, 2014.
- DAMANTE, J. A. **Jornalismo literário em cenários disruptivos digitais no Brasil: trajetos**.

2019. 119 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultura) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2019.

DANTAS, B. Por que Allende caiu. **O Cruzeiro**, p. 26–31, 26 set. 1973.

DAPIEVE, A. Os verdadeiros cães de guerra. In: **A vida secreta da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAVID, H. E. **Guerra e narrativa**: um estudo dos relatos jornalísticos de Martha Gellhorn. 2014. 107 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

DE STEFANO, C. **Oriana Fallaci**: the journalist, the agitator, the legend. New York: Other Press, 2017.

DICKENS, C. **Retratos londrinos**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

DIDION, J. **In El Salvador**. Disponível em: <<https://www.nybooks.com/articles/1982/11/04/in-el-salvador/>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

DIDION, J. **Salvador**. London: Granta Books, 2014.

DIDION, J. **O ano do pensamento mágico**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

DINES, A. **Siroco, um senhor jornalista**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/memoria/siroco-um-senhor-jornalista/>>. Acesso em: 9 nov. 2020.

EMERSON, G. **Winners & Losers: Battles, Retreats, Gains, Losses, and Ruins From the Vietnam War**. New York: W. W. Norton & Company, 2014.

FALLACI, O. **Nothing, and So Be It**. New York: Doubleday & Co., 1972.

FERGUSON, S. **Wrapping up Women's History Month**: Selections from the Thérèse Bonney photograph collection at The Bancroft Library. Disponível em: <<https://update.lib.berkeley.edu/2020/03/31/wrapping-up-womens-history-month-selections-from-the-therese-bonney-photograph-collection-at-the-bancroft-library/>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

FERNANDES, A. **2001: Atentado terrorista às Torres Gêmeas nos EUA**. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/2001-atentado-terrorista-às-torres-gêmeas-nos-eua/a-18708622>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

FERRARI, P. **Jornalismo digital**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FITZGERALD, F. **Fire in the Lake**: The Vietnamese and the Americans in Vietnam. New York: Little, Brown and Company, 2009.

FLINT, G. **Miragem de paz**: Israel e Palestina – Processos e Retrocessos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

FRATUS, M. **The female war reporter who parachuted into Vietnam with French**

commandos. Disponível em: <<https://coffeordie.com/brigitte-friang/>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

FULLER, M. **Woman in the Nineteenth Century.** Mineola: Dover Publications, 2012.

FUNDER, A. **Stanislândia:** como funcionava a política secreta alemã. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

G1. **Monitor da violência.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/07/22/n-de-assassinatos-fica-estavel-em-maio-em-meio-a-pandemia-mas-e-7percent-maior-nos-primeiros-cinco-meses-do-ano-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

GAROFALO, J. **Dickey Chapelle Under Fire:** Photographs by the First American Female War Correspondent Killed in Action. Madison: Wisconsin Historical Society Press, 2015.

GASPAR, A. **Êxodo de cristãos.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/bomdiabrasil/0,,MUL808601-16020,00-EXODO+DE+CRISTAOS.html>>. Acesso em: 9 nov. 2020.

GAWENDO, M. Israel conclui retirada histórica de Gaza. **Folha de S.Paulo**, p. A16, 2005a.

GAWENDO, M. Termina a retirada israelense de quatro colônias da Cisjordânia. **Folha de S.Paulo**, p. A17, 2005b.

GELLHORN, M. **A face da guerra.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

GENTILLI, V. **O jornalismo brasileiro nos anos 70.** In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 10., 2001, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Compós, 2001. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1219.pdf>.

GIDDENS, A.; SUTTON, P. W. **Conceitos essenciais da Sociologia.** 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

GLOBO, M. **Luís Edgar de Andrade.** Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/luis-edgar-de-andrade/perfil-completo/3313416/>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

GLOBO, M. **Alberto Gaspar.** Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/alberto-gaspar/perfil-completo/>>. Acesso em: 9 nov. 2020.

GLOBO, M. **Atentados de 11 de setembro.** Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/atentados-de-11-de-setembro/os-correspondentes-da-tv-globo-uma-forca-tarefa/>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

GONZÁLEZ, J. C. **Entenda a complexidade da Cisjordânia e do Vale do Jordão.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/entenda-a-complexidade-da-cisjordania-e-do-vale-do-jordao/a-50389785>>. Acesso em: 19 out. 2020.

GORDON, S. **Shadows of war:** Roger Fenton's photographs of the Crimea, 1855. London: Royal Collection Trust, 2017.

GOUREVITCH, P. **Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRIFFITHS, A.; PRIETO, S. Introduction: Literary Journalism and World War I. In: GRIFFITHS, A.; PRIETO, S.; ZEHLE, S. (Eds.). **Literary Journalism and World War I: marginal voices**. Nancy: PUN/Éditions Universitaires de Lorraine, 2016.

GROSZ, E. **Space, time, and perversion: essays on the politics of bodies**. New York: Routledge, 1995.

HANKIR, Z. (Ed.). **Our women on the ground: essays by Arab women reporting from the Arab World**. New York: Penguin Books, 2019a.

HANKIR, Z. Introduction: Sahafiya. In: HANKIR, Z. (Ed.). **Our women on the ground: essays by Arab women reporting from the Arab World**. New York: Penguin Books, 2019b.

HARAZIM, D. Um combate não declarado. **Veja**, p. 50–51, maio 1970.

HARAZIM, D. Violência e golpe em Santiago. **Veja**, p. 38–44, set. 1973.

HARAZIM, D. Cisjordânia, a posse mais discutida de Israel. **Jornal do Brasil**, p. 18, 17 jul. 1977.

HARAZIM, D. Medo surdo, quase animal. **Jornal do Brasil**, p. 3, 12 set. 2001a.

HARAZIM, D. Um estranho silêncio em Nova York. **Jornal do Brasil**, p. 5, 13 set. 2001b.

HARAZIM, D. Em meio ao caos, o estadista. **Jornal do Brasil**, p. 6, 14 set. 2001c.

HARAZIM, D. A colagem dos rostos da tragédia. **Jornal do Brasil**, p. 3, 16 set. 2001d.

HARAZIM, D. Nova York sai do silêncio. **Jornal do Brasil**, p. 7, 18 set. 2001e.

HARAZIM, D. **O instante certo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HEDGES, C. **In war, journalists become part of the problem**. Disponível em: <<https://nieman.harvard.edu/articles/in-war-journalists-become-part-of-the-problem/>>. Acesso em: 29 maio. 2020.

HEINEMAN, M. **A private war**. Reino Unido. Aviron Pictures, 2018. 1 DVD (1h50min).

HEMEROTECA. **O Cruzeiro: Revista (RJ) - 1928 a 1985**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pesq=>>. Acesso em: 23 jun. 2020a.

HEMEROTECA. **Manchete (RJ): 1952 a 2007**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=004120&pesq=%22guerra do vietnã%22>>. Acesso em: 23 jun. 2020b.

HEMEROTECA. **Realidade (SP): 1966 a 1976**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213659&pesq=%22guerra do vietnã%22>>. Acesso em: 23 jun. 2020c.

- HEMEROTECA. **Jornal do Brasil (RJ): 1891-**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=030015&pesq=>>. Acesso em: 13 ago. 2020d.
- HEMINGWAY, E. **Por quem os sinos dobram**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- HERR, M. **Despachos do front**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- HILSUM, L. **In extremis: the life and death of the war correspondent Marie Colvin**. New York: Picador, 2018.
- HUDSON, L. S. **Mistress of Manifest Destiny: A Biography of Jane McManus Storm Cazneau**. Austin: Texas State Historical Association, 2001.
- HUSTON, J. **A glória de um covarde**. Estados Unidos da América. MGM, 1951. 1 DVD (1h09min).
- INSI. **Killing the messenger: report of the global inquiry by the International News Safety Institute into the protection of journalists**. Brussels: 2007. Disponível em: <<https://newssafety.org/uploads/killingtheMessenger2007.pdf>>.
- IRENO, R. DA C. Crônicas sobre a Segunda Guerra Mundial: Sílvia de Bittencourt (Majoy) e o lirismo de Seguindo a Primavera. **Opiniões**, n. 12, p. 236–249, 2018.
- JACK, I. Phillip Knightley obituary. **The Guardian**, 7 dez. 2016.
- KAMEL, A. Prefácio. In: GLOBO, M. (Ed.). **Correspondentes: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018. p. 532.
- KAMEL, A. **Jornalista Luís Edgar de Andrade morre no Rio aos 88 anos** BrasilRede Globo, , 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/04/29/jornalista-luis-edgar-de-andrade-morre-no-rio-aos-88-anos.ghtml>>
- KAPUSCINSKI, R. **O xá dos xás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- KEEBLE, R. L. Jornalismo literário como disciplina: além de Tom Wolfe. **Brazilian Journalism Research**, v. 14, n. 3, p. 894–915, 2018.
- KENNICOTT, P. **Para Dorothea Lange, fotógrafa de “Mãe Migrante”, a palavra era fundamental na fotografia**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/02/para-dorothea-lange-fotografa-de-mae-migrante-a-palavra-era-fundamental-na-fotografia.shtml>>. Acesso em: 17 jan. 2021.
- KHALAF, R. Dying breed. In: HANKIR, Z. (Ed.). **Our women on the ground: essays by Arab women reporting from the Arab World**. New York: Penguin Books, 2019.
- KHALID Sheikh Mohammad: o “arquiteto” dos ataques de 11 de Setembro que será julgado em 2021**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49549021>>. Acesso em: 28 nov. 2020.
- KNIGHTLEY, P. **A primeira vítima: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Crimeia ao Vietnã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

KRAMER, M. Breakable rules for literary journalists. In: SIMS, N.; KRAMER, M. (Eds.). **Literary journalism: a new collection of the best American nonfiction**. New York: Ballantine Books, 1995. p. 21–34.

LAURETIS, T. DE. A tecnologia de gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Ed.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121–155.

LEAL-ADGHIRNI, Z.; PINSON, G.; RUELLAN, D. Correspondentes internacionais: Introdução. **Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo [En ligne]**, v. 5, n. 1, p. 12–14, 2016.

LEDERER, E. **War Torn: Stories of War from the Women Reporters Who Covered Vietna**. New York: Random House, 2002.

LEROY, C. **Under Fire: Great Photographers and Writers in Vietnam**. New York: Random House, 2005.

LEVIN, T. **Em seu retorno, Jornal do Brasil exalta confiança no Rio**. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2018/02/26/a-volta-da-edicao-impressa-do-jornal-do-brasil.html>>. Acesso em: 9 nov. 2020.

LEVIN, T. **Jornal do Brasil não terá mais edição impressa**. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/03/15/jornal-do-brasil-nao-tera-mais-edicao-impressa.html>>. Acesso em: 9 nov. 2020.

LIMA, J. D. DE. Gerda Taro, uma pioneira no fotojornalismo de guerra. **Nexo Jornal**, 26 jul. 2017.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 5. ed. Barueri: Manole, 2009.

LIMA, E. P. A century of nonfiction solitude: a survey of Brazilian Literary Journalism. In: BAK, J. S.; REYNOLDS, B. (Eds.). **Literary journalism across the globe: journalistic traditions and transnational influences**. Amherst, Boston: University of Massachusetts Press, 2011. p. 162–183.

LIMA, E. P. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Edusp, 2014.

LISBÔA, M. E. S. **A cobertura das ações militares israelenses em territórios palestinos pelo Jornal Nacional em 2014: a dramaturgia como código no telejornalismo**. 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

LOBO, J. C. Mulheres, cinema e história: Retratos de Guerra e Hemingway & Martha. **História Revista**, v. 23, n. 1, p. 63–81, 2018.

LOMBARDI, K. H. Lee Miller, uma fotojornalista na linha de frente: reflexões sobre a atuação da mulher na cobertura de guerra. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 492–516, 2018.

LOPES, R. G. **A prática jornalística em áreas de guerra: uma experiência brasileira na**

cobertura do conflito na Líbia. 2015. 199 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

LORES, R. J. **Carlos Maranhão**: “O que acontece na sua rua é o que mais importa”. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/papo-vejinha-carlos-maranhao-editor/>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

MACHADO, R. Abertura democrática - Santiago do Chile, 1988. In: **Correspondentes**: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018. p. 198–199.

MAILER, N. **Os exércitos da noite**: os degraus do Pentágono. Rio de Janeiro: Record, 1985.

MALKES, R. O Natal mais triste de Belém. **O Globo**, p. 31, 2006.

MARANHÃO, C. **Roberto Civita**: o dono da banca. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARINOVICH, G.; SILVA, J. **O Clube do Banguê-Banguê**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MÁRQUEZ, G. G. **Relato de um naufrago**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MARTINEZ, M. Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt, the Women Journalist Pioneer on the War Coverage in Brazil. In: BAK, J. S.; REYNOLDS, B. (Eds.). **Routledge Companion to World Literary Journalism**. Oxfordshire: Routledge, no prelo.

MARTINEZ, M. O bom ouvinte: José Hamilton Ribeiro na perspectiva do Jornalismo Literário e da Cultura do Ouvir. **Líbero**, v. 13, n. 25, p. 121–130, 2010.

MARTINEZ, M. **Jornalismo Literário**: tradição e inovação. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2016.

MARTINEZ, M. et al. Entrevista com o Professor PhD. John S. Bak. **Triade**, v. 6, n. 11, p. 165–173, 2018.

MARTINEZ, M. Women and Literary War Journalism in Brazil : From Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt to Patrícia Campos Mello. In: WIKTOROWSKA, A.; PÉREZ, M. N.; PASSOS, M. Y. (Eds.). **Literary Journalism and Latin American Wars**: Revolutions, Retributions, Resignations. 1. ed. Nancy: Presses Universitaires de Nancy – Éditions Universitaires de Lorraine, 2020. p. 17–34.

MARTINEZ, M.; CAMARGO, B. E. Jornalismo Literário, correspondentes de guerra e Estudos de Gênero: a cobertura de Oriana Fallaci sobre o Vietnã para a revista Realidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 18., 2020, Sorocaba. **Anais...** Sorocaba: Epecom, 2020. Disponível em: <<http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2020/paper/viewFile/2752/1440>>.

MARTINEZ, M.; GAPY, L.; CAMARGO, B. E. Processos de serialização, narrativas de guerra e jornalismo literário: dos romances e filmes históricos aos livro-reportagens. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, Salvador. **Anais...** Salvador: Intercom, 2020. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-2179-1.pdf>>.

MARTINEZ, M.; HELLER, B. A guerra não tem rosto de mulher: Svetlana Aleksievitch reescreve a Segunda Guerra Mundial. **E-Compós**, v. 23, p. 1–16, 2020.

MARTINEZ, M.; SILVA, P. C. DA. Imagens de arquivo e narrativas contemporâneas em Hemingway e Gellhorn: quando o real e a ilusão se fundem. **Doc On-line**, n. 13, p. 172–207, 2012.

MARTINS JUNIOR, L. A. **Ditaduras na América Latina**. Disponível em: <<http://educacao.globo.com/historia/assunto/guerra-fria/ditaduras-na-america-latina.html>>. Acesso em: 13 out. 2020.

MASSARO, V. Reflexões sobre o jusnaturalismo. **Jus Navigandi**, v. 22, n. 5198, 2017.

MAY, A. **Witness to war**: a biography of Marguerite Higgins, the legendary Pulitzer Prize-winning war correspondent. New York: Beaufort Books, 1983.

MEISELAS, S. **On the frontline**. High Holborn: Thames and Hudson, 2017.

MELLO, S. M. Entrevista com Augusto Pinochet - Chile, 1978. In: **Correspondentes**: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018.

MELO, M. C. DE S. **A crônica vai a guerra**: Rubem Braga e os escritos do front. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Linguística, Letras e Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

MITCHELL, J. **O segredo de Joe Gould**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MONTEIRO, J. As últimas horas de Allende. **O Cruzeiro**, p. 21–25, set. 1973.

MORRE em São Paulo a jornalista Guila Flint: confira seu último texto para BBC Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39410064>>. Acesso em: 23 out. 2020.

MUGGIATI, R. **A lenda de Jean-Paul Lagarride**: The Making Of. Disponível em: <https://paniscumovum.blogspot.com/2017/03/a-lenda-de-jean-paul-lagarride-making-of.html?fbclid=IwAR04wRWm6H3GvbijiH2ukm0jU_t3Rnm4lCC6KsBOsMIe80aR3XyCxO GgF20>. Acesso em: 20 jan. 2021.

NINIO, M. Israel espera mais resistência na Cisjordânia. **Folha de S.Paulo**, p. A16, 2005.

NINIO, M. Obstáculos à paz, colonos se negam a deixar Cisjordânia. **Folha de S.Paulo**, p. A17, 2009a.

NINIO, M. Ocupação e crise empobrecem Natal de Belém. **Folha de S.Paulo**, p. A9, 2009b.

NINIO, M. Hebron vira cidade símbolo do conflito. **Folha de S.Paulo**, p. A2, 2010.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. 8. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

NOGUEIRA, A. **Há exatos 47 anos, Salvador Allende sofria o golpe de Pinochet no Chile**. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-chile-o->

golpe-que-derrubou-salvador-allende.phtml>. Acesso em: 13 out. 2020.

NOGUEIRA, S. **Como escrever? “As milhões”, “Nova Iorque”, “Antártica” e “Independente”**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/como-escrever-milhoes-nova-iorque-antartica-e-independente.html>>. Acesso em: 6 dez. 2020.

O QUE são os polêmicos assentamentos de Israel na Cisjordânia, foco de conflito histórico. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53244355>>. Acesso em: 23 out. 2020.

OITO perguntas para entender o conflito entre israelenses e palestinos. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42268607>>. Acesso em: 23 out. 2020.

OSTROFF, R. **Fire in the Wind: The Biography of Dickey Chappelle**. New York: Ballantine Books, 1992.

PAIVA, L. P. G. **Ponto e Vínculo: Jornalismo Literário e Reportagens Seriadas**. 2018. 259 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, 2018.

PASSARINHO, S. Sandra Passarinho. In: GLOBO, M. (Ed.). **Correspondentes: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018. p. 15–35.

PASSOS, M. Y.; ORLANDINI, R. A. Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do jornalismo literário. **Contracampo**, n. 18, p. 75–96, 2008.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, A. S. **Jornalismo literário: poética e ruptura com o jornalismo tradicional**. 2017. 94 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) - Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

PEREIRA, C. DA S. Na página ímpar, os jovens de 1968: publicidade e representações sociais nas revistas *Veja* e *Realidade*. **Galáxia**, n. 28, p. 217–234, 2014.

PEREIRA JÚNIOR, D. S. **Realidade**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/realidade>>. Acesso em: 15 out. 2020.

PINTO, T. **Primeira Guerra Árabe-Israelense (1948-1949)**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/primeira-guerra-Arabe-israelense-1948-1949.htm>>. Acesso em: 23 out. 2020a.

PINTO, T. **O terrorismo de 11 de Setembro de 2001**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/guerras/o-terrorismo-11-setembro-2001.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2020b.

PIRES, C. **Dorrit Harazim, repórter**. Disponível em: <<https://premioggm.org/2015/07/vencedora-do-reconhecimento-a-la-excelencia/>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

PONTUAL, J. Jorge Pontual. In: GLOBO, M. (Ed.). **Correspondentes: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018. p. 399–423.

QUIERATI, L. **Dorrit Harazim e o ofício de contar histórias: a prática do jornalismo narrativo e o processo de representação**. 2016. 308 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Bauru, 2016.

RABINOVICI, M. Belém em clima de Papai Noel. **Estado de S. Paulo**, nov. 1995.

RABINOVICI, M. **Escritos com a pele**. 1. ed. Jaú: 11 Editora, 2019.

RAMOS, S.; PAIVA, A. Mídia e violência: o desafio brasileiro na cobertura sobre violência, criminalidade e segurança pública. **Cadernos Adenauer**, n. 4, p. 29–41, 2008.

RECH, G. K. **Apocalypse now: elementos do jornalismo literário na construção cinematográfica da guerra do Vietnã**. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

RECHÉ, D. W. L. **Testemunhos de guerra em Ruanda e na África do Sul**. 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

REDAÇÃO. **Os 50 anos de VEJA: uma linha do tempo**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/os-50-anos-de-veja-uma-linha-do-tempo/>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

REZAGHI, D. **Clóvis Rossi divide sua experiência de correspondente internacional com os alunos**. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/graduacao/jornalismo/clovis-rossi-divide-sua-experiencia-de-correspondente-internacional-com-os-alunos/>>. Acesso em: 9 nov. 2020.

RIBEIRO, B. **Jornal do Brasil: história e memória**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

RIBEIRO, E. **11 de setembro de 2001: o dia em que o portal iG tentou emplacar o ‘Dia da Boa Notícia’**. Disponível em: <<https://streetsinger.medium.com/11-de-setembro-de-2001-o-dia-em-que-o-portal-ig-tentou-emplacar-o-dia-da-boa-noticia-cad42a2ca128>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

RIBEIRO, J. H. Eu estive na guerra. **Realidade**, p. 26–42, maio 1968.

RIBEIRO, J. H. **O gosto da guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ROBERT Capa. Disponível em: <https://pro.magnumphotos.com/C.aspx?VP3=CMS3&VF=MAGO31_9_VForm&ERID=24KL535353>. Acesso em: 7 ago. 2020.

ROMÃO, R. B. **Guerra**. Instituto de Filosofia da Nova, 2012. (Nota técnica).

ROSENHAFT, E. Women, gender, and the limits of political history in the age of “mass” politics. In: JONES, L. E.; RETALLACK, J. (Eds.). **Elections, mass politics and social change in modern Germany: new perspectives**. New York: Cambridge University Press, 1992. p. 149–173.

ROSS, L. **Filme**: um retrato de Hollywood. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ROSSI, C.; NINIO, M. Brasil critica Israel por assentamentos. **Folha de S.Paulo**, p. A10, 2010.

ROTH, J. **Berlim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANCHES, L. R. **A cobertura de ataques terroristas na sociedade em rede**: Os atos em Mogadíscio e Paris na perspectiva de cinco veículos jornalísticos. 2019. 212 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2019.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SCHELP, D. Os jornalistas e as guerras. In: LIOHN, A.; SCHELP, D. (Eds.). **Correspondente de guerra**: os perigos da profissão que se tornou alvo de terroristas e exércitos. São Paulo: Contexto, 2016. p. 17–112.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Ed.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 440.

SEBBA, A. **Interview with Madeleine Riffaud**: The girl who saved Paris. Disponível em: <<https://annesebba.com/journalism/interview-with-madeleine-riffaud-the-girl-who-saved-paris/>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

SERVA, L. Martha, a melhor da tribo dos correspondentes de guerra. In: **A face da guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 13–18.

SETTI, R. **Fotos** - NO.com. Disponível em: <<http://www.ricardosetti.com/fotos/?categoria=52&slug=no-ponto-com>>. Acesso em: 12 nov. 2020.

SEUL, S. **Women war reporters**. Disponível em: <https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/women_war_reporters>. Acesso em: 29 maio. 2020.

SILVA, D. N. **Guerra do Vietnã**. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-vietna.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2020a.

SILVA, D. N. **Ditadura militar chilena**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/ditadura-chilena.htm>>. Acesso em: 13 out. 2020b.

SILVA, D. N. **Ataque japonês à base naval de Pearl Harbor**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/ataque-japones-base-naval-pearl-harbor.htm>>. Acesso em: 7 ago. 2020c.

SILVA, M. C. C.; CAMARGO, B. E. Representações da morte nas narrativas midiáticas: a poética da novela Velho Chico. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 14., 2018, San Jose. **Anais...** San Jose: Universidad de Costa Rica, 2018a. Disponível em: <<http://alaic2018.ucr.ac.cr/sites/default/files/2019-02/GT 1 - ALAIC 2018.pdf>>.

SILVA, M. C. C.; CAMARGO, B. E. Representações da morte nas narrativas midiáticas: a poética da novela Velho Chico. **Verso e Reverso**, v. 32, n. 80, p. 133–141, 27 ago. 2018b.

SILVA, M. C. C.; CAMARGO, B. E. A narrativa poética da morte no Jornalismo Literário: o caso Marielle Franco na Revista Piauí. **Razón y Palabra**, v. 22, n. 103, p. 385–400, 2019.

SILVEIRA, J. **O inverno da guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SILVER, S. **Repórteres de guerra**. Canadá/África do Sul, Paris Filmes, 2010. 1 DVD (1h46min).

SILVESTRE, E. Edney Silvestre. In: GLOBO, M. (Ed.). **Correspondentes: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018. p. 375–398.

SINGER, B. Fragilidades da cobertura online. In: EGYPTO, L. (Ed.). **Mídia e terrorismo: a imprensa e a cobertura do 11 de Setembro**. São Paulo: Observatório da Imprensa, 2004. p. 33–37.

Sonia Tomara Clark. **The New York Times**, p. 26, 1982.

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SPANNENBERG, A. C. M.; BARROS, C. V. B. Do impresso ao digital: a história do Jornal do Brasil. **Revista Observatório**, v. 2, n. Especial 1, p. 230–250, 2016.

STEVEN, A. **Obituary: Jill, Duchess of Hamilton, journalist, environmentalist and former wife of the 15th Duke of Hamilton**. Disponível em: <<https://www.heraldscotland.com/opinion/16185334.obituary---jill-duchess-hamilton-journalist-environmentalist-former-wife-15th-duke-hamilton/>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

STROCHLIC, N. **Por dentro da arriscada vida de uma fotógrafa de guerra esquecida**. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/2018/08/fotografa-foto-fotografia-fotojornalismo-jornalismo-guerra-vietna-imprensa-morte-historia-dickey-chapelle-cobertura>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

SUZUKI JR., M. Jornalismo com H. In: **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SYEDA, S. War Reporters: Kate Webb. **Military History Matters**, jan. 2020.

TALESE, G. **Fama & Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TROTTA, L. **Fighting for Air: In the Trenches with Television News**. Columbia: University of Missouri, 1994.

UOL muda home page para audiência recorde. Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/uol/2001/09/11/ult261u1195.jhtm>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

VICTOR, C. Crise humanitária e os refugiados da guerra e do clima: dos protocolos internacionais às narrativas jornalísticas. **Líbero**, v. 19, n. 37, p. 45–54, 2016.

WALSH, R. **Operação massacre**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WATKINS, N. Colonos ignoram ordem e retomam construções. **O Estado de São Paulo**, p. 12, 3 set. 2010a.

WATKINS, N. Após ataque, tensão prevalece nos assentamentos. **O Estado de São Paulo**, p. 12, 3 set. 2010b.

WOLFE, T. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

YAZBECK, N. Spin. In: HANKIR, Z. (Ed.). **Our women on the ground: essays by Arab women reporting from the Arab World**. New York: Penguin Books, 2019.

YOCHELSON, B. **Biography of Esther Bubley**. Disponível em:
<https://www.estherbubley.com/bio_frame_set.htm>. Acesso em: 17 jan. 2021.

ZANFORLIN, S.; COGO, D. Mídia, mobilidade e cidadania no contexto do capitalismo global: reflexões a partir da trajetória de um refugiado sírio. **Contemporanea**, v. 17, n. 1, p. 7–28, 2019.

ANEXO A – TEXTOS DE DORRIT HARAZIM

Guerra do Vietnã

Título: Um combate não declarado

Veículo: *Veja*

Data de publicação: 27/05/1970

Um combate não declarado
De Phnom Penh (Camboja), *Veja*, 27 de maio de 1970

Vocês vão à guerra esta tarde? – é o que se perguntam uns aos outros os cinquenta ou sessenta jornalistas estrangeiros atualmente em Phnom Penh. A pergunta, embora de rotina, é carregada de maus pressentimentos. Depois do início dos combates no Camboja, quinze correspondentes desapareceram – ou seja, uma cifra mais pesada que a dos últimos cinco anos de guerra no Vietnã.

Na realidade, para encontrar esta guerra, é preciso procurá-la em outro lugar que não a capital pitoresca e florida do reino de Kampuchea. Mas não muito longe.

Desde que se sai de Phnom Penh, não se sabe jamais onde se está: se em território controlado pelas forças cambojanas ou em território ocupado pelos vietcongs. O próprio Estado-Maior cambojano, aliás, tem dificuldades em fornecer informações que sejam válidas por mais de 24 horas. Quando, às 9h30 da manhã, o amável e sorridente comandante Am Rong nos reúne no primeiro andar do prédio onde funciona o serviço de imprensa das Forças Armadas, para o seu “briefing” diário, os alfinetes, que ainda na véspera indicavam sobre o mapa os lugares controlados pelos aliados, frequentemente mudaram de posição – ou simplesmente desapareceram.

Na última quarta-feira, entretanto, o comandante Am Rong, que é o porta-voz do EMG (Estado-Maior Geral) e das Fank (Forças Armadas Nacionais Khmers) – os cambojanos se adaptaram rapidamente ao hábito americano de só falar através de siglas –, teve a satisfação de nos apresentar um espetáculo mais vivo, na antiga sala de cinema do Exército: dois jovens prisioneiros norte-vietnamitas, feridos e capturados durante os duros combates da semana anterior em Kampong Cham – onde, por um erro de bombardeio, seis Skyraiders da aviação sul-vietnamita mataram doze soldados khmers e feriram cinquenta outros.

Assim como o número de seus presos políticos é mantido em segredo – a cifra, murmurada entre duas frases por um capitão cambojano que acaba de passar seis anos em Long Beach, Califórnia, seria de mais de mil –, os militares cambojanos não revelam também o número de seus prisioneiros de guerra. Mas tudo deixa crer que ele seja reduzido – como parece demonstrar o fato de ter sido anunciada com tanto entusiasmo a detenção de Tran Van Dung, vinte anos, e Dam Xuan Lu, 25. Um terceiro preso, o cabo Le Dinh Gia, 23 anos, também norte-vietnamita, não participou da apresentação: sua ficha de saúde o dá como gravemente ferido, e ele estaria num hospital público de Phnom Penh.

Cabeça enfaixada, pés e mãos machucados, cercados pelas moscas que desciam sobre seus ferimentos semiabertos, os dois prisioneiros se mantinham sentados, imóveis, sob o fogo cerrado dos flashes, dos olhares e das perguntas que eles não entendiam. E mesmo quando as questões eram traduzidas por um intérprete de boa vontade, só respondiam aquilo que lhes devia parecer já sabido ou conveniente.

- Quantos são vocês? Por que vocês estão combatendo no Camboja?
- Meu posto não me permite saber isso. Meus superiores sabem.
- Que tratamento vocês estão recebendo como prisioneiros de guerra no Camboja?

– Do ponto de vista médico, o tratamento é correto, murmura Tran Van Dung, pouco antes que o comandante Am Rong ponha fim ao interrogatório, observando que os presos já estavam cansados.

Na sala que se esvaziava lentamente ficaram os troféus apreendidos na batalha de Kampong Cham e expostos como pano de fundo para os prisioneiros: seis metralhadoras AK-47, duas AK-50, um fuzil AK-2, um revólver copiado de um modelo russo – todas armas chinesas, usadas também pelo Exército cambojano –, um par de sandálias Ho (marca registrada dos combatentes norte-vietnamitas) e um apito que é utilizado pelos chefes de seção do Exército norte-vietnamita.

Para quem não deixou o perímetro urbano da capital na semana passada o encontro com os dois prisioneiros foi um dos únicos contatos mais diretos com uma guerra que está literalmente às portas da cidade. Mesmo o desfile de soldados cambojanos, usando uniformes mais ou menos ecléticos (do boné militar, estilo francês, até o chapéu verde-escuro, tipo cowboy), não dá a Phnom Penh o aspecto de uma cidade potencialmente cercada. Diante de todos os prédios públicos foram montados sacos de areia – às vezes reforçados por arame farpado –, mas o lugar onde deveria se colocar um dos 50.000 jovens voluntários do General Lon Nol ou um dos 50.000 soldados regulares do Exército cambojano está frequentemente vazio. Ou então, mesmo quando ele se encontra em seu posto, o militar khmer não demonstra segurar seu fuzil com grande disposição – em compensação, está sempre pronto a um sorriso.

À parte a instalação, aqui e ali, de algumas peças de artilharia de 122 mm – de fabricação soviética –, apenas um batalhão de infantaria cambojano (cerca de quinhentos homens) e cinco tanques protegem diretamente a capital real de uma ameaça que ela prefere ignorar. Entretanto, a pressão dos guerrilheiros comunistas sobre Phnom Penh pode endurecer seriamente de um momento para outro – principalmente em vista do fato de que eles já circulam a pouco mais ou menos de 30 quilômetros daqui. Mas, até o momento, é uma outra guerra que se faz sentir entre os 500.000 habitantes de Phnom Penh. Uma guerra em surdina, não declarada, mas cuja tonalidade cresce hora por hora, bairro por bairro, de quartel em quartel.

Esta guerra pôde aparecer de maneira bastante clara na semana passada. Durante sua reunião com os jornalistas na última quinta-feira, foi o próprio comandante Am Rong quem deixou voluntariamente escapar a primeira palavra oficiosa – após algumas considerações sobre a necessidade de impedir o Vietcong de organizar uma infraestrutura política, militar e econômica no Camboja. Deixando um pouco de paixão tingir levemente sua voz até ali irrepreensível, ele pronunciou, num francês como sempre impecável, uma frase que iria retomar em seguida sob outras formas: “Nós, os cambojanos, preferimos a morte a uma vida sob o domínio vietnamita. É uma luta que nós levamos adiante há séculos”. E quando foi feita a pergunta que estava na ponta da língua de cada um dos presentes – isto é, se ele incluía também os sul-vietnamitas nessa ameaça –, o comandante Am Rong se limitou a acrescentar, por trás de um sorriso ambíguo, que competia ao governo do General Lon Nol responder.

Na verdade, quer seja Mao – um dos motoristas de Mercedes-Benz pagos pelos jornalistas para conduzi-los até os limites das regiões em guerra – ou os soldados cambojanos – sempre prontos a nos contar suas desgraças –, os habitantes de Phnom Penh temem abertamente a instalação de um controle sul-vietnamita sobre seu país, através da cobertura de uma assistência militar contra o invasor comunista – que por cúmulo da infelicidade também é vietnamita. As declarações dos generais Van Thieu e Cao Ky, publicadas na última semana e reforçadas pelas palavras do General Dao Tri, comandante das tropas sul-vietnamitas no Camboja, apenas vieram agravar esses temores.

Segundo os dirigentes de Saigon, o compromisso assumido pelo presidente Richard Nixon de retirar todas as tropas americanas que combatem no Camboja até o dia 30 de junho não obriga de nenhuma maneira o Exército sul-vietnamita. Bem ao contrário. A acreditar nas declarações voluntariamente ruidosas do vice-presidente sul-vietnamita Cao Ky, a escolha de

Saigon já foi feita: após a intervenção maciça de 40.000 de seus soldados, após o bloqueio marítimo das costas cambojanas e com a implantação aparentemente a longo prazo de suas forças aéreas (onde aeroportos militares estariam sendo construídos pela aviação sul-vietnamita em território cambojano), o governo do Vietnã do Sul parece firmemente decidido a tomar sob sua responsabilidade direta a guerra no Camboja. Em terra, mar e ar. “Por meses e por meses”, como dizem francamente os sul-vietnamitas, mesmo sem o apoio logístico dos Estados Unidos.

Assim, desde a última quarta-feira, a população khmer de Phnom Penh olha com desconfiança para a bandeira amarela com três faixas vermelhas que passou a flutuar sobre os dois edifícios do bairro das embaixadas, onde o Vietnã do Sul acaba de instalar um embrião de serviço diplomático – fazendo a Embaixada do Japão, que até agora representava os interesses de Saigon no Camboja, retornar à sua tranquila rotina de trabalho.

Por enquanto, os únicos soldados sul-vietnamitas que se encontram em Phnom Penh não deixam os limites do porto fluvial – onde chegaram na semana anterior a bordo de quarenta barcos militares, subindo o rio Mekong, com a finalidade de ajudar no repatriamento de civis vietnamitas constrangidos a deixar o Camboja. Até o momento, eles já transportaram 10.000 refugiados de volta para o Vietnã, e nos próximos dias deverão levar outro tanto, sob os olhares cheios de antipatia da população khmer. Essa hostilidade dos cambojanos em relação aos vietnamitas – temperada de nacionalismo e de uma apreensão ainda disforme – pode minar sensivelmente os projetos americanos no Camboja. Pela primeira vez depois da intervenção aliada contra os santuários comunistas, podiam-se ver em Phnom Penh, na semana passada, alguns cartazes colados nas árvores: “Os Estados Unidos trouxeram os vietnamitas. Agora, os façam também sair”, dizia o texto bilíngue khmer-francês.

Mesmo o toque de recolher instaurado em Phnom Penh pelo governo Lon Nol visa antes de tudo à comunidade vietnamita: seus 200.000 membros só podem sair às ruas entre 7 horas da manhã e 1 da tarde, enquanto a população khmer e os estrangeiros em geral estão proibidos apenas de deixar os limites da cidade entre 6 da tarde e 5 da manhã.

Assim, ao longo das 24 horas do dia, Phnom Penh parece viver três vidas diferentes. Durante toda a manhã, há uma explosão de cores, onde se agitam os sarongues das mulheres cambojanas, as pantalonas pretas dos vietnamitas, os hábitos laranja dos bonzos. À tarde, a sonolência se instala, com a cidade abafada pelo calor e mutilada pelo toque de recolher seletivo. À noite, enfim, é o vazio total, o silêncio preocupado com os relatos de uma guerra que não está longe.

Dentro da própria capital, ela está num dos seis ou sete campos de refugiados, quase todos situados no bairro dito católico. No abrigo instalado na École Providence, à margem do rio Tonle Sap, duas madres superiores, ajudadas por setenta freiras exaustas, cuidam de 1.200 sul-vietnamitas. A maioria deles deixou voluntariamente suas casas de madeira do outro lado do rio, para estar entre os primeiros repatriados (dos 600.000 sul-vietnamitas do Camboja, 47.000 já foram encaminhados de volta ao Vietnã do Sul). Sua espera ainda será demorada: após voltarem a seu país, terão de permanecer uma dezena de dias em centros de triagem na fronteira, onde são fotografados, fichados e interrogados pela polícia sul-vietnamita, à procura de vietcongs infiltrados entre eles.

Com o fechamento das escolas chinesas de um lado, com o êxodo maciço dos civis vietnamitas de outro, e com uma campanha anticomunista que ainda pode se tornar mais dura, Phnom Penh pensa se proteger contra os ruídos de uma guerra que sacode o resto do país. Mas o inimigo não tem pressa. E é justamente do seu fôlego que depende o poder do General Lon Nol – e também o futuro da cidade, até agora reticente em olhar a guerra face a face.

Golpe de estado no Chile

Título: Violência e golpe em Santiago

Veículo: *Veja*

Data de publicação: 19/09/1973

Violência e golpe em Santiago

Como a sangrenta subida ao poder dos militares chilenos liquidou Allende e seu socialismo

De Santiago (Chile), *Veja*, 19 de setembro de 1973

“Tencha, a situação tornou-se grave. A Marinha se subleveu.” (Telefonema de Allende a sua mulher, “Tencha”, às 7h40 de terça-feira, em Santiago.)

“Ramón, a situação é gravíssima.” (Telefonema de Allende ao embaixador do Chile em Buenos Aires, Ramón Huidobro, às 10h30 de terça-feira.)

Pela razão ou pela força, ensina a divisa do emblema nacional do Chile. “como é claro e azul teu céu”, canta o Hino Nacional. Finalmente, após três anos de inviabilidade política, 45 dias de paralisação econômica e a exaustão de todas as combinações partidárias que ainda seria possível imaginar, os símbolos do país conduziram ao golpe. Na manhã da última terça-feira, o céu brilhava claro e azul em Santiago, e a razão nada mais podia. Restava a força, e ela foi empregada com uma severidade inédita na história recente da América Latina. A gravidade que o presidente Salvador Allende anunciava em seus últimos e dolorosos telefonemas não poderia ter sido mais verdadeira. Pouco depois ele estava morto, a sua “experiência socialista” no Chile sepultada, e o continente, em estado de choque, assistia ao que foi provavelmente seu golpe militar mais violento desde a derrubada de Perón na Argentina, dezoito anos atrás.

“Não vou renunciar. Pagarei com a minha vida a liberdade do povo. Tenho certeza de que meu sacrifício não será em vão. Este é o meu testamento político.” Do Palácio de la Moneda, no coração de Santiago, cercado por tanques, soldados e carabineiros, a voz cansada de Allende falava pela última vez aos chilenos, pelas ondas da Rádio Magallanes, a emissora comunista. Era quase meio-dia, relata a enviada especial de *Veja* a Santiago, Dorrit Harazim, e os jatos da Fach, a Força Aérea Chilena, que acabariam reduzindo a escombros os salões presidenciais, já roncavam nos céus da capital. Selava-se, nesse instante, o destino de Allende e de seu Chile socialista, com uma furiosa explosão de violência que em 48 horas de fogo cerrado pulverizou o governo de esquerda e deixou milhares de mortos através do país.

No final de semana, com os últimos focos de resistência aparentemente postos fora de combate, a Junta Militar que deu o golpe e rege com poderes praticamente absolutos os destinos de 10 milhões de chilenos dava mostras de estar solidamente entrincheirada no poder. Na falta de um palácio presidencial – o existente não oferece condições de habitabilidade, depois do tratamento que recebeu terça-feira – a Junta instalou-se no Ministério da Defesa para um governo de duração ainda desconhecida. Seus quatro membros – general Augusto Pinochet, do Exército, o chefe supremo, almirante Toribio Merino, da Marinha, brigadeiro Gustavo Leigh, da Aeronáutica, e general Cesar Mendoza, do Corpo de Carabineiros – e seu Ministério de seis generais – dois contra-almirantes, um vice-almirante, dois coronéis, um brigadeiro e dois civis – contam, basicamente, com um compromisso: incinerar todos os vestígios possíveis do falecido governo da Unidade Popular.

Carro trocado – O regime esquerdista, asfixiado por uma lenta agonia, entraria finalmente em coma na manhã da terça-feira da semana passada. Desde o início, o dia não prometia nada de bom para Salvador Allende. Às 7 horas ele deixou sua casa no número 200 da rua Tomás Moro, o bairro de Las Condes, mas não conseguiu completar o trajeto até o Palácio de la Moneda no seu Fiat 600, placa BF-80: no meio do caminho, por razões de segurança, teve de trocar de condução, passando para um tanque preto e branco do Corpo de Carabineiros. A precaução, motivada por rumores de uma iminente rebelião na Marinha, logo se revelaria bem fundamentada. Às 7h30, 10 minutos após o seu marcial desembarque no

palácio, Allende recebia a confirmação da notícia – num momento em que, por via das dúvidas, já estava escrevendo um discurso para denunciar o assédio ao governo.

O levante tinha ocorrido no porto de Valparaíso, a partir da base naval comandada pelo truculento almirante Merino, e Allende iniciou imediatamente um discurso pelo rádio, com a esperançosa declaração de que em Santiago as tropas “estavam aquarteladas”. Na verdade, já se tratava do feroz movimento que iria depô-lo algumas horas mais tarde, e o presidente, após concordar com alguns assessores que seu governo estava à “beira do precipício”, telefonou para sua mulher Hortensia “Tencha” Bussi proibindo-a de sair de casa: “Eu vou ficar aqui. Você permanece em Tomás Moro”.

Pouco depois das 8 horas Allende faria sua última aparição em público. Apressado, parecendo tão curioso com a crescente movimentação militar em torno de La Moneda quanto os surpresos transeuntes que começavam a se concentrar nas redondezas, o presidente emergiu da janela de sua sala de despachos para espiar rapidamente os tanques que ronronavam a seus pés, na Plaza de la Constitución. A última imagem de Allende em vida ficou gravada em poucas fotos e alguns pés de filme: de casaco esporte, sem gravata, ele deu um aceno para os poucos que estavam na praça e sumiu no interior do palácio, de onde só sairia morto.

“Tendo em conta...” – A essa altura, contingentes inteiros em farda de combate eram despejados do prédio do Ministério da Defesa, vizinho a La Moneda, soldados começavam a tomar posição nos jardins da Plaza Bulnes e outras ruas adjacentes, e os tanques apertavam seu cerco em torno do palácio. Por volta das 8h30 finalmente, a população tomou conhecimento pela primeira vez da existência de uma Junta Militar de governo.

Uma vez que se tornaria extraordinariamente familiar para toda a nação, no decorrer das 48 horas seguintes, anunciou pelo rádio o “bando” número 1, primeiro comunicado de uma prolífica série enumerada e expedida pela Junta. O tom era inconfundível. “Tendo em conta a gravíssima crise...” “... as Forças Armadas e os Carabineiros decidem que o presidente deve entregar imediatamente seu cargo às Forças Armadas e aos Carabineiros”.

Pelo manual latino-americano do golpe de Estado a história poderia ter perfeitamente acabado aí: o presidente, sem cacife militar para continuar no jogo, toma o rumo do exílio, e os golpistas se instalam no palácio. Desta vez, entretanto, nada correu de acordo com esses consagrados usos e costumes. Allende tomou a raríssima decisão de não se entregar, e o golpe deixou a órbita do folclore para encaixar-se no das grandes tragédias políticas. Enquanto a Junta tratava de se apoderar rapidamente de todas as rádios disponíveis e motoristas retiravam com manobras apressadas os carros que acabavam de estacionar no centro da cidade, o presidente chileno começava a viver o ato final de seu governo e de sua existência.

De fato, às 10h30 em ponto – após ter silenciado um discurso de Allende pelo rádio, feito voos rasantes sobre La Moneda e ocupado os principais pontos de Santiago -, a Junta anunciou um ultimato: se o presidente não se rendesse em 30 minutos o palácio seria bombardeado pela Força Aérea. Às 11 horas, quando vencia o prazo, o vasto portão principal de La Moneda foi aberto sob a mira dos tanques instalados na Plaza de la Constitución. E os jornalistas que testemunhavam a cena pelas frestas de janelas do Hotel Carrera – posteriormente transformado em ímã para todo tipo de tiros – viram surgir, silenciosamente, os primeiros pares de braços levantados, com um lenço branco de rendição nas mãos.

Ao todos, foram 27. E, entre eles, estava o infeliz general José María Sepúlveda, derrubado pelo levante militar de seu cargo de diretor-geral do Corpo de Carabineiros. Como seus companheiros de rendição, Sepúlveda não carregava o passaporte do golpe: um lenço cor de laranja distribuído nas primeiras horas da madrugada, para evitar que esquerdistas se infiltrassem em suas fileiras, usando uniformes roubados nos dias anteriores.

Piques precisos – “Mas Salvador Allende não se encontrava entre as figuras quietas, dramáticas, que desfilavam com a cabeça erguida pelo asfalto da rua Teatinos, até desaparecerem de nossas vistas”, relata Dorrit Harazim, uma das testemunhas instaladas no

Hotel Carrera. A voz do presidente ainda seria ouvida mais uma vez, na última transmissão clandestina da Radio Magallanes. Pouco depois, ao meio-dia, com 60 minutos de atraso sobre o ultimato e quando já se começava a descartar a possibilidade de sua execução, dois jatos Hawker Hunter da Fach surgiram sobre La Moneda e, em piques precisos, lançaram as primeiras duas bombas de 50 quilos sobre o palácio presidencial. Nos prédios vizinhos, relata a enviada especial de Veja, a terra tremeu, as vidraças se esvaçaram, os lustres despencaram do teto. Através da fumaça e da poeira que os dois jatos deixaram em seu rastro, contudo, podia-se ver La Moneda ainda intacto. Segundos depois, com meticulosidade cronométrica, seguiram-se uma segunda, uma terceira, uma quarta dose de bombas de 50 quilos. Apenas na quinta vez o cinzento, maçudo palácio construído em 1786 se rendeu ao fogo.

E às 12h30, completada a missão de quinze bombardeiros, as chamas finalmente se apossavam de todos os cinco janelões da ala direita, enquanto as primeiras labaredas rompiam o teto e passavam a arder em céu aberto.

Último símbolo de um Chile em extinção, a bandeira hasteada no mastro central do palácio ainda sobrevivia intacta. Mas não por muito tempo. No lugar dos bombardeios aéreos, catorze tanques e dezenas de canhões, bazucas, morteiros, metralhadoras e fuzis passaram a atirar ferozmente contra o palácio, em salvas que se alternavam a cada 2 ou 3 minutos. Como não se pôde perceber, em momento algum, qualquer resistência vinda de dentro do palácio, todo esse dilúvio de fogo foi se tornando progressivamente incompreensível. E pouco antes das 14 horas, com o que restava da bandeira colado ao metal derretido do mastro, o portão frontal lembrando uma caverna, os balcões iluminados pelo fogo e o miolo do palácio às claras com o desabamento parcial do teto, era impossível imaginar que houvesse sobreviventes.

Poncho boliviano – Havia sobreviventes, mas não o principal deles – ao entrarem finalmente no palácio, os soldados encontraram o corpo de Salvador Allende caído sobre um divã no segundo andar, ao lado de uma poça de sangue e uma metralhadora com a inscrição: “A seu amigo e companheiro de luta Salvador, Fidel Castro”. Quatro horas e meia depois, às 18h30, colocado numa maca e coberto por um modesto poncho boliviano, o cadáver do presidente era carregado para fora de La Moneda e desaparecia numa autópsia militar (um prédio de autópsia regular, feito pelo Partido Democrata Cristão, foi sumariamente ignorado pela Junta) e numa cerimônia semisecreta de sepultamento no dia seguinte, na vizinha estância balneária de Viña del Mar.

Como morreu Allende? Até a sexta-feira os fatos ainda estavam nebulosos, mas nesse dia um relato da Agência Latina, obtido junto às quinze últimas pessoas que viram Allende vivo, indicava que o presidente tinha se suicidado e esclarecia as dramáticas 7 horas vividas em La Moneda entre 7 da manhã e 2 da tarde da última terça-feira. Segundo este relato, Allende teria recusado quatro ofertas de rendição feitas pelos militares através do telefone – na primeira delas, inclusive, o general Pinochet teria lhe garantido um avião e salvo-condutos para ele, sua família e assessores.

“Não faço acordo com traidores”, disse Allende a Pinochet, no primeiro telefonema, por volta das 9 horas. Com um capacete de aço na cabeça, calças escuras e um suéter branco, o presidente de empenharia nas horas seguintes em afastar para fora do palácio o maior número possível de pessoas – especialmente um grupo de mulheres, entre as quais sua filha Beatriz. Ao ponderar que cairia em poder dos golpistas ao deixar o palácio, podendo tornar-se assim um instrumento de chantagem para a rendição, Beatriz ouviu do pai a frase solene: “Se você for feita refém, serei eu quem pedirá que a matem. Não vou me render”.

Por último – Mas Beatriz não foi feita refém, nem executava – juntamente com sua irmã Isabel e sua mãe “Tencha”, acabou encontrando refúgio na Embaixada do México, de onde seguiria para Cuba, após ter saído de La Moneda. Dentro do palácio, Allende vivia seus instantes finais. Às 11h30 recusou uma última oferta do insistente general Pinochet e suportou em silêncio com um pequeno grupo de amigos e guardas pessoais o bombardeio aéreo e terrestre

que arrasava o prédio. Às 13 horas o secretário de Imprensa Augusto Olivares resolveu matar-se com um tiro na cabeça. Pouco depois um grupo de quatro sitiados saiu para negociar sem sucesso uma suspensão do fogo (os militares, alegando a presença de franco-atiradores nas redondezas, não aceitaram a proposta). Às 13h45, encerrado finalmente o bombardeio, um pelotão de infantaria conquistou o palácio, entrando pela porta da rua Morande, número 80.

Enquanto os soldados davam seus primeiros passos dentro de La Moneda, Allende dava suas últimas ordens como presidente da República. Instalado no segundo andar, ele mandou que seus remanescentes companheiros descessem e se entregassem ao pelotão, a essa altura já no andar de baixo. “Deixem as armas, levantem as mãos e rendam-se ao Exército”, disse Allende. “Eu vou sair por último.” Por volta das 14 horas, quando começavam a descer a escadaria para render-se, os guardas pessoais ouviram um disparo de metralhadora no andar de cima: Allende, conclui o relato, acabava de se suicidar.

Casa saqueada – A partir daí, um novo mistério – o destino dado ao corpo do desafortunado presidente – viria se somar à espessa nuvem de dúvidas que envolveu Santiago nas primeiras 48 horas após o golpe. A questão acabaria sendo respondida na sexta-feira por Hortensia “Tencha” Allende, ao relatar a saga que viveu desde o momento em que recebeu o primeiro telefonema de seu marido, na manhã de terça-feira, até asilar-se na Embaixada do México, no fim do dia seguinte. “Tencha”, cujas relações com o marido andavam atribuladas nos últimos tempos – segundo o comentário corrente em Santiago, os dois continuavam a viver juntos mais para manter as aparências – mal tiveram tempo de retornar de uma viagem ao exterior quando se viu envolvida no drama que a deixaria viúva e quase lhe custava a própria vida.

A mulher de Allende voltara no domingo do México e, por volta de 11h30 de terça-feira, após três horas de angústia na sua residência na rua Tomás Moro, começou a viver uma aventura inédita: aviões passaram a bombardear sistematicamente a casa, que depois de semidestruída acabou sendo saqueada. “Os aviões lançavam seus foguetes e depois voltavam às suas bases para reabastecer”, contou Hortensia Allende. “Havia cheiro de pólvora, fumaça, destruição...” Numa interrupção dos ataques, ela conseguiu fugir da casa através de um colégio de freiras que existe no fundo e dali, sem ser seguida, correu para esconder-se na casa do economista Felipe Herrera, morador das vizinhanças. Era o momento em que, em La Moneda, Salvador Allende de preparava para morrer.

No dia seguinte, “Tencha” teve de enfrentar a dura prova do sepultamento. Convocada inicialmente a um hospital militar, recebeu os pêsames de um general e em seguida foi levada à base aérea militar do Grupo 7, onde um avião estava à sua espera. “Imaginem o que vi”, relatou Hortensia Allende. “Um ataúde, no meio do avião, coberto com uma manta militar...” Acompanhada de dois sobrinhos, uma cunhada e diversos oficiais, “Tencha” voou então para Viña Del Mar, onde seria realizado o sepultamento de Allende, no jazigo familiar do cemitério Santa Inês. O avião pousou na Base Aérea de Quintero, o esquife foi colocado num furgão e o pequeno grupo rumou apressadamente para o cemitério.

Em nenhum momento, contou a mulher de Allende, os militares deixaram que ela visse o corpo de seu marido – alegando, sem maiores detalhes, que o caixão estava soldado. “Salvador Allende não pode ser enterrado de forma tão anônima”, gritou ela a um dos oficiais. Mas foi. “Tencha” não pôde fazer mais do que jogar umas flores sobre o ataúde, para logo ser embarcada de volta a Santiago e a um asilo na Embaixada mexicana. Nas últimas horas tinha ficado viúva, sua filha Beatriz partira para Cuba e a sua casa era um monte de ruínas.

Cordões – Além da residência de Allende, houve outros alvos de bombardeios. A Embaixada de Cuba, onde teria morrido, ao tentar asilar-se, o líder mais radical e polêmico do Partido Socialista, Carlos Altamirano, também foi atacada. A sede do Partido Comunista foi arrombada e invadida a tiros, e presos seus 23 ocupantes. E segundo uma lista publicada no El Mercurio de quinta-feira – único jornal a circular, juntamente com o tabloide La Tercera de la

Hora – até as 16 horas do dia anterior as Forças Armadas haviam ocupado mais de vinte pontos esquerdistas de Santiago, em grande parte para “reduzir extremistas armados”. Enfim, havia alguma resistência.

No dia do golpe e nos dois seguintes, ainda se ouvia o matraquear de metralhadoras e dos disparos de fuzis dos soldados tentando liquidar franco-atiradores instalados nos telhados de edifícios de vários pontos da capital. O distante som de bombardeios prolongados em locais diferentes indicava que havia combates mais duros. Houve batalhas de uma violência desconhecida pelos chilenos, nas tomadas da Universidade do Chile e da gigantesca fábrica de tecidos Sumar, estatizada por Allende e um dos bastiões principais da militância governista. Mas uma resistência generalizada, proporcional ao poderio militar empregado pelas Forças Armadas, jamais existiu.

A combatividade de uns poucos, na verdade, esbarrou na força dos canhões e dos tanques. Mais que isso, os “cordões allendistas” não contavam realmente senão com raros e esparsos elos.

No Chile, além dos protagonistas da resistência vã, poucos acreditavam nela. No exterior, porém, jornais afirmavam em manchetes que o general Carlos Prats, ex-comandante do Exército, apóstolo da legalidade, amigo pessoal de Allende e esperança derradeira das esquerdas, assumira o comando da resistência e marchava do sul para Santiago. Na sexta-feira, o próprio Prats, de paletó esporte e gola rulê, rosto abatido e mãos sob a mesa, afirmava na televisão jamais ter participado de atividades públicas desde que se afastou do comando do Exército e do Ministério da Defesa. E relevou sua intenção de abandonar o Chile, o que fez no sábado, quando se retirou para a Argentina.

Comunicados – A primeira noite do Chile sob nova tutela acabou sendo de insônia nacional. Todas as comunicações com o exterior estavam cortadas. As fronteiras com o Peru e a Argentina, fechadas. E as contas bancárias dos residentes no país, congeladas por tempo indeterminado, dificultando ainda mais eventuais tentativas de fuga. A normalmente escassa comida praticamente desapareceu. Coroando tudo, reinava a mais absoluta ignorância do que se passava no país, nas cidades, na casa vizinha. Na quarta-feira, o El Mercurio e La Tercera, embora tivessem rodado na noite anterior, não puderam circular, pois a Junta Militar se esqueceu de que, por causa do rigor exigido no acatamento ao toque de recolher, os dois jornais não poderiam ser distribuídos. E, se o fossem, não poderiam ser comprados.

A sucessão contínua de comunicados oficiais, longe de esclarecer, desconcertava ainda mais. Quando, durante o toque de recolher, rádio e televisão anunciavam que os parentes daqueles que morreram estavam autorizados a dirigir-se a um lugar determinado para cuidar dos sepultamentos, a incerteza quanto ao número de mortos crescia. No sábado, defronte ao Ministério da Defesa, uma fila dava volta ao quarteirão. Eram pessoas tentando obter notícias sobre mortos e desaparecidos. “A cifra de 10.000 mortos é exagerada”, disse um funcionário. De qualquer forma, soa como bastante sintomática.

Por outro lado, ao ser transmitida a ordem de apresentação às autoridades militares para 23 estrangeiros radicados no país – entre eles dois brasileiros e um jornalista boliviano morando em Buenos Aires há mais de seis meses – instalou-se o pânico entre as comunidades estrangeiras mais comportadas, e não apenas entre os 14.000 latino-americanos (dos quais 1.200 brasileiros) residentes no Chile. O pânico não era injustificado. Em sua determinação de “extirpar o câncer marxista”, a Junta advertiu que as empresas jornalísticas que divulgassem informações não confirmadas pelo novo governo seriam “inapelavelmente destruídas”. A caça aos seguidores de Allende começou imediatamente, com os militares apelando à população para denunciar a existência de arsenais clandestinos e solicitando colaboração para a captura de dirigentes da Unidade Popular.

Realismo – Alguns, como o ex-ministro da Defesa e do Interior, José Tohá, o ex-chanceler Clodomiro Almeyda e seu irmão, Jaime, ex-ministro da Agricultura, e Orlando

Letellier, ex-embaixador nos EUA, foram intimados a apresentar-se às autoridades militares. A não apresentação, dizia a intimação divulgada pelo rádio, significava “uma transgressão, com as consequências fáceis de se prever”. Tohá e Almeyda acataram a ordem imediatamente. Outros demoraram algumas horas. Talvez nenhum tenha sido de realismo mais surpreendente do que o líder comunista Jorge Godoy. Numa entrevista televisionada, ele declarou, ainda na noite de quarta-feira: “Sou casado, tenho quatro filhos, fui dirigente sindical durante vários anos e ocupei até este momento, por 58 dias, o Ministério do Trabalho. Espero que o país, neste momento tão grave, possa normalizar sua vida”.

Logo começaram, também, as manifestações de apoio incondicional por parte do Partido Nacional, da Confederação dos Transportes e Cargas, agricultores, comerciantes, pequenos e médios industriais, médicos, advogados e engenheiros. O presidente da Corte Suprema, Enrique Urrutia Manzano, manifestou sua “mais íntima satisfação” em nome da administração da Justiça “pelo propósito do governo militar de respeitar as decisões do Poder Judiciário”.

Apesar da guerra, e do conceito que os chilenos fazem de si mesmo, de que não são “tropicais”, o tropicalismo transpareceu em alguns episódios. Numa boate em que quatro jovens marxistas confessas ficaram retidas durante 52 horas devido ao toque de recolher, os soldados que intermitentemente surgiram à procura de esquerdistas eram recebidos com rodadas de presunto, pão e café. A uma delas, inconformada com essa extemporânea manifestação de coexistência pacífica e dizendo-se “inimiga dos golpistas até a morte”, um soldado respondeu: “Respeito seus ideais, senhorita, mas lhe asseguro que este golpe de Estado é para o bem de todos”.

Semirremorsos – A violência com que foi desfechado o golpe, contudo, causava espanto até mesmo entre os adversários do governo deposto. O próprio senador Eduardo Frei, líder da linha mais conservadora da Democracia Cristã e favorável a uma intervenção militar, confidenciou a um alto funcionário das Nações Unidas em Santiago, ao ver as coisas consumadas, que jamais teria suspeitado que o golpe ocorreria de maneira tão brutal.

Esses semirremorsos, porém, não impediram que, ainda na noite de terça-feira, seu partido, juntamente com o Nacional, manifestasse total apoio à Junta, sob o argumento de que “as Forças Armadas não buscaram o poder, e sua tradição garante que tão logo terminem as tarefas por elas assumidas devolverão o poder ao povo soberano”. E o episcopado chileno, que não aprovou, também não reprovou o golpe, manifestando pesar pelo sangue derramado, pedindo “moderação com relação aos vencidos” e esperando “que não haja represálias desnecessárias”.

Assim, em meio às manifestações de apoio das principais forças do país, e à resistência de franco-atiradores e operários em algumas fábricas ocupadas, o novo governo começou a tomar suas primeiras medidas, além das repressivas. Imediatamente rompeu relações diplomáticas com Cuba – providência complementada com a expulsão dos 170 membros da volumosa delegação cubana no país – e anunciou a decisão de não mantê-las também com “alguns Estados socialistas”.

Conversas, roupas, armas – No campo interno, os passos iniciais consistiram em estabelecer um pouco de ordem no campo de batalha. Foram então concedidos, já a partir de quinta-feira, salvo-condutos para os interessados em sepultar seus mortos, enquanto se pedia à população para colaborar na tarefa de limpar as paredes de todo tipo de propaganda política. Em sucessivos comunicados garantindo que as conquistas dos trabalhadores seriam mantidas, as autoridades militares pediam que todos retornassem ao trabalho. As categorias em greve durante os últimos dias do governo de Unidade Popular – médicos, engenheiros, comerciantes, enfermeiros, dentistas, técnicos, químicos e farmacêuticos – disseram-se dispostas a atender ao apelo, de resto prejudicado pelo toque de recolher.

O presidente da Confederação dos Transportes Rodoviários, Juan Jara, depois de registrar sua “satisfação com a libertação da pátria”, conclamou na quarta-feira os motoristas

de caminhão, cujo locaute de três quinzenas praticamente paralisou o país, a retornarem às atividades. Até o final da semana isso não ocorrera, em parte devido à confusão geral e em parte pelo compreensível temor dos motoristas de sofrerem ataques de esquerdistas. As Juntas de Abastecimento e Preços, instrumento com o qual a Unidade Popular controlava a distribuição de alimentos ao nível dos consumidores, foram dissolvidas, como o Congresso Nacional.

Outra providência da Junta foi exibir na televisão um filme mostrando o interior da casa de Allende, com a despensa repleta de conservas, armários cheios de roupas, móveis enfeitados com valiosos objetos de arte e, principalmente, grande quantidade de armas, “todas de fabricação soviética”. Ainda no terreno psicológico, o acesso ao coração de Santiago, compreendido pela Plaza de la Constitución e ruas próximas, permaneceu proibido até a manhã de sexta-feira. A Junta parecia querer adiar o choque da população ao ver o Palácio de La Moneda, um dos mais antigos monumentos históricos do país, parcialmente em escombros.

Um telegrama – Como de hábito, a opinião pública europeia manifestaria o seu espanto. As capitais da Europa, como algumas latino-americanas, onde foi decretado luto nacional por três dias pela morte de Allende, transformaram-se em palcos de manifestações de hostilidade aos militares chilenos. Os ingleses, por exemplo, ficaram ainda mais chocados na sexta-feira, quando o adido naval chileno em Londres, contra-almirante Oscar Buzeta, ocupou a embaixada em nome da Junta Militar e proibiu a entrada do embaixador Álvaro Bunster. Da capital britânica sairia também uma das mais extravagantes manifestações de repulsa ao novo regime. Um obscuro côsul-geral panamenho, Jaime Padilha Beliz, enviou um telegrama ao general Pinochet, em que dizia: “A humanidade se envergonha de ter em suas fileiras uma besta como o senhor”.

Dois modelos – Passados os momentos de entusiasmo ou de depressão de partidários do governo de Allende, a América Latina, pelo menos, tem desde a semana passada razões mais fortes para refletir na experiência chilena. Até terça-feira, a “via chilena para o socialismo”, como malogros ou não, tinha seus adeptos no continente. O trágico desfecho da aventura, seja qual for o rumo que imporão ao Chile os militares, restringe a somente dois os “modelos” que na América do Sul substituíram recentemente as tradicionais fórmulas da democracia liberal: o “brasileiro” e o “peruano”.

Nessa perspectiva, a Argentina, que tinha no Chile um eventual parceiro para a nebulosa experiência do “socialismo nacional” peronista, talvez tenha sido a mais prejudicada. Não faltarão, por exemplo, as queixas de que, com o fim do “socialismo à chilena” se fechou mais o “cerco” da Argentina pelo Brasil. O certo é que o estreitamento de vínculos políticos e econômicos com o Chile, seja qual for o regime que o governe, é uma premissa admitida como necessária por quase todos os setores de atividade da Argentina e pelas Forças Armadas em primeiro lugar. Apesar disso, as manifestações de repúdio ao golpe brotaram como cogumelos por todo o país na semana passada.

Entretanto, a Junta recebeu também outro tipo de manifestações. No final da semana, o Brasil, o Uruguai e o Paraguai já a haviam reconhecido. Uma nota do serviço diplomático chileno, enviada a todos os países com os quais Santiago tem relações e expressando o desejo de continuar mantendo “firmes laços de amizade”, estava sendo estudada calmamente no sábado por diversos governos. O pedido causava algum embaraço especialmente nos Estados Unidos, onde, na quarta-feira, o Washington Post afirmou em manchete de oito colunas que o Departamento de Estado fora informado do golpe pelos militares rebelados com dezesseis horas de antecedência. Algumas especulações chegaram a brotar da repentina viagem a Washington no dia 7 passado do embaixador americano em Santiago, Nathaniel Davis, que lá não se demorou mais do que um dia e meio.

O reconhecimento externo, que mais cedo ou mais tarde infalivelmente virá, não é porém o suficiente para garantir um futuro tranquilo ao novo governo. As forças de esquerda foram derrotadas mas não extintas no Chile e só poderão ser neutralizadas com uma repressão

férrea e permanente. Principalmente porque, desencantadas com a experiência legal, serão tentadas a desviar-se para movimentos clandestinos.

Por outro lado, o alto nível de violência atingido nas primeiras horas do movimento talvez venha a se constituir numa barreira para a normalização da situação. Na verdade, é possível que, se os militares chilenos continuarem por muito tempo ao mesmo nível de repressão, venham a encontrar-se em situação semelhante à dos militares argentinos, com enormes dificuldades para devolver o poder aos civis.

Conflito na Cisjordânia

Título: Cisjordânia, a posse mais discutida de Israel

Veículo: *Jornal do Brasil*

Data de publicação: 17/07/1977

Cisjordânia, a posse mais discutida de Israel

Da Cisjordânia e de Israel, *Jornal do Brasil*, 17 de julho de 1977

“Tudo é negociável.” – Menachem Begin, Primeiro-Ministro de Israel, 1977.

“Não vamos sair desse lugar. Vamos ficar aqui, na Samaria, para sempre. Não há potência mundial que possa nos forçar a ir embora.” – Um colono israelense da Cisjordânia, 5737 (calendário judaico).

“O fato de eu não ter armas e eles terem a força não significa que vou me render nem que vou perder minha identidade árabe. A terra é minha, os judeus são estrangeiros que chegaram aqui como ocupantes.” – Um palestino de Nablus, 1397 (calendário muçulmano).

“Ah, se a Bíblia tivesse sido escrita em Ugandal. Tudo seria mais fácil para todos.” – Henry Kissinger, enquanto ainda era Secretário de Estado americano.

Quando o novo chefe do governo de Jerusalém encontrar o Presidente dos Estados Unidos, na manhã de terça-feira, a sua repetida afirmação de que “tudo é negociável” será posta à prova. Todas as partes envolvidas no conflito do Oriente Médio – inclusive os israelenses – estão cientes de que a paz e devolução de territórios ocupados são pesos a serem colocados numa mesma balança. Resta ver onde se situa o ponto de equilíbrio entre as duas medidas, ou seja, quantos territórios devem ser devolvidos aos árabes em troca de paz, e quanta paz Israel receberá em troca de territórios.

Oficialmente, todos os partidos políticos de Israel, exceto o Comunista, defendem o direito histórico e bíblico do povo judeu à Terra Prometida. Na prática, contudo, sempre evitaram especificar quais seriam as fronteiras ideais do país. Até mesmo depois da guerra dos Seis Dias, quando a consciência histórica territorial dos israelenses recebeu um impulso considerável, as plataformas partidárias continuariam vagas.

Preço alto – Mas com a vitória do Partido nacionalista Likud e a ascensão ao Poder de Menachem Begin, em maio último, mapas e fronteiras voltaram à atualidade. Ao contrário dos Governos anteriores, que admitiam a hipótese de negociar a devolução do Sinai, Gaza, Golan e Cisjordânia em troca de uma paz concreta, Begin instaurou o seu mandato lembrando ao mundo que a Judeia e Samaria (Cisjordânia) eram terras bíblicas de Israel.

Desde então esses quase 6 mil quilômetros quadrados de deserto, colinas, tradicionais cidades árabes (como Nablus, Jericó, Ramallah, Hebron, Tuikaren, Jenin) e 660 mil habitantes encravados no centro do Estado judeu, passou a ser o principal trunfo israelense para futuras negociações. Publicamente comprometido com a retenção – segundo alguns, anexação - da Cisjordânia, Begin só a negociará a preço alto.

“Sua posição inicial é altamente vantajosa, sobretudo se comparada à dos trabalhistas”, diz o professor Moshe Ma’oz, diretor do Instituto de Estudos para o Oriente Médio

(Universidade Hebraica de Jerusalém). “Os Governos anteriores”, explica ele, “iniciavam as negociações partido da premissa de que os territórios ocupados acabariam sendo devolvidos. Com isso, os americanos podiam dizer ‘então vamos começar as discussões desse ponto’. Já com Begin é diferente: ele chega a Washington dizendo ‘queremos tudo’, o que obriga a Casa Branca (e os árabes) a começar por aí. Resultado: tudo o que ele ceder deverá ser pago com concessões pesadas da outra parte. Sua posição de barganha é forte”.

Ocupação benevolente – Para boa parte da população da Cisjordânia, entretanto, essas considerações interessam pouco. Ao longo desses 10 anos de ocupação sua rotina diária tem sido marcada pela frustração, humilhação e ressentimento. “Não tenho direito à existência”, acaba dizendo um morador de Nablus após receber incontáveis garantias do intérprete palestino de que seu anonimato seria respeitado. “Um inimigo que não escolhi controla meus dias, horas, minutos. Meu dia não tem luz, tem inimigos.”

Como os demais territórios ocupados por Israel, a Cisjordânia é submetida à autoridade de um general de brigada – no caso, David Hagoel – que acumula as funções de Chefe do Governo da Judeia e Samaria (subordinado ao Estado Maior das Forças Armadas) e de coordenador administrativo. Tropas israelenses mantêm a lei e a ordem, mas o código civil continua sendo jordaniano.

O governo de Jerusalém garante que a ocupação é relativamente benevolente. De fato, os cisjordanianos têm direito a eleições municipais livres – os prefeitos de quase todas as grandes cidades da região são conhecidos simpatizantes da Organização de Libertação da Palestina, ou comunistas – os jornais locais, embora submetidos à censura, gozam de liberdade maior do que os dos países árabes, e o nível de vida da população é melhor do que no Egito, Síria ou Líbano. Entre 19668 e 1971, por exemplo, a renda per capita na Cisjordânia passou de 596 para 1.173 libras israelenses, em grande parte devido ao intercâmbio comercial com Israel (da ordem de 250 milhões de dólares no ano passado).

Vanguarda da resistência – Atualmente, a autoridade do ocupante é exercida de forma menos ostensiva do que na época das grandes manifestações populares de início da década de 70. “A tática é outra”, explica uma alta fonte militar no QG regional da Judeia e Samaria, situado a pouca distância do palácio de verão que o Rei Hussein estava construindo perto de Ramallah quando a guerra de 67 veio interromper as obras. Segundo o oficial, que prefere não ser identificado, a vigilância maior é dirigida contra os 220 mil estudantes da Cisjordânia. Representando um terço da população, eles são a vanguarda da resistência aos israelenses e já demonstraram capacidade de mobilização suficiente para tumultuar o status quo.

“Uma retaliação violenta de nossa parte só serve para aumentar a hostilidade”, diz o militar. “Em vez de utilizarmos gás lacrimogênio e usarmos armas de fogo para impedir uma passeata, preferimos fotografar os manifestantes, identificá-los com ajuda de nosso fichário e fazê-los responder a processo”. Colegiais com menos de 18 anos – principal contingente da resistência – podem ser detidos para investigação durante 18 dias, e a extensão desse prazo exige a autorização do governador militar.

Pressões eficazes são exercidas sobre os 7 mil 600 funcionários públicos e professores das várias escolas da região. “Como as promoções e as verbas dependem de nós, deixamos claro que usaremos nosso poder se eles não nos ajudarem a conter os estudantes. Mas de um ano para cá só punimos meia dúzia de professores não cooperativos, deslocando-os para outra cidade.” Atualmente, nosso problema maior é com as escolas da ONU pois seus funcionários não estão subordinados à nossa autoridade”, conclui o oficial.

Preparativos – Para Bassam Shaka’a, Prefeito radical da cidade mais rebelde da Cisjordânia (Nablus), as coisas não são tão pacíficas. “Quando ocorre qualquer ato contra a ocupação, a represália é imediata. Ela pode ser física, psicológica, econômica, individual ou coletiva”, diz ele, acrescentando que em algumas carteiras de identidade fornecidas pelas autoridades israelenses consta um sinal (em geral uma estrela) indicando que o portador é

suspeito e deve ser tratado de maneira especial. Nos últimos 10 anos, 1 mil 100 palestinos foram expulsos da Cisjordânia, 3 mil outros foram presos e milhares foram desalojados de suas terras.

O prefeito de Nablus, que passou boa parte de seus 46 anos no exílio (Cairo e Damasco) e em Moscou, não aceita nenhuma fórmula de paz que não seja a criação de um Estado palestino independente. Os israelenses, entretanto, não parecem dar importância excessiva aos árabes radicais. “Os prefeitos não são os únicos líderes na Cisjordânia”, garante um militar de alta patente aquartelado perto de Jericó. “Já conseguimos estabelecer bons contatos com influentes comerciantes da região – entre os quais estão conhecidas personalidades jordanianas – estamos certos de que muitos palestinos já se preparam para um acordo com Israel.”

Colonização, um ato de fé

De Telaviv – E se, durante o seu encontro em Washington, Menachem Begin e Jimmy Carter começarem a demolir a pirâmide de problemas do Oriente Médio, de uma maneira aceitável para os árabes? Nesse caso, a remoção da última, pesada pedra ficará a cargo do Chefe do Governo de Jerusalém: resolver o problema das dezenas de milhares de judeus (*) que responderam ao apelo do Estado e/ou da religião e se instalaram – com armas, bagagem, família e fé – nos territórios ocupados.

Desde a guerra dos Seis Dias, em 1967, quando Israel conquistou a Cisjordânia, o Sinai, a Faixa de Gaza e as Colinas de Golan, esses 68 mil 588 quilômetros quadrados de novas terras sob ocupação militar começaram a ser salpicados de colônias judias de natureza diversa – núcleos agromilitares do Nahai (unidades de soldados servindo nas fronteiras), kibutzim, mochavim (vilas agrícolas de gestão cooperativa), ou centros urbanos.

Terra bíblica – Hoje, 10 anos depois, o mapa oficial de Israel já mostra quase 80 dessas colônias em meio a populações árabes. E, a menos de uma reviravolta na política oficial de Jerusalém, o processo tende a se intensificar: segundo um plano de povoamento elaborado ainda no Governo anterior (trabalhista), 27 novas colônias devem ser instaladas até 1981 na Cisjordânia, em Gaza e no Sinai. Há também um plano de colonização do Golan para o ano 2000, que prevê a criação de cidades e povoados para 60 mil judeus.

Sobretudo, desde maio último, há em Israel um Governo Begin/Likud, para quem a Cisjordânia = ou Judeia e Samaria, segundo a ressurreição da antiga terminologia – é parte do território bíblico de Israel e deve ser povoada pelo maior número possível de judeus.

Apesar das severas críticas do Presidente Carter à política israelense de “fatos consumados” nos territórios ocupados, e contrariando os apelos lançados por Washington no sentido de que todas as partes envolvidas no conflito se abstenham de declarações ou atos capazes de minar a abertura de mais uma rodada de negociações de paz, um deputado do Likud, Ygal Cohen, revelou poucos dias atrás a existência de um ambicioso projeto de colonização israelense nas “províncias libertadas da Judeia e Samaria”. O plano prevê, entre outras coisas, a instalação de 150 mil judeus em cinco cidades e serem construídas na Cisjordânia, e parece contar com o apoio do novo Ministro da Agricultura, o poderoso General da reserva Ariel Sharon. Seis meses atrás, antes de ascender ao Poder, Menachem Begin teria rejeitado o plano.

Garantia de qualidade – Segundo a liderança do Likud, esses transplantes de população não são incompatíveis com eventuais acordos de paz. Na verdade, diz o presidente da Comissão de Relações Exteriores da Knesset, Moshé Arens, eles constituem uma “garantia de qualidade” da paz a ser negociada.

“Tivemos colônias judaicas sob administrações árabes no passado e elas foram eliminadas”, argumenta o influente Arens, terceiro colocado na hierarquia política do Partido de Begin, logo após o Primeiro-Ministro e Ministro da Defesa, Ezer Weizman. “Se é isso que ocorrerá com as colônias criadas desde 1967, como resultado das negociações em curso, então não teremos paz e sim guerra. Não achamos justo que haja partes do mundo onde os judeus na sejam autorizados a viver – na Jordânia, por exemplo, não há nenhum judeu, e na Arábia Saudita

também não. Mesmo sem achar isso justo, não vamos entrar em guerra com esses dois países, mas queremos pelo menos poder viver em qualquer lugar no território que nos pertence.”

Arens, nascido na Letônia e educado nos Estados Unidos, reconhece que o direito de Israel sobre os territórios ocupados jamais foi aceito pela comunidade mundial, e admite, da mesma forma velada que Begin, a possibilidade de concessões.

“Não estamos cegos ao conflito com os árabes e compreendemos que negociações são necessárias para satisfazer todas as partes. Mas consideramos que temos o direito de morar e nos instalar na terra de Israel, qualquer que seja a soberania dessa terra”, diz ele.

Na prática, entretanto, as coisas são mais complexas. Se de um lado os israelenses não cogitam dismantelar cidades, kibutzim e mochavim inteiros, com o correspondente retorno a Israel de milhares de famílias judias que começaram vida nova nos territórios ocupados, a sua manutenção sob uma eventual administração árabe também é problemática.

Até agora, a maioria das novas comunidades israelenses – e em especial as que se situam perto de cidades palestinas ou próximo à fronteira com a Jordânia, Síria e Líbano – vivem em total isolamento físico: uma cerca de arame farpado e vários postos de observação costumam indicar os limites de sua segurança. O contato com as comunidades árabes vizinhas é virtualmente inexistente, exceto por motivos de trabalho: são árabes os operários que constroem as novas colônias israelenses, e são árabes (não raro beduínos) muito dos lavradores que cultivam as terras do novo dono.

Sigilo nas compras – A questão da propriedade das terras, aliás, poderá vir a ser tema de disputa no futuro. Todas as colônias judias nos territórios ocupados foram instaladas em terras de propriedade do Governo jordaniano e dos refugiados palestinos, ou foram legalmente adquiridas de seus antigos donos árabes. No caso da Cisjordânia, essas compras são feitas no mais absoluto sigilo, pois a lei jordaniana prevê a pena de morte para todo palestino que vender terras a israelenses.

Ainda assim, segundo levantamento publicado por Amnon Kapeliouk no *Le Monde Diplomatique*, o Keren Kayemet Lelsrael (fundo nacional judaico que assume a responsabilidade do desenvolvimento imobiliário em Israel) conseguiu comprar terras árabes nos territórios ocupados por mais de 50 milhões de libras israelenses (o equivalente a Cr\$ 80 milhões) em 1976. As informações sobre a disponibilidade de terras são fornecidas por uma agência privada que atua em vários países e que promete aos eventuais vendedores palestinos (muitos dos quais residem no exterior) pagar qualquer preço na moeda de sua escolha.

De qualquer forma, antes de enfrentar futuros problemas com os árabes, o Governo israelense, para levar adiante seus ambiciosos planos de colonização maciça dos territórios ocupados, deverá primeiro convencer os próprios judeus. Segundo denúncia recente do Deputado trabalhista Yossi Sarid, 500 residências construídas na cidade nova de Kiryat Arba, ao lado de Hebron, continuam vazias. A seu ver, isso deveria servir de sinal de alerta para os que planejam a instalação de centenas de milhares de judeus na Cisjordânia.

A linguagem de uma refugiada

El Eja, Cisjordânia – “Meu nome é Nasra” (A Vitória, em árabe), diz a jovem de olhos e cabelos claros, enquanto torce as mãos na sala por estar falando de si perante um intérprete palestino que a intimida. Nasra tem 20 anos. Nasceu, cresceu e tornou-se mulher numa das casamatas de pedra do campo de refugiados El Uja (A Curva), situado entre as cidades de Ramallah e Jericó na Cisjordânia, mas impossível de ser encontrado em mapas.

Das 12 mil pessoas que outrora se amontoavam nas casamatas pálidas, da mesma cor do deserto próximo, restam apenas 2 mil – além de um cemitério rudimentar de umas 70 pedras à beira da estrada. Os demais moradores de El Uja ou fugiram para a Jordânia durante a guerra de 1967 ou se transladaram para outro campo, ou melhoraram de vida e deixaram de ser refugiados.

Atualmente, 10% da população árabe da Cisjordânia – ou seja, 60 mil pessoas – ainda vivem nos 23 campos de refugiados sob proteção da UNRWA (United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees). Outros 200 mil estão concentrados nos 28 campos da faixa de Gaza. Embora várias guerras tivessem sido travadas em seu nome, e no de todos com existência regida pelo Estatuto dos Refugiados da UNRWA (1 milhão 600 mil em todo o Oriente Médio), eles continuam completamente à margem das negociações de paz. No melhor dos casos, serão representados pelos líderes palestinos sediados em Beirute.

Os oito colchões empilhados num canto do barracão de Nasra são estendidos à noite para suas duas irmãs, a mãe, três irmãos e os parentes de passagem. Fora isso, o cômodo único tem duas cadeiras, uma tapeçaria de parede Meca e Medina, e um quadro de papel com oito retratos.

O orgulho e a esperança da família estão na foto maior, que mostra um adolescente de cabelo comprido e roupa moderna num parque de gramado e árvores incompreensíveis para os moradores da árida El Uja: trata-se de Fahri, o irmão de 15 anos que recebeu uma bolsa da ONU e estuda em Londres desde 1972. Quando ele voltar, acreditam todos, tudo vai melhorar. No meio tempo, a família sobrevive com as 30 libras israelenses (menos de Cr\$ 5,00) entregues à mãe após um dia de trabalho na lavoura, e com o meio quilo de açúcar, meio quilo de arroz, nove quilos de trigo recebidos mensalmente da UNRWA.

À diferença de algumas refugiadas de primeira geração, que fogem da imprensa com gritos de “Vá embora”, “Fora daqui”, “Não vou deixar você ganhar dólares com essas fotos”, Nasra tem curiosidade por quem vem de fora e oferece a hospitalidade ao seu alcance: uma rodada de chá com hortelã e pitta (pão árabe) são produzidos no forno de barro anexo à casamata, e um cinzeiro de latão azul é buscado nas redondezas.

- Você já ouviu falar em Menachem Begin?
 - Não.
 - Yitzhak Rabin?
 - Em Golda Meir?
 - Sim.
 - Em Yasser Arafat?
 - Sim.
 - Quem é ele?
 - É o chefe dos fedayin.
 - E George Habash e Nayef Hawatmeh?
 - Não.
 - Anwar Al Sadat, Hafez al-Assad e Muammar Khadafi?
 - Sim.
 - Você sabe quem foi Napoleão?
 - Sei.
 - Por quê?
 - Porque aprendi na escola.
 - Shakespeare também?
 - Também.
 - O que você sabe dele?
- A resposta vem em inglês, quase inaudível:
- Ele escreveu *The World is a Stage*.
 - Você fala inglês?
 - A little, diz ela, com orgulho e timidez.
 - Há quanto tempo você mora aqui?
 - Há três guerras: a dos Seis Dias, a do Setembro Negro e a de 1973.
 - Quem ganhou a última?

- Os árabes.
- Como era a guerra?
- A gente via aviões passando e a fumaça dos canhões.
- O que é um israelense?
- Tenho medo deles.
- Por quê?
- Não sei.
- Você já viu algum?
- Quando fui pegar minha carteira de identidade.
- Em vez de morar num campo de refugiados onde você gostaria de viver?
- Não sei.
- O que você gostaria de fazer?
- Quero chegar até a Universidade.
- Para quê?
- Porque os palestinos não devem ser ignorantes.
- Quem te ensinou isso?
- Os homens que passam aqui.
- Que homens?
- Palestinos de fora.
- Você tem rádio?
- Não. Um vizinho tem.
- Você conhece algum jornal?
- Leio as revistas que há na escola.
- Como é que você fica sabendo nas notícias?
- As pessoas veem e contam para os meus irmãos.
- Você sabe que há um nahai israelense aqui perto?
- Sei.
- Os jovens que moram lá passam por aqui de vez em quando?
- Não, nunca vi.

Atentado terrorista em Nova York

Título: Medo surdo, quase animal

Veículo: NO/*Jornal do Brasil*

Data de publicação: 12/09/2001

Medo surdo, quase animal

Terrorismo deixa os EUA sitiados pelo medo.

De Nova York (EUA), *Jornal do Brasil*, No.com.br, 12 de setembro de 2001

Durante cinco horas, Nova Iorque ficou de joelhos. Com as ruínas dos 220 andares do World Trade Center esparramadas por Manhattan, a cidade saiu da orfandade inicial – semelhante à que emudeceu a América quando J. F. Kennedy foi morto – e se viu às voltas com um sentimento coletivo ainda mais desconcertante: o medo. Um medo surdo, silencioso, difuso, quase animal e ao mesmo tempo irracional de que tudo – literalmente tudo – ainda podia acontecer. Até porque, para quem esteve no epicentro ou num raio de 10 quilômetros da tragédia, tudo já tinha acontecido. A sensação de correr desvairadamente por ruelas ladeadas de arranha-céus, com um tufão de breu, fumaça e detritos do tamanho de uma porta de automóvel se enfiando pelas mesmas ruelas é indelével. Não havia mais céu. Era o inferno do

filme *Independence Day*, com a mesma massa escura, irrespirável e pegajosa envolvendo quem por ali estivesse.

Enquanto as duas torres ainda faziam parte da silhueta de Nova Iorque, mesmo que já se esvaindo em chamas e fumaça, a população acompanhava o drama como figurante de um filme sendo rodado ao vivo. Quem estava de carro no centro financeiro, estacionava, abria as portas e colocava o som no volume mais alto para que todo mundo ouvisse o noticiário. Quem tinha loja com televisão, deixava entrar os tantos que só acreditavam no que estavam vendo se o vissem na TV. A cada uma das centenas de esquinas com visão para o epicentro do World Trade Center, uma multidão olhava transfixada para as duas torres. Algumas fotografavam o espetáculo. A maioria colava o seu celular ao ouvido por puro hábito, pois estavam mudos. Para a população em geral, foi o emudecimento abrupto da telefonia móvel que detonou o primeiro grande pânico. Para uma cidade que acorda e vai dormir com o celular ligado, era como ficar cego, surdo e mudo. Considerando-se que o World Trade Center sozinho tinha uma população fixa de 40 mil pessoas, sem falar nas 200 mil que por ali transitam diariamente, cada celular mudo na cidade era uma alma em aflição.

Mas a verdadeira orfandade ocorreu às 10 horas da manhã, quando o ronco de um vulcão envolveu a parte baixa de Manhattan. Arrancada de sua estrutura pelo que pareceu ser uma explosão, uma das torres em chamas começou a ruir. Durante os primeiros segundos, como naquela brincadeira de infância em que todo mundo vira estátua, a população de Nova Iorque que estava na rua virou estátua. Nos segundos seguintes, a catarse de uma dor coletiva. Uns cobriam o rosto com as mãos, para não ver o resto. Outros levantavam as mãos aos céus, em súplica. Outros ainda escolhiam um canto de calçada, sentavam, dobravam o corpo para a frente, e vomitavam. A maioria chorava em silêncio. Desconhecidos se abraçavam, se confortavam, se tocavam fisicamente para se sentirem vivos. Quando, 33 minutos depois, a segunda torre começou a ruir, um pedaço de Nova Iorque tinha se transformado numa Bósnia. Não, numa Beirute. Não, numa Dresden. Talvez um pouco de cada. Quarteirões e mais quarteirões calcinados. A cada nova hora, mais um arranha-céu contaminado pelo fogo e pela destruição. Pela primeira vez em sua história, os Estados Unidos olhavam para os escombros de sua vulnerabilidade.

A verdadeira extensão dessa vulnerabilidade foi sendo conhecida aos espasmos.

Pelo menos quatro aviões sequestrados cruzando o céu em mãos de pilotos suicidas, parte do Pentágono destruído, a Casa Branca evacuada, todos os aeroportos do país fechados, o presidente George W. Bush completamente à deriva durante as primeiras seis horas (“vamos abrir um inquérito completo sobre os acontecimentos”...), bombardeiros F-4 sobrevoando Nova Iorque e outras cidades à caça do inimigo, as fronteiras com o México e o Canadá fechadas, o centro espacial John F. Kennedy, na Flórida, desativado, navios de guerra americanos se aproximando da baía de Nova Iorque, massas de nova-iorquinos fugindo a pé pelas pontes da cidade – a cada momento, um novo capítulo da tragédia. “Não acredito que este seja o meu país, estamos fugindo como os povos da Iugoslávia”, dizia Marsha, agarrada à mochila na ponte de Brooklyn. “No começo eu pensei que fossem destroços caindo da torre Sul, mas depois me dei conta de que eram pessoas despencando”, conta a jovem Nicole, de 22 anos, que estava a cinco quarteirões do epicentro. “Todas voaram lá do alto, acima do 80º andar. Vi umas 30. Acho que decidiram saltar juntas, não sei. Só amanhã vou entender o que vi. Ou talvez não entenda nunca.”

Enquanto a população da cidade tentava digerir o tamanho da carnificina – na primeira hora após o colapso das duas torres falou-se em 27 mil mortos, mas nenhuma fonte minimamente confiável arrisca qualquer tipo de especulação – tudo parecia possível. A soturna fila de ambulâncias nas proximidades do epicentro (1,3 quilômetros de ambulâncias enfileiradas) continua lá, indício de que poucos sobreviventes estão sendo resgatados após o colapso. “Pelo amor de Deus não beba água da torneira”, me implorou um amigo da Califórnia,

por telefone, por ter ouvido no rádio que os ataques terroristas haviam detonado armas químicas e bacteriológicas. A fronteira entre ficção e realidade está tão tênue que se King Kong aparecer no topo do Empire State Building ninguém achará estranho. “Estou funcionando no piloto automático”, dizia Scott, um sobrevivente da torre Sul, que desceu 81 andares em pouco mais de uma hora e por sorte não via o seu próprio olhar. Um olhar sem qualquer expressão. Scott continuava de terno e gravata, carregava seu laptop na pasta, mas era um errante a mais, coberto de poeira e destroços.

Quando, no final da tarde, uma cintilante estrutura de 47 andares, vizinha do World Trade Center, também ruiu, ninguém mais ergueu olhos ou braços para os céus. A força da cidade estava ali mesmo, no chão. Nas pessoas. Na extraordinária organização urbana de uma cidade madura. Às 19h30 da noite, os principais focos de incêndio estavam dominados e o FBI se preparava para vasculhar os destroços. O voluntariado se colocara em marcha e filas e mais filas de doadores de sangue se haviam organizado junto aos hospitais da cidade. Todas as escolas de Nova Iorque estavam prontas para abrigar esta noite as crianças que não puderam ser buscadas pelos pais, por falta de transporte ou de acesso à cidade. Ninguém entupiu o trânsito da cidade só para chegar de carro mais perto do epicentro. Quem pode trabalhar, continuou trabalhando – seja na construção civil, seja no prosaico conserto de buracos em calçadas.

Nesta quarta-feira 11 de setembro, Nova Iorque teve o seu Pearl Harbor. Um setor da cidade continua envolto numa espécie de inverno nuclear, de paisagem lunar de destruição total, onde prevalece o silêncio dos mortos. “O mais terrível é que não chegam feridos”, diz Clara, estudante da New York University que fazia plantão de voluntária no St. Vincent’s Hospital, um dos mais próximos do epicentro. “Cada ambulância que chega é aguardada com ansiedade por todos aqui. Torcemos para que os hospitais transbordem de feridos, mas eles não vêm – a maioria deve ter morrido.” A silhueta da cidade, decapitada de suas torres emblemáticas, é uma ferida aberta que jamais se fechará. Quando a figura encapuzada de um terrorista surgiu pela primeira vez na varanda de um alojamento de atletas, durante a Olimpíada de Munique, em 1972, o mundo despertou para a lógica do terrorismo. Passados 29 anos, essa lógica se revelou aterradora e invencível. Alcançou todos os seus objetivos militares e civis no coração da América. A maior potência mundial não tem como revidar. Nenhum bombardeio do Afeganistão ou de outros centros do terrorismo internacional conseguirá apagar o sentimento nacional de perda. Perda de vida, perda de segurança, perda de fé, perda de orgulho, perda de confiança.

Título: Um estranho silêncio em Nova York

Veículo: NO/*Jornal do Brasil*

Data de publicação: 13/09/2001

Um estranho silêncio em Nova York

Em desespero surdo, pessoas vagavam em romaria pelas ruas em busca de notícias de parentes e amigos desaparecidos

De Nova York (EUA), *Jornal do Brasil*, No.com.br, 13 de setembro de 2001

Ao acordar do pesadelo de ontem, Nova Iorque teve vontade de adormecer novamente. Fora tudo verdade e a cidade procurava seu rumo sem as duas torres que lhe serviam de Norte. Acordou em silêncio, submersa numa estranha quietude. Assim ficou o resto do dia. Deu saudade do trânsito caótico, das massas apressadas, dos solavancos de taxistas do Afeganistão ou do Haiti, dos cinemas abertos. Ao meio-dia, a rua 42 estava deserta.

Ao longe de toda a noite, e estendendo-se manhã adentro, uma silenciosa romaria fazia e refazia o trajeto entre os hospitais Bellevue e St. Vincent, onde se concentravam as operações

de primeiros socorros. Os romeiros carregavam fotografias e cartazes improvisados, contendo nome, idade, andar do World Trade Center e firma em que trabalhava o parente ou amigos desaparecidos. As fotos foram retiradas às pressas de álbuns de casamento, porta-retratos de cabeceira, ou carteiras. Mostram rostos invariavelmente sorridentes. A grande maioria desaparecidos ainda telefonou para alguém da família pouco após o choque do primeiro avião. Em sotaques variados, Joanne, Thabata, Tyrone, Carlos, Saranya e tantos outros usaram o celular para avisar que estavam saindo às pressas de um prédio em chamas. Alguns perfeitamente calmos – nova-iorquinos. Outros, prescientes da tragédia em curso. Difícil não pensar nas montanhas de concreto que os soterram desde às 10h30 de ontem, e que 18 equipes de resgate começam a revirar.

Será um trabalho para artesãos com nervos de titânio. “Você não sabe o que é ser agarrado por familiares em agonia que pedem para você fazer algo, rápido”, diz Sam Esposito, um dos policiais que viraram a noite. “Como explicar que vamos precisar pensar duas vezes antes de tirar um palito sequer do lugar?” Difícil saber se Sam é branco, negro ou latino. Coberto de cinzas da cabeça aos pés ele é, no momento, apenas um combatente a mais desse exército de salvação.

Bombeiros – Significativamente, foi a cúpula do Corpo de Bombeiros, e não apenas seus integrantes voluntários, quem recebeu o primeiro impacto dos mastodontes que desabavam. Morreram como heróis. Até o início da tarde, temia-se que mais de 250 bombeiros e policiais haviam morrido soterrados.

Entre os sobreviventes que deram depoimentos à televisão, o de uma mulher de 38 anos: trabalhava no 83º andar da segunda torre do World Trade Center quando foi arrematada para sair dali. Mera precaução, dizia a segurança do seu andar, até o fogo na torre vizinha ser contido. Após descer uns 20 andares, o seu grupo foi desviado para um salão já repleto de gente, onde havia uma televisão ligada. Foi ali, a mais de 60 andares do chão, que ela assistiu ao vivo à sua torre ser atacada pelo segundo avião suicida. Seu depoimento dá uma pálida ideia do pânico que levou tantas pessoas a saltar no vazio, como opção única. Foram quedas intermináveis, dos 30 andares mais altos, em que seres humanos abriam os braços como que querendo voar. Outros mergulharam quase inertes, de ponta cabeça.

A pergunta primeira que todos se fazem em silêncio e ninguém se arrisca a responder – qual o número de mortos? – desemboca numa questão central. Como impedir ataques por parte de terroristas a morrer na ação?

Depende do grau de liberdade que se está disposto a comprometer. Quanto mais fechado o país, mais fácil impor medidas restritivas sobre a sociedade. No caso dos Estados Unidos, a equação é de complexidade máxima. “Não queremos instalar mísseis no topo de nossas casas. Precisamos encontrar um ponto de equilíbrio que não ameace nossa segurança nem nossa capacidade de funcionar como sociedade livre”, diz o especialista em segurança Robert McGree, que com a hipótese de uma falha evitável no sistema de segurança das empresas aéreas que tiveram seus aviões sequestrados. A porta de acesso à cabine de comando jamais deve ser aberta por um piloto, mesmo quando passageiros e comissários de bordo estão sendo ameaçados por terroristas. São escolhas duríssimas entre graus variados de tragédia. Mas que precisam ser feitas. Todo piloto está treinado a nunca ceder o comando de sua aeronave para ninguém. Parece haver consenso em torno da certeza de que nenhum piloto de aviação civil, mesmo com uma granada na garganta, lançaria um avião cheio de passageiros contra o World Trade Center.

Bandeira – Embora toda a região sul de Manhattan permaneça selada ao público e à imprensa em geral, foi possível captar algumas primeiras impressões da terra arrasada em que se transformou o raio de 10 quarteirões do epicentro. Nem o mais veterano dos correspondentes de guerra estava preparado para tanta destruição. No meio do nada, o clichê mais absurdo: uma bandeira americana calcinada, ereta em meio aos destroços. Ninguém teve coragem de retirá-la

dali. Ao cair da tarde, mais um espigão fantasma – o I Liberty Plaza – ruiu. As edificações que permanecem de pé parecem assombrações de alguma civilização extinta.

É neste cenário que o aparato de segurança nacional procura pela peça de informação mais valiosa no momento – as caixas pretas dos dois aviões suicidas. A equipe colocada em ação pelo FBI para chegar aos autores e mentores dos atentados é composta por quatro mil agentes especiais, outros três mil agentes de apoio e 400 técnicos em análises laboratoriais. Ao final desse primeiro dia de buscas já se sabia que parte dos sequestradores (eram de 3 a 6 em cada um dos quatro aviões sequestrados) tinham sido treinados como pilotos há um ano nos EUA. Seis suspeitos de algum vínculo com os terroristas foram presos num hotel de Boston, e guimbas de cigarros encontradas num carro alugado por eles já estavam sendo examinadas, para sinais de DNA. No sul da Flórida, mais detenções para interrogatório de suspeitos.

No início da noite, o anúncio que as autoridades de Nova Iorque queriam evitar: pela primeira vez desde a hecatombe financeira dos anos 30 a Bolsa de Valores permanecerá fechada pelo terceiro dia consecutivo. Para essa meca de turismo que recebe 37,4 milhões de visitantes ao ano e embolsa US\$ 17 bilhões com isso, todo estabelecimento fechado é má notícia. Segundo estimativa da CNN, as companhias de segurança estimam em US\$ 15 bilhões suas perdas iniciais.

Ao longo dos próximos anos contas serão feitas e refeitas na tentativa de se quantificar custos e perdas. Estatísticas, números, percentagens, comparações matemáticas frequentarão diariamente o noticiário. Mas onde arquivar o telefonema dado de uma sala do 104º andar da Torre Norte do World Trade Center, às 10h28 da manhã do dia 11 de setembro, por um jovem de 24 anos? “Mãe, eu te amo”. Disse tudo.

Título: Em meio ao caos, o estadista

Veículo: NO/*Jornal do Brasil*

Data de publicação: 14/09/2001

Em meio ao caos, o estadista

Direto e honesto, o prefeito Giuliani transmite segurança

De Nova York (EUA), *Jornal do Brasil*, No.com.br, 14 de setembro de 2001

Desde o instante em que o primeiro avião pilotado por terroristas suicidas arremeteu contra a muralha do World Trade Center, às 8h43 da manhã de terça-feira, um líder vem emergindo das ruínas de Manhattan. Ele é franzino, tem sérios problemas de saúde (câncer), está encrocado numa situação familiar das menos invejáveis (a ex-mulher e a atual disputam a tapas o direito de morar em sua casa), tem pavio curto, fama de ranzinza e vive às turras com a população há exatos oito anos. Nada disso tem importância. No momento de maior pandemônio e agonia da cidade, Rodolph Giuliani demonstra, hora após hora, a sua estatura de homem público. Assumiu com segurança e sensibilidade o comando de uma cidade desesperadamente necessitada desses dois ingredientes – segurança e sensibilidade.

Em primeiro lugar, Giuliani se faz visível o tempo todo, onde necessário e sem demagogia. Concede quatro ou cinco entrevistas coletivas por dia, todas pertinentes, informativas e em locais diversos da tragédia. Tem pleno conhecimento de tudo o que está acontecendo sob seu comando. Sua fala tem sido direta, clara e honesta. Transmite calma, mesmo quando o que tem para comunicar é horrendo. Acerta no tom, na forma, no conteúdo. Tornou-se, ao longo dos três primeiros dias de choque, a voz na qual os nova-iorquinos passaram a confiar. “Sim”, confirma sem pestanejar, “colocamos 30 mil sacos mortuários à disposição das equipes de resgate, mas não significa 30 mil vítimas fatais. Devemos estar preparados para acondicionar cada pedaço de vítima, não apenas corpos inteiros”.

Por verdadeira, sua estatura moral tem servido de chamariz para uma constelação de políticos de olho em dividendos futuros nas urnas. Chega a dar dó. Hillary Clinton, senadora pelo Estado de Nova Iorque, conseguiu desfiar todo um rosário de clichês sobre o “caráter indomável” e a “resiliência” do nova-iorquino, mas não aqueceu uma única alma. Sempre que aparece ao lado de “Rudy”, como Giuliani é conhecido, o próprio governador do Estado George Pataki mais parece um papagaio de pirata, embora seja do mesmo partido (Republicano) e esteja em sintonia permanente com o prefeito.

À deriva – Mas a comparação mais cruel na arena política dos Estados Unidos tem por cenário a Casa Branca, onde o presidente George W. Bush mais se parece com um vereador de quinta categoria. Ele pode estar fazendo tudo certo, mas soa pequeno, soa ensaiado, soa intimidade, soa à deriva. O presidente do país em estado de guerra simplesmente não está à altura. E ele parece sabê-lo. Tinha os olhos marejados, hoje de manhã, quando teve a infeliz ideia de montar um telefonema ao vivo com Rudolph Giuliani. “Sou um sujeito emotivo, mas também tenho uma tarefa a cumprir”, desabafou no fim.

George W. Bush deve desembarcar em Nova Iorque hoje de manhã para uma visita à parte arrasada da cidade. Talvez não esteja preparado para assimilar a paisagem lunar pontuada de crateras e montanhas calcinadas. Sua segurança vai conviver com os sobressaltos que a cada hora sacodem a população de Manhattan – somente ontem houve 90 ameaças de bomba na cidade, paralisando o reinício de vida civil e botando para correr cidadãos já exauridos.

Em contrapartida, se as preces dos nova-iorquinos forem ouvidas, Bush talvez tenha a sorte de presenciar a repetição do momento mais iluminado, inesperado e abençoado dessa tragédia toda. Pouco depois do meio-dia, encontrou-se vida sob o milionésimo pedaço de laje de concreto. Um a um, seis sobreviventes foram resgatados ao som de cantos, choro e vivas. Durante algumas horas, a notícia irrigou Nova Iorque de esperança. A realidade, quando confirmada, foi duplamente cruel: os seis sobreviventes faziam parte das operações de resgate em curso e tinham sido soterrados hoje de manhã durante o desabamento de outro prédio. Não eram o sinal que todos continuam esperando.

Título: A colagem dos rostos da tragédia

Veículo: NO/*Jornal do Brasil*

Data de publicação: 16/09/2001

A colagem de rostos da tragédia

Parentes de desaparecidos criam mural com fotos em quarteirão de Nova Iorque em busca de informações

De Nova York (EUA), *Jornal do Brasil*, No.com.br, 16 de setembro de 2001

As equipes de resgate estão trabalhando em condições particularmente ingratas entre os escombros do World Trade Center. Chuvas torrenciais enlamearam o que era poeira e uma sucessão de raios rondou as precárias fontes de energia dos equipamentos de resgate na sexta-feira.

J.R. Medinas, um dos voluntários de Connecticut que passa noites cavando e escavando, emergiu da cidade fantasma derrotado. “Veze e mais veze, no meio do caos, alguém grita alguma coisa e tudo se imobiliza de repente. Gruas, caminhões, motosserras, sensores, nossas mãos e nossos pés, tudo para quando achamos que alguém ouviu algum sinal de vida. A gente quase para de respirar durante uns 15 segundos. Depois continua a vasculhar. Todas as equipes querem uma única coisa: achar um sobrevivente. Nem que seja um só”.

O que começou como um centro de atendimento a parentes de desaparecidos no quarteirão que vai da Park Avenue até a Lexington, e da rua 25 à 26, foi se transformando, espontaneamente, em algo de impacto semelhante à muralha erguida em Washington onde estão

gravados os nomes dos soldados americanos mortos no Vietnã. No quarteirão nova-iorquino, as possíveis vítimas não têm apenas nomes. Têm rostos, sorrisos e detalhes pessoais colados a toda e qualquer superfície disponível: cabines telefônicas, caixas de correio, postes de eletricidade, sinais de trânsito, paredes e mais paredes de prédios, caixas de correio, máquinas de venda de jornais – tudo foi coberto com cartazes com fotos das vítimas, fabricados às pressas pelos familiares.

Sobrevida – Em se tratando de Nova Iorque, um “Mural de Esperanza”, latino, convive com um “Mural of Hope” americano. Cada um dos cartazes caseiros contém – além da foto da vítima, sinais particulares e a empresa/andar em que ela trabalhava – um número de telefone para contato caso alguém tenha qualquer informação, pista ou lembrança do parente desaparecido. À primeira vista o apelo parece ilógico, já que nenhuma das possíveis vítimas deixou de ser encontrada por falta de informação nos hospitais da cidade. Os familiares tentam, na verdade, dar uma sobrevida a quem tem exíguas chances de ainda estar vivo. Cada sorriso estampado nas colagens de rua leva os pedestres a pararem de ler os dados da possível vítima, “conhecê-la” um pouco. Devolvê-la à vida. Pensar como ela seria. Tatyana Bakalinskaya, por exemplo, esfuziante num vestido de gala. Ou James Debalase, comemorando algum jogo de beisebol enfiado numa camiseta dos NY Yankees. Ou Isaías Rivera, que usa um cordão de ouro com medalhinha “Jesus é Nosso Senhor”. Ou John Scharf, com uma águia e uma bandeira americana tatuada no braço esquerdo. Ou Yin Ping Wong, que... Não dá mais para adivinhar como era Yin Ping Wong. A chuva lavou sua foto e seus dados. Os rostos e mais rostos impondo sua presença nas ruas de Nova Iorque dão a verdadeira dimensão da tragédia. Todo o resto – a investigação, a autoria, os custos, a retaliação – é mero subproduto.

Título: Nova York sai do silêncio

Veículo: NO/*Jornal do Brasil*

Data de publicação: 18/09/2001

Nova York sai do silêncio

Escolas e a Bolsa reabrem normalmente, mas cidade jamais será a mesma

De Nova York (EUA), *Jornal do Brasil*, No.com.br, 18 de setembro de 2001

O sétimo dia não será de descanso. No sexto, Nova Iorque começou a sair do silêncio e experimentou ficar de pé. Conseguiu. Ainda bamba, mas conseguiu, com cada um à sua maneira olhando onde pisa. A primeira retomada parcial de normalidade foi emblemática e ocorreu no topo do Empire State Building, o prédio-ícone fincado no meio de Manhattan e visível de todos os quadrantes da cidade – o que, com a destruição das torres do World Trade Center adquiriu simbologia dupla. No primeiro minuto da segunda-feira a torre saiu da escuridão e saudou os nova-iorquinos iluminando-se com as cores da bandeira americana. Para quem não mora na cidade, ou para quem tem dificuldade em compreender o pulsar de uma sociedade, pode parecer mais uma pataquerada de patriotismo barato. Deixa para lá.

A segunda retomada – o encontro de Wall Street com o restante do mundo, marcado para as 9h30 da manhã de ontem – foi emblemática em outro sentido. A reabertura do pregão era o teste mais temido, e ao mesmo tempo desejado, por todos. Prefeito, corretores, comerciantes, sistema financeiro, nova-iorquinos em geral, equipes de emergência, forças-armadas, todos. Uns temiam o colapso dos serviços essenciais, erguidos de forma temporária. Tantos não dormiram antecipando o colapso do mercado. O pesadelo maior, contudo, era a hipótese de o inimigo tentar a última cartada e fazer explodir a Bolsa. Com esse pano de fundo, o início do dia em Wall Street teve um ar de normalidade insana. Levas de corretores retornavam ao centro financeiro de terno e grava, como sempre – mas com máscaras de pedreiro na boca e alguma bandeirinha americana no bolso. Caças F-16 sobrevoavam Manhattan pelo

sexto dia consecutivo e soldados da Guarda Nacional circulavam entre os cânions de edificações de camuflagem e máscaras de guerra química. Embora o epicentro da destruição continue hermeticamente inacessível a quem não faz parte das equipes de resgate (20% do espaço comercial em torno do World Trade Center está em ruínas), o cheiro acre que desde terça-feira passada exala de seus escombros espalhou-se por todo o bolsão sul da cidade.

Esquema – Só para fazer funcionar o pregão – onde trabalham três mil pessoas, além das outras dezenas de milhares em corretoras vizinhas – a prefeitura teve de inventar sistemas alternativos de luz, telefonia, gás e transporte público. Em tempos normais, a Bolsa de Nova Iorque consome 3.500 Kw/dia, utiliza 8 mil circuitos telefônicos e 3.200 km de cabos de fibra ótica. Não deu para trabalhar como sempre, mas deu para trabalhar. E quando, por fim, os índices Dow Jones e Nasdaq começaram a pipocar novamente, Nova Iorque estava de pé. E as ações das empresas aéreas, por terra. Para algumas, com prognósticos de enterro definitivo.

As ações da American Airlines caíram 50 pontos na primeira hora. Esta é uma forma de entender o que acontece na Bolsa. Outra é prestar atenção na exasperação de um nova-iorquino que comprava seu jornal num mercadinho coreano da rua 25 com Terceira Avenida. “Tem que fechar todos os aeroportos! Minha mulher chegou ontem de Miami e nem revistaram a bolsa dela. Era viajou de American, na primeira classe, e não viu nenhuma segurança especial na porta que dá acesso à cabine dos pilotos. Dá para acreditar num absurdo desses?”.

Crianças – Também cedinho de manhã, pela primeira vez desde a terça-feira dia 11, as calçadas da cidade voltaram a ser povoadas por crianças a caminho da escola. O que mudou foi a maciça presença de pais que as seguravam pela mão. E a forma como andavam. Em tempos normais, uma mãe ou pai que leva o filho à escola tem aquele ar orgulhoso, confiante e prazeroso. Na manhã de ontem – e certamente por muito tempo ainda – eles seguravam as mãos dos pequenos com força. Olhavam para o chão e falavam pouco. O futuro? Talvez uma América em que crianças e adultos se deliciem menos com filmes de ação bruta e pura porrada. Talvez uma América na qual máscaras de gás passarão a conviver com aparelhos domésticos, como em Israel. Talvez uma América que não vista mais suas camisas estampadas e zigzagueie pelo mundo, alimentando a indústria do turismo de massa. Numa escola específica do bairro de Little Italy, a menos de 20 quarteirões do WTC, fileiras e fileiras de pais hesitavam em sair dali. Com os rostos colados às janelas externas da escola, deviam estar lembrando da última vez em que deixaram seus filhos despreocupadamente no portão de entrada e foram trabalhar. Foi na manhã de terça-feira, dia 11.

Era – A silhueta de Nova Iorque amputada de seus dois espigões é o início de um anova era. Especialistas em tudo não param de produzir análises sobre o significado político, econômico, financeiro, social e moral das montanhas de destroços e crateras fumegantes. Mas para quem chamou de pai, mãe, irmão, noiva, amigão, colega, vizinho ou parceiro alguma das 4.957 pessoas ainda dadas como desaparecidas, é nos escombros do que foi o WTC que vive a esperança. Afinal, foi no décimo dia após o terremoto que devastou a cidade do México, em setembro de 1986, que dos escombros renasceu um sobrevivente.

ANEXO B – LISTA DE MULHERES CORRESPONDENTES DE GUERRA

Brasileiras

Nome	Nascimento-Morte
Ana Paula Padrão	1965-
Daniela Kresch	1968-
Deborah Berlinck	?
Dorrit Harazim	1943-
Guila Flint	1954-2017
Nathalia Watkins	?
Patrícia Campos Mello	1975-
Renata Malkes	?
Silvia de Bittencourt (Majoy)	1896-1995
Vilma Gryzinski	?

Estrangeiras

Nome	País	Nascimento-Morte
Brigitte Friang	França	1924-2011
Catherine Leroy	França	1944-2006
Clare Boothe Luce	Estados Unidos	1903-1987
Christiane Amanpour	Reino Unido/Irã	1958-
Deborah Campbell	Canadá	?
Dickey Chapelle	Estados Unidos	1918-1965
Dorothea Lange	Estados Unidos	1895-1965
Edith Lederer	Estados Unidos	1943-
Esther Bublely	Estados Unidos	1921-1998
Frances FitzGerald	Estados Unidos	1940-
Gerda Taro	Alemanha	1910-1937
Gloria Emerson	Estados Unidos	1929-2004
Hannah Allam	Estados Unidos	1977-
Iris Dexter	Austrália	1907-1974
Jane Cazneau	Estados Unidos	1807-1878
Jean Watts	Canadá	?
Jillian Robertson	Austrália	1940-2018
Joan Didion	Estados Unidos	1934-
Kate Webb	Nova Zelândia	1943-2007
Lina Attalah	Egito	1983-
Liz Trotta	Estados Unidos	1937-
Madeleine Riffaud	França	1924-
Margaret Bourke-White	Estados Unidos	1904-1971
Margaret Fuller	Estados Unidos	1810-1850
Marguerite Higgins	Hong Kong/Estados Unidos	1920-1966
Marie Colvin	Estados Unidos	1956-2012
Martha Gellhorn	Estados Unidos	1908-2008

Natacha Yazbeck	Líbano/Estados Unidos	?
Oriana Fallaci	Itália	1929-2006
Patricia Penn	?	?
Peggy Hull	?	1889-1967
Philippa Schuyler	?	1931-1967
Roula Khalaf	Reino Unido/Líbano	?
Sonia Tomara	Rússia	1897-1982
Susan Meiselas	Estados Unidos	1948-
Therese Bonney	Estados Unidos	1894-1941
Victoria Brittain	Reino Unido	1942-
Zahra Hankir	Líbano/Reino Unido	?

ANEXO C – POSFÁCIO DE DORRIT HARAZIM

A defesa desta dissertação aconteceu às 14 horas do dia 22 de fevereiro de 2021, de modo online. A jornalista Dorrit Harazim aceitou o convite para assistir a banca e, ao fim, teceu comentários sobre a nossa pesquisa e suas próprias visões sobre a carreira. Como a orientadora desta dissertação descreveu, foi um “momento numinoso”¹²⁰. Então, pedimos autorização para acrescentar a fala como um posfácio antes da publicação da pesquisa no repositório da universidade e ela gentilmente permitiu. A seguir, a transcrição.

Boa tarde a todos.

Bom, em primeiro lugar, Bruna e Monica, parabéns por não terem sido desencorajadas por mim. Quando vocês vieram me ver¹²¹ e tivemos uma excelente conversa, eu lembro que, de imediato, me soou completamente maluca a ideia de me ver como foco de um estudo que olhava para jornalismo de guerra, mulher e jornalismo literário. Nem jornalismo literário, nem jornalismo mulher, eu me via inserida, e nem de nenhuma utilidade para a sua pesquisa, eu acho que insisti muito para que você desviasse o foco para outras jornalistas ou outros jornalistas.

Como não conheço o trabalho, não posso opinar sobre ele, exceto o que vi na apresentação. Fico assombrada com descobertas que vocês fazem. Para um jornalista, que é só jornalista, é até magnífico, interessantíssimo, se ver pelos olhos de um pesquisador de texto.

Eu tenho enorme dificuldade com a caracterização de jornalismo literário, sobretudo em uma época em que eu mal sabia escrever. Então, como essa vertente tem grandes nomes, grandes exemplos, e uma produção “de ficar de quatro” de admiração, é muito incômodo para mim, sinceramente, me ver, mais ou menos, citada na mesma linha. Porque, em primeiro lugar, eu não me dediquei a isso, é uma coisa que foi se formando, é a minha maneira de ver o mundo, de me interessar por determinados temas, de captar coisas que, talvez, um jornalista mais conservador deixaria de lado para focar nos grandes assuntos – mas isso é um estilo que eu não desenvolvi como metodologia, é onde eu me sinto mais confortável.

Eu diria que acho que você certamente detectou um embrião em mim de algo que eu viria a me tornar. Me parece que, hoje em dia, os textos que eu escrevo estão mais próximos de alguma qualidade dentro do que você foi buscar. Ao mesmo tempo, os textos da época, eu não seria temerária a ponto de relê-los – aliás, eu nunca releio nada que eu escrevo, porque eu pensaria “não, mas como que eu escrevi tanta bobagem?”, “como que eu não foquei nisso?”, enfim, todos nós somos muito severos com o nosso trabalho. Eu sou severíssima.

Mas eu diria que eu tenho a minha maneira de escrever, esteja em coluna – eu também não sou colunista, embora eu tenha uma coluna regular –, nem deveria ser chamada de crônica ou coluna, porque eu nunca uso a primeira pessoa, não me passa pela cabeça. Eu não sou dessa era do jornalismo. Eu sou do século XX, não esqueçam, eu vou fazer 78 anos. Então o meu aprendizado de jornalismo é de outra era, mas me sinto confortável nele até hoje, só fui adaptando.

Mas eu diria, sobre seu trabalho, que o tripé no qual dá para analisar a maneira como eu escrevo é resultante de três pesos iguais; nenhum é mais relevante do que o outro. A minha condição de imigrante é um privilégio enorme; é uma marca que te leva a lidar, se sentir à vontade em qualquer lugar do mundo. Eu acho isso o maior privilégio. É uma maneira de olhar e é sobretudo uma maneira de ouvir. Forçosamente, à medida que você vai mudando de países,

¹²⁰ Em psicologia, notadamente a complexa ou junguiana, numinoso se refere a algo que transcende a materialidade, isto é, uma vivência transcendente e significativa para o indivíduo ou, neste caso, o grupo.

¹²¹ No dia 31 de julho de 2019, a então mestranda e a orientadora tiveram uma reunião com Dorrit Harazim, que a recebeu em seu escritório nos Jardins, em São Paulo.

de línguas, que eventualmente você não conhece, você é obrigado a, antes de falar, você precisar ouvir. Você precisa entender. E esse aprendizado de ouvir é uma ferramenta muito valiosa no jornalismo quando se integra ao seu DNA profissional. E isso eu sei que eu tenho. Eu sei ouvir. Por saber ouvir, você acaba vendo coisas que, eventualmente, poderiam te escapar porque você está falando. Então, não é uma coisa pensada, mas, um dos tripés fundamentais é de ser imigrante.

Me tornei jornalista absolutamente por acaso, não seria a minha profissão ideal quando eu era jovem e fiz faculdade, eu achei que seria uma grande linguista. Deu tudo errado na vida, várias confusões! E virei jornalista, mas me dei bem, eu me sinto confortável e me sinto responsável.

E, naturalmente, o lado mulher é do tamanho que se quer. Ele não é determinante, ele pode abrir portas. Em delegacias de polícia, por exemplo, acham que eu sou freira; me perguntam “a senhora é religiosa?” e eu sempre digo que sim, sempre concordo com tudo. Enfim, é mais fácil para determinadas coisas, como na vida. Mas não é determinante para a minha identidade como jornalista.

Então, imigrante, mulher e jornalista compõem o meu DNA de trabalho.

Agora, nada a ver... é que é uma distância tão grande que me constrange. Eu não posso ser citada na mesma linha que uma Lillian Ross. Essas são escritoras, eu não sou escritora. Eu faço um jornalismo talvez... mais indefinido e difícil de catalogar, sobretudo nos últimos 15 anos, eu acho que eu amadureci, 20 anos, amadureci bastante quanto a isso.

Mas, na época citada, era meio foguete solto. O 11 de setembro em Nova York... tanto podia cair uma bomba atômica naquela cidade e eu acabar junto com ela. Mas tentar olhar, me sensibilizar, entender aquilo só através de números ou do que eu estava vendo não daria certo, não me daria a sensação de estar mostrando algo para o eventual leitor. Eu tenho uma preocupação e essa eu respeito muito e tento segui-la: o que quer que eu escreva, eu tento, sem ser didática, ensinar. Então acho que minha vocação, no fundo, é ser professora.

Então eu não falo para os meus pares, talvez isso também seja uma característica. Jornalista tem mania de escrever para jornalista. Para depois ser elogiado ou pichado, enfim. Eu tenho a minha gama de potenciais leitores, eu quero que todo mundo entenda. E essa linguagem é talvez uma das receitas mais difíceis. E que eu desenvolvi, acho que hoje em dia eu estou mais equipada a te ajudar no seu doutorado!

É muito difícil conseguir ficar satisfeita e escrever um texto compreensível e simples e, ao mesmo tempo, gabaritado e profundo. Essa combinação me parece, que essa sim, no final da carreira, dominar bastante bem.

Então, resumindo, Bruna, eu te agradeço por ter me revelado, a mim, que, lá atrás, tinha talvez um embrião de um tipo de jornalismo menos convencional. E fico contente que você tenha sido orientada por pessoas que acreditaram no teu faro, no teu olhar, te guiaram para isso.

Um abraço a todos!